LIZ LAWLER

NÃO ADORMEÇAS

Imagine que viveu o seu pior pesadelo.
E ninguém acredita em si...



ASA

Ficha Técnica

Título: NÃO ADORMEÇAS
Título original: DON'T WAKE UP
Autor: Liz Lawler
Edição: Carmen Serrano
Tradução: Isabel Veríssimo
Revisão: Catarina Sacramento
Capa: Rui Rosa
Imagem da capa: Shutterstock
ISBN: 9789892342344

Edições ASA II, S.A.
uma editora do Grupo LeYa
R. Cidade de Córdova, n.º 2
2160-038 Alfragide – Portugal
Tel.: (+351) 214 272 200
Fax: (+351) 214 272 201

© 2017, Liz Lawler
Publicado originalmente em língua inglesa com o título
DON'T WAKE UP por Bonnier Zaffre, Londres.
© 2018, Edições ASA II, S.A.
O autor goza dos direitos morais de reivindicar a autoria da sua obra.
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor
edicoes@asa.pt
www.asa.leya.com
www.leya.pt

Este livro segue o Novo Acordo Ortográfico de 1990.

CAPÍTULO 1

Foram os ruídos familiares que a acordaram. Eram sons estranhamente reconfortantes, embora o seu primeiro instinto fosse levantar-se de um salto, em pânico, para ver o que os colegas estavam a fazer. Ouviu instrumentos a serem colocados numa bandeja metálica. Monitores emitiam bipes regulares, embalagens esterilizadas estavam a ser rasgadas e, em segundo plano, ouvia-se o silvo omnipresente do oxigénio.

Viu aquele cenário com toda a clareza na cabeça e soube que tinha de se levantar, mas o apelo do sono era forte e os membros estavam demasiado pesados para se mexer. Não se recordava de ter subido para uma das macas vazias, mas devia tê-lo feito em algum momento durante a noite para dormir uma ou duas horas. Normalmente, teria sido despertada por um toque do telefone vermelho, ou pelo guincho persistente do intercomunicador. Numa situação normal, ao ouvir aqueles sinais sonoros urgentes estaria levantada e a correr antes mesmo de ter os olhos abertos. Porém, este sono deixara-a mole e abrir as pesadas pálpebras foi como desenrolar pele endurecida.

Encandeados pela luz forte, os seus olhos encheram-se de lágrimas e teve de os franzir para os proteger de todo aquele brilho. A luz era dolorosamente forte e quase não conseguia perceber o seu contorno. Confusão e pânico alertaram-na para o que a rodeava. Não estava num cubículo. Não havia luzes assim no seu departamento; eram pequenas lâmpadas suspensas que podiam ser cobertas com a palma de uma mão. *Não estava no seu departamento; estava numa sala de operações*. Porque raio estava aqui? Seguramente, não viera até *cá* para fazer uma pequena sesta. *Pensa*. Tinha ajudado num trauma? Estavam com um elemento a menos? Seria extremamente improvável, mas não inconcebível. Olhou com atenção para baixo e o que viu deixou-a petrificada. Estremeceu com violência ao ver o seu corpo coberto com campo cirúrgico verde. Os sons da sala de operações foram silenciados, pois o sangue que lhe corria nos ouvidos fazia demasiado barulho para que conseguisse ouvir qualquer outra coisa. Tinha os braços esticados e presos com velcro nos apoios estofados. Havia uma braçadeira de medição da pressão arterial no braço, logo acima do cotovelo direito, e um oxímetro no dedo médio. No entanto, foi a visão das duas grandes cânulas inseridas nos dois antebraços que mais a assustou. Agulhas cor de laranja significavam uma reposição agressiva de fluidos, que no seu mundo era sinónimo de choque.

Os tubos de fluidos serpenteavam à volta de suportes metálicos e desapareciam nos sacos de soro. Viu os pesados fundos dos sacos transparentes suspensos acima da sua cabeça, mas não fazia ideia de que fluido estava a ser transfundido.

Concentrou o olhar mais abaixo, para lá do campo cirúrgico que lhe cobria o peito e o abdómen, e entrou em pânico quando viu as unhas dos pés pintadas de cor-de-rosa no ar. Reparou que as coxas estavam afastadas, as barrigas das pernas estavam pousadas em suportes e os tornozelos presos em

estribos – estava deitada numa mesa cirúrgica com as pernas levantadas. A boca seca e a mente confusa disseram-lhe que acabara de acordar, não de um sono natural, mas de um sono induzido por anestesia.

– Olá? – chamou, para atrair a atenção da pessoa que manuseava os instrumentos. O ruído de metal contra metal continuou sem interrupção; enervada, falou mais alto: – Olá? Já acordei.

Dadas as circunstâncias, ficou surpreendida por estar tão calma. Estava assustada e ansiosa, mas o conhecimento profissional permitia-lhe pensar no que poderia ter acontecido enquanto esperava por uma explicação.

Tinha terminado o turno daquela noite. A sua memória recuperou o último pensamento consciente... atravessar o parque de estacionamento dos funcionários com o vaporoso vestido novo e sapatos cor-de-rosa, para ir ao encontro de Patrick. Aquela memória fê-la pensar que devia ter sofrido um acidente. Champanhe e rosas, pensou. Fora o que ele lhe prometera após o longo dia de trabalho. Champanhe e rosas, e, se o interpretara bem, um pedido de casamento.

Onde estava ele agora? Sem dúvida lá fora, a andar de um lado para o outro no corredor, ansioso, à espera para saber como ela estava. Disposto a insistir com todas as pessoas que podiam dar-lhe uma resposta. Perguntou a si mesma se teria sido atropelada. Um carro a sair de um lugar de estacionamento demasiado depressa, talvez, em que não reparara por estar ansiosa para ver o carro de Patrick?

Teve uma vaga lembrança de cambalear nos seus saltos impossivelmente altos, com o peito espetado e a barriga encolhida para exibir o corpo esbelto no vestido novo. E depois uma onda de tontura que lhe deixara as pernas bambas e a fizera cair de joelhos no chão, com uma dor na curva do pescoço, uma pressão na boca, falta de ar, sensação de sufocar e depois... nada.

Sentiu um medo avassalador e a respiração tornou-se entrecortada enquanto lutava contra o pânico. Qual seria a gravidade dos ferimentos? Estava a morrer? Era por isso que não havia ninguém ao pé dela? Tinham-na deixado simplesmente ali para morrer?

O seu treino e instintos entraram em ação. Exame objetivo. Faz as verificações. ABCDE. Não, concentra-te primeiro no ABC. A via aérea estava desimpedida. Não tinha máscara de oxigénio nem óculos nasais. Estava a respirar espontaneamente, e quando inspirou fundo não sentiu desconforto. Circulação? O coração batia com força e ruidosamente. Ouvia-o num monitor ali perto. Mas então porque é que tinha as pernas abertas? Estaria a sangrar? As fraturas pélvicas podiam ser traumatismos muito graves. Provocavam hemorragias incontroláveis. Mas, se assim fosse, onde estavam todos os preocupados cirurgiões? Porque é que não tinham estabilizado e ligado a pélvis?

– Olá, estão a ouvir-me? – chamou de novo, num tom menos simpático.

O som de instrumentos metálicos parou. Ela mexeu a cabeça com cuidado e não ficou surpreendida ao sentir imobilizadores e um colar cervical a estabilizar a cabeça. Ainda não tinham excluído a possibilidade de uma lesão na coluna cervical. Começou a ficar agitada. Quem diabo estava a tratá-la? Tinha umas coisinhas para lhe dizer. Deixá-la acordar sozinha já era muito mau, mas perceber que tinha a cabeça e os braços presos e as pernas no ar era ultrajante. Ela poderia ter provocado danos irreparáveis a si mesma, se tivesse entrado em pânico ou arrancado os dispositivos que estavam a mantê-la segura.

Ouviu o som de socas a aproximarem-se no chão duro. Depois, a flutuar na sua visão periférica, viu tecido verde-azulado, alguém com uma bata cirúrgica. Teve um vislumbre de um pescoço pálido e da ponta de uma máscara facial branca, mas o resto do rosto – o nariz e os olhos – estava acima das

luzes fortes e era impossível ver bem.

De repente, os seus olhos encheram-se de lágrimas e ela soltou uma gargalhada áspera.

– Detesto hospitais. – O recém-chegado manteve-se imóvel e em silêncio, trazendo mais medo à sua mente hiperativa. – Desculpe a choradeira. Já estou bem. Pode dizer-me o que está a acontecer. É potencialmente fatal? Vai mudar a minha vida? Presumo que sabe que trabalho aqui, por isso não quero que me dê a versão leve. Prefiro saber a verdade.

– Não te aconteceu nada.

A voz assustou-a, como se tivesse saído de um sistema de som. Pestanejou, confusa. Era a pessoa que estava ao seu lado que falava consigo, ou outra pessoa que estava atrás de uma divisória de observação? Estava na sala da TAC e não num bloco operatório? A voz pertencia a um homem, mas não o reconheceu. Não era nenhum dos cirurgiões que conhecia. Franziu os olhos enquanto olhava para o rosto escondido pela máscara.

– É o médico, ou eles estão noutra sala? Estamos na imagiologia?

– Eu sou o médico.

Céus, a sua audição estava mal. Era como se ele estivesse a falar ao seu lado, mas a voz soava distante, como uma voz ao telefone. Porque é que ele não apagava as malditas luzes, tirava a máscara e lhe falava devidamente? Até podia segurar-lhe a mão. Suspirou, agitada.

– Então, não tenho nada?

– Não tens nada.

A sua voz soou mais alta e impaciente.

– Não se importa de voltar um pouco mais atrás? Exatamente porque é que estou aqui deitada e porque é que fui trazida para cá? O que diz a minha nota de entrada?

– Acho que não devias ficar tão stressada. O teu coração está muito acelerado. A respiração está irregular e os níveis de oxigénio estão apenas a noventa e quatro por cento. Fumas?

Os olhos dela dispararam para o monitor cardíaco num carrinho ao seu lado. Viu os fios e percebeu que estavam ligados a elétrodos no seu peito.

– Escute, não quero ser rude. Provavelmente teve um longo dia, mas estou um bocado irritada por ter acordado sozinha. No entanto, para que as coisas fiquem esclarecidas entre nós, quero dizer-lhe que não vou apresentar queixa, mas quero saber quem é. Quero que me diga o seu nome e quero saber o que se passa, e já.

– Bem, Alex – disse ele, erguendo as mãos com luvas roxas que seguravam um agrafador cirúrgico. – Para que as coisas fiquem esclarecidas entre nós. Agora, se não falares com educação, posso muito bem agrafar-te os lábios. Tens uma boca bonita e seria uma pena estragá-la.

Uma onda de terror contraiu-lhe instantaneamente o estômago. Com os músculos rígidos e os olhos abertos, os seus pensamentos, a sua fúria e a sua voz ficaram paralisados.

– Aqui não te vais safar com birras – declarou ele com muita calma.

Champanhe e rosas, pensou Alex. Pensa nisso. Patrick. Pensa nele.

– Assim está melhor. – Ouviu um sorriso na voz dele. – Não consigo trabalhar com barulho.

Cenários passaram-lhe pela cabeça como um filme em avanço rápido. Estava algures no hospital. Alguém a encontraria. Alguém a ouviria gritar. Aquele homem era um louco. Um paciente que fugira. Um médico? Ou alguém a fazer-se passar por médico? Era óbvio que ele se apoderara de uma das salas de operações e ela... de alguma maneira, encontrara-se com ele por acaso. A boca, a pressão que sentira. A mordaça depois de cair de joelhos no parque de estacionamento... ele trouxera-a para

aqui. Batera-lhe e depois amordaçara-a com um pano. Devia tê-la anestesiado. Clorofórmio ou éter...

– Por favor, não grites – disse ele, lendo-lhe o pensamento. – Estamos sozinhos e não me apetece ter de te silenciar. Já me dói a cabeça. O vento frio provoca-me sempre dores de cabeça. Tendo em conta a pouca roupa que vestias numa noite tão fria como a de hoje, é surpreendente que não te doa a cabeça.

Ela ficou imediatamente consciente da sua nudez por baixo dos panos verdes. Tinha os seios e a vagina expostos, o traseiro ligeiramente elevado no ar, e começava a sentir cãibras nos gémeos, que estavam numa posição muito forçada.

Patrick. Pensa nele ou noutra coisa qualquer. Em tudo, menos em estar aqui – mãe, trabalho, o paciente que morreu hoje. As pessoas andariam à sua procura. *Pensa, Alex*. Tinha de argumentar com ele. Criar empatia com ele. Dizer-lhe o que era. Quem era. Humanizar-se. Não era o que os manuais ensinavam? Treinara muitas vezes o que aprendera neles. Primeira regra: reconhecer a fúria do paciente. Segunda regra: acalmá-la.

– Eu chamo-me Alex e sou médica.

– Sabias que tens um útero retrovertido? – replicou ele calmamente. – Enquanto estava a retirar o dispositivo intrauterino tive de usar um espéculo curvo.

Espantada, Alex só conseguiu olhá-lo de boca aberta. Ele já lhe fizera coisas. Enquanto estava inconsciente, as mãos dele tinham estado dentro de si.

Pensa, ordenou a si mesma. Pensa bem em tudo isto antes que seja tarde de mais e esteja tudo acabado. Tens de ser simpática com ele. Fá-lo gostar de ti. Por amor de Deus, tenta, disse severamente a si mesma enquanto a língua parecia uma grossa lesma dentro da boca.

– O-obrigada por fazer isso. Nem todos teriam sido tão cuidadosos.

– De nada.

A resposta dele deu-lhe um minúsculo vislumbre de esperança. Estava a resultar. Estavam a falar. Não lhe vira o rosto e ele devia saber disso. Podia dizer-lhe que não sabia como ele era e que esqueceria o que já lhe tinha feito. Não tinha havido qualquer problema. Ele poderia ir-se embora.

– Será – disse, com cuidado – que posso levantar-me para ir à casa de banho?

– Não é preciso. – As mãos com luvas roxas desapareceram por baixo dos panos verdes e tocaram-lhe na pele nua. Ela estremeceu. – Quieta – avisou ele enquanto lhe palpava a zona inferior do abdómen. – Tens a bexiga vazia. Já te algaliei. O débito é bom.

– Porque é que fez isso?

– Uma grande cirurgia, Alex – respondeu ele, usando o seu nome com a familiaridade de dois colegas a trabalhar lado a lado. – Durante algum tempo vai ser difícil urinar normalmente.

Alex não conseguiu reprimir um profundo soluço que lhe fez o peito estremecer e o som do seu choro desesperado encheu o quarto.

– Que é que me fez?

– Já te disse. Não te aconteceu nada. Ainda. A decisão é tua. Só tens de responder a esta pergunta: o que significa «não»?

Os seus pensamentos dispersaram-se enquanto ela tentava perceber a pergunta. «Não» em que sentido? Que diabo estava ele a perguntar-lhe?

– Estas, por exemplo. – Ergueu as sandálias cor-de-rosa pálido com os longos saltos finos e delicadas tiras, que ela sabia que excitariam Patrick, embora fosse impossível andar com elas. – Estas significam «não»? E estas? – As suas meias foram abanadas diante do rosto. – Sem dúvida não

significam «não». Quando te despi, não usavas sutiã e as tuas cuecas não tinham tecido suficiente para fazer um pequeno lenço de assoar.

Alex tentou juntar os joelhos e os tornozelos puxaram com força as tiras de couro, apertando-as ainda mais. Percebeu exatamente o que ele estava a perguntar.

– Por favor – implorou. – Não.

– É uma pergunta simples, Alex. Acho que ambos sabemos o que queres dizer quando dizes «não», certo?

O ódio suplantou o medo e durante alguns instantes sentiu-se livre e corajosa. Perdigotos voaram quando cuspiu as palavras com fúria.

– Não percebo a pergunta, seu filho da puta. E os meus níveis de oxigénio estão baixos por causa do que me deu. Tem de voltar a estudar. Não conseguiu entrar em medicina? É isso, seu tarado?

Ouviu a inspiração, o leve som de aborrecimento por baixo da máscara.

– Tem calma. Esse mau feitio não te vai ajudar. Acabaste de me fazer tomar uma decisão.

Virou-se para o lado e puxou um carrinho de aço inoxidável muito brilhante com uma seleção de instrumentos que ela conhecia bem. Gancho cirúrgico para extração de dispositivo intrauterino, tesoura uterina, um espéculo vaginal *Cusco* e, ao lado destes instrumentos, uma máscara de anestesia. O seu corpo ficou rígido de medo quando o viu pegar nela. Uma *Schimmelbusch*. A única vez que Alex vira uma daquelas fora na vitrina do consultório de um anestesista reformado. Parecia o tipo de máscaras usadas na esgrima, um dispositivo protetor que cobria o nariz e a boca. Mas esta era uma versão mais tosca: com o tamanho de uma toranja, era uma estrutura de arame fino com gaze entrelaçada para que o líquido anestésico ensopasse o tecido antes de ser inalado pelo paciente.

– Circuito aberto – disse ele calmamente. – Nada bate o método antigo. Não é preciso entubar. Não há máquina de anestesia para monitorizar. Apenas gaze e uma máscara. E gás, é claro, deixando-nos as mãos livres para fazer outras coisas.

A coragem de Alex eclipsou-se. O controlo desvaneceu-se. Não havia argumentação possível. Não tinha como escapar. Ele poderia fazer-lhe o que quisesse e ela não conseguiria impedi-lo. Pensou fugazmente que seria melhor morrer na mesa de operações. Deixaria a vida sem saber que ela terminara.

– Por outro lado, se te anestesiar, eu e tu deixamos de poder falar. Nunca se sabe: posso precisar da tua ajuda, se as coisas começarem a ficar complicadas. Posso dar-te um espelho e tu orientas-me, se eu tiver algum problema. Uma vulvectomia pode ser um procedimento um bocado confuso.

A respiração dela estava demasiado acelerada e demasiado superficial. A cabeça começou a ficar dormente quando fixou a máscara que ele tinha na mão. Não conseguia respirar. Não conseguia falar...

– Última oportunidade, Alex. Posso facilitar a coisa. Um pequeno sono para ti enquanto faço o que ambos sabemos que devias autorizar, e depois é casa e caminha. Por isso, vou perguntar mais uma vez: O que significa «não»?

Todo o seu corpo começou a tremer. Os grandes músculos do peito, das nádegas e das coxas moviam-se sem parar. Os imobilizadores, o colar cervical, os apoios dos braços e os estribos dos tornozelos abanaram visivelmente. Lágrimas escorreram-lhe pelas faces e misturaram-se com muco do nariz e da boca, e através de tudo aquilo gritou um silencioso «não», enquanto se obrigava a dizer o contrário em voz alta.

– Lamento, mas não percebi. – Agora, ele estava a dificultar a resposta. Tinha mudado de ideias. A

máscara cobria-lhe metade da cara e o gás líquido começava a fazer efeito.

– Eu disse «sim» – sussurrou Alex, sonolenta. – «Não» significa «sim».

CAPÍTULO 2

Alex abriu os olhos. Estava deitada numa maca, tapada com um lençol branco, e duas colegas olhavam-na calmamente. Fiona Woods, a sua melhor amiga e enfermeira sénior do Serviço de Urgência, e Caroline Cowan, médica especialista e chefe do Serviço de Urgência. Ambas ostentavam expressões semelhantes – tranquilizadoras – e esboçaram sorrisos calorosos. Sabia exatamente onde estava, incluindo o cubículo onde se encontrava: o número nove.

Viu que eram quase duas da manhã no relógio de bolso de Fiona. Cinco horas antes terminara o seu turno no hospital, tomara um duche rápido no vestiário dos funcionários, com o vestido pendurado, pronto para usar, maquilhara-se e perfumara-se. Tão pouco tempo antes, e, no entanto, tanta coisa tinha mudado. A sua vida estivera por um fio. Se tivesse dito que não... se tivesse recusado... se tivesse sido mais corajosa...

Fechou os olhos com força, respirou fundo lentamente e, quando se sentiu pronta, abriu-os de novo.

– Olá, querida – disse Caroline na sua melhor voz de cuidadora. – Podes contar-me o que aconteceu? Diz-me que dia é hoje e onde pensas que estás?

Alex ainda não conseguia responder à primeira pergunta. Concentrou-se na segunda e na terceira.

– É domingo, 30 de outubro, e estou na cidade de Bath, no meu hospital e no meu departamento.

Caroline sorriu de novo.

– É verdade que estás aqui, querida, mas hoje é dia 31. Pregaste-nos um susto de morte. A tempestade foi horrível, com imensa chuva e vento. Pregaste-nos um valente susto. – Acenou, tranquilizadora. – Mas estás bem. Alguns arranhões nos joelhos e um pequeno alto na nuca, mas, tirando isso, estás bem. Foi bom o Patrick ter insistido para continuarmos as buscas, caso contrário agora podíamos estar a tratar-te por hipotermia. Sugiro que fiques aqui internada até amanhã. Vamos fazer-te alguns exames neurológicos. Tu estavas muito confusa. Daqui a pouco vou chamar alguns colegas para te observarmos. Mantém-te calma e quieta, que daqui a nada vamos tirar-te esse colar cervical.

Lágrimas de alívio marejaram os olhos de Alex e ela pestanejou para as afastar. As sobrancelhas loiras de Caroline juntaram-se quando ela franziu a testa. Parecia mais velha do que era, com o corpo robusto e antebraços fortes e tonificados, não do trabalho clínico, mas dos anos passados a ajudar o marido na quinta que ambos possuíam.

– Oh, querida, não chores. Não tarda nada, estarás sentada a beber uma chávena de chá. Fiona, vai chamar ajuda. Vamos ver rapidamente o que se passa com a nossa médica preferida. Mas não peças aos rapazes – disse a médica dirigindo-se a Fiona num tom simpático. – Tenho a certeza de que a Alex não quer que eles vejam o seu lindo traseiro.

Alex deixou-se ficar completamente imóvel. Sentia um cansaço profundo e ficou agradecida pelos

modos práticos e pela conversa fácil de Caroline. Mais tarde, poderia gritar. Mais tarde, poderia chorar e desmoronar-se, mas por enquanto era melhor manter-se calma. Teria de se manter calma, se queria ajudar a Polícia.

Três enfermeiras entraram no cubículo na companhia de Fiona Woods.

– Eu trato da cabeça – disse Fiona a Caroline. As outras enfermeiras posicionaram-se de um lado de Alex e cada uma pousou as mãos numa parte do seu corpo. Ombro, anca e perna foram segurados com firmeza. No cimo da maca, Fiona posicionou as mãos de ambos os lados da cabeça enquanto Caroline soltava o colar cervical e retirava os imobilizadores que seguravam a cabeça. Em seguida, a médica sénior colocou com todo o cuidado a mão atrás do pescoço de Alex e, começando na nuca, tateou a coluna cervical à procura de qualquer sinal de inflamação ou deformidade.

Sentiu Alex estremecer.

– Está dorido?

Alex começou a acenar e Fiona mandou-a estar quieta.

– Ei, devias ter mais juízo do que isso! – O seu rosto estava a poucos centímetros do de Alex e cheirava a fumo de cigarro. Era óbvio que recomeçara a fumar. Era uma pena, porque estava tudo a correr bem com os pensos.

Nos dois minutos seguintes, colocada de lado numa posição de imobilização em linha, com a cabeça apoiada nas mãos fortes de Fiona, o resto da coluna foi cuidadosamente verificada. Por fim, um momento de humilhação, acima de tudo porque conhecia todas aquelas pessoas: Caroline inseriu um dedo no seu reto para avaliar o tónus do esfíncter. O exame estava terminado e um enorme sorriso iluminou o rosto da médica quando Alex foi deitada de costas.

– Estás bem, Alex. Não precisas do colar cervical. Vou levantar-te um pouco e depois trago-te aquela chávena de chá. – Olhou para Fiona. – Dois analgésicos não lhe fariam mal.

Não havia dúvida: Caroline Cowan era perita em manter a calma durante uma crise, o ritmo e o tom das suas ações e voz eram perfeitos para evitar acessos de histeria. Estava a dar a Alex tempo para se adaptar à sua situação, a normalizar tudo o mais possível para que ela ficasse mais forte para enfrentar o dissabor que se avizinhava. Alex sempre a admirara, e nunca tanto como agora. Caroline estava a certificar-se de que Alex estava pronta.

Quando as outras ajudantes saíram do cubículo, Caroline lavou as mãos no lavatório. Um borrifo de água salpicou-lhe a túnica e as calças verdes, e ela riu-se e tirou toalhetes de papel do dispensador na parede para se limpar enquanto se ria da situação. Mesmo agora, a pequena gargalhada disse a Alex que ela estava a comportar-se com naturalidade. Seria um passo de cada vez. Sem pressa. Ela estava em segurança e ninguém passaria por Caroline.

– Então, tens alguma pergunta, querida?

Alex mordeu o lábio inferior com força para travar o dilúvio de lágrimas que estavam prestes a cair. Mais tarde, prometeu a si mesma. Choraria mais tarde, nos braços de Patrick e de mais ninguém.

– A Polícia? Já chamaram a Polícia? Eles têm de bloquear todas as saídas. E todas as salas de operações têm de ser verificadas primeiro. Quero análises a tudo: VIH, sífilis, gonorreia, gravidez... tudo. Não me importo que demore a noite inteira. Quero saber o que ele me fez.

A expressão tranquilizadora de Caroline desapareceu e foi substituída por uma expressão de preocupação.

– O que estás a dizer, Alex? Porque é que preciso de chamar a Polícia?

Alex sentiu um aperto no peito. A sua respiração tornou-se mais rápida e ruidosa, e os seus

membros trémulos fizeram o lençol cair no chão.

Mais tarde, soube que a sua voz tinha sido ouvida em toda a enfermaria. Acima de todos os outros ruídos: os gritos de dor, confusão e medo, o barulho de carrinhos que levavam tratamentos para os cubículos, os cerca de vinte monitores que emitiam altos bipes em momentos diferentes. A sua voz, as suas palavras, impuseram-se a tudo.

– Porque ele me violou.

CAPÍTULO 3

Um caso de violação denunciado no Serviço de Urgência tem um nível de privacidade muito próprio. Um protocolo de silêncio e dignidade envolve a situação. O enfermeiro de serviço, o médico e a Polícia tratam do assunto sem que as outras pessoas do departamento estejam conscientes do que aconteceu.

No caso de Alex Taylor, naquela noite não houve uma única pessoa no departamento que *não* soubesse o que tinha acontecido ou não tivesse ouvido o que era suposto ter acontecido. Antes mesmo de o exame estar terminado, já se especulava sobre o que teria acontecido na realidade. A opinião preferida era que ela sofrera uma pancada na cabeça; talvez fosse confusão e choque.

Na sala de observação, o médico da Polícia e a detetive não acreditaram nem deixaram de acreditar na transtornada mulher, nem na violação, mas foi demasiado difícil acreditar no resto da sua história. Apenas Maggie Fielding se manteve neutra e objetiva, cumprindo o seu dever profissional de cuidar enquanto completava o exame e escutava a longa história de Alex Taylor. E respondeu sem hesitar a todas as perguntas que ela lhe fez.

– O DIU está no sítio, Alex. Não há sinais de ter sido retirado. Vejo os fios e tudo parece normal.

Maggie Fielding esperou pelo comentário seguinte de Alex. Manteve o contacto visual e não parecia ter pressa. Maggie era uma mulher atraente, alta, com membros fortes e magra. Tinha um magnífico cabelo cor de chocolate que lhe dava pela cintura quando estava solto.

O médico da Polícia, que também era médico de clínica geral, um neozelandês chamado Tom Collins, tinha uma expressão permanente de simpatia. Saíra da sala enquanto decorria o exame.

Alex levantou o traseiro para que o toalhete de papel fosse colocado por baixo e os seus pelos púbicos fossem penteados para prova. Em seguida, o toalhete de papel, o pente e os pelos foram colocados num saco de provas que foi selado, assinado, datado e entregue à mulher-polícia. As suas unhas foram cortadas e raspadas para um saco diferente. Tiraram-lhe cabelos da cabeça. Cuspiu para um recipiente de saliva, efetuaram esfregaços bocais, anais e vaginais, e foi colhido sangue. Alex viu Maggie friccionar um esfregaço numa lamela de vidro e sabia que seria examinado para procurar esperma. Por fim, todo o seu corpo foi examinado em busca de feridas. Nódoas negras. Rasgões. Dentadas ou marcas de dentes que pudessem identificar o atacante.

Maggie Fielding desviou-se e Tom Collins foi novamente chamado. Apenas duas semanas antes, Alex estivera no lugar onde a outra médica se encontrava agora, ao lado do mesmo homem, enquanto ele colhia sangue de uma mulher que fora atacada pelo namorado. Tinham partilhado a mesma posição – ambos profissionais, ambos a fazer o seu trabalho enquanto documentavam e fotografavam as inúmeras nódoas negras. Desta vez, Alex era uma vítima e ele era o profissional que estava a fazer o seu trabalho e a fazer todos os possíveis para esconder o facto de que a conhecia pessoalmente.

– Acha que podemos rever a sua história mais uma vez? – perguntou a mulher-polícia.

Identificara-se em voz baixa como Laura Best e dissera a Alex que lamentava o que lhe acontecera e que não precisava de a tratar com formalidade, poderia chamar-lhe Laura. Mas agora Laura não parecia tão compreensiva. O seu rosto sardento estava menos simpático. Parecia um pouco impaciente. Os quatro estavam fechados na sala de observações há mais de uma hora, e o calor e o ar viciado começavam a incomodá-los.

Laura voltou várias páginas atrás no bloco de notas e começou a ler.

– Lembra-se de percorrer o parque de estacionamento, de sentir uma pancada na nuca e depois uma mordaça na boca e, possivelmente, o cheiro de gás. Depois acordou numa sala de operações, amarrada, com as pernas em estribos, na presença de um falso cirurgião.

– Não sei se ele era um falso cirurgião – retorquiu Alex, furiosa. – Eu disse que ele estava vestido como um cirurgião.

Laura apertou os lábios por breves instantes antes de continuar.

– Depois, ele ameaçou agrafar-lhe os lábios, mostrou-lhe um tabuleiro com instrumentos cirúrgicos e disse que lhe tinha removido o dispositivo intrauterino enquanto lhe colocava um cateter e depois disse que lhe ia fazer uma operação, uma vulvec... – Esforçou-se para dizer a palavra.

– Uma vulvectomia – respondeu Alex, impaciente. – Sim e sim e sim a tudo.

– Depois, fez-lhe uma pergunta que a levou a pensar que queria violá-la. E diz que em seguida a anestesiou.

– Sim.

– E do que se lembra a seguir é de acordar aqui no seu departamento.

– Sim.

– E não consegue descrevê-lo nem reconhecer a sua voz.

– Não. Já lhe disse que as luzes da sala de operações estavam a encandear-me. Vi uma máscara cirúrgica e percebi que usava uma bata do bloco. Mas a voz... era como se falasse através de um sistema de som, como se não estivesse ao meu lado. Inglês, mas também soava um pouco americano.

– Então, este médico inglês *e americano* fez-lhe isto tudo? Hum... desculpe, Dr.ª Taylor, se pareço estúpida ou até insensível, mas saiu daqui às nove e meia da noite e foi encontrada no parque de estacionamento à uma e meia da manhã.

– Que diferença é que isso faz?

– Essas agulhas grandes... as agulhas cor de laranja que diz que foram inseridas... estavam nos dois braços. Com certeza, haveria marcas de perfuração?

– Não me está a ouvir. Não prestou atenção a nada do que eu disse. Elas estavam lá. Eu vi-as. É óbvio que aquilo fazia parte do plano dele para que eu pensasse que estava ferida. Para me levar a acreditar que era incapaz de me mexer. Tudo foi concebido para me fazer acreditar que estava indefesa, para que eu... para que eu o deixasse fazer o que ele queria.

Um pequeno sorriso curvou os lábios da jovem mulher-polícia. Ela olhou para Tom Collins e Maggie Fielding. Alex percebeu que trocavam olhares rápidos. Estavam a transmitir mensagens com os olhos e ela estava a ser excluída. Era um clube privado onde apenas os profissionais podiam entrar – não as vítimas.

– Se fosse um filme, eu ficaria assustada – disse Laura Best, num tom quase trocista.

Alex estava tão furiosa que se levantou da maca almofadada e ficou de pé, descalça, vestida com uma bata de hospital, a trinta centímetros da agente Best.

– Bem, não é a merda de um filme, por isso tire esse risinho da cara. Eu não imaginei esta merda! Fui atacada. Fui raptada e, se não tivesse concordado com o que ele queria, neste momento estaria morta numa morgue.

– Lamento se a perturbei. Não estamos a dizer que isto não aconteceu – disse ela, incluindo Tom Collins e Maggie Fielding nesta declaração. – Só estamos a tentar perceber. A sua roupa interior e sapatos estavam no lugar. Todos os botões do seu vestido estavam abotoados.

E depois disse o que estava verdadeiramente a pensar, o que estivera, sem dúvida, na sua cabeça durante toda a conversa:

– Os seus colegas disseram-me que teve um dia difícil.

– Não mais do que o costume. No Serviço de Urgência todos os dias são difíceis, não reparou?

– Pelo que percebi, foi mais difícil do que o costume. A menos, é claro, que perca um bebé todos os dias?

– Eu... eu... ela já estava morta quando a ambulância chegou. Não podíamos fazer nada por aquela bebé!

– Acho que a Alex está cansada – interrompeu Maggie Fielding. – Ela precisa de descansar. E, agente Best, da próxima vez que houver um caso deste tipo seria aconselhável haver um agente mais graduado presente, ou pelo menos alguém com treino de crimes sexuais, como tenho a certeza de que lhe será dito quando voltar para a esquadra.

Maggie Fielding não era a pessoa preferida de Alex nos melhores momentos. Era uma ginecologista brilhante, mas os seus modos eram bruscos. Naquele momento, ficou contente com a sua presença.

– Quero o Patrick. Onde é que ele está? Preciso dele aqui!

Maggie Fielding acenou.

– Ele está cá. Está à espera lá fora.

– Bem, eu quero-o aqui! Patrick – gritou. – Patrick!

Nos braços de Patrick, chorou por fim. Entre soluços incoerentes, contou-lhe o que acontecera naquela noite. O choque de Patrick foi explosivo e ele exigiu que Laura Best encontrasse aquele homem. Exigiu que pedisse mais agentes para o hospital e perguntou porque é que ainda não vira um destacamento policial a revistar tudo. Só Alex conseguiu impedir que ele saísse a correr para procurar o homem no meio da escuridão, recusando-se a soltar-lhe as mãos até ele perceber que precisava da sua presença. Nos seus braços estava por fim segura e, finalmente, acalmou o bastante para adormecer.

CAPÍTULO 4

Laura Best estava ao lado de Patrick Ford. Apesar de ter passado a noite à cabeceira da namorada, ele parecia bem arranjado e fresco. A intensidade do seu olhar indicou que se preparava para a questionar de novo. No entanto, teria de esperar; agora era a sua vez. Não tivera tempo de ouvir o depoimento dele na noite anterior, entre a insistência para que encontrasse aquele homem vestido de cirurgião e a necessidade de consolar a namorada.

Tinham acabado de percorrer o parque de estacionamento e Patrick mostrara-lhe onde ele e um guarda de segurança haviam encontrado a médica e onde ele estivera estacionado. Apenas a alguns carros de distância, e, no entanto, não a vira. A explicação foi compreensível. Chegara, esperara algum tempo e fora ao departamento à procura de Alex, mas tinham-lhe dito que ela saíra quinze minutos mais cedo. Pensara que ela devia ter apanhado um táxi para a sua casa porque se atrasara a vir buscá-la, por isso voltara para casa antes de regressar ao hospital para começar a procurá-la.

– Porque é que se atrasou? – perguntou-lhe Laura.

Patrick Ford encolheu os ombros.

– Na verdade, não me atrasei. Isto é, não me atrasei, se pensar no tempo que costumo esperar por ela. Ela nunca sai do hospital a horas. Terminei as consultas... sou veterinário... um pouco mais tarde do que esperava, uns cinco ou dez minutos, mas não me preocupei muito porque, como lhe disse, a Alex está sempre atrasada. Cheguei cerca das nove e quarenta, talvez nove e quarenta e cinco.

– E a que horas voltou ao hospital para começar a procurá-la?

– Deviam ser umas onze horas. Demoro vinte minutos para cada lado, a ir a casa e voltar. Estive em casa durante cerca de um quarto de hora a ver se ela chegava.

Laura ficou surpreendida.

– Então, porque é que demoraram tanto tempo a encontrá-la?

– Inaptidão seria um termo adequado – respondeu ele, irritado. – Num primeiro momento, só procurámos entre os carros. Depois, perdemos tempo a revistar o hospital, a procurar nas enfermarias para ver se ela estava com um paciente. Mesmo quando a encontrámos, ela não estava obviamente visível, caída por baixo das árvores, porque está escuro como breu lá fora.

– Como está ela esta manhã? Disse mais alguma coisa?

Patrick abanou a cabeça.

– Está a dormir.

– Tem alguma teoria sobre o que aconteceu?

Ele levantou a cabeça, surpreendido.

– Como assim?

Laura Best encolheu os ombros.

– Algo que possa ter pensado sobre o que aconteceu ontem à noite?

– Está a dizer-me que não acredita nela? – O seu tom foi desafiador. – Não sei o que pensar. Estou chocado com o que ouvi. Mas não duvidei por um único segundo do que a Alex me contou. – Olhou-a com uma expressão intensa. – Presumo que procurou este homem? Ou pelo menos verificou a história dela?

Laura acenou premeditadamente com a cabeça.

– Absolutamente. Sim. Revistámos todas as salas de operações, o recinto exterior, e falámos com os funcionários do bloco operatório. E agora, é claro, o doutor e eu acabámos de ver onde a encontrou. Os ramos por cima dela foram muito sacudidos pelo vento. Há detritos e pedaços de ramos, alguns bastante pesados, à volta do sítio onde a doutora estava caída. Ela tinha um alto na cabeça e estava inconsciente.

– Então, está a dizer-me que um ramo de árvore pode tê-la deixado inconsciente? – perguntou ele secamente. – Mas não foi isso que ela disse que aconteceu, pois não?

Laura apertou fugazmente os lábios.

– E se ela teve um dia traumático? Disseram-me que ontem não conseguiu salvar um bebé. Isso poderia ter alguma influência no seu estado mental?

Os olhos de Patrick Ford semicerraram-se.

– O seu estado mental! Espero que não esteja a sugerir que a Dr.ª Taylor é desequilibrada, porque garanto-lhe que não é. Eu saberia. Passo muito tempo com ela. Não vá por esse caminho. Se houver outra explicação, será uma causa física. Traumatismo craniano, mais provavelmente. E, sim, talvez por causa de uma pancada de um ramo de árvore na cabeça. – Os seus olhos avaliaram a detetive com frieza. – Mas, enquanto não esgotar todas as possibilidades de encontrar este homem, espero que aceite o que a Alex disse como a verdade. E, se não temos mais nada para falar, estou ansioso por ir ver como ela está.

Laura esboçou um sorriso afetado nas costas dele. Um pouco pomposo para o seu gosto. Atraente e bem vestido, embora mais para um financeiro do que para o trabalho que fazia, e arrojadamente confiante, mas não gostava dele. No entanto, a conversa correra bem e conseguira perceber quem estava onde durante este suposto rapto. A Dr.ª Taylor passara muito tempo no parque de estacionamento. Se o namorado tivesse chegado a horas, nada disto estaria a acontecer. E Laura Best não teria passado a noite a revistar o hospital. Ninguém podia dizer que não levara aquilo a sério; era uma boa profissional.

*

Quando olhou Patrick nos olhos na manhã seguinte, Alex preocupou-se com o que o namorado estava a pensar. Ele não estava sentado à sua cabeceira quando acordara. Patrick prendeu-lhe a mão nas suas. Nas íris azul-escuras viu o amor, a compreensão, a preocupação com o que sabia que ela devia estar a passar, e também viu outra coisa. Separada de todas as outras emoções, isolada, viu dúvida.

Patrick não disse nada quando ela o fitou. Olhou-a nos olhos, inclinou-se e beijou-a na boca. Uma pressão suave, um segundo de calor e consolo, e depois sentou-se mais direito na cadeira e esperou que Alex falasse.

– Não bebemos aquele champanhe – disse ela.

Patrick esboçou um sorriso fugaz.

– Está no gelo.

– A esta hora, o gelo já deve ter derretido. E o rótulo está desfeito.

– Ainda vai saber bem. Se não, compro outra garrafa.

Alex entrelaçou os dedos nos dele e apertou levemente.

– Como está a minha mãe?

– Deve estar curiosa para saber se eu e tu vamos almoçar. Desesperada para falar sobre os últimos preparativos para o casamento.

Alex fez uma careta. Nunca em toda a história da humanidade um casamento demorara tanto tempo a planear. A sua irmã Pamela escolhera por fim um local, um vestido, um fotógrafo, as flores e a única madrinha. Alex deixara a escolha do vestido de madrinha a cargo a irmã. Depois de experimentar mais de uma dúzia, e ouvir os *ohhs* e *ahhs* de indecisão de Pamela por serem todos muito lindos, desistira. Não podia passar todos os seus dias de folga a fazer compras.

– O que eu quero saber é como é que ela está por causa disto?

Patrick soltou-lhe as mãos e juntou os dedos.

– Ela não sabe. Achei melhor que fosses tu a contar-lhe. À luz do dia. Bem...

Alex sentou-se direita, a observar todas as expressões dele.

– Bem o quê, Patrick?

Ele abanou a cabeça.

– Só pensei que hoje podias pensar de outro modo. Ter uma perspetiva diferente do que aconteceu. Ontem à noite assustaste-me muito, querida. Quando te encontrámos, senti um alívio enorme. O tempo estava tenebroso. Alguém podia ter-te atropelado. Podias ter morrido lá fora, ao frio.

Os tremores familiares recomeçaram. Agora, Alex percebeu o que era. Pânico. Não apenas por causa do que acontecera, mas porque não estavam a acreditar nela. Enterrou as unhas cortadas recentemente nas palmas das mãos e obrigou-se a ficar quieta.

– Onde é que fui encontrada?

– No parque de estacionamento.

– Em que sítio do parque de estacionamento?

– Mesmo ao fundo. O segurança e eu encontrámos-te deitada na relva, por baixo de umas árvores. Alguns ramos tinham caído perto de ti e pensamos que um deles pode ter-te batido na nuca.

– A sério. É o que pensas que aconteceu?

Patrick ficou em silêncio durante alguns instantes.

– Não. Quero dizer, sim, é possível que tenhas sido atingida na cabeça por um ramo, mas isso não significa que não acredite em tudo o resto que aconteceu. Escuta, a Caroline Cowan marcou-te uma TAC. Acho que é boa ideia. Não sabemos se foste atingida na cabeça com muita força. Pelas nossas contas, estiveste inconsciente mais de três horas. É muito tempo para estar ao frio.

– Que é que as pessoas estão a dizer, Patrick? O que está a Polícia a fazer?

– Andaram à procura dele, mas ainda não encontraram nada. Com franqueza, querida, vi-os mais a falar com os teus colegas do que a procurar ativamente o homem. Não me parece que acreditem muito no que dizes que aconteceu. É evidente que estão todos preocupados. Mas acho que a Polícia não acredita em ti.

Calou-se, deixando Alex sem qualquer dúvida do que todos andavam a dizer. Ou tinha uma lesão cerebral ou enlouquecera.

– E tu? Acreditas em mim?

Patrick levantou-se da cadeira e empoleirou-se na ponta do colchão, para poder abraçá-la.

– Claro que sim – sussurrou-lhe ao ouvido. Inclinou-se para trás de modo a que ela pudesse ver o seu rosto, e a dúvida que lhe parecera ver anteriormente desaparecera dos seus olhos. – Não tenho motivos para não acreditar em ti. Quando é que alguma vez me mentiste?

Alex descansou no seu abraço. Começara a sentir-se segura nos braços daquele homem. Ele intrigava-a e desafiava-a em igual medida. A paixão que sentia pela medicina veterinária era igual à sua pela medicina humana. Ele era ambicioso e trabalhador, uma potente combinação em alguém que também parecia um modelo masculino. Tinham-se conhecido por causa da paixão dele pelo *rugby*. Durante um jogo acabara no Serviço de Urgência com suspeita de uma fratura no tornozelo. Não fora amor à primeira vista. Na verdade, Alex achara-o insuportável. O seu conhecimento de medicina estava ao mesmo nível do dela e impusera sem cerimónia os termos do tratamento até ela o pôr no seu lugar e lhe dizer que a médica era ela e ela é que decidiria se ele precisava ou não de muletas. Um ramo de flores não muito imaginativas chegara ao serviço no dia seguinte, e pouco depois ele convidara-a para tomar uma bebida.

Enquanto o abraçava, encheu-se de ansiedade. Estava com muitas dores e nunca se sentira tão sozinha em toda a sua vida. A ideia de que havia pessoas que não acreditavam em si era difícil de suportar. Especialmente a Polícia. O balão de hélio a flutuar ao seu lado dizia «Fica Boa Depressa» num *post-it* colado ao cordel, e ela pensou com carinho que Fiona o devia ter surripiado a um paciente que estava a dormir. Mas ficar boa de quê? De uma pancada na cabeça? De um dia difícil no emprego? As pessoas acreditavam mesmo que ela seria capaz de inventar uma coisa destas?

Afastou-se de Patrick, olhou-o nos olhos e disse-lhe sem rodeios:

– Há um assassino à solta. Não apenas um violador. Este homem é um sádico tarado. Preciso que acredites que o que aconteceu ontem à noite não é uma invenção da minha imaginação nem foi causado por uma pancada na cabeça. Eu estive presa, Patrick, e a única coisa que me impediu de enlouquecer foi pensar em ti. Não estive várias horas caída num parque de estacionamento. Estive nas mãos do filho da mãe mais assustador que podes imaginar. E sabes o que me irrita mais? Perceber que a Polícia não está preparada para investigar como deve ser. Eles não conseguem aceitar que uma coisa destas possa acontecer. Mas vou fazer a TAC e depois podemos continuar com a conclusão mais óbvia... que enlouqueci.

Patrick insistiu em estar ao lado dela enquanto fazia a TAC. Protegido com um avental forrado a chumbo, sorriu-lhe enquanto ela desaparecia no túnel da máquina.

Tinha feito inúmeras perguntas ao radiologista, pois pensava que um traumatismo cerebral recente podia não ser visível tão pouco tempo depois do incidente. Argumentou que um acidente vascular cerebral nem sempre era detetado, a menos que já tivesse ocorrido hemorragia. Sugeriu que dali a dois dias a TAC deveria ser repetida. O radiologista respondeu com muita paciência a todas as perguntas. Referiu que a TAC estava normal e não aparecia sequer um pequeno hematoma nas imagens. Alex sentiu vontade de rir quando viu o desapontamento no rosto de Patrick. Ele queria claramente que houvesse uma causa para além do que acontecera na realidade. E quem podia censurá-lo? Seria muito mais fácil aceitar.

Havia tensão nos ombros de Patrick e o radiologista percebeu logo. Alex gostava de Edward

Downing e teria pena quando ele se reformasse no fim do ano. Edward era da velha guarda, um homem encantador que era sempre educado e alegre e devia ser um dos melhores radiologistas do país. Naquele momento, soltou uma gargalhada bem-humorada e piscou o olho a Alex.

– Claro que isto não exclui loucura.

– Pois não – respondeu Patrick secamente, antes de ver a consternação de Alex. – Estou só a brincar.

Ela apertou-lhe a mão, agradecida e incapaz de confiar em si para falar. Ultrapassaria aquilo. Tinha Patrick e Fiona e Caroline, é claro. Não estava sozinha neste pesadelo.

Quando ela e Patrick saíram do hospital ao princípio da tarde, ele contou-lhe o seu plano. Já recebera a aprovação de Caroline Cowan e limpara a sua agenda, pedindo a um colega que o substituísse. Iriam de férias. Uma semana fora. Iriam para um lugar quente, onde poderiam deitar-se numa praia, beber *cocktails* até cair para o lado e comer montes de comida deliciosa. Um lugar onde ela poderia recarregar baterias. Alex estava tão frágil que só conseguia perguntar-se porque é que todos estavam tão ansiosos por levá-la para longe dali. Seguramente, teria de estar disponível se a Polícia quisesse interrogá-la ou se fizessem uma detenção e capturassem aquele homem? Seguramente, em circunstâncias normais, quando é cometido um crime as vítimas não vão de férias? E desconfiava que era precisamente por isso que todos estavam a ser tão amáveis. Porque não acreditavam que tinha sido cometido um crime. Não acreditavam que ela era uma vítima.

CAPÍTULO 5

Passados dez dias chegaram ao aeroporto de Gatwick num voo da Virgin Atlantics proveniente de Barbados, ambos um pouco bronzeados e Patrick ligeiramente mais gordo. Ele vinha bem-disposto, mas Alex estava um pouco melancólica. Patrick não tirara as meias amarelo-fluorescentes que lhe tinham oferecido no avião nem mesmo depois de aterrarem e os tripulantes da cabina fizeram um sorriso de circunstância quando passou por eles com as suas sandálias de pele.

– As meias mais confortáveis que já usei – comentou ele.

Caminhou vários passos à frente de Alex no terminal, cheio de energia, enquanto procurava nos monitores o número do tapete rolante onde iriam recolher a bagagem.

Alex sabia porque é que ele estava bem-disposto. Na noite anterior tinham feito sexo. Ela não lhe chamaria fazer amor, porque não se sentira amada. Patrick fora generoso nas carícias. Todo o seu corpo recebera atenção. Adiara a penetração muito mais tempo do que era habitual e ela estava quase pronta, com a pele e os músculos relaxados, e os ossos a derreter. Estava pronta quando a penetrara, até ele sussurrar:

– Isto não é assim tão mau, pois não...? Não é como... – Depois, respirara ruidosamente, ainda a conter-se. – O teu dispositivo está no sítio, não está? É seguro vir-me?

Tão poucas palavras, mas magoaram-na profundamente. Analisou-as vezes sem conta. *Isto não é assim tão mau*. *Isto* em comparação com o seu violador imaginário? Cada coisa que ele disse traía os seus verdadeiros sentimentos: *Não é como...*

«Termina a frase», apeteceu-lhe gritar. «Termina a merda da frase.» *Não é como se tivesses sido mesmo violada*.

A única vez que tinham feito sexo durante as sete noites de férias fora na noite anterior. Nos outros dias, Alex atribuíra à garrafa de vinho partilhada ao jantar e aos diversos *cocktails* que se seguiam a culpa pela falta de interesse e vontade. Todas as noites, enfiava-se por baixo do lençol de uma das grandes camas e fingia um sono ébrio até ouvir o forte ressonar de Patrick. Em seguida, esgueirava-se pelas escadas das traseiras do hotel colonial e ia para a praia particular reservada aos hóspedes. Andava de uma ponta à outra, para trás e para a frente, sob o olhar atento do segurança do hotel, desejando que os dias passassem para poder parar de fingir que eram umas férias normais e que ela era uma turista comum.

Patrick empurrou as malas num carrinho e parou na WHSmith.

– Precisamos de limonada ou *Coca-Cola* para juntar ao rum. Para acabarmos as férias em grande.

– Compramos pelo caminho – replicou ela com brusquidão, esforçando-se por esconder o aborrecimento. Embora tivessem usado o *Land Rover* de Patrick para se deslocarem até ao aeroporto, era óbvio que não seria ele a conduzi-lo. Bebera vários copos de vinho a bordo, e entre as

refeições pedira cerveja.

Patrick dormiu a maior parte da viagem de carro, com o assento numa posição reclinada e os pés calçados com as meias amarelas pousados no seu lado do *tablier*. Acordou quando Alex parou na estação de serviço de Chippenham e gritou, enquanto ela corria para o edifício para ir à casa de banho:

– Não te esqueças da *Coca-Cola*!

Alex ficou na fila, com a *Coca-Cola* de Patrick e leite para a manhã seguinte nos braços, tentando desesperadamente afastar a vaga de depressão. Fora mais fácil lidar com ele ao sol, mas a cada quilómetro que se aproximava de casa aumentavam as sensações de pavor. Patrick achava normal esquecer o motivo que os levara a ir de férias. Para ele, parecia que estava tudo morto e enterrado. Podia ser a sua forma de lidar com a situação, mas aquela jovialidade exagerada no aeroporto e pedidos estúpidos como este eram facadas que lhe espetava no coração.

Respirou fundo, tentando acalmar-se. Ao chegar ao balcão, olhou para as capas dos jornais. A primeira página do *Western Daily Press* chamou-lhe a atenção:

Enfermeira de Bath Continua Desaparecida

Inclinou-se para a frente, para ler a reportagem:

> Aumenta o receio pela grávida de 23 anos, Amy Abbott. A enfermeira está desaparecida há quatro dias. Amy foi vista pela última vez no domingo à noite em Kingsmead Square. Usava calças de ganga azuis, blusa verde-clara e um blusão de pele castanho, e...

Foi interrompida pelos sons da máquina registadora e pela voz do empregado:

– Duas libras e oitenta e nove, por favor.

Alex pagou e voltou para o carro com uma expressão desalentada.

Durante a última parte da viagem, tomou uma decisão. Acordou Patrick quando pararam à porta da casa dele e disse-lhe que achava melhor cada um dormir na sua casa nessa noite. Tinha de se deitar cedo porque no dia seguinte faria o turno da noite e ele voltaria ao trabalho de manhã, por isso talvez não fosse grande ideia beberem rum. Disse tudo aquilo num tom descontraído e ficou aliviada quando ele não ofereceu grande resistência. O beijo de despedida foi curto e o aceno dele casual, mas Alex não se importou.

*

No apartamento, acendeu as luzes todas, verificou se as janelas estavam bem fechadas, fechou a porta principal à chave e pôs a tranca. Decidira viver ali para ter segurança e paz de espírito. O sistema de videoporteiro estava ligado à porta principal do prédio, o que fora uma grande vantagem.

Com um grande copo de rum na mão, sentou-se encostada à parede da sala de estar e pousou o telefone ao seu lado, para ouvir as mensagens. Três da mãe, todas sobre os últimos preparativos para o casamento na semana seguinte. Uma de Caroline – alegre, animada – a dizer que esperava que as férias tivessem sido boas e que estava ansiosa por voltar a vê-la.

A última mensagem gravada fora deixada às cinco e meia.

«Olá, é uma mensagem para a Dr.ª Taylor. Fala a Maggie Fielding. Já tenho os seus resultados.

Normalmente não os dou pelo telefone, mas tenho a certeza de que está ansiosa por saber. Estão todos bem, Dr.ª Taylor, por isso pode deixar de tomar o antibiótico.» Seguiu-se uma pausa de alguns segundos. «Se quiser, estou aqui para falar... a qualquer hora. Tem a minha extensão, mas deixo-lhe o número do meu telefone de casa e do meu telemóvel, para o caso de precisar.»

Alex não anotou os números. Em vez disso, gravou a mensagem. Depois de um terceiro rum, esticou-se, puxou uma almofada do sofá e deitou-se no chão. Com a cabeça na almofada e as costas coladas à parede, observou a sala de estar profusamente iluminada com os olhos bem abertos.

Patrick não dissera que já não acreditava nela, mas o simples facto de não ter falado no assunto, a não ser na noite anterior, começava a ser esclarecedor. Perguntou a si mesma se pensaria que ela tivera alguma espécie de psicose e se a opção mais fácil seria deixá-lo concluir isso. Imaginou que os colegas estariam a pensar algo semelhante. A mãe e a irmã continuavam a não saber de nada.

E Maggie Fielding estava a oferecer-lhe uma hipótese de falar.

Alex sabia que um psicólogo profissional a ajudaria a separar a fantasia dos factos, os sonhos da realidade – se ela tivera alguma espécie de esgotamento nervoso, ou se imaginara tudo.

Todavia, sabia que não imaginara nada. O vestido – lembrou-se de como ficara surpreendida ao ver que o tinha novamente no corpo. Quando afastara o lençol, depois de Caroline a sentar na maca, olhara para ele, incrédula. Laura Best referira que todos os botões estavam abotoados. E estavam – cada um deles. Em forma de coração e delicados, estavam todos nas casas certas. No entanto, ninguém reparou como estava limpo. Supostamente, ela passara mais de três horas caída na relva debaixo das árvores. Todos tinham dito que o tempo estava horrível. Estava frio e húmido – e nenhum deles reparara que ela estava seca.

CAPÍTULO 6

Alex baixou-se e apertou os atacadores das sapatilhas *Nike*. Colocou o estetoscópio e o torniquete no bolso, prendeu o crachá com o seu nome, pôs duas canetas no decote em V da blusa e parou diante do espelho comprido. Por baixo da túnica verde, o cós das calças verdes estava largo. Ela sempre fora magra e tonificada por causa das corridas. Tinha sido a segunda corredora mais rápida nos cem metros durante dois anos consecutivos na universidade, baixando para o terceiro lugar quando uma rapariga de dezasseis anos correu pela primeira vez na pista, num frio dia de verão, e estabeleceu um novo recorde do *campus*. Alex lera vários artigos escritos sobre ela desde aqueles tempos e seguira a meteórica ascensão da atleta a campeã mundial depois de vencer a medalha de ouro nos Jogos Olímpicos de 2016.

Com a pele levemente bronzeada e o cabelo loiro-escuro acabado de lavar preso com um elástico na nuca, Alex parecia bem e cheia de vitalidade – à primeira vista. Um olhar mais atento e as olheiras eram visíveis por baixo da base. Enchera os olhos de *Optrex* e eles estavam brilhantes, mas apenas por causa da expressão de intensa determinação no seu rosto. Doíam-lhe as bochechas de tanto treinar sorrisos.

Durante o dia lutara contra a tentação de beber alguma coisa mais forte, mas no último momento, já de casaco vestido e pronta para sair do apartamento, a determinação enfraquecera e bebera um gole de vodca *Absolut* para tomar dois miligramas de diazepam. Se não tivesse cuidado, isto poderia facilmente tornar-se um hábito. Desde a noite do rapto bebia todos os dias. As férias tinham sido uma desculpa para beber, mas este gole antes de ir trabalhar não podia repetir-se. Era coragem conseguida à custa de bebida. Não voltaria a acontecer.

Respirou fundo e, tão preparada como alguma vez estaria, saiu do vestiário e entrou no departamento.

Era sexta-feira à noite e o Serviço de Urgência estava a rebentar pelas costuras. Ninguém olhou duas vezes para ela. No grande quadro branco destinado aos pacientes que estavam no serviço de observação havia um nome escrito em todos os cubículos. Ao fundo do corredor, equipas de ambulâncias esperavam para descarregar os seus doentes. Uma olhadela rápida ao computador mostrou que o balcão estava igualmente cheio. Viu Nathan Bell através das janelas da comprida divisória de vidro da sala dos médicos, a comer *Doritos* e a escrever no computador, e entrou para saber se ele estava pronto para fazer a passagem.

Nathan era esquelético e demasiado alto, e era incapaz de estar quieto, mesmo quando estava sentado. O seu pé direito batia constantemente no chão, provocando a contração do joelho e da coxa, e devia ser por isso que toda a comida rápida que ele consumia era queimada. Estava há um ano no serviço e revelara-se um bom médico, mas os pacientes retraíam-se diante dele. A mancha da cor de

vinho do Porto que lhe cobria o lado esquerdo do rosto era chocante. De vez em quando, Alex perguntava a si mesma se ele alguma vez explorara a possibilidade de fazer um tratamento com *laser* para diminuir a intensidade da cor vermelho-escura.

– Já vou ter contigo, mas não há pressa. Vou ficar até à meia-noite.

– Porquê? – perguntou ela. – Alguém se foi embora doente?

Ele abanou a cabeça, sem tirar os olhos do monitor, a ler resultados de análises.

– Não. A Caroline achou que, como é o primeiro dia desde que voltaste, seria bom teres algum apoio.

Disse aquilo sem rodeios, mas Alex desconfiou que Caroline não gostaria que ela soubesse. Na verdade, devia ter pedido a Nathan para encontrar uma razão plausível para ficar mais horas. Ele podia ter dito que era uma noite de sexta-feira, que a urgência estava muito cheia e que não tinha nenhum compromisso. Mas Nathan Bell não tinha grande jeito para disfarçar. Era direto e verdadeiro.

Alex preparava-se para lhe dizer que não havia necessidade de ficar quando um guincho estridente do intercomunicador encheu o ar.

– Não demoro nada – disse ele. – Dá-me só dois minutos.

Fiona Woods estava no centro de controlo com o intercomunicador numa mão e uma caneta na outra, enquanto se preparava para anotar os pormenores que o paramédico estava a dar-lhe. Os colegas à sua volta foram mandados calar para que ela conseguisse ouvir melhor o que a pessoa estava a dizer, e alguns dos pacientes e acompanhantes também pararam para poderem ouvir.

– Serviço de Urgência a receber – disse Fiona num tom calmo e claro. O seu novo penteado parecia uma tortura; uma trança francesa demasiado esticada que lhe repuxava as têmporas. O seu cabelo naturalmente frisado era uma coisa com a qual lutava constantemente, e Alex apostava que esta nova tentativa lhe valeria uma dor de cabeça no fim do turno.

– Temos uma jovem do sexo feminino, inconsciente no local. Neste momento, está com doze na escala de coma de Glasgow. Pressão sistólica, oitenta e cinco. Frequência cardíaca, cento e dez. Frequência respiratória, vinte e seis. Saturação de oxigénio, noventa e nove por cento. Sangramento através das calças de ganga, retal ou vaginal. Terminado.

Fiona premiu o botão de transmissão.

– Sabemos se ela está grávida? Terminado.

– Indeterminado. Temos resposta verbal, mas incoerente. Não temos historial. Terminado.

– A que distância estão? Terminado.

– Quatro minutos. Estamos no recinto do hospital. Ela chegou até aqui.

– Obrigada, tripulação 534. O Serviço de Urgência está à espera.

Alex foi diretamente para a sala de reanimação, com Fiona logo atrás. Quando entraram na zona de reanimação, Fiona avisou as enfermeiras do que estava a chegar. Alex ficou contente por estar de serviço; Fiona era uma enfermeira brilhante, e após sete anos nesta área de enfermagem havia muito pouco que não soubesse sobre medicina de urgência. Alex calçou automaticamente as luvas, colocou um avental de plástico verde e dirigiu-se para o compartimento número dois a fim de verificar o equipamento. Era o compartimento mais próximo para a equipa de uma ambulância e, consequentemente, o mais usado. Por conseguinte, era essencial verificar o *stock* antes e depois de cada paciente.

Na parede atrás da maca havia uma consola com equipamento. Um simples olhar bastou para

perceber que estava tudo no lugar, mas obrigou-se a verificar cada objeto. Fez as verificações em menos de um minuto e passou para outro equipamento; oxigénio e saco de reanimação, usados para auxiliar a ventilação, com uma máscara facial ajustável. Premiu botões e rodou interruptores, e monitores cardíacos iluminaram-se com alarmes a apitar enquanto procuravam uma fonte.

Na divisória que separava os compartimentos, Nathan estava a pegar em seringas e a pousá-las sobre a bancada; encheu algumas com soro e manteve outras prontas para colher sangue. Fiona Woods e outra enfermeira penduraram dois sacos de litro com fluidos aquecidos. Num alerta de prioridade dois, o radiologista e o laboratório de patologia estavam de prevenção. O mais importante era a preparação. Estarem prontos, estarem à espera e estarem preparados para o inesperado.

*

O sangue tinha passado através do cobertor branco, deixando uma grande mancha vermelho-escura. Pingara pela parte lateral da maca, para as rodas, e naquele momento estava a molhar o chão. O rosto da paciente estava branco sob a máscara de oxigénio. As pálpebras tremiam e ouviam-se pequenos gritos murmurados. Nos poucos minutos que tinham demorado a trazê-la para aqui, o seu estado deteriorara-se consideravelmente. Estava a esvair-se em sangue a cada segundo que passava.

Enquanto a posicionavam, Nathan Bell já lhe tinha colocado um torniquete no braço esquerdo e estava a introduzir uma agulha. O soro foi ligado e um saco de pressão colocado à volta da embalagem de um litro para que o líquido entrasse mais depressa no corpo.

– Temos algum historial? Um traumatismo? Alguma coisa? – perguntou Alex rapidamente, enquanto observava o corpo da mulher para fazer uma avaliação imediata. A perda de sangue era grande e a palidez do rosto e a brancura dos dedos eram alarmantes.

– Foi uma chamada do 112 – replicou o paramédico. – Ela foi encontrada dentro do recinto do hospital, claramente a tentar pedir ajuda. O casal que a encontrou disse que ela estava a gemer e depois caiu bruscamente à frente deles. No início não reagiu connosco, e depois, já na ambulância, ouvimos alguns gemidos.

– Temos um nome?

– Não verificámos os bolsos. Ela não trazia carteira, mas pode haver alguma coisa no blusão.

A mulher estava a emitir uns sons guturais, uns gemidos profundos, e Alex não gostou. Era demasiado interno, e o seu nível na escala de coma de Glasgow, a ferramenta que avalia a função neurológica e o nível de consciência dos pacientes, estava a cair.

Fiona Woods pegou na tesoura quando a outra enfermeira retirou o cobertor ensopado com sangue. As calças de ganga da mulher estavam encharcadas no gancho e até aos joelhos, e havia mais sangue a ser absorvido pela blusa verde-clara.

Fiona cortou o tecido com facilidade.

– Ela está a esvair-se – disse num tom urgente. – Não vou conseguir pôr um cateter aqui. E há coágulos nas calças.

Alex afastou-se da cabeceira da maca e inspecionou a descoberta. Sangue escuro coagulado estava misturado com fragmentos brancos.

– Parece matéria fetal. Põe isso numa bandeja. Anula a chamada da traumatologia e pede um obstetra e ginecologista com urgência. – O pedido traria outros médicos... um anestesista e um

cirurgião geral. – Temos uma hemorragia de classe III a passar rapidamente para classe IV. Quero mais pessoas aqui, agora.

Durante os vinte minutos seguintes foram introduzidos líquidos no corpo da jovem mulher e o bloco operatório ficou de prevenção. A ajuda pedida com urgência tinha chegado e, numa pressa controlada de atividade sincronizada, foi feito tudo o que era possível para estabilizar a paciente e facilitar um tratamento agressivo.

O anestesista estava a preparar-se para sedar a mulher. Todas as pessoas que a tratavam estavam tensas com a necessidade de a tirar do Serviço de Urgência com a maior brevidade possível, para que a hemorragia pudesse ser explorada e os vasos sanguíneos clampados, travando o que estava a causar toda aquela perda de sangue.

Alex encontrava-se de lado, a preparar o ventilador junto da cabeceira da maca, quando viu os lábios da mulher mexerem-se por baixo da máscara de oxigénio. Inclinou-se para o rosto da paciente e falou com calma, por cima do silvo do oxigénio, usando palavras semelhantes às que Caroline usara com ela.

– Olá, querida. O meu nome é Alex e sou médica. Está no hospital e está em segurança. Agora, vou ajudá-la. Pode dizer-me o seu nome?

A mulher pestanejou e os seus olhos azul-escuros fitaram-na. Alex viu uma concentração natural neles, uma expressão consciente, e sorriu calorosamente para a paciente em estado crítico.

– Olá, querida, está a falar comigo?

A voz soou fraca, a respiração difícil, e Alex percebeu que ela não ia sobreviver. Aquele momento poderia ser o último que esta jovem tinha para falar e Alex ignorou o anestesista que a mandava afastar-se para que ele pudesse fazer o seu trabalho. Ia dar este tempo à paciente.

– Diga à minha mãe que lamento. Diga-lhe que a amo. Sou tão estúpida... eu...

Estava a transpirar e Alex tornou a colocar-lhe rapidamente a máscara de oxigénio.

Fiona surgiu ao seu lado, sorrindo para a paciente, e falou num tom suave, mas firme.

– Ela tem de sair daqui já, Alex.

Alex acariciou a testa da jovem.

– Eu digo-lhe, querida, mas vai ficar melhor e vai dizer-lhe pessoalmente.

– Alex! – ordenou Fiona entre dentes cerrados.

– Dr.ª Taylor, tem de deixar o anestesista sedá-la – declarou Maggie Fielding com calma, e a sua voz transmitiu a Alex a urgência da situação.

Alex olhou para a equipa médica que a rodeava e viu impaciência estampada nos seus rostos.

– Dr.ª Taylor, temos de a ajudar! – disse Maggie por todos os presentes.

De repente, as pálpebras abriram-se mais e os olhos da mulher estavam cheios de medo.

– Disse que me ia ajudar. Disse, disse... – Os seus olhos reviraram-se. E depois um sussurro de últimas palavras: – Eu devia ter dito «sim»...

CAPÍTULO 7

Ainda teria de ser confirmado pela família, mas um cartão de débito da NatWest e um Barclaycard encontrados numa carteira no bolso do blusão de pele identificavam-na como Amy Abbott.

O óbito fora declarado duas horas antes e ela ainda não tinha sido retirada da sala de reanimação. Amy Abbott não seria transportada pelos corredores até à morgue. Em vez disso, a ambulância particular do Instituto de Medicina Legal encontrava-se à entrada, pronta para a levar. As suas roupas tinham sido colocadas em sacos, as notas médicas fotocopiadas, o corpo sujeito a uma rápida inspeção. Um agente da Polícia estava ao lado da maca, a guardá-la até ao momento em que seria recolhida.

Alex queria pentear-lhe o cabelo escuro, lavar-lhe as mãos manchadas de sangue e retirar o hediondo tubo respiratório que lhe saía pela boca, mas não fez nada. Amy Abbott já não era sua paciente. Agora, era da responsabilidade do Instituto de Medicina Legal. Iam abri-la, retirar os órgãos do corpo, e cada um deles seria dissecado e examinado ao microscópio até haver uma explicação para a sua morte.

Alex estava parada no mesmo sítio onde estivera na última hora. Não atrapalhava a Polícia, mas estava bastante perto para ver o rosto de Amy. Não havia paz nas feições daquela mulher. Tinha os olhos muito abertos numa expressão de surpresa fixa e os lábios estavam afastados com plástico rígido.

Um polícia à paisana chegou e Alex viu-o falar com Nathan Bell, com Maggie Fielding e com o anestesista num canto. O homem olhou para ela e fez um pequeno aceno com a cabeça, sugerindo que sabia quem ela era. Foi o anestesista quem mais falou, e pelas mãos a gesticular, apontadas duas vezes na sua direção, parecia culpar Alex pela situação.

Logo a seguir às últimas palavras de Amy Abbott, o anestesista empurrara Alex com brusquidão e assumira o controlo da situação. Tentara reanimar a mulher durante mais trinta minutos, a ventilar manualmente enquanto Nathan Bell fazia compressões torácicas. Quando Alex disse que teriam de avisar o Instituto de Medicina Legal, ele concordara em silêncio. Qualquer morte súbita por causa desconhecida tinha de ser comunicada, mas quando Alex declarou que estava convencida de que Amy fora assassinada, as sobrancelhas do colega ergueram-se numa expressão de incredulidade e ela ouviu-o claramente dizer, com os dentes cerrados: «Oh, céus. *Tu és* a tal», deixando Alex com poucas dúvidas de que havia muitas conversas sobre ela e que ele sabia do seu rapto e, pelo tom, não acreditava.

Fiona Woods e os outros enfermeiros desviaram o olhar, embaraçados. Nathan Bell tinha batido com o pé no chão e estava a mexer no equipamento que se encontrava na bancada. Mas Maggie

Fielding surpreendeu-a. Sob o pretexto de desligar o oxigénio atrás dela, segurou-lhe o ombro num gesto de consolo e disse-lhe palavras de apoio.

– Fizeste tudo o que podias – afirmou.

O agente da Polícia de fato cinzento aproximou-se.

– Dr.ª Taylor? O meu nome é Greg Turner. Sou inspetor da Polícia. Há algum sítio tranquilo para podermos conversar?

Alex reparou numa nódoa brilhante que manchava a gravata com um padrão escuro e viu que o colarinho da camisa branca estava enrolado nas pontas. O inspetor não devia ter mais de trinta e poucos anos, mas o cabelo escuro ondulado começava a ficar grisalho e viam-se pequenas rugas em volta dos cansados olhos verdes.

Alex descalçou as luvas de borracha, enfiou-as no bolso e levou-o para a tranquila sala das famílias. Afundou-se numa das grandes poltronas baixas e ele imitou-a, deixando um espaço de apenas alguns centímetros entre os joelhos de ambos.

– Porque é que decidiu chamar-nos? – perguntou ele, com as mãos pousadas no colo. – Porque sabia que ela estava desaparecida? Que era a Amy Abbott? Uma enfermeira que trabalhava neste hospital?

Alex pigarreou enquanto tentava encontrar as palavras certas para parecer uma profissional a tentar ajudar.

– Só soube quem ela era quando já estava morta. Só soube depois de fazer o telefonema. Ouvi dizer que trabalhava aqui, mas nunca a conheci. O que me fez telefonar-vos foi o que ela disse.

O seu silêncio levou-o a perguntar o óbvio.

– Que foi?

– Ela não conseguiu falar muito. Estávamos a preparar-nos para a anestesiar quando percebi que estava a tentar falar. Pediu-me para dizer à mãe que lamentava, que tinha sido estúpida. E depois disse: «Devia ter dito 'sim'».

A expressão de Greg Turner foi difícil de ler. Os olhos não traíram os seus pensamentos e a pergunta seguinte também não.

– E sentiu que era um motivo suficiente para nos chamar?

– Sim.

– Porquê?

Alex pressionou as costas contra a poltrona e desejou que a sala fosse maior para poder andar de um lado para o outro. Seria mais fácil falar de pé, sem estar tão perto daquele homem.

– Há duas semanas aconteceu-me uma coisa, uma coisa em que acho que a sua colega não acreditou. Ia encontrar-me com o Patrick, o meu namorado, no parque de estacionamento. Tinha acabado um turno tardio. Fui deixada inconsciente e quando acordei estava nas mãos de um homem. Fui... escute, talvez seja melhor falar com a detetive Best. Ela tem todos os pormenores. Eu... não é por ser difícil falar sobre o assunto. É só... Bem, se quer saber a verdade, não sei se vai acreditar em mim.

Inesperadamente, começaram a escorrer-lhe lágrimas pela face.

Greg Turner tirou alguns lenços de papel de uma caixa e ofereceu-lhos.

– Bem, é óbvio que a doutora acredita. Se não se importa, antes de mais nada preferia ouvir a história contada por si.

Durante a meia hora seguinte, Alex contou-lhe tudo, incluindo a TAC e as férias em Barbados.

– E este é o seu primeiro turno desde que voltou? – foi a primeira reação do inspetor.

– Sim.

– Acha que pode ter sido demasiado cedo?

Alex fechou os olhos, frustrada, e suspirou com resignação.

– Dr.ª Taylor, quer isto tenha acontecido quer não, a senhora é médica. Aconselharia outra pessoa a voltar ao trabalho tão depressa? A senhora passou por uma experiência extremamente perturbadora.

Alex sentou-se direita, com os ombros para trás e o queixo mais levantado.

– Foi por causa do que ela disse. Ele disse-me o mesmo a mim.

– As palavras dela podiam significar qualquer coisa, Dr.ª Taylor. O «sim» podia significar imensas coisas. A autópsia vai ser feita amanhã de manhã. Nesta fase, o melhor é esperarmos pelo resultado. Os pais da Amy já vão ter muito que processar quando souberem que a filha morreu. Está fora de questão dizer-lhes que pode ter sido assassinada. Quando voltar para a esquadra, vou ler o depoimento que fez à detetive Best e vou verificar em que ponto está a investigação. Quando souber alguma coisa, telefono-lhe. Entretanto, quero pedir-lhe para não espalhar boatos a respeito do que aconteceu esta noite. Não vai fazer bem nenhum aos pais da Amy e, com toda a franqueza, também não lhe vai fazer bem nenhum a si.

– Acredita em mim? – perguntou Alex corajosamente.

Ele levantou-se. Endireitou o casaco do fato e abotoou o segundo botão.

– A doutora viveu momentos stressantes. Talvez tenha voltado ao trabalho cedo de mais. Tenho a certeza de que os seus colegas compreenderiam se precisasse de mais tempo. – Sorriu-lhe com delicadeza. – O seu trabalho é difícil. Tenho a certeza de que é desgastante ver tanta dor. Porque é que não dá mais algum tempo a si mesma?

CAPÍTULO 8

A pele das mãos estava vermelha e os dedos pareciam pesados e inchados. Desde que chegara a casa que estava sentada na cabine de duche, com os joelhos puxados até ao peito e os braços à volta deles. As roupas do hospital estavam encharcadas, coladas ao seu corpo trémulo, e os olhos ardiam-lhe das lágrimas que ainda caíam.

Por cima do som da água a cair do chuveiro ouviu o telefone tocar várias vezes e teve a certeza de que seria Fiona ou Caroline, porque naquela altura Caroline já saberia o que acontecera no seu departamento. Ainda não estava preparada para falar com elas. Não iam acreditar, por isso de que adiantava? Nathan Bell tentara impedi-la de sair para a noite escura, mas Alex estava determinada a desaparecer daquele lugar. Para onde quer que olhasse via preocupação e confusão nos olhos dos colegas. Fiona Woods dera-lhe um abraço apertado, mas até ela, depois da preocupação inicial, revirara os olhos de exasperação quando Alex tentara explicar, e ela perdera a vontade de lhe fazer confidências.

Eram melhores amigas, não apenas colegas; cada uma apoiara a outra em momentos de *stress*, e choravam no ombro uma da outra quando era preciso. Tinham chorado juntas por causa dos piores casos, acima de tudo mortes de jovens, afogavam as mágoas e apanhavam uma bebedeira. Fiona era uma das poucas pessoas que sabiam o que lhe acontecera treze meses antes. No entanto, parecia que esquecera tudo. E quem podia censurá-la?

Vira Alex perturbar uma noite já extremamente ocupada na urgência, causando enormes atrasos a todos. Quando Nathan sugerira que ligassem a Caroline, Alex passou-se. A sua raiva foi incontrolável e gritou obscenidades para as paredes na sala dos funcionários.

Nathan estava chocado e recuou prudentemente, enquanto Fiona afastava todas as pessoas que tentavam entrar na sala. A mancha cor de beterraba que ele tinha no rosto, mais roxa do que nunca, petrificou-a até a sua visão a repugnar ao ponto de correr para a porta.

Derrubou uma iúca num vaso e tombou uma bandeja com chá durante a saída pouco digna, deixando mais caos e arquejos de incredulidade atrás de si.

Perguntou-se como é que a sua vida chegara a isto. Tinha colado os cacos, seguira em frente e esquecera aquela stressante situação. A cada mês que passava, premia o botão de pânico com menos força, observava as sombras com menos frequência. Depois de conhecer Patrick, o medo diminuíra gradualmente e ao fim de um ano estava contente por ter tomado a decisão de ficar em Bath em vez de se acobardar e voltar para o Queen Mary's. Tudo o que acontecera tornara-se uma recordação distante, que ela pensava que nunca mais se repetiria. Mas agora ali estava, passados treze meses, a lidar com uma coisa mil vezes pior.

Isto era diferente. Este homem não se contentava com possuir uma mulher contra a sua vontade.

Queria a sensação e o sabor de sangue nas mãos. Ele estava lá fora, em liberdade, talvez até a escolher a próxima vítima, e a Polícia nem sequer estava preparada para acreditar na sua existência. Como era isso possível? Ela seria uma vítima tão inverosímil? Estava a ser ridicularizada pelas costas e, pela conversa daquele anestesista, era conhecida em todo o hospital como «a tal». «A que enlouqueceu», desconfiou Alex.

Desejou *ter* perdido a cabeça. Desejou que fosse um esgotamento, porque nesse caso haveria alguma possibilidade de voltar a recompor-se, de continuar com a sua vida em vez de estar sempre a pensar porque é que ele a deixara viver, porque é que a deixara na dúvida sobre se fora violada ou não. Não tinham sido encontrados sinais físicos; não havia lesões internas nem marcas nas coxas, mas, afinal, ela não teria oferecido resistência que as causasse. Estava sedada, e não havia forma de o impedir nem de saber o que ele lhe fizera. Teria sido esse o plano dele? Fazê-la pensar que ia morrer, que ia ser violada? Uma mente marada. Um sádico a fazer o que o excitava.

Fossem quais fossem as razões dele, a vida normal de Alex fora-lhe roubada e substituída por algo que nunca mais poderia ter qualquer semelhança com a normalidade. Revivia os acontecimentos todos os dias, ouvia de novo as suas patéticas tentativas de o dissuadir. E durante todo aquele tempo estivera ali deitada a pensar que estava presa, ferida, impotente.

Ela, mais do que a maioria das mulheres, tinha imaginado como reagiria se alguma vez enfrentasse um homem como aquele: os gritos que daria, os arranhões e dentadas que infligiria, como o dominaria. E na última cena estava sempre a correr, a ver uma luz, a ver uma pessoa pronta para ajudar, e depois estava a ser consolada, a chorar de alívio enquanto toda a gente a rodeava, protegendo-a – e acreditando nela.

Ela era corajosa. Uma sobrevivente. Uma mulher que podia fazer *e faria* tudo quando era confrontada com o inimaginável.

Mas isso acabara.

Esticou a mão para a garrafa de vodca e bebeu mais um gole. Não regressaria ao trabalho naquela noite, por isso de que adiantava manter-se sóbria? Pelo menos isto talvez a ajudasse a esquecer.

CAPÍTULO 9

Calçava socas azuis de pele e uma bata cirúrgica por cima do fato de treino. Passou pela zona da receção sem ver ninguém, mas não ficou muito surpreendida. Ainda estavam a meio da noite e não havia nenhum rececionista de serviço.

Alex decidira parar de beber e voltar ao hospital depois de se arrastar para fora da cabine de duche quando a água ficou fria, antes de perder a coragem e ser completamente dominada pela decisão de nunca mais voltar.

Foi diretamente para os blocos operatórios. Queria vê-los durante a noite, quando havia menos gente a entrar e a sair, e determinar se *haveria* alguma forma de ter sido transportada para ali sem que ninguém reparasse.

Até agora, parecia bastante possível.

À entrada de cada edifício havia cadeiras de rodas prontas para serem usadas, e no corredor do piso inferior, por baixo da sala de operações principal, estavam alinhadas algumas macas abandonadas. Se ela tivesse sido colocada numa daquelas macas, tapada com um cobertor e empurrada por alguém que usasse roupa do bloco, ninguém teria motivos para mandar parar a pessoa e interrogá-la.

Se alguém a apanhasse a andar por ali, teria de dar uma explicação. Mas como estava vestida como todos os funcionários do departamento de cirurgia, se fosse parada e questionada poderia dizer que tinha vindo buscar alguma coisa.

Na sala de operações dois, a sala de traumatologia, estava a decorrer uma cirurgia. A caixa luminosa com o aviso «Em Utilização» por cima das portas duplas estava acesa, e ela perguntou-se com uma sensação de culpa se o paciente viera do Serviço de Urgência, e se Nathan Bell ficara o resto da noite ou se chamara outra pessoa, possivelmente Caroline, para o substituir.

Havia dezoito salas de operações no hospital: oito no bloco principal, cinco no ambulatório, três na maternidade e duas que já não eram usadas. As salas de operações fechadas eram as mais antigas e agora eram utilizadas como uma zona de consultas externas. Havia rumores de outras salas de operações da Era Vitoriana abaixo do nível do chão, que estavam desativadas e que ela nunca vira, inacessíveis e fechadas não apenas para o público, mas também para os funcionários. Dizia-se que tinham ficado inundadas há cerca de cem anos, e, em vez de serem restauradas, haviam sido construídos novos edifícios acima do nível do chão. Perguntou-se se valeria a pena explorá-las, para ver até que ponto eram inacessíveis, e a quem teria de pedir autorização. A sala de operações onde ela estivera era moderna, com muitos sons de monitores e maquinaria, e com um silvo de oxigénio. Primeiro, procuraria nos departamentos modernos.

Avançou pelo corredor e entrou depressa e em silêncio em cada sala, perscrutando os tetos e o

espaço em redor com olhos críticos, mas não encontrou o que procurava. Ao aproximar-se da sala de operações oito, ouviu o som de rodas no chão e escondeu-se rapidamente. Esforçou-se por ouvir para onde ia a maca enquanto os seus olhos se fixavam numa placa de bronze na parede do corredor. Era um memorial ao departamento, e as palavras pareciam troçar do seu atual apuro.

A luz de todas as boas ações é eterna.

E a escuridão das más ações? Também era eterna? Ou era algo que as pessoas tinham de perdoar para passarem pelas portas do paraíso? Perdoa a quem peca contra ti e terás um livre-trânsito para o céu.

Arriscou e espreitou para o fundo do corredor. Como não viu ninguém, saiu do seu esconderijo e dirigiu-se para a sala de operações oito. Abriu as portas duplas e entrou na sala de anestesia. Era relativamente pequena, com espaço e equipamento suficientes para o anestesista fazer a primeira parte do seu trabalho. Havia armários de medicamentos fechados à chave, bancadas de trabalho de cada lado de uma maca do bloco e uma pequena máquina de anestesia.

Alex abriu o segundo par de portas duplas e entrou na sala de operações.

Uma das paredes estava forrada com uma folha de aço – uma consola com dúzias de interruptores e tomadas, e lâmpadas de raio-X em molduras de vidro para visionamento de radiografias. Alex manteve as luzes apagadas e aproximou-se da mesa de operações. A luz que passava pelos vidros foscos da sala de anestesia era suficiente para se orientar, e conseguia ver o nítido contorno do candeeiro redondo suspenso por cima da mesa de operações. Não estivera aqui.

Apesar de ser redondo, este candeeiro tinha um diâmetro muito maior e contou sete lâmpadas. Um manípulo de posicionamento de um lado estava saliente como uma antena fixa. Quando as luzes estavam acesas, se a pessoa estivesse sob o efeito de fármacos seria perdoada por pensar que havia um inseto gigante com sete olhos a observá-la.

Os seus ombros caíram quando o senso comum se impôs. Aquilo era uma disparatada perda de tempo. Como é que poderia descobrir as luzes sob as quais estivera deitada? O que vira, de facto? O formato de um grande candeeiro redondo, talvez mais pequeno do que aqueles que acabara de inspecionar? Mas a verdade é que podia ser qualquer um dos que acabara de inspecionar. Ela ficara encandeada com o brilho.

Ouviu as portas duplas exteriores a serem abertas e ficou tensa. Imóvel e em silêncio na escuridão quase total, viu os contornos de alguém através dos vidros foscos. A pessoa era alta e estava vestida de azul. Cirurgião ou anestesista. Percebeu pela touca cor-de-rosa forte. Para alguns era uma declaração de estilo, mas outros usavam cor porque reconheciam a necessidade de serem facilmente identificados como médicos no meio das toucas azuis que eram usadas por todos os outros.

Convenceu-se de que ia ser apanhada e o coração bateu desenfreadamente. Ouviu o tilintar de chaves e a porta de um armário a ser aberta. Passados alguns instantes, ouviu a porta metálica ser fechada com força e as portas exteriores que davam para o corredor foram abertas de novo. A seguir, silêncio.

A tremer de alívio, Alex respirou com mais facilidade. Tinha de ir para casa, de se afastar deste lugar e das suas recordações. Fechar a porta do seu apartamento à chave, beber vodca e sentir menos medo de sombras escuras. Faltava-lhe a coragem para continuar a investigar sozinha.

CAPÍTULO 10

Greg Turner desabotoou o botão de cima da camisa e soltou a gravata. Sentiu cheiro a suor na axila e fez uma careta. Dali a pouco desencantaria outra muda de roupa e tomaria um duche na sala do pessoal. Na noite anterior vira os olhos da Dr.ª Taylor pousados na mancha da gravata e sentira vontade de cruzar os braços. Era raro sentir-se constrangido, mas ela tinha alguma coisa – uma frescura, o cabelo limpo ou talvez os olhos vulneráveis – que o fazia querer manter alguma distância até estar lavado, barbeado e com uma gravata que não precisasse de esconder.

Suspirou. Dormir na cadeira do gabinete não fora boa ideia, mas não lhe parecera que valesse a pena ir a casa depois de ter terminado tão tarde. Nos últimos tempos, a carga de trabalho estava a levá-lo quase ao limite, e podia ter dispensado a viagem ao hospital. Implicava mais trabalho, e horas que não podia dar-se ao luxo de perder nos outros casos que tinha em mãos. E a visita à casa dos pais de Amy Abbott deixara-o com os gritos de tristeza de mais uma família na cabeça.

Não conseguia decidir-se a respeito da Dr.ª Taylor. Ela parecia bastante lúcida, mas a sua história! Era uma loucura.

A pancada na porta era esperada, e Laura Best entrou no gabinete. O cabelo loiro com um *bob* curto era elegante e macio. A blusa branca sem colarinho, de corte justo, estava engomada e limpa. Imaculada como sempre e pronta para um novo dia, Laura Best causava boa impressão.

Estava no Departamento de Investigação Criminal há dezoito meses e Greg sabia que ela era ambiciosa. Os colegas chamavam-lhe gananciosa porque estava sempre de olho no relógio, mas não pelo motivo habitual. Laura Best nunca se importava de ficar até tarde. Não parecia dar pelo tempo a passar.

Não, a alcunha secreta nascera porque os colegas sabiam que Laura estava de olho no seu futuro. Ela deixara escapar que queria ser inspetora antes dos vinte e oito anos, e não havia dúvida de que falara a sério. Estava determinada a deixar a sua marca no departamento. Até ao momento, os seus casos eram não apenas bem-sucedidos, mas todos os documentos estavam duplicados e colocados nas mãos certas antes mesmo de as portas das celas serem fechadas. A verdade é que o seu sucesso se devia, em grande medida, a uma criteriosa seleção de cada caso. Só queria vencedores inequívocos – e com resultados rápidos –, deixando os casos morosos para outros.

Era uma pessoa que se mantinha calma mesmo em situações difíceis e era admirada pela maioria dos colegas, mas Greg não confiava nela. E não porque estava a fazer tudo para chegar ao seu nível; não tinha nada que ver com o trabalho. Era pessoal.

– Pareces cansado – foi o primeiro comentário dela. – E estás com a mesma roupa de ontem à noite.

Se não fosse pessoal, ela não se teria atrevido a falar-lhe num tom tão casual.

– E tu, Laura, como sempre, estás fresca como uma alface.

– Talvez seja porque faço exercício físico, não bebo e não fumo – replicou ela, olhando com uma expressão contundente para uma lata de *Coca-Cola* vazia no parapeito, onde sabia que ele deitava as beatas dos cigarros.

Na esquadra era estritamente proibido fumar e Greg respeitava quase sempre essa regra, mas de vez em quando cometia um deslize, quando a chuva caía com força lá fora às primeiras horas da manhã – como acontecera na noite anterior. Ou a seguir ao sexo, que acontecera apenas uma vez neste gabinete. Com Laura Best.

– Então, como está a médica louca? – perguntou ela. – Já leste o meu relatório?

Ele acenou com a cabeça. Pedira-o na noite anterior, quando voltara para a esquadra, e quase teria concordado com a conclusão de Laura se não tivesse conhecido a Dr.ª Taylor. Ela não parecia louca. Tensa e chorosa talvez, mas louca? Afastou o pensamento incómodo.

– Então, estás convencida de que não há a mínima possibilidade de este rapto ter acontecido? A busca foi minuciosa?

– Está no meu relatório. Os agentes foram meticulosos. Se o deixássemos, o sargento McIntyre teria espreitado por baixo dos lençóis dos pacientes. O recinto exterior e todos os pisos foram passados a pente fino. – Laura riu-se com ironia. – E é evidente que há uma possibilidade, Greg. Estamos sempre a ver este tipo de coisas. Aliás, se espreitares pela janela talvez vejas um elefante a voar.

Confundiu o silêncio dele com aprovação e, sem se rir, continuou a destruir o carácter da médica.

– A mulher é louca. Nem sequer os colegas acreditam que aquilo aconteceu. A opinião deles é que está em choque. Mas queres saber qual é a minha opinião? – Inspirou, sem esperar por uma resposta. – Ela perdeu um paciente naquele dia. Um bebé, nada menos. Acho que a Dr.ª Taylor se passou. Aconteceram tantas coisas más que a cabeça dela entrou em curto-circuito. Ou... – Calou-se. – ...inventou isto tudo por um motivo diferente.

Greg olhou-a com dureza. Apesar de ela ter apresentado alguns argumentos válidos, o tom com que proferiu aquelas palavras ofendeu-o.

– Não assassines a mulher, Laura. Tem um pouco de compaixão, está bem?

Os olhos e a boca da detetive ficaram redondos de surpresa.

– Compaixão! Se ela inventou isto tudo, tem de ser presa. No mínimo dos mínimos, devia ser despedida. Não te esqueças que há vidas de pessoas nas mãos dela. Gostarias que ela te tratasse?

Greg pensou que teria sido preferível ir buscar o relatório em vez de lho pedir. Na privacidade do seu gabinete, quando estavam apenas os dois, a familiaridade excessiva com que ela o tratava enervava-o. Lidava melhor com a situação fora do gabinete, no meio dos outros agentes, pois Laura não era tão atrevida, mas mesmo nessas alturas ficava com os nervos em franja, com receio de que ela abrisse a boca e revelasse o que acontecera naquele gabinete.

Nunca devia ter dormido com ela. Mas Laura apanhara-o num momento vulnerável. A comunicação do divórcio definitivo chegara na manhã daquele acidentado dia, e uma sensação de fracasso aliada a demasiado álcool levara-o a procurar o calor e consolo de outra mulher. Seis meses antes, ele dera-lhe uma poderosa arma. Uma arma que poderia pôr fim à sua carreira, se Laura alguma vez decidisse contar a alguém.

– Ela está a lidar com coisas que tu e eu nem sequer conseguimos imaginar – disse ele, tentando argumentar com ela. – O mais perto que tu ou eu chegamos daquilo que ela tem de aguentar são as

pessoas que encontramos com a vida por um fio. Mas é ela quem as salva. Ou não.

– É isso mesmo que eu estou a dizer – retorquiu Laura secamente. – Ela está a lidar com tanto trauma que imaginou que lhe aconteceu uma coisa horrível. – Voltou-se para sair, mas depois virou-se lentamente para trás. Os seus olhos perscrutaram o desalinho de Greg... o rosto a precisar de ser barbeado, o cabelo a necessitar de um corte e a gravata suja solta à volta do pescoço. – E agora chama-nos outra vez por causa de um suposto homicídio? Se estivesse no teu lugar, equacionaria a hipótese de um processo por fazer a Polícia perder tempo.

Depois de ela sair, Greg sentiu um gosto amargo na boca. Parou à janela do gabinete, contemplando a cidade onde nascera. Bath, uma cidade tão linda e única que era Património Mundial, uma cidade onde os ricos e nobres viviam há duzentos anos. Jane Austen, Thomas Gainsborough e Beau Nash tinham, sem dúvida, bebido as suas águas curativas ou relaxado nelas. A despertar para um novo dia, os contornos dos edifícios vitorianos eram tão familiares como a sua mão direita, mas já não sentia que o seu lugar era ali.

A sua casa já não lhe parecia a sua casa. A presença de Laura Best era um tormento constante e a seguir ao Ano Novo teria de tomar algumas decisões. Ou ela saía, ou saía ele.

Greg era uma década mais velho do que ela e ainda tinha ambições. Porém, aquela situação começava a minar a sua força. A mais pura das verdades é que nunca devia ter dormido com ela.

Estava cansado, e este tipo de pensamentos não eram saudáveis neste momento. Havia papelada referente ao caso de Amy Abbott para preencher e teria de assistir à autópsia. Afastou-se da janela e concentrou-se no trabalho.

De novo na sua secretária, Laura continuava irritada com a censura de Greg; não conseguia deixar de se perguntar se ele defenderia a Dr.ª Taylor com tanta veemência se ela fosse velha e gorda. Às vezes, Greg deixava-a tão zangada que lhe apetecia explodir. Ele tinha a capacidade de realçar o que ela tinha de melhor e de pior e, com muita frequência, o seu lado mais desagradável. Suspirou com amargura. Nunca devia ter dormido com ele. No momento em que chegara ao fim, percebera que Greg estava arrependido. Ele nem sequer conseguira olhá-la nos olhos. Para si, tinha sido mais do que humilhante, pois gostava verdadeiramente dele. Passara os últimos seis meses a tentar mostrar-lhe que não importava, que não esperava que aquilo desse em alguma coisa e que não contava que acabasse como um conto de fadas; teria ficado bem se ele tivesse tido pelo menos a decência de reconhecer que aquilo acontecera.

Laura respirou fundo, tentando acalmar-se. Ele usara-a para satisfação sexual e isso era algo que ela se esforçara ao máximo para perdoar. Mas estava farta. Estava farta de tentar conquistá-lo. Em vez disso, mostrar-lhe-ia do que era capaz. Quanto mais não fosse, provaria que a Dr.ª Taylor era louca. E depois poderia seguir em frente. Sentiu um nó na garganta ao recordar como ele a beijara e a náusea que sentira quando evitara olhar para ela depois. Era uma parva. Porém, aprendera a lição. Nunca mais baixaria a guarda. Fora uma valiosa lição. Agradeceu às suas estrelas por Greg não fazer ideia de como ela estivera muito perto de declarar os seus sentimentos, que, felizmente, tinham desaparecido. Agora, a única coisa que lhe importava era a carreira.

CAPÍTULO 11

As pancadas na porta principal acordaram-na do sono induzido pelo álcool. Levantou a cabeça pesada da almofada e obrigou-se a abrir as teimosas pálpebras. Era de dia, mas as luzes da sala continuavam acesas. As roupas encharcadas estavam espalhadas pela carpete, onde as despira, e uma garrafa vazia de vodca rebolou da sua barriga quando se arrastou para fora da cama improvisada.

– Já vou – gritou, apanhando a almofada e o edredão do chão e enfiando-os debaixo do sofá.

No espelho da entrada, viu um rosto devastado. Olhos de panda olharam-na de onde o rímel escorrera na noite anterior, no duche. Estava com um aspeto horrível e provavelmente nem sequer as pessoas que a conheciam a teriam reconhecido.

Abriu a porta e espreitou por uma greta.

O agente da Polícia da noite anterior estava ali parado, com o mesmo fato, mas uma camisa diferente e uma gravata limpa.

– Posso entrar?

Alex recuou e deixou-o segui-la até à sala de estar. Não fez qualquer tentativa para apanhar as roupas molhadas ou para esconder a prova de que estivera a beber. Ele que pensasse o que lhe apetecesse. Afinal de contas, era o que toda a gente fazia. Porque é que ele seria diferente?

– Quer um café? – perguntou-lhe.

– Por favor.

Deixou-o sozinho, e enquanto a água fervia na chaleira lavou a cara e penteou o cabelo. Quando voltou, ele estava de costas, a olhar pela janela, e Alex reparou que o seu cabelo castanho era mais acobreado à luz natural. Um número muito reduzido de homens entrava no seu apartamento e perguntou-se se ele acharia que era demasiado austero.

– Que sítio fantástico – disse ele. – Pode, literalmente, sair e remar no Avon. Invejo-a.

– Costumo correr ao longo das suas margens e acho que é muito especial.

O apartamento situava-se na margem sul do rio Avon, e essa era a outra razão porque decidira comprá-lo, isso e o facto de os espaços públicos só serem acessíveis aos outros residentes e a segurança ser rigorosa. Sem dúvida que ele só conseguira chegar diretamente à sua porta porque era polícia.

Um tapete de pelo preto e uma mesa de apoio de vidro e metal cromado separavam dois sofás iguais de pele castanha. Candeeiros de pé com a cúpula prateada erguiam-se a grande altura antes de fazerem uma graciosa curva sobre cada um dos sofás, e um terceiro candeeiro, com um quebra-luz de fio cor de vinho, estava colocado num canto. Não havia ornamentos, além de duas jarras de cristal *Waterford* sem flores no aparador estreito e, entre ambas, um grande pedaço de madeira flutuante, seca até ficar com um tom cinzento prateado.

Alex deixara que Patrick a ajudasse a decorar o apartamento e aprendera a gostar do minimalismo do espaço até ver Greg Turner parado ao lado dos móveis de linhas direitas. Ele tinha um carácter terra a terra que sugeria que se sentiria mais à vontade em casa rodeado de objetos de madeira e materiais tácteis. Em pensamento, viu-o com as mãos sujas, a preparar um grande lume de carvão, com um cão a dormitar junto da lareira e a levantar a cabeça, ensonado, à espera de uma festa.

Abanou a cabeça, desesperada com as suas ideias fantasistas. O homem era um polícia que estava na sua casa, com um banal fato e gravata, e ela pusera-o em lugares diferentes por causa da cor do seu cabelo e por não se adequar à sua sala de estar. Na verdade, muito poucas pessoas se adequavam, a menos que usassem fatos de cerimónia ou vestidos de festa. Naquele momento percebeu que era um lugar frio – premeditadamente chique –, um lugar onde as pessoas não deixavam cair migalhas nem descalçavam os sapatos.

– Como se sente hoje? – perguntou ele, voltando-se para Alex.

– Sinto-me como se o meu cérebro tivesse estado numa misturadora. Dói-me quando mexo a cabeça.

Ele sorriu com uma expressão compreensiva.

– Tome paracetamol... para mim é o melhor remédio, mas a senhora é que é a médica, por isso tenho a certeza de que saberá o que é melhor.

– Um bom soro fisiológico é o que dou à maioria dos meus pacientes. Mas eu terei de me contentar com dois comprimidos de paracetamol. Passou a noite inteira a trabalhar?

– E também toda a manhã e tarde – respondeu ele. Viu a surpresa que se estampou no rosto dela. – Faltam quinze minutos para as quatro.

Alex ficou chocada. Passara quase dez horas deitada na sua cama improvisada. Voltara para casa depois de deambular pelas salas de operações até pouco depois das cinco da manhã, fora para a sala de estar e encostara-se à parede com o resto de uma garrafa de vodca. Estava convencida de que ainda era de manhã. Dali a cinco horas estaria de novo a trabalhar. Teria de assumir a responsabilidade pelos seus atos, teria de pedir desculpa por deixar Nathan Bell a aguentar o barco, por desestabilizar o departamento, por armar uma confusão dos diabos. Outra vez.

– Acabei de falar com o Instituto de Medicina Legal. Já recebi o relatório preliminar. Ainda estou à espera da toxicologia e de outros resultados, mas já temos o suficiente para continuar.

Ela respirou fundo, à espera do resultado.

– A conclusão do médico que realizou a autópsia é que foi um aborto autoinduzido.

Alex afundou-se no sofá. Tinha tanta certeza, estava tão convencida de que o seu atacante fora o responsável. Respirou, trémula, e tentou assimilar aquela revelação.

– Porque é que eles pensam que foi autoinduzido?

Greg Turner abanou a cabeça.

– Ainda não excluíram nada, mas as descobertas apontam nessa direção. As impressões digitais dela estão no instrumento.

– Que instrumento?

– Ela tentou fazê-lo pela via médica. Há a possibilidade de ter desmaiado enquanto estava a fazê-lo a si mesma, ou então estava com demasiadas dores para o retirar.

– Está a dizer que ainda estava dentro dela? Que é que ela usou?

– Uma cureta uterina. Não sei muito bem o que é. Perfurou-lhe o útero e ainda estava no interior do corpo quando foi autopsiada. O médico-legista declarou que a causa de morte foi choque

hemorrágico. Afinal, o que é?

– É um instrumento cirúrgico, com o formato de uma comprida agulha de croché, com um gancho em forma de lágrima. Serve para raspar o conteúdo do útero. É usado durante um aborto cirúrgico e *sempre* sob anestesia. Consegue imaginar alguma mulher a fazer aquilo a si mesma? Introduzir uma agulha na própria vagina? Lamento ser tão gráfica, mas é exatamente assim.

Alex viu a careta dele e reforçou a sua ideia.

– Porque é que ela faria aquilo a si mesma? Não aqui, não no Reino Unido, não no século XXI. Temos o serviço nacional de saúde e uma grande quantidade de clínicas privadas que estão ansiosas para ajudar. Porque é que alguma mulher correria um risco tão grande sozinha para se livrar de uma gravidez indesejada?

– Segundo o médico de família, ela andava deprimida há algum tempo, e piorou desde que soube que estava grávida. Ele estava a tratá-la por gonorreia e ela estava preocupada com a possibilidade de poder prejudicar o feto. Há duas semanas, falou com ele sobre a interrupção. Ele estava à espera de uma decisão.

Alex levantou-se de novo e acenou com uma mão, desesperada.

– Então, porque é que não foi falar com ele? Poderia ter obtido ajuda com facilidade.

– Ainda não sabemos porque é que ela fez isto. Era uma enfermeira licenciada. Talvez tenha pensado que conseguiria fazer aquilo sozinha. Ou talvez a depressão a tenha deixado desesperada. Estamos a tentar localizar o pai da criança. Os pais dela dizem que ela não tinha um namorado fixo, mas se conseguirmos encontrá-lo talvez ele possa esclarecer alguns pormenores, dizer-nos alguma coisa que não sabemos.

– Então, tudo o que eu lhe disse parece ridículo. Deve pensar que sou louca por vos ter chamado. Eu só pensei...

Greg Turner empoleirou-se no parapeito da janela e cruzou os tornozelos.

– Não conseguimos encontrar nenhuma ligação, Dr.ª Taylor. Li o seu depoimento e falei com a detetive Best. A doutora sabe que, naquela noite, foi efetuada uma meticulosa busca no exterior e no interior do hospital. Não encontraram nada. Todas as salas de operações foram revistadas. Em três delas decorriam cirurgias na altura em que disse que esteve numa. Toda a equipa que estava no bloco operatório naquela noite foi interrogada e todos concordam que seria impossível alguém ter ocupado uma das salas sem que se apercebessem. Os empregados de limpeza do turno da noite estiveram lá até depois da meia-noite porque houve um caso de uma bactéria multirresistente mais cedo numa das salas de operações e toda a equipa fez uma limpeza profunda. Infelizmente, o circuito de vigilância não chega à zona do parque de estacionamento onde foi encontrada, mas essa área foi revistada e havia ramos partidos há pouco tempo no chão, perto de onde a doutora estava caída.

Alex esforçou-se por manter a calma. Precisava de uma bebida; o café com uísque que tinha na mão não bastava. Queria o estímulo de uma coisa forte e não diluída que fosse diretamente para a corrente sanguínea.

– O meu vestido, que a sua colega ainda tem, é uma coisa em que acho que a detetive Best não reparou naquela noite.

Os olhos dele semicerraram-se ao perceber o tom com que ela referiu o nome da colega, mas deixou-se ficar sentado em silêncio.

– Estava seco, completamente seco... não consegui ver uma única marca. Eles encontraram-me caída no parque de estacionamento, à chuva, mas o meu vestido estava seco. Como é que explica

isso, inspetor Turner?

– Não explico. Mas talvez o laboratório possa explicar. Se ainda não foi analisado, vou tratar do assunto. Também vou falar com a detetive Best. Mas tenho a certeza de que ela teria reparado no estado do seu vestido. Ela é muito meticulosa.

Alex ruborizou-se ao ouvir a censura, mas não pediria desculpa. A detetive Best nem sequer tivera a decência de ligar para saber como ela estava.

– A detetive Best veio falar consigo passados alguns dias, mas a doutora estava fora. Os seus colegas disseram-lhe que tinha tirado uma semana de férias.

Alex mordeu o lábio inferior com força, para impedir que ele tremesse. Estava farta de chorar e de mostrar como era fraca. Respirou devagar e com firmeza até se sentir mais calma.

– Há duas semanas tinha uma vida normal. Tinha um emprego em que sou boa, colegas que confiavam nas minhas decisões. E agora está tudo desfeito. Não consigo pôr tudo como estava. O que faria, se estivesse no meu lugar?

Ele pegou na chávena de café com as duas mãos e esperou um momento antes de responder.

– Vi muitos homens e mulheres chegarem a um ponto de crise nas suas vidas. Um amigo meu que é polícia e estava de serviço durante um incidente está neste momento a fazer terapia para *stress* grave. Culpa-se pela morte de um transeunte que atravessou a estrada à frente do seu carro, que ia a grande velocidade. Apesar de ter sido ilibado de qualquer culpa, ele acha que devia ter adivinhado que, naquele preciso momento, um homem iria aparecer do nada e atravessar aquela estrada. O helicóptero que estava no ar não tinha avistado o homem, o agente que ia no lugar do passageiro ao lado do meu amigo não tinha reparado no homem, mas o meu amigo culpa-se. Fale com alguém, Dr.ª Taylor. A mente é uma coisa frágil. Pode enganar-nos quando menos esperamos e pode castigar-nos de uma forma que ninguém consegue explicar. Quando estiver pronta, conseguirá recompor-se. Voltará a ter uma vida normal.

CAPÍTULO 12

No seu quarto de infância, na casa onde crescera, as paredes beges ainda tinham as marcas de fotografias e pósteres colados com fita-cola, e ainda estavam penduradas grandes molduras de vidro com gravuras dos retratos que Andy Warhol fizera de Jackie Kennedy e Ingrid Bergman. O seu quarto de infância, onde dormira e sonhara com o futuro.

As pernas de Alex tremiam muito e só não caiu para dentro do roupeiro porque se segurou na porta. Estava a olhar para um vestido que era do mesmo tom de cor-de-rosa do que usava na noite em que fora atacada. O mesmo estilo de vestido, mas mais comprido, e o mesmo tipo de sandálias de tiras. A irmã, Pamela, olhava-a com uma mistura de raiva e ressentimento. Esta expressão não era nova; Alex sentia que sempre houvera ressentimento da parte da irmã mais nova. Tinham uma diferença de idades de dezoito meses, mas, em termos de maturidade, Alex sentira-se sempre muito mais velha.

Pamela crescera a acreditar que Alex alcançava as suas ambições sem esforço e que tudo o que fazia era conseguido com um estalar de dedos. Nunca lhe passara pela cabeça pensar nos anos que Alex dedicara aos estudos, e nas grandes festas, férias em família e eventos sociais a que faltara para poder manter-se concentrada e disciplinada até os exames estarem terminados, o futuro determinado e, sim, a sua ambição realizada.

Pamela estudara num instituto politécnico em vez de ir para a universidade, fizera um curso técnico em vez de um curso universitário, tivera empregos em tempo parcial em vez de pedir um empréstimo de estudante e começara a trabalhar como subgerente num hotel. Tinha passado os últimos anos a divertir-se: namorados agradáveis, amigos agradáveis, férias agradáveis, tudo agradável. Agradável e seguro, sem nada a estragar a sua felicidade a não ser o ressentimento infantil que sentia pela irmã mais velha. Nas poucas ocasiões em que as duas irmãs se encontravam e Alex era apresentada a quem estava com ela na altura, a pergunta «O que fazes?» era inevitável e Alex via a admiração nos olhos dos amigos de Pamela e a expressão de inveja nos olhos da irmã. O que mais irritava a irmã era o título. Ela gostava de títulos.

O futuro marido tinha um título. Possuía um título nobiliárquico, era lorde com assento na Câmara dos Pares e era descendente de uma longa linhagem de proprietários rurais das Terras Altas da Escócia. Estivera hospedado no hotel onde Pamela trabalhava e era um homem rico, um homem para além dos sonhos mais loucos da irmã. Ele tirara-a do emprego e ia casar-se com ela naquele dia. O rico e ligeiramente enfadonho Hamish, que Alex ainda estava a conhecer, escolhera a sua irmã mais nova quando, com uma conta bancária como a sua, poderia ter escolhido qualquer herdeira rica da alta sociedade.

Era Pamela quem tinha tudo, enquanto Alex continuava a pagar os empréstimos de estudante, a

debater-se com uma pesada hipoteca e tinha a vida a desmoronar. No entanto, Pamela insistia em sentir-se a pessoa que obtinha resultados dececionantes, a pobre coitada que era ofuscada pela irmã mais velha e académica.

– Qual é o problema do vestido, Alex? – Pamela empurrou-a para o lado para enfiar a mão dentro do roupeiro e tirar o vestido. – É a tua cor! Se tivesses arranjado tempo para vir vê-lo, podias ter dito que não gostavas.

Alex fechou os olhos, determinada a controlar-se.

– É ótimo, Pamela.

– Ótimo! Bem, obrigadinha, Alex. Eu comprei um vestido que pensei que ias adorar. Mas não, a única coisa que consegues dizer é: «é ótimo». Tens um belo bronzeado, arranjaste tempo para ir de férias, e agora, no dia do meu casamento, decides que não gostas do vestido.

Alex forçou um sorriso.

– Desculpa. Gosto. Não é o vestido. Eu gosto do vestido.

– Eu vi a tua cara.

Alex pensou se era o momento certo para contar à irmã o que acontecera.

– Juro que não é o vestido. Eu...

Os olhos de Pamela encheram-se de ressentimento.

– É o meu dia, Alex! Não o teu! Já tiveste os teus dias. A mãe está sempre a dizer-nos como a santa Alex salvou mais uma vida.

– Por favor, Pamela, não tem nada que ver com o vestido. Preciso de te contar uma coisa.

Pamela abanou a cabeça, com um falso sorriso estampado no rosto.

– Hoje não, Alex. Para variar, hoje o dia gira à minha volta.

A porta do quarto bateu e Alex ficou sozinha. Com mãos trémulas, pegou na carteira e tirou o saco de papel com que andara nos últimos dias. Encostou a abertura à boca e ao nariz e começou a respirar dentro dele até o ataque de pânico passar e a elevação do peito e os batimentos cardíacos abrandarem.

Uma gargalhada histérica subiu-lhe pela garganta enquanto se questionava de que adiantaria contar a Pamela o que acontecera. E chegou à conclusão de que não ia adiantar nada. A irmã pensaria que ela tinha inventado aquela história. Há treze meses, vira o ceticismo nos olhos dela quando lhe contara sobre a outra situação, e *isso* era credível, era uma coisa que muitas mulheres viviam. Como Laura Best sugerira, esta experiência recente podia ter saído diretamente do cinema.

A família estava reunida no rés do chão e os pais ainda se encontravam no quarto deles a arranjar-se. Patrick estava no jardim a divertir os convidados mais novos, sem dúvida com histórias do programa de televisão *Animal Hospital*, e aqui estava ela no seu quarto de infância com um saco de papel encostado à boca, a desmoronar-se.

Sob lustres de cristal, com a intensidade da luz reduzida para a noite, os cerca de duzentos convidados que se encontravam nos Salões da Assembleia dançavam ao som de música tocada por uma banda de *jazz* com seis elementos. Um grupo diferente tocara durante a refeição – um quarteto de cordas, com música ambiente. Não tinham sido poupadas despesas. Na abadia de Bath o coro era extraordinário, e quando uma solista cantou a *Avé Maria*, Alex sentiu-se em paz pela primeira vez em muito tempo. No altar, as flores caíam em cascatas de bege, perfumando o ar com o seu aroma, e,

enquanto deslizava até o altar, Pamela parecia uma princesa de contos de fadas. No salão onde decorria a receção, flores a condizer erguiam-se como fontes antes de caírem sobre colunas de pedra de tons claros.

Os canapés de vieiras, camarões-tigre, croquetes de peixe em miniatura e fatias de salmão eram servidos em folhas de bananeira por uma fila interminável de empregados e empregadas de mesa imaculadamente vestidos. As taças de champanhe eram constantemente enchidas com o melhor champanhe, muito antes dos discursos, e charutos enrolados à mão foram oferecidos a todos os homens.

Seria um casamento para recordar, para contar aos amigos, e sem dúvida chegaria à coluna social do *Telegraph* na segunda-feira de manhã.

Alex observou a irmã sem inveja e esperou com sinceridade que fosse feliz com Hamish, que o seu amor estivesse escrito nas estrelas. A avaliar pelo brilho nos olhos da irmã, e pelo rubor de felicidade que lhe coloria as faces, ela estava a ter um dia perfeito.

As duas tinham feito as pazes quando Pamela saíra do *Rolls Royce:* ao ver Alex com o vestido cor-de-rosa de madrinha, os seus olhos castanhos tinham-se enchido momentaneamente de lágrimas.

– Desculpa por ter sido uma cabra tão grande. Estou muito feliz por estares aqui.

Alex beijara-a com cuidado através do véu e aquele fora o seu melhor momento em toda a semana.

Do outro lado da mesa, Patrick estava sentado com um público de crianças pequenas que estavam suspensas em todas as suas palavras. Ele continuava a cuidar dos convidados mais jovens e ainda encontrava divertidas histórias de animais para os entreter. Olhou-o com ternura, e o recente desapontamento com ele foi temporariamente esquecido. Ele era um homem bom, um homem simpático; seria assim tão horrível da parte dele não querer falar sobre o assunto, não querer estar constantemente a ser lembrado do que tinha acontecido? Se ela tivesse ouvido a mesma história contada por Fiona, ou talvez por Pamela, era bem possível que fosse difícil acreditar que acontecera na realidade. Pelo menos ele estava disposto a acreditar nela. Não havia provas. Não era lógico. Ela sobrevivera a uma terrível provação virtualmente sem um arranhão, mas a Polícia não a levava a sério. E desconfiou que Fiona também não. Não que ela tivesse dito alguma coisa, mas parecia que andava a evitá-la. Falavam no trabalho, mas era sempre sobre os pacientes. Se o ano passado não tivesse acontecido, talvez Fiona tivesse acreditado na sua história, ou pelo menos aceitado que ela sofrera alguma coisa mais séria do que uma pancada na cabeça. Mas o ano passado tinha acontecido e Alex nunca saberia ao certo se Fiona acreditara nela naquela altura, ou se pensava que ela tinha alguma culpa.

Talvez não valesse a pena pensar no assunto. Estava viva. Talvez o homem que a atacara não representasse um risco para mais ninguém. Talvez fosse um paciente que fugira de uma enfermaria psiquiátrica durante uma noite e a apanhara durante as horas de liberdade. Se assim fosse, mais ninguém corria perigo. Foi um pensamento reconfortante e, enquanto o champanhe lhe turvava os sentidos habitualmente analíticos, dispôs-se a aceitá-lo.

Quando Patrick se voltou para ela e ergueu o copo num brinde, viu que os seus olhos a acariciavam e, pela primeira vez desde aquela noite terrível, sentiu vontade de ir para a cama com ele.

– Um tostão pelos teus pensamentos? – sussurrou ela.

Ele ergueu uma sobrancelha, parecendo refletir bastante.

– Oh, não sei. Bolo de noiva, confetes, a parte do «sim»... pensando bem, é muito intenso. – Mexeu a sobrancelha. – Não tenho tanta certeza em relação ao vestido de noiva estilo merengue.

– Chiu – disse Alex, a rir. – Ela está linda.

– Não consigo deixar de pensar – continuou ele, aproximando-se mais, com os lábios a tocar-lhe na orelha e a respiração a acariciar-lhe o pescoço – se ela tem um rolo de papel higiénico por baixo.

Alex soltou uma gargalhada e olhou-o nos olhos até ver um ligeiro rubor nas suas faces. O dia fora maravilhoso. Um ponto de viragem. Uma pausa em tudo o que acontecera antes. Ela não esqueceria, mas pelo menos podia continuar.

CAPÍTULO 13

Houvera um acidente em cadeia na saída 18 da autoestrada M4, envolvendo cinco carros e um autocarro cheio de idosos que voltava de uma viagem de fim de semana a Londres.

No vestiário dos funcionários, Alex gargarejou com um elixir forte e soprou para as mãos em concha para cheirar o hálito. O odor a menta garantiu-lhe que estava bem, mas como precaução acrescida desembrulhou uma pastilha elástica *Wrigley's* de hortelã-pimenta.

Não podia acreditar que se esquecera de que estava de prevenção, e admoestou-se mais uma vez. Felizmente, parara de beber muito antes do fim da festa de casamento e limitara o consumo durante o longo dia, pois não queria ficar embriagada. Sem uma análise ao sangue e sem soprar no balão era impossível saber se estava acima do limite. A ironia da situação não lhe passou despercebida: pela primeira vez não estava a beber porque precisava de esquecer, e agora encontrava-se numa situação delicada. Que imbecil. Era muito estúpido esquecer uma coisa tão importante como o facto de que tinha um trabalho para fazer.

Decidira não ligar para saber se alguém poderia encarregar-se da sua chamada, pois não queria dar mais motivos para que continuassem a arruinar a sua reputação.

Este era o seu choque com a realidade. De certa forma, ainda bem que tinha acontecido. Ela estivera muito perto do precipício com a bebida. Estava consciente de que o empregado da loja de bebidas do seu bairro começava a conhecê-la demasiado bem. Mas bastava. Já não precisava de fugir do medo.

Fixou um sorriso no rosto e saiu para o caos. O aviso de trinta minutos antes da chegada do primeiro ferido já passara há muito tempo e pessoas feridas faziam fila a todo o comprimento do corredor. Para onde quer que olhasse havia um frenesim de atividade, e por fim descontraiu. Este era o seu trabalho; era o que fazia melhor.

Tudo estava a correr bem. Mesmo exausta, sentia-se satisfeita com a forma como as coisas estavam a progredir.

Na reanimação, todos os compartimentos se encontravam ocupados. Todos os monitores apitavam e soavam alarmes. Os caixotes do lixo transbordavam e o equipamento usado amontoava-se à volta deles. Nas bancadas de trabalho, os contentores de plástico rígido amarelo para seringas estavam cheios até cima, seringas usadas jaziam abandonadas e médicos lutavam para arranjar pequenos espaços onde escrever as suas notas. Uma esfregona e um balde estavam encostados a uma parede; havia demasiados derramamentos para estarem sempre a chamar os empregados de limpeza. Era mais rápido a pessoa que se encontrava mais perto limpar o sangue, pois a última coisa de que precisavam quando o Serviço de Urgência estava tão caótico era de ter o chão molhado.

Os pacientes que ainda aguardavam para serem observados, apesar de necessitarem de atenção

urgente, estavam pelo menos mais estáveis do que os que passavam à frente deles. Sem contar com os feridos que conseguiam andar, até agora tinham sido tratados sete casos críticos e doze graves.

A equipa de traumatologia dividia-se entre os pacientes, e os médicos e enfermeiros extra estavam de serviço para tratar todos os feridos. Como sempre, Caroline tinha a situação controlada, mas Alex viu-lhe manchas de suor nas axilas, um sinal de que até ela estava a ter dificuldade em aguentar. Maggie Fielding havia sido chamada para tratar uma paciente e, por cima da cacofonia de terríveis ruídos de choros e gritos, alarmes a disparar com sons estridentes, telefones a tocar e máquinas a serem levadas de um lado para o outro, Alex ouviu-a consolar uma mulher ferida e ficou surpreendida ao perceber como ela podia ser meiga.

O paciente do compartimento quatro olhava para Alex com medo nos olhos e apertou-lhe o pulso num gesto desesperado.

– Não me vai deixar morrer, pois não, doutora?

Ela libertou a mão, esboçou um sorriso tranquilizador e em seguida fez uma segunda tentativa para introduzir uma cânula nas veias idosas.

– Vai ficar bem, George. Dê-me só um segundo para pôr esta coisa e depois posso dar-lhe o medicamento. Não tarda nada o seu coração vai estar a bater normalmente.

– Parece que vai explodir, se bater mais depressa.

– Fique quieto e calmo, a respirar esse oxigénio... e deixe o resto comigo.

O velhote não era um dos feridos do acidente em cadeia. Fora trazido de um lar e precisava de ir para a reanimação com urgência.

– Raios – sussurrou ela, e depois sorriu-lhe de novo. – As suas veias não querem vir brincar. – Passou para o outro lado da maca e apertou o torniquete no outro braço. Deixou a mão dele cair sobre a parte lateral da maca e baixou-se, apoiada num joelho. Deu algumas pequenas pancadas no antebraço e foi recompensada ao ver as veias salientes.

Fiona apareceu ao seu lado.

– Precisas de ajuda? – perguntou.

Alex sentiu que a oferta era genuína. O sorriso caloroso de boas-vindas de Fiona no início do turno transmitia um pedido de desculpa sem palavras. A expressão de crítica desaparecera dos seus olhos e Alex ficou agradecida.

– Podes ir buscar a adenosina. Não há espaço para pôr nada aqui. Está rotulada e preparada junto ao armário dos medicamentos.

George sorriu-lhes.

– Eu sou sempre um problema. Nunca conseguem pôr os tubos. Acho que as minhas veias encolhem quando veem as vossas agulhas.

Enquanto Alex inseria a cânula, Fiona foi buscar o fármaco. Passados alguns instantes, voltou.

– Podemos falar um segundo?

Alex seguiu-a até ao armário dos medicamentos e Fiona ergueu uma ampola vazia.

– Foi isto que preparaste?

Alex olhou, confusa. A etiqueta que ela tinha escrito estava na seringa. Tinha o nome de George Bartlett. Mas esta não era a ampola que ela usara. Se tivesse tomado aquele fármaco, George já estaria morto. A adrenalina 1:1000 teria levado o seu coração já perigosamente acelerado a bater ainda mais depressa.

– Eu... não compreendo – gaguejou. – Não fui eu que tirei isto. Juro. Outra pessoa deve ter posto

isso aí. Eu nunca lhe daria isto. Nunca na vida.

Fiona mordeu o lábio inferior, com os olhos fixos em Alex.

– Era a única ampola que aqui estava, Alex. Estava mesmo ao lado da seringa... neste tabuleiro de injeções. – Pousou de novo a ampola no tabuleiro e pegou na seringa.

Alex procurou freneticamente na bancada, recusando-se a aceitar que poderia ter cometido um erro daquela magnitude. A ampola vazia de adenosina tinha de estar algures. Tinha de estar. Ela tivera-a na mão. Lera bem o rótulo. Não cometera um erro.

– Alguém a deitou fora – exclamou. – E deixou cair esta ampola no meu tabuleiro por engano. Fala com os outros médicos. Aposto que um deles usou adrenalina nos últimos cinco minutos.

Os olhos de Fiona brilharam de angústia e Alex sentiu o coração bater com força no peito quando percebeu que a amiga acreditava genuinamente que ela cometera este erro terrível. E depois estremeceu quando percebeu como teria sido fácil aquele erro ter-se transformado numa catástrofe.

– Vai tomar uma chávena de chá, Alex. Eu vou chamar o Nathan para tratar disto. Digo-lhe que fizeste uma pausa de cinco minutos.

Alex sentiu um peso a fazer pressão atrás dos olhos e soube que estava prestes a chorar.

– Não, não posso fazer isso. Tenho de resolver esta situação.

– Está tudo bem, Dr.ª Taylor? – perguntou Maggie Fielding. – Importa-se que eu vá ao armário de medicamentos?

Alex desviou-se para lhe dar espaço.

– Está tudo bem. Eu... por acaso não usou adrenalina?

Maggie abanou a cabeça.

– Não, mas preciso de analgésicos para a minha paciente. – Parou de procurar no armário quando as duas mulheres que estavam ao seu lado se calaram. Olhou-as e percebeu que estavam imóveis. – Têm a certeza de que está tudo bem? Para quem é que eu devia ter tirado a adrenalina?

– Ninguém – respondeu Fiona rapidamente.

– Que é que se passa, Alex? – perguntou Caroline de repente atrás delas, furiosa. – Que é que está a acontecer com o Sr. Bartlett? Porque é que não o trataram?

Fiona voltou-se para o armário dos medicamentos e tirou a adenosina para mostrar à médica especialista.

– Estávamos só a preparar isto – disse.

Caroline pegou no tabuleiro de medicação com o nome de George Bartlett e na ampola vazia.

– Então, o que é isto? – Depois, espreitou para a seringa com um rótulo apertada na mão de Fiona. – Dá-me isso – afirmou, num tom que indicava que sabia que alguma coisa correra mal.

Fiona olhou para o chão quando lhe entregou a seringa.

A prática enraizada levou a médica especialista a verificar automaticamente a ampola.

– O que...

– Ele não tomou isso. Isso não é para ele – interrompeu Fiona sem demora.

– A sério! – replicou Caroline com sarcasmo, e as palavras seguintes foram pontuadas por incredulidade: – Tem o nome dele! Por isso é evidente que ia receber isto!

Alex escolheu o momento errado para soltar um suspiro trémulo e viu os olhos de Caroline encherem-se de choque. Percebeu que a chefe sentira o cheiro a álcool. Caroline observou-a, incrédula, antes de olhar para a seringa que tinha na mão. Por fim, levantou a cabeça e o desdém que Alex viu fê-la encolher-se até ao âmago de si mesma. Apetecia-lhe chorar; queria desesperadamente

explicar-lhe que aquilo não era culpa sua. Mas a aversão que viu nos olhos de Caroline disse-lhe que estaria a perder o seu tempo.

– Sai do departamento – ordenou Caroline Cowan em voz baixa.

Alex estava tão chocada que quase não conseguiu falar.

– Eu... eu...

– Ei, não há necessidade disso! – interrompeu Maggie Fielding no seu tom mais autocrático de médica especialista. – São duas pessoas que estão em causa aqui, Dr.ª Cowan. Não lhe parece que devia apurar os factos antes de começar a acusar um elemento da sua equipa? Ainda nem sequer perguntou de quem é a culpa. Só presumiu que a Dr.ª Taylor se enganou. – Olhou para Fiona. – A Dr.ª Taylor pediu-lhe para preparar um fármaco?

– Não! – retorquiu Fiona. – Pediu-me para ir buscar um fármaco.

Um ténue sorriso curvou os lábios de Maggie e o seu tom foi ríspido.

– É a mesma coisa.

Os olhos de Fiona chisparam e o seu queixo inclinou-se numa expressão de indignação.

– Não! Não é a mesma coisa!

Caroline não falou durante aquela troca de palavras. Continuava a olhar fixamente para Alex, e depois repetiu a ordem:

– Sai agora, antes que mande a segurança acompanhar-te.

Lágrimas picaram os olhos de Alex enquanto ela abanava a cabeça.

A voz de Caroline foi monocórdica, mas os seus olhos brilhavam de fúria.

– Falo consigo mais tarde, Dr.ª Taylor. Por favor, não torne este momento mais difícil do que já é. Quero que saia imediatamente do departamento.

Alex sentiu que dúzias de olhos a seguiam quando se dirigiu para a saída, com as pernas trémulas, mas sabia que aquela sensação estava apenas na sua imaginação. Todos os colegas estavam demasiado ocupados para reparar que o seu mundo acabara de se desmoronar.

CAPÍTULO 14

Se a desilusão pudesse ocupar um espaço físico, o gabinete de Caroline estaria a rebentar pelas costuras. O seu desapontamento era palpável. Foi educada e cortês, mas não havia calor no seu tom quando falou sobre o crime de Alex.

– Dizer que estou desapontada é um eufemismo. Convoquei esta reunião para lhe dar a oportunidade de explicar o seu comportamento antes de tomar a decisão de formalizar isto. Como pode ver, ainda não envolvi os Recursos Humanos; é uma oportunidade para termos uma conversa franca, só nós as duas. Se estiver de acordo, é claro. Compreende, Dr.ª Taylor?

Alex engoliu em seco e acenou com a cabeça.

– Sim, e agradeço por não ter formalizado isto.

– Bem, isso ainda está para decidir. Por isso, por favor, explica-te.

– Esqueci-me de que estava de prevenção – começou Alex, em voz muito baixa.

Caroline olhou-a, incrédula.

– Esqueceste-te? Esqueceste-te! Essa é a tua desculpa?

– É a mais pura das verdades – respondeu Alex, muito séria. – A minha irmã casou-se no sábado e esqueci-me completamente de que estava de prevenção.

Caroline inclinou-se para a frente na cadeira, com uma expressão severa.

– Bem, Alex, isto diz-me claramente que não estás concentrada no trabalho. Embora compreenda que estás a passar por um momento difícil, devias ter tirado mais tempo de baixa para te pores completamente boa.

Alex indignou-se.

– Boa de quê?

– Boa do que está a acontecer! Compreendes o que estou a dizer? Tens noção de como estou preocupada contigo?

Alex sentiu o ardor de lágrimas nos olhos. Adorava Caroline e respeitava-a mais do que qualquer outro médico que conhecia. Não queria que esta mulher perdesse a fé em si.

– Lamento tê-la desiludido. O que aconteceu ontem foi imperdoável. Sei que perdeu a confiança em mim, mas acredito verdadeiramente que estava capaz de fazer o meu trabalho.

– E é precisamente por isso que perdi a confiança, Alex. O que estás a dizer é o que todos os condutores embriagados dizem depois de provocarem um acidente: «Pensei que podia conduzir.» Que estupidez, rapariga! Estás a estragar a tua vida com este disparate. Quero-te na minha equipa, Alex. Tenho grandes esperanças para o teu futuro. Espero ver-te tornares-te especialista aqui um dia, mas se continuares assim vais estragar tudo. Passaste um mau bocado no ano passado, e estas últimas duas semanas mostraram que ainda não estás recuperada. Vai falar com alguém e resolve isso. Não

quero formalizar esta situação, mas terei de monitorizar o teu comportamento.

As lágrimas descontroladas escorreram pelas faces de Alex, e ela limpou-as rapidamente. Caroline acabara de dizer que não acreditava que ela havia sido raptada, que o que acontecera um mês antes estava na sua cabeça e fora imaginado por causa do «mau bocado» que passara no ano anterior.

– Escuta, tira mais algum tempo de baixa. Passa mais tempo com aquele teu namorado giro. Ele está preocupado, Alex. Está preocupado com o que andas a beber. – Sorriu para suavizar a mordacidade das palavras seguintes. – Disse que bebeste muito enquanto estiveram de férias. – Recostou-se na cadeira, já sem a expressão severa. – Pensa no que te disse. Pensa no teu futuro.

No carro, Alex tremeu de humilhação. Como é que ele se atrevia? Como se atrevia a falar dela nas suas costas? Ele traíra-a. Todos os abraços e consolo não valiam nada quando era capaz de lhe fazer uma coisa daquelas. Porque é que não lhe dissera diretamente? Podia ter-lhe dito que estava preocupado. Falado com ela sobre a porcaria da situação. Patrick comportava-se como se nada tivesse acontecido; era de admirar que ela andasse a beber? E quando é que tivera aquela conversa com Caroline? Quando é que se tinham tornado tão amiguinhos que achara que tinha esse direito? De todas as coisas que podia ter dito, nada poderia ser pior do que dizer à sua chefe que ela era uma bêbeda.

Pegou no telemóvel, martelou no ecrã até encontrar o número dele e, no momento em que ouviu a sua voz, gritou:

– Traidor!

As primeiras palavras dele chocaram-na.

– A Caroline tinha o direito de saber.

– De saber! Tu quase destruíste a minha carreira. Foi uma sorte não ter sido suspensa!

– Foi uma sorte um paciente não ter morrido por tua causa – retorquiu ele sem rodeios.

– A culpa não foi minha, Patrick. Não fui eu que troquei aquele medicamento.

– E infelizmente, Alex, não podes provar isso. Ninguém vai acreditar em ti, se pensarem que estiveste a beber. – A voz dele foi gélida e a raiva que Alex sentia desapareceu. Perdera toda a capacidade de lutar.

– Estás bem? – perguntou ele.

Ela ficou sentada em silêncio, incapaz de responder.

– Amo-te – disse Patrick.

– Mas ainda acreditas em mim? – sussurrou Alex. Ouviu o suspiro dele e passou-se. – Responde!

– Quanto mais penso no assunto, mais inclinado me sinto a pensar que isto foi uma alucinação, que a pancada na cabeça te confundiu. A Polícia não encontrou nenhum vestígio daquele homem, Alex.

Ela não tinha nada para dizer.

– Estás aí, querida? Fala comigo. Neste momento, não estás em ti.

– Lembras-te do que te disse sobre quando acordei naquela mesa de operações? – perguntou ela.

– Sim, mas...

– Disse-te que fiquei encandeada pelas luzes da sala de operações.

– Por amor de Deus, Alex. – O seu tom foi brusco. – Podia ter sido eu e o segurança. Nós tínhamos lanternas nas mãos. Estávamos a apontá-las para a tua cara.

– Então, já não acreditas em mim – declarou ela.

– Eu não disse isso – replicou ele suavemente.

Alex desligou a chamada e ele não ouviu a sua resposta.

– Disseste, sim – sussurrou com amargura.

Ir à festa dos médicos foi ideia de Fiona.

E uma má ideia, na opinião de Alex, mas iria, quanto mais não fosse para que ela tivesse uma noite divertida. Há muito que percebera que Fiona tinha muito pouco na sua vida além da amizade de ambas e estava consciente de que nas últimas semanas lhe prestara pouca atenção.

Na última quinta-feira de cada mês, a festa dos médicos decorria num lugar diferente – quer na cidade quer no hospital. Naquela noite estava a decorrer no recinto do hospital, no clube social. O edifício situava-se perto dos aposentos dos médicos e estavam a poucos passos de chegarem às suas camas para dormir e curar a bebedeira provocada pelas grandes quantidades de bebidas alcoólicas que costumavam ingerir. Quando Alex voltara para Bath, vivera nos aposentos dos médicos até as circunstâncias a levaram a procurar um lugar mais seguro. Foi de carro para a festa, determinada a não beber.

Pelo contrário, Fiona pretendia divertir-se ao máximo. Levava o cabelo solto, com o formato habitual: frisado e a emoldurar-lhe o rosto. Usava calças de ganga pretas justas e uma blusa de seda verde, na qual prendera uma pregadeira com um Pai Natal a brilhar. Alex ficou na rua com a amiga enquanto ela fumava, com o penso de nicotina descolado do ombro e colado do lado de fora do maço de cigarros. Alex abanou a cabeça, perplexa, quando Fiona voltou a colar o penso no ombro depois de apagar a beata.

– Se continuares a fazer isso, vais aumentar os níveis de nicotina – admoestou-a.

– Oh, cala-te, doutora sabichona – disse Fiona, a rir. – Só vivemos uma vez e hoje tive um dia muito difícil. Somos novas e uma de nós é livre e solteira, por isso vamos curtir. Tu – disse, com uma expressão falsamente séria e a fala a ficar entaramelada – tens de descontrair. Tu, mais do que a maioria das pessoas, tens de começar a divertir-te. Tu és linda, minha grande cabra, e podes ter quem quiseres. Tu... – Viu Alex a olhá-la com uma expressão aflita. – Oh, porra, sabes que eu não estava a falar a sério... Oh, escuta, vamos esquecer os homens, ponto final, e vamos lá para dentro divertir-nos. Acima de tudo, vamos apanhar uma bebedeira.

Alex encolheu os ombros, resignada, com um meio sorriso no rosto.

– Dá-me um minuto e já entro. Está imenso calor lá dentro.

– Bem, que é que esperavas, com uma porcaria de uma camisola de lã numa festa? Não podes despi-la?

Alex abanou a cabeça.

– Só tenho o sutiã. Daqui a um minuto já arrefeci e vou estar pronta para me divertir.

A porta atrás delas abriu-se com estrondo e Patrick aproximou-se, com o rosto corado e os olhos vidrados.

– Ei, meninas, a festa é aqui dentro.

Alex soltou um suspiro cansado.

– Estou só a arrefecer, Patrick. Estou com roupa a mais, como podes ver.

Os olhos dele avaliaram-na.

– De certeza que tens alguma coisa melhor do que isso para vestir, querida. Deixaste aquele blusão de cetim no meu carro. Queres que vá buscá-lo?

– Boa ideia, Pat – disse Fiona, e Alex reparou no olhar de desaprovação que ele lançou à amiga ao

ouvir a abreviatura do seu nome. Fiona estava consciente de que Patrick a tinha irritado, mas não sabia porquê.

– É Patrick, Fiona. Sabes que gosto que me chamem Patrick.

Fiona esboçou um sorriso melífluo.

– Pois sei. E é por isso que te chamo Pat.

– E tu consegues ser muito simpática quando queres – observou ele com sarcasmo.

Alex suspirou de novo e Patrick olhou-a.

– Porquê tantos suspiros? Sou eu? É notório que não estás feliz com a minha presença, embora me tenhas convidado. Vi-te chegar há uma hora e ainda não me procuraste. É evidente que neste momento não consigo fazer nada bem.

Alex sentiu uma pressão no peito. Sentia-se encurralada e apetecia-lhe gritar a plenos pulmões para que todos a deixassem em paz. Em vez disso, deu uma resposta honesta:

– Bem, Patrick, neste momento acho que sou eu quem não consegue fazer nada bem. Não consigo imaginar ou inventar uma história para se adequar à tua versão dos acontecimentos. A menos que tenhas provas concretas de que eu não sou louca ou mentirosa, não temos mais nada para falar. É tão simples quanto isso, não concordas?

Os olhos dele tinham um brilho frio.

– Estás a ser histérica, querida, e acho mesmo que não é o momento nem o lugar certo para isso.

Alex abanou a cabeça, indignada.

– Nunca é, Patrick. O problema é esse.

– Se bebesses menos, talvez percebesses que não tem de ser um problema.

Alex olhou para Fiona.

– Encontramo-nos no bar. Preciso de mais cinco minutos para refrescar.

Dito isto, virou-se e afastou-se.

Alex emborcou a terceira vodca, e quando sentiu suor nas costas desejou ter vestido alguma coisa mais leve. Ultimamente, começara a usar roupas que lhe escondiam o corpo. Não se dava ao trabalho de arranjar o cabelo e só usava maquilhagem para disfarçar a palidez e as olheiras. Já não queria parecer feminina ou sensual. Queria ser invisível.

Avistou Nathan Bell no bar e ficou surpreendida. Ainda não o vira numa daquelas festas. Nunca sentira curiosidade de saber porquê, mas se sentisse diria que ele era demasiado introvertido para vir. Socialmente tímido. Não sabia nada a respeito da sua vida privada, a não ser que a mãe fora «internada outra vez» há pouco tempo. Não sabia onde fora internada, pois Nathan não dera grandes explicações, por isso só podia presumir que ele se referia a um hospital. Ouvira-o falar ao telefone por acaso, dizendo a quem estava do outro lado: «Diga-lhe que lhe mando um beijo e que vou visitá-la na terça-feira.» Quando vira Alex, dissera apenas: «É a minha mãe. Foi internada outra vez.»

Dirigiu-se para ele e olhou fugazmente para Patrick. Ele estava na pista de dança com Fiona e diversas outras enfermeiras do departamento, com uma fita decorativa dourada ao pescoço e, a avaliar pelos desinibidos passos de dança, a divertir-se imenso. Caroline parecia pouco à-vontade enquanto dançava de uma forma mais conservadora com alguns auxiliares e enfermeiros. Acenara a Alex do outro lado da sala, mas não tinham falado. Edward Downing, o radiologista, estava reunido num canto com uma grande parte dos funcionários do departamento de radiologia, parecendo

separado do resto dos convivas, e perguntou a si mesma se ele estaria a fazer uma festa de despedida privada. Tom Collins e Maggie Fielding, ambos altos e elegantes, estavam a conversar. Olhou para eles e cumprimentou-os com um pequeno aceno de cabeça. Virou-lhes as costas e falou para Nathan.

– Olá, Nathan. Não te vejo muitas vezes nestas festas.

Ele encolheu os ombros, constrangido.

– Pensei que devia sair mais um pouco. Na verdade, foi a Fiona; ela disse que algumas pessoas do departamento vinham. Por isso... cá estou.

Alex só via o lado direito da cara do colega e reparou que tinha um formato lindo, com maçãs do rosto fortes e um maxilar comprido. Os lábios eram pálidos e não demasiado grossos.

– Como estás? – perguntou ele inesperadamente.

– Bem – respondeu Alex em tom alegre. – Ótima.

– A sério? Pensei que as coisas ainda estavam difíceis para ti.

– Porque é que pensaste isso?

– Hum... o ataque há um mês e, hum, a situação no trabalho. Lamento... não sou eu que quero andar atrás de ti. A Dr.ª Cowan quer que trabalhemos nos mesmos turnos durante algumas semanas. Espero que não te importes.

Apesar da presença constante de Nathan, nos últimos dias as coisas tinham corrido bem no hospital. Dir-se-ia até que dois médicos a observar um paciente ao mesmo tempo reduzia o tempo de espera dos outros pacientes. Caroline usara isto como a razão para Alex ser seguida. Explicara aos outros elementos da equipa que era um estudo de «tempo e movimento» e todos pareceram aceitar, algo pelo qual Alex sabia que devia estar grata. Se havia mexericos sussurrados, ela não os ouvia.

Sabia que tivera muita sorte no caso de George Bartlett. Qualquer outro chefe teria exigido uma investigação minuciosa ao erro com o fármaco, mas Caroline estava a suspender temporariamente a pena. Pegou no copo de Nathan e bebeu-lhe um terço da cerveja.

– Desculpa – disse, sem sentir culpa. Devia estar agradecida a Caroline por ela não instaurar um processo disciplinar. É claro que devia estar agradecida por toda a sua vida ter sido lixada.

Ele encolheu os ombros, não dando importância ao assunto, e fez sinal a um dos empregados do bar.

– Deixa-me oferecer-te uma.

Passados alguns minutos, com novas bebidas no balcão e o troco no bolso, Alex perguntou-lhe, como se não tivessem parado de conversar.

– Não ouviste a novidade? Eu sou uma fantasista.

– A sério?

Ela emborcou a bebida.

– Bem, pelo menos isso deixa-me ditar as regras. Com problemas mentais ou doida não é uma descrição muito simpática. Fantasista. Bem, parece bastante exótico. Alex, a grande fantasista.

Estava a ficar embriagada e não se importou de parecer irrefletida.

– Queres falar sobre isso?

– Não, obrigada. Prefiro beber mais um copo e falar sobre ti, para variar, Sr. Bell. Quero saber porque é que não estás acompanhado por uma linda senhora esta noite.

– Eu poderia perguntar-te o mesmo.

– Oh, eu estou com uma pessoa. O homem bonito, de cabelo escuro, que está naquele canto e pensa que eu sou uma bêbeda e incapaz de separar a verdade da ficção.

Nathan Bell pareceu embaraçado.

– Tenho a certeza de que ele não pensa isso.

– Para de tentar fazer-me sentir melhor, Nathan. Acabou. Ele não acredita em mim, foda-se! Por isso, está tudo acabado.

Nathan estremeceu e, por muito que Alex gostasse de atribuir a sua grosseria aos efeitos do álcool, não podia. Quisera chocar o pobre homem, mas ao fazê-lo chocara-se a si mesma. Nunca falara daquela maneira. Nunca ultrapassara os limites do comportamento decente. Desgraçara-se e, embaraçada, tentou controlar-se rapidamente.

– Desculpa. Tenho de me ir embora.

– Ir embora? Nem pensar – guinchou Fiona atrás dela. – Ainda nem sequer dançámos. Qual é a pressa? Estás com o encantador Dr. Bell e tenho a certeza de que ele gostaria de dançar. Não é verdade, Dr. Bell?

Nathan ergueu as mãos, com as palmas voltadas para a frente num gesto defensivo.

– Não, mas agradeço. Estou muito bem aqui. Na verdade, também estava a pensar ir-me embora daqui a nada.

Fiona recuou e afastou os dois pés. Fez cara de má, olhando para Nathan com uma expressão curiosa, e depois, numa mímica quase perfeita, repetiu as palavras dele:

– Estou muito bem aqui. Na verdade, também estava a pensar ir-me embora daqui a nada.

Nathan pareceu espantado e sorriu, divertido, enquanto batia palmas lentamente.

– Uau! Que truque impressionante.

Fiona esboçou um sorriso sedutor e o seu corpo tornou-se fluido quando se aproximou do balcão do bar, enfiando-se entre Nathan e Alex, mas concentrada apenas na amiga.

– De certeza que tens alguma coisa melhor do que isso para vestir, querida?

A empregada do bar, que ouvira Fiona falar, olhou-a de boca aberta e, quando falou, a sua voz estava cheia de admiração.

– Você é maravilhosa! Consegue imitar alguma pessoa famosa?

Outras pessoas que estavam no bar pararam de falar para escutar, e Fiona sorriu para o público expectante. Olhou fixamente para Alex. Piscou-lhe o olho e espreitou por cima do ombro dela, para onde Patrick aparecera de repente. A voz de Alex saiu da sua boca.

– Para de tentar fazer-me sentir melhor, Nathan. Acabou. Ele não acredita em mim, foda-se! Por isso, está tudo acabado.

Alex teve a sensação de ter sido esbofeteada. Ficou chocada ao perceber como Fiona parecia ela e chocada com a crueldade da sua melhor amiga.

– Tenho de ir – murmurou.

Enquanto cambaleava pelo parque de estacionamento, com o embaraço que sentia estampado no rosto, não percebeu que Nathan a seguia.

Parou ao ver o seu *Mini* verde. Estacionado a pensar na segurança, perto do edifício e junto de um candeeiro de iluminação pública, era fácil ver a mensagem que estava pintada no para-brisas.

Com tinta amarela em *spray*, a ocupar todo o comprimento do vidro, viu as palavras: *A Alex gosta de dizer «sim».*

Na esquadra da Polícia, após uma breve conversa com o agente que estava na receção, foram

separados. Nathan foi levado para uma sala de interrogatórios contígua, enquanto outro agente marcou alguns números num teclado numérico e acompanhou-a até ao gabinete do inspetor Turner, no primeiro andar. Depois de estar sozinha há mais de quarenta minutos, a disposição da sala e respetivo conteúdo estavam gravados no seu cérebro.

Tinta lilás-clara nas paredes e uma carpete azul força aérea no chão. Estores verticais brancos estavam fechados sobre a única janela, escondendo a noite e tornando a sala claustrofóbica. Estava sentada à frente da secretária, numa cadeira idêntica à que se encontrava do outro lado. O *Bath Chronicle*, o *Guardian* e o *Daily Mail* estavam abertos na secretária, em diversas fases de leitura. Uma caixa *tupperware* de plástico tinha a tampa aberta, e uma sanduíche meio comida de pão escuro com frango e alface ainda parecia fresca. No radiador junto ao parapeito da janela via-se uma velha lata de *Coca-Cola*.

Ouviu um barulho no corredor e o inspetor Turner apareceu à porta com um tabuleiro com duas canecas e um açucareiro.

– Café – disse à laia de cumprimento, e em seguida apontou com a cabeça para um telemóvel que estava no tabuleiro ao lado dos cafés e acrescentou: – O seu amigo pensou depressa.

Nathan tirara diversas fotografias ao carro enquanto ela olhava, aterrada.

– Peço desculpa pelo tempo que teve de esperar. Mandei alguns agentes ao hospital, para ver se conseguem arranjar imagens dos circuitos de câmaras de vigilância do clube social. Eles não devem demorar.

Alex soltou um suspiro de alívio. Dali a pouco saberia quem lhe fizera aquilo. E toda a gente ficaria a saber.

– Ele é seu namorado? – perguntou Greg Turner.

Alex abanou a cabeça.

– Não. É um colega. Um amigo.

– E foi à festa com ele?

– Não. Estava com o meu namorado e com outra amiga, a Fiona Woods. O Nathan estava na festa e seguiu-me quando eu... bem, eu estava bêbeda e fiz figura de parva e o Nathan seguiu-me quando saí do clube a correr. Estava comigo quando cheguei ao carro.

– Não estava a pensar conduzir, pois não? – perguntou Greg Turner num tom reprovador.

Alex abanou de novo a cabeça.

– Só queria ficar um pouco sozinha. De qualquer maneira, não podia ter conduzido o carro. As chaves ainda estão na minha carteira, e a minha carteira ficou na festa.

– E o seu namorado?

– Ainda deve estar lá. Provavelmente, nem reparou que me fui embora.

Ruborizou-se quando percebeu o tom de autocomiseração da sua voz e mudou rapidamente de assunto.

– Como estão os pais da Amy Abbott?

Ele encolheu ligeiramente os ombros.

– Devastados. Incapazes de aceitar o que aconteceu.

– E o namorado? Já o encontraram?

O inspetor baixou os olhos para a secretária e esfregou a cana do nariz com um dedo inquieto.

– Não sabemos se ela tinha namorado, apenas que estava grávida.

– Ainda não conseguiram descobrir nada, pois não? – insistiu ela.

– Dr.ª Taylor, não posso discutir o caso consigo.

– Nem olhar para mim quando diz isso?

Greg Turner levantou logo a cabeça e Alex percebeu que ele era mais do que capaz de manter o contacto visual. Sentiu-se ridícula. Ele refinara essa habilidade com os criminosos, que tentavam sem dúvida evitar tal situação.

– Os pais dela acreditam que ela fez isto a si mesma? – perguntou. – Pensam que a filha morreu por causa do que fez a si própria?

Ele manteve-se em silêncio, mas Alex sabia a resposta.

– É evidente que não – declarou em voz baixa. – É impensável e hediondo uma mulher jovem fazer uma coisa assim a si mesma. E onde esteve durante todo o tempo que esteve desaparecida?

Os lábios dele esboçaram o que parecia um sorriso educado.

– Ainda não sabemos. Ainda estamos a investigar. Ela tinha imensos amigos. E, como sabe, foi encontrada numa rua. O último avistamento que temos...

– É em Kingsmead Square – terminou ela de modo pouco convincente. – Eu sei. Li no jornal.

– Escute, Dr.ª Taylor, na nossa opinião, este caso não é uma investigação de homicídio. Na pior das hipóteses é suicídio, mas o mais provável é ter sido um trágico acidente. Não deve pensar que isto tem alguma coisa que ver consigo. A menos, é claro, que saiba alguma coisa que nós desconhecemos?

A cabeça de Alex latejava devido a álcool a mais e à batida da música demasiado alta na festa.

– O senhor não estava lá quando ela morreu. Ela estava a dizer-me alguma coisa. Eu sei que ela estava a dizer-me alguma coisa. Via-se nos seus olhos... ela...

Uma pancada na porta interrompeu-os. Com surpresa, Alex viu Laura Best entrar no gabinete. A mulher sorriu-lhe com muito mais simpatia do que Alex recordava. Talvez fosse por ela estar vestida e não numa mesa de observação que a mulher-polícia a via como uma pessoa e não como uma vítima para ser interrogada. Ou talvez estivesse a mostrar o seu lado simpático por causa de Greg Turner?

– Precisas de alguma coisa? – perguntou ele.

– As gravações do circuito de vigilância – respondeu ela, com uma caixa de vídeo preta na mão.

– Céus, foi rápido... o que fizeste, voaste até lá?

Laura Best sorriu.

– Estava perto, e foi muito fácil consegui-las. A Dr.ª Taylor já tem demasiados problemas. Tenho a certeza de que está ansiosa para ver o seu atacante.

A ênfase que ela deu à palavra «atacante» foi subtil, mas Alex era bastante sensível para perceber que tinha sido uma alfinetada.

O inspetor Turner acenou para a mulher, indicando que devia pôr o vídeo. O olhar e o encolher de ombros levemente desdenhoso mostraram ao chefe que Laura Best já vira a gravação e que não havia grande coisa. Alex sentiu um aperto no coração, que não desapareceu enquanto observava o que estava a ser feito ao seu carro.

O vândalo usava uma grande camisola escura, com um capuz que lhe tapava completamente a cabeça e o rosto, e calças largas e luvas que escondiam o formato dos membros e a cor da pele. Não havia maneira de saber quem era.

– Acho que é uma piada.

Os olhos de Alex abriram-se de repente.

– Como?

Apeteceu-lhe levantar-se e esbofetear o rosto de Laura Best.

Laura Best olhou para Greg Turner, encorajando-o a corroborar a sua opinião.

– Uma piada.

– Uma piada *de mau gosto* – replicou Greg Turner.

– Bem, sim, é claro, mas ainda assim uma piada. Ou uma partida, se preferir.

Alex sentiu-se doente quando assimilou a implicação do que estava a ouvir.

– Acha que alguém fez isto porque sabe que eu lhe disse «sim»?

Nenhum deles respondeu.

– Acha que alguém fez isto porque acha que eu sou fácil?

Greg Turner abanou a cabeça com firmeza.

– A não ser que tenha falado sobre os pormenores íntimos do seu caso, mais ninguém devia saber. Acha que é possível ter contado a alguém, que depois fez isto ao seu carro?

Ela abanou a cabeça com firmeza.

– Bem, só posso sugerir que a detetive Best pode ter razão quando diz que foi uma partida de mau gosto. Talvez pregada por alguém que soube da sua experiência e está a ser cruel transformando-a num espetáculo.

Alex levantou-se com dificuldade.

– Estou cansada. Quero ir para casa.

– Beba o seu café primeiro. Vamos conversar mais um pouco e depois levo-a – ofereceu ele.

Alex já estava a dirigir-se para a porta.

– Não me parece. Sou apenas uma piada. Não é verdade, inspetor Turner? Pois bem, não se esqueça de dar umas boas gargalhadas à minha custa.

– É capaz de querer isto, Dr.ª Taylor.

Alex virou-se e viu que Laura Best segurava a sua carteira. Surpreendida, atravessou o gabinete para ir buscá-la.

– A empregada do bar disse que a deixou ficar. Pensou que poderia querê-la.

Alex balbuciou um agradecimento.

O silêncio seguiu-a quando atravessou o átrio em direção à saída. Nathan não estava em parte alguma. O silêncio acompanhou-a até à noite escura, mas ouvia a voz do atacante a atormentá-la. «O que significa ‘não’? É uma pergunta simples.»

CAPÍTULO 15

Tinham passado seis semanas desde aquela terrível noite e uma semana desde a festa dos médicos. Qualquer esperança de pensar que ele já não era um perigo desaparecera no instante em que vira o carro. Estava aterrorizada ao pensar que ele continuava à solta e não havia nada que pudesse fazer para o provar. Na opinião da Polícia, a mensagem no seu carro era uma partida. Ela fora o alvo da partida cruel de alguém.

Levou o saco de papel à boca e inspirou e expirou. Tinha de parar de pensar naquilo, se não tornar-se-ia uma prisioneira dentro da sua própria casa. No entanto, era muito difícil. Estava sempre atormentada por uma enorme ansiedade. No hospital, estacionava o mais perto possível do departamento. Olhava com intensidade para todos os homens por quem passava. Os maqueiros, os enfermeiros e os médicos com quem contactava eram agora suspeitos. Os pacientes do sexo masculino que tratava, se estavam ali por pequenas mazelas, também eram considerados suspeitos. E enquanto estava na presença deles, a estudar as suas feições, era nas vozes que mais se concentrava. Contudo, nenhum tinha a voz dele. Como poderiam ter? O tom da voz dele estava distorcido. Sem variação.

O que aquela voz mais lhe fazia lembrar era a de um paciente que fizera uma traqueostomia e tinha uma prótese para poder falar. Quando ele falava, a voz parecia mecânica porque já não passava ar pelas cordas vocais, mas pelo tubo. Passou-lhe pela cabeça o pensamento tresloucado de que talvez tivesse sido raptada por um homem com uma traqueostomia. Alguém que a culpava por ter perdido a voz? Estava a enlouquecer com todas aquelas desvairadas especulações. Ele estava a enlouquecê-la enquanto lhe destruía a vida.

Patrick deixara de telefonar. A última mensagem, três dias antes, ainda estava guardada. Ouviu-a muitas vezes, à procura de alguma falsidade, mas o pedido de desculpa por tê-la magoado parecia genuíno. Ele nunca devia ter ido falar com Caroline sem lhe dizer. Tinha sido um erro. Estava muito arrependido, mas não sabia o que fazer a respeito do que lhe estava a acontecer e sentia que a desiludira ao não acreditar nela. Manteve a compostura até ao fim, mas depois a sua voz comoveu-se: «Amo-te, Alex. Quero casar-me contigo. Por favor, liga-me».

Ela não lhe ligou, não por ele ter sido indiscreto com Caroline, embora isso a magoasse, mas porque admitira que não acreditava nela. Sem confiança e fé incondicional na pessoa que era suposto amar, não havia uma base para construir uma relação. Uma relação a longo prazo como um casamento não teria hipótese. No que lhe dizia respeito, aquela relação, embora não tivesse sido oficialmente terminada por nenhum deles, estava acabada.

Sozinha na cozinha, desejou não sentir saudades dele. Desejou mil vezes que tudo voltasse àqueles minutos em que fora ao seu encontro, e agora estivessem a planear o que ofereceriam um ao outro no

Natal.

Porém, acima de tudo gostaria de não o ver como uma pessoa diferente, uma pessoa mais fraca, uma pessoa por quem nunca se teria apaixonado. Era como se tivesse perdido o seu Patrick e este novo Patrick estivesse a substituí-lo, e com tristeza percebeu que ele devia sentir a mesma coisa em relação a ela. Estavam perdidos um para o outro. Mesmo que procurassem muito continuariam perdidos, porque já não eram as mesmas pessoas. Ela sobrevivera a uma experiência aterradora, que ele acreditava que fora apenas fruto da sua imaginação.

Seis semanas antes tinha um namorado que amava, um trabalho que adorava e a vida com que sonhara. No espaço de algumas horas, o seu mundo normal fora-lhe arrancado. Agora, estava repleto de incerteza, ansiedade e grandes incógnitas. Se não fosse o trabalho e a ajuda de pequenos comprimidos azuis, sabia que não conseguiria continuar.

No final daquela tarde, admoestando-se por tentar fazer as compras de Natal todas num só dia, voltou para o parque de estacionamento carregada de sacos da John Lewis, da Marks & Spencer e da Thorntons. Devia ter seguido o seu plano original e comprado cheques-oferta para toda a gente. Teria poupado tempo e energia, e naquele momento não estaria exausta e a pensar que os presentes que comprara não eram os melhores. Agora, a camisa para o pai parecia demasiado moderna e o roupão para a mãe era uma repetição do presente que lhe oferecera no ano anterior. Fora um longo dia sem uma disposição festiva. Não telefonara a Fiona para lhe lembrar que iam às compras porque não falavam desde a festa. Ainda não lhe perdoara.

Com o banco de trás do carro cheio de sacos, entrou na fila de veículos que se dirigiam em movimento lento para a saída e esperou que o trânsito de Bristol para Bath tivesse melhorado desde aquela manhã. Queria parar numa oficina e mandar lavar o carro; ainda sentia pequenos fragmentos de tinta amarela no para-brisas, apesar de a tinta ter sido meticulosamente tirada. Um carro limpo seria menos uma coisa a lembrá-la. Quando chegasse a casa, se tivesse energia suficiente, limparia o apartamento. Por outro lado, no dia seguinte também estava de folga e poderia tratar da casa nessa altura. Manter-se-ia ocupada até voltar ao trabalho.

E depois poderia dedicar-se a pensar nas vidas de outras pessoas e não na sua.

Às quatro da tarde, quando desceu a rampa para o parque de estacionamento subterrâneo do seu prédio, a escuridão de inverno já se instalara e a sua mente estava livre de todas aquelas coisas perturbadoras. Pensou no que iria jantar, no demorado banho de espuma que tomaria e na série dramática que passaria na televisão às nove da noite.

Se estivesse a conduzir um pouco mais depressa teria passado por cima da mulher. Carregou no travão a fundo e acendeu os máximos. A mulher estava deitada no chão, de costas, no seu espaço de estacionamento, completamente imóvel. Por instinto, Alex abriu o porta-luvas e retirou diversas peças de equipamento médico que tinha sempre no carro para a eventualidade de passar por um acidente. Com um tubo endotraqueal *Guedel* e estetoscópio numa mão e um punhado de ligaduras na outra, correu para ajudar a mulher.

Observou rapidamente as roupas e a maquilhagem: botas de salto alto brilhantes, uma minúscula saia de cetim vermelho que mal lhe tapava as roliças coxas nuas e uma camisola muito decotada por baixo de um blusão de cetim bege. O seu pensamento inicial foi que ela fora espancada, mas quando a examinou melhor percebeu que alguma coisa estava errada. O cotovelo direito estava num ângulo

impossível e o ombro parecia extremamente inchado. Os ossos dos dedos tinham rasgado a pele e estavam curvados para trás. Alex ignorou a mão ensanguentada; o que a preocupou mais foi a marca preta no blusão bege, mesmo no peito da mulher. Era a marca de um pneu. Pegou no telemóvel e chamou uma ambulância.

Encostou o ouvido à boca da mulher e sentiu um hálito quente ao mesmo tempo que via o peito subir um pouco. A veia do pescoço estava distendida e a pulsar com força. Ela estava a respirar, mas a qualidade da respiração já era outra história. Se um carro lhe passara por cima, era provável que tivesse múltiplas fraturas nas costas e lesões nos pulmões. Desapertou o único botão que mantinha o blusão bege fechado e rasgou ao meio a fina camisola preta. A caixa torácica estava deformada e apenas o lado esquerdo do peito subia um pouco. Alex estava perante um grande traumatismo torácico e sabia que, sem a presença de uma equipa cirúrgica e os instrumentos certos, a mulher poderia morrer em breve.

No porta-bagagens do carro havia um dreno torácico, tubos endotraqueais, bisturis e outro equipamento que insuflaria o pulmão, mas se houvesse grandes lesões nos vasos sanguíneos apenas a transfusão de sangue ou de grandes quantidades de fluidos manteria o coração a bater. No entanto, tinha de se manter otimista. Precisava de se concentrar em manter a mulher viva durante o máximo de tempo possível.

Uma pequena inspiração difícil disse-lhe que a mulher estava a mexer-se e levantou os olhos para a cara dela. Ficou espantada ao ver que ela abrira os olhos.

– Olá, a senhora teve um acidente e estou a ajudá-la – disse num tom calmo.

A mulher tentou responder, mas não passou nenhum som pelos lábios que se mexiam.

– Eu sou médica. Já vem uma ambulância a caminho.

Alex sentiu uma leve esperança. Se a mulher estava consciente, talvez não houvesse hemorragia interna. Tinha sem dúvida um pneumotórax, mas poderia tratar esse problema. Precisava de manter a mulher a respirar, era a única coisa que importava, porque se o coração deixasse de bater, Alex estaria a comprimir costelas partidas contra um coração e pulmões com possíveis lesões.

Um pequeno borrifo de sangue foi cuspido e uma parte caiu sobre o rosto da mulher. Com as pontas dos dedos, Alex limpou-lhe as pálpebras com muito cuidado e rezou para que a ambulância não demorasse. Aquela mulher estava prestes a esvair-se em sangue!

Depois, ela falou. E o som borbulhante avisou Alex de que ela estava a afogar-se.

– Quer brincar aos médicos... salvar-me...

Tossiu mais uma vez e esboçou um sorriso macabro com dentes cheios de sangue.

– Que médico...

Quando o sangue lhe encheu a boca, Alex usou as ligaduras, a roupa dela e depois tudo o que pôde usar das suas próprias roupas para o retirar. Só no momento em que o coração parou de bater é que o sangue deixou de sair.

Quando a ambulância chegou, a equipa encontrou as duas mulheres cheias de sangue dos pés à cabeça e o pensamento inicial foi que estavam ambas feridas. Mais tarde, quando foram interrogados pela Polícia, disseram que tinham encontrado a Dr.ª Taylor com uma expressão enlouquecida, ajoelhada sobre o cadáver.

– Parecia a Carrie no filme, com o cabelo e a cara a escorrer sangue e um olhar fixo – disse um deles. – Como o raio da Carrie.

CAPÍTULO 16

Quatro carros da Polícia e uma carrinha rodearam a área onde estava a mulher morta. A equipa da ambulância já abandonara o local e uma dúzia de polícias tinham ocupado o seu lugar. Os ocupantes dos apartamentos, que começavam a regressar do trabalho, tiveram de estacionar noutro sítio. A área era um local de crime e nenhum veículo poderia entrar ali nos próximos dias. Alex tremia no banco de trás de um dos carros-patrulha. Não a tinham deixado ir ao apartamento mudar de roupa; o sangue nas roupas e nas mãos secara e havia crostas pretas enterradas atrás das unhas.

Vira Laura Best e outra mulher-polícia a dar várias voltas ao seu *Mini* verde-garrafa acabado de lavar. Tinham-se deitado no chão para o inspecionar por baixo. Uma mulher-polícia pedira-lhe para soprar no balão e Alex ficou contente por ter resistido ao apelo do álcool nos últimos dias. Era suspeita num crime. Não necessariamente a principal, mas ainda assim suspeita. Fizera um breve depoimento ao primeiro agente a chegar ao local e ele disse-lhe que voltaria a ser interrogada mais tarde. Já tinham passado mais de quatro horas desde que chegara a casa depois de fazer as compras de Natal e, embora o tempo estivesse preenchido com as muitas coisas que se passavam à sua volta, foram as horas mais longas de toda a sua vida.

Se saísse do carro da Polícia e atravessasse o parque de estacionamento até ao elevador, talvez conseguisse escapar para o seu apartamento sem ser vista. Poderia tomar um banho, preparar alguma coisa para jantar...

Quando vieram, os soluços tiraram-lhe o ar. Não percebeu que a porta do carro foi aberta e um par de mãos se esticou para a ajudar a sair. Não percebeu que estava a ser levada para o seu apartamento, que lhe puseram uma manta pelos ombros e lhe colocaram uma caneca quente nas mãos. Só quando o calor do chá com açúcar lhe chegou ao estômago é que se apercebeu de onde estava.

Greg Turner estava parado a alguma distância, a observá-la com uma expressão preocupada. A chuva alisara-lhe o cabelo encaracolado, os ombros do blusão de pele estavam molhados e pela primeira vez não parecia tão ameaçador.

– Peço desculpa por isto. Mais tarde vou falar com eles. Acho que se esqueceram de que a puseram no banco de trás de um dos carros.

Alex estremeceu quando sentiu calor nos membros gelados. Estava sempre frio no parque de estacionamento subterrâneo, e passar várias horas lá sentada deixara-a dormente.

– Não consegui salvá-la – sussurrou. – Parecia uma zona de guerra. O sangue não parava de sair e não pude fazer nada.

– A equipa da ambulância disse que ela tinha ferimentos gravíssimos. Naquelas circunstâncias, acho que ninguém poderia fazer grande coisa.

– Mas eu sou médica – exclamou ela. – É o que faço. Salvo vidas. Devia ter feito mais. Devia ter

agido mais depressa. Devia ter colocado um dreno torácico. Devia ter posto um tubo endotraqueal antes de ela se afogar no seu próprio sangue!

– Tenho a certeza de que fez tudo o que era possível – disse ele num tom suave. E depois: – Vamos precisar que faça um depoimento. Quanto mais depressa, melhor.

Com as mãos a segurar a caneca quente, Alex viu as unhas cheias de sangue seco e sentiu o odor metálico à medida que as crostas derretiam.

– Posso tomar um banho primeiro?

Ele hesitou, mas depois cedeu.

– Claro. Mas vamos precisar das suas roupas.

– Sou suspeita, não sou? Eles pensam que eu a atropelei, não pensam?

O inspetor abanou a cabeça.

– É a norma. Pode haver transferência de provas nas suas roupas. Ela era uma prostituta de segunda. Conhecida como «Lilly da Hora do Almoço».

Alex olhou-o com desdém.

Greg Turner ergueu as mãos, sugerindo que não fora ele o autor daquela alcunha.

– Lillian Armstrong. Conhecida por Lilly pelos amigos e por nós. Puseram-lhe essa alcunha pois normalmente só trabalhava durante o dia, porque os filhos estavam na escola e não tinha marido para cuidar deles à noite.

Alex tinha adivinhado o que ela era, mas não quis dizer. Conhecera muitas mulheres como Lilly ao longo dos anos e sabia que todas tinham os seus motivos para fazerem o que faziam. Nunca as julgava quando apareciam na urgência do hospital em vez de irem à clínica de saúde sexual pedir os seus cremes e antibióticos. E muitas vezes oferecia-lhes um chá depois de terem sido tratadas dos espancamentos que sofriam com frequência. Era um mundo doentio e o seu trabalho era tratar dos doentes.

– Se quiser, posso pôr as roupas num saco do lixo?

Ele tirou dois grandes sacos de plástico transparente do bolso do blusão.

– Preferia que as pusesse aqui.

Alex levantou-se, cansada.

– Há uma marca de pneu. No blusão dela, há a marca de um pneu.

Turner franziu o sobrolho.

– Em que parte do blusão?

– No peito. Ela foi esmagada.

– Mexeu-a quando chegou ao pé dela?

– É evidente que não – respondeu Alex com brusquidão. – Ela podia ter lesões na coluna! – Respirou com dificuldade e soltou um pequeno grito. – Desculpe, não queria descontrolar-me.

– É compreensível. Teve um dia difícil.

– Porque é que me perguntou aquilo? – quis saber. – Porque é que pensou que eu podia tê-la movido?

Ele encolheu os ombros.

– Foi só uma ideia.

Greg Turner não parecia o tipo de pessoa que tinha uma ideia sem um motivo, mas pensou que não lhe diria qual era. Teria de descobrir sozinha, quando estivesse menos cansada.

Já passava das onze da noite quando ele saiu, por fim. Alex recebeu instruções para se apresentar

na esquadra da Polícia de Bath no dia seguinte para prestar declarações. Esperou que não fosse Laura Best a registar o seu depoimento. Enquanto estava sentada no carro-patrulha, a mulher olhara-a diversas vezes com uma expressão calculista, com modos distantes e frios. Os polícias continuavam a examinar o parque de estacionamento e o perímetro exterior. Ouviu bater à porta de vários vizinhos e soube que todos fariam depoimentos, mas não acreditava que a Polícia descobrisse alguma coisa.

Tinham uma marca de pneu, mas apostava que não conseguiriam encontrar mais nada.

Como um animal doméstico que encontrou o lugar onde costuma dormir, Alex encontrou o seu. Com as costas encostadas à parede da sala, aninhou-se com um edredão pelos ombros e ouviu de novo as últimas palavras da mulher: *Quer brincar aos médicos...*

Até àquele momento pensara que a mulher estava a referir-se a ela; ao facto de ela ser médica e estar a tentar salvá-la. Mas se não fosse isso, se a mulher estivesse a referir-se à pessoa que a atropelara?

Que médico...

Se a pessoa que a atropelara era um médico, porque é que não tentara salvá-la nem chamara uma ambulância? Teria sido um ato deliberado? Poderia ser a mesma pessoa que a atacara? Um pensamento terrível consumiu-a. Ele viria atacá-la de novo e Lillian Armstrong atravessara-se no seu caminho? Ele sabia que ela vivia aqui?

Quer brincar aos médicos...

As palavras de Lillian Armstrong podiam não ter sido mais do que a última fraca tentativa de uma mulher moribunda perceber o que lhe estava a acontecer. Alex rezou para que fosse. Caso contrário, *ele* estava perto; continuava ativo e ela não fora um caso isolado. Ele continuava a brincar aos médicos, mas agora estava a matar as suas vítimas.

CAPÍTULO 17

Encontraram-se num restaurante que nenhum deles conhecia. Um restaurante francês em Pulteney Bridge com chão de pedra, mesas de madeira sem toalhas e muitas velas vermelhas de onde escorria cera. A decoração informal do restaurante era um pouco descuidada, mas era caro e aos fins de semana estava quase sempre cheio, e era por isso que nunca tinham lá ido antes. Porém, naquela noite de quarta-feira apenas outra mesa estava ocupada e Patrick estava sentado numa com vista panorâmica sobre o açude.

Quando Alex chegou, Patrick estava concentrado na ementa, vestido com uma camisa cor de vinho que ela o ajudara a escolher e um elegante casaco preto. À luz das velas, o seu bonito rosto parecia corado. Diante de si tinha um grande copo de vinho tinto. A sua postura era descontraída e Alex perguntou-se se aquela seria a primeira bebida.

Patrick ficou surpreendido quando ela deslizou para a cadeira à sua frente, e Alex ficou satisfeita por o deixar tão depressa em desvantagem. Ele levantou-se e teve de se esticar por cima da mesa para lhe dar um beijo. A vela acesa e a única flor entre eles dificultaram-lhe os movimentos, e o rosto desviado só lhe permitiu roçar os lábios na face dela. Se Alex tivesse virado ligeiramente a cabeça, ele poderia tê-la beijado na boca, mas ela não estava pronta para isso.

Um silêncio incómodo encheu os segundos seguintes, até ele abrir a segunda ementa e lha entregar.

– A comida parece ótima. Devíamos ter vindo cá antes.

Um empregado de mesa aproximou-se, serviu-lhe água e perguntou-lhe o que queria beber. Alex escolheu vinho branco seco. Quanto mais seco, melhor. Beberia pequenos goles, em vez de emborcar o copo inteiro. Naquele momento o álcool era seu inimigo, e não podia esquecer isso. Se deixasse, seria muito fácil despejar dois copos de vinho tinto ou de um vinho branco mais doce antes de o prato principal ser servido. A conversa fluiria melhor, os momentos incómodos seriam ultrapassados com mais facilidade. Mas, no fim do serão, Alex quereria mais. Pensaria nas garrafas por abrir no seu apartamento como amigas e esqueceria que eram o inimigo. Seria muito melhor limitar-se a um único copo de vinho branco.

– Vou comer as *moules* e depois o tamboril – disse Alex para o empregado antes mesmo de ele lhe perguntar se já queria fazer o pedido.

Patrick escolheu o mesmo e pediu mais um copo de *Merlot*.

– Obrigado por teres vindo – disse previsivelmente, quando o empregado se afastou. Em seguida, pigarreou e mexeu a mão num gesto desastrado. – Desculpa. Aquilo soou estúpido. Pareço um anfitrião numa festa. – Esperou que ela olhasse para ele. – Tenho de explicar como estou arrependido. Não apenas pelo meu comportamento imperdoável com a Caroline, mas pelas semanas anteriores, quando me recusei a deixar-te falar sobre o que aconteceu. Não me portei bem ao levar-te

à pressa para Barbados, como se pudesse melhorar as coisas oferecendo-te um pouco de sol e uma praia bonita.

Alex percebeu que a tensão que sentia começava a libertar-se, e sentiu uma dor na cana do nariz e na garganta enquanto continha as lágrimas. Não o perdoaria com tanta facilidade. Precisava de ouvir mais.

O empregado chegou com as bebidas e, passados alguns minutos, com pão quente e taças de *moules* fumegantes, e durante os dez minutos seguintes houve paz entre ambos. Os Il Divo cantavam *Oh Holy Night*, as luzes da árvore de Natal piscavam e a conversa limitou-se ao sítio onde se encontravam e à comida que estavam a saborear enquanto descontraíam e desfrutavam de novo da companhia um do outro.

Quando o prato principal chegou, ela estava a rir e Patrick pediu uma garrafa de um bom vinho de Bordéus. Alex esquecera-se de como ele era divertido e esquecera-se de que o riso podia ser um afrodisíaco. Queria tanto fazer amor com ele que quase lhe perguntou se podiam levantar-se e ir-se embora. Conteve-se, concentrando-se na decoração, e saltou quando os dedos dele lhe acariciaram as costas da mão.

– Linda Alex. Alguma vez conseguirás perdoar-me? Nunca mais te vou desiludir. Prometo. Tenho perguntado a mim mesmo porque é que te tratei tão mal e a única resposta que me ocorre é que pensei que estavas a ter um esgotamento e não suportei ver o teu estado.

Alex enrolou os dedos à volta dos dele e sentiu um nó na garganta. Falariam sobre tudo o que estava a acontecer mais tarde. Falar-lhe-ia sobre as suas desconfianças a respeito da morte de Amy Abbott e sobre a mulher que se esvaíra em sangue dois dias antes no seu lugar de estacionamento. Fizera o seu depoimento na véspera e facultara uma amostra de ADN. Talvez Patrick pudesse contribuir para a Polícia acreditar que havia alguém que estava a fazer tudo isto. Ele era menos emotivo do que ela e talvez argumentasse melhor.

– Obrigada por isso, Patrick – sussurrou.

Patrick afastou a vela e a flor para um lado e, sem restrições nem resistência, inclinou-se e beijou-a. Foi um beijo repleto de ternura, um bálsamo para curar a sua dor, e ela nunca se sentira tão apreciada.

– Não consigo deixar de me questionar se o meu comportamento ajudou a causar isto – disse ele em voz baixa. – Estavas a dar sinais há meses, a precisar da minha ajuda?

– O quê...?

– Deixa-me terminar – pediu ele, apertando-lhe a mão. – Eu achava que eras tão forte e perfeita que quando disseste todas aquelas coisas me recusei a aceitar que precisavas de ajuda. De ajuda a sério. Não de umas férias parvas.

O corpo de Alex transformou-se em pedra. A mente era a única coisa que ainda funcionava. Não havia tremores a percorrer o seu corpo nem um coração a bater acelerado no peito.

Era pior do que alguma vez poderia ter imaginado. Ele estava a assumir a culpa pelas coisas que acreditava que Alex imaginara porque não vira os sinais de que ela precisava de ajuda.

Era inútil. E ela era uma tonta! Patrick não a conhecia. Nenhum dos pensamentos mais profundos que haviam partilhado durante o último ano lhe tinham ensinado nada sobre quem ela era. Ele via-a como uma pessoa forte e perfeita, que não sucumbia a fraquezas. E, no entanto, se a via verdadeiramente como uma pessoa assim, não era razoável que quisesse, pelo menos, explorar a possibilidade de outra explicação? Não quereria levantar-se e dizer: «Muito bem, Alex, vamos

investigar isto. Tu és uma pessoa lúcida e normal. Porque raio dirias que isto te aconteceu, se não fosse verdade?»

Mas é claro que, no que lhe dizia respeito, não havia necessidade de dizer isso porque, na sua opinião, não acontecera. Nada. Ela enlouquecera e precisava de ajuda especializada.

Conseguiu levantar-se. E, através de lábios que pareciam de pedra, disse com dificuldade:

– Adeus, Patrick. Obrigada por me teres convidado para jantar esta noite.

CAPÍTULO 18

—Recebeste outra chamada da tua admiradora – disse Laura a Greg logo que ele chegou à esquadra. Ela estivera no turno da noite, mas parecia que estava a começar o dia. O perfume exalava um cheiro fresco quando Greg parou junto da secretária dela, e a blusa azul-clara não tinha vincos.

Não precisou de perguntar quem era a admiradora; já sabia a quem Laura estava a referir-se. Alex Taylor telefonara várias vezes para a esquadra nos dois últimos dias para saber novidades sobre a morte de Lillian Armstrong, e, como pedia sempre para falar com ele, Laura estava a imaginar coisas. Mas ele ainda não tinha nada para lhe dizer; continuava à espera dos resultados da autópsia.

– O que queria?

– Saber se temos novidades no caso da Lillian Armstrong. Provavelmente, quer que um de nós vá lá a casa segurar-lhe na mão.

Greg pousou a pasta e deu toda a atenção a Laura.

– Aconteceu mais algum incidente com ela?

Laura olhou-o com os olhos muito abertos e as sobrancelhas subidas.

– Tipo, outro homicídio, ou um cirurgião imaginário a querer operá-la? Já te perguntaste porque é que a Lillian Armstrong estava naquele parque de estacionamento, naquele edifício? Não é o sítio onde costuma atacar. Estaria muito longe do seu ambiente a procurar um cliente ali. Com toda a certeza, teve de ser convidada. Só é possível aceder ao parque de estacionamento internamente, com autorização dos residentes ou com um comando. Isso faz soar uma campainha de alarme, Greg? Como o facto de a Dr.ª Taylor viver lá? Como o facto de não termos testemunhas de um carro a fugir do local? Que, muito convenientemente, não há um circuito de vigilância interna para registar o momento?

Ele cerrou os dentes.

– Eu estava a referir-me a alguém ter deixado novamente uma mensagem no carro dela.

– Oh, isso. – Alguma coisa na voz de Laura lhe disse que ela tinha uma opinião diferente.

– Ambos vimos alguém ao pé do carro dela.

Laura encolheu os ombros.

– Podia ter sido ela a fazer aquilo. Vestiu roupas largas e pirou-se da festa durante alguns minutos para escrever a frase. Depois, leva alguém com ela para ter uma testemunha quando chega ao carro.

– Ela não podia saber que o Nathan Bell iria atrás dela.

– Achas que não? Com aquela cara, não me parece que ele tenha muitas admiradoras. – Fez uma careta. – Talvez ela lhe tivesse dado um motivo para ele a seguir, e no escuro é possível que não se

tivesse importado.

Greg sentiu que os dentes de trás começavam a ranger. Por vezes, a maneira de Laura pensar provocava-lhe náuseas.

– Então, uma queca no banco de trás do carro dela é o que achas que o levou a segui-la? – Pegou na pasta, parecendo pensar no que ela dissera. Depois, baixou a voz e fê-la parecer sincera. – Ainda bem que tens experiência para pensar assim. Precisamos de mulheres como tu para saberem como as outras mulheres se comportam. Vou pensar nisso, Laura. Vai para casa; pareces cansada.

Momentos depois de ele sair, Laura continuava sentada à secretária, a pensar naquele comentário, e uma hora mais tarde, quando se deitou, ainda não sabia se ele pretendera insultá-la.

*

Aflição e desespero levaram Alex a casa de Maggie Fielding. Não tinha mais ninguém a quem recorrer. Maggie Fielding não fez perguntas ao telefone, nem se mostrou surpreendida ao saber que a oferta que fizera há várias semanas estava agora a ser aceite. Limitou-se a dizer-lhe uma hora em que estaria em casa e a dar-lhe indicações para chegar lá.

E agora, parada na escuridão do passeio diante da casa de Maggie, arrependeu-se muito de ter telefonado. Mal conhecia a mulher, e o pouco que conhecia não lhe trazia grande consolo. Maggie não lhe parecia o tipo de mulher que ofereceria uma chávena de chá e simpatia. Parecia mais do tipo que pregava sermões. Contudo, era demasiado tarde para evitar o encontro. Uma cortina tinha-se mexido e ela fora vista.

Subiu os três degraus que a separavam da porta azul-escura, e quando levantou o batente de latão a porta abriu-se.

– Vi-te chegar – disse Mary Fielding à laia de cumprimento. – Vieste a pé ou de carro?

– A pé – respondeu Alex enquanto entrava para um enorme átrio. – Não consegui encontrar o comando para abrir os portões do parque de estacionamento do condomínio onde vivo.

– Boa. Nesse caso, podes beber um copo.

O átrio era magnífico. As paredes pintadas de cor de beringela tinham um pé-direito de quatro metros e meio ou mais e o arco e os corrimãos trabalhados estavam pintados com um dourado suave. Grandes lajes que pareciam antigas fizeram um maravilhoso eco quando as suas botas as pisaram. O grande espelho de talha dourada sobre uma mesa lacada a dourado devia parecer demasiado ornamentado, mas não parecia. Era um sinal de grande confiança.

– Quantos anos tem esta casa? – perguntou.

– Foi construída em 1730. O trisavô do meu pai, ou talvez um antes dele, foi a primeira pessoa a possuí-la, e está na família desde então.

A sala de estar era ainda mais espetacular. Do chão ao teto viam-se estantes cheias de boa literatura. Entre duas, uma alcova arqueada pintada de um denso tom de vermelho-rubi continha uma escrivaninha com pernas torneadas e uma fileira de gavetas estreitas de cada lado do nicho central. Um candeeiro com a base preta e dourada e um quebra-luz preto emitia uma luz suave e, excetuando um computador *Apple*, era o único objeto que estava em cima da escrivaninha.

Pesados cortinados dourados emolduravam janelas georgianas e havia dois sofás de costas altas forrados a brocado vermelho voltados um para o outro diante de uma lareira de pedra cinzenta.

O esplendor do que a rodeava e a óbvia riqueza daquela mulher que não conhecia verdadeiramente

bem deixaram-na intimidada. Ela crescera numa casa geminada do princípio da era eduardiana com um rés do chão que devia caber nesta divisão. Os pais tinham proporcionado bastantes luxos às filhas ao longo da vida. Não lhes faltara nada, é certo, mas esta riqueza era apoiada por dinheiro antigo. Devia haver pelos menos mais doze divisões naquela casa.

Arrependeu-se mais uma vez de ter telefonado. Era como visitar um membro da realeza.

– Preciso de fazer um telefonema rápido – disse Maggie Fielding. – Fica à vontade. Dá uma volta. A cozinha é à esquerda, ao fundo do corredor. Há vinho branco no frigorífico e podes servir dois copos para nós. Só demoro alguns minutos e depois poderemos falar.

Alex ficou contente por estar sozinha durante alguns momentos. Se tivessem começado a conversar logo, era possível que passasse para modo de paciente e divagasse sobre a falta de sono, a perda de peso e os pesadelos até a mulher a expulsar da sua casa, com modos delicados, mas firmes. Tinha de se acalmar e pensar como uma mulher lúcida antes de falar acerca do modo como se sentia.

Maggie ergueu o telemóvel para indicar que ia fazer o seu telefonema e Alex saiu da sala para lhe dar privacidade e foi procurar a cozinha. Para lá chegar, teve de percorrer um segundo corredor depois de virar à esquerda.

Entrou noutra divisão que a deixou sem fôlego. Armários de madeira branca circundavam uma ilha de rica madeira escura, onde pelo menos uma dúzia de pessoas poderiam preparar comida ao mesmo tempo. Um lava-loiça redondo de cobre estava embutido na madeira, presumivelmente para lavar legumes. Havia mais dois lava-loiças, fundos e largos, diante de uma janela voltada para um jardim com altos muros de pedra, com tamanho e privacidade suficientes para fazer grandiosas festas.

Determinada a não continuar deslumbrada com uma riqueza tão flagrante, foi procurar o frigorífico, que encontrou numa copa à saída da cozinha. O frigorífico prateado tinha um dispensador de água fresca, gelo em cubos e picado e, provavelmente, até teria vodca e *Coca-Cola*, se carregasse no botão certo.

Pegou na garrafa de vinho sem sequer olhar para o rótulo. Não queria saber se era muito caro. Nem sequer queria bebê-lo. Queria estar em casa, no seu luxo moderado, rodeada das suas coisas e a beber vodca.

Por educação, ficaria para uma bebida e diria a Maggie Fielding que estava tudo bem. E...

Um movimento rápido chamou-lhe a atenção e os finos cabelos da nuca eriçaram-se. Não conseguiu mexer-se; o instinto fê-la ficar rigidamente imóvel enquanto o que estava na prateleira por cima do frigorífico se encontrava suficientemente perto para saltar para a sua cabeça. Petrificada, obrigou-se a olhar para cima e viu que uns olhos a fitavam. Depois, o gordo corpo castanho mexeu-se e Alex viu a comprida e repulsiva cauda.

A garrafa escorregou-lhe das mãos, desfazendo-se em mil pedaços quando caiu no chão de pedra, e o grito quase lhe arrancou as amígdalas.

Maggie Fielding apareceu a correr e viu a convidada pregada ao chão, imobilizada por um profundo terror. Tremendo incontrolavelmente, Alex foi levada para a cadeira mais próxima. Maggie Fielding teve de se repetir várias vezes até Alex perceber, por fim, o que ela estava a dizer-lhe.

– É o *Dylan*. Lamento imenso. Esqueci-me de que estava solto. Desculpa, Alex. Esqueci-me completamente.

Alex olhou-a, espantada.

– Quer dizer...

– É um rato domesticado. É muitíssimo manso e neste momento deve estar escondido num canto

qualquer, cheio de medo.

– Não te preocupa que ele faça chichi e cocó por todo o lado? – foi a única coisa que Alex conseguiu dizer.

Maggie Fielding sorriu.

– Não faz. Está ensinado. Ou melhor, eu conheço os seus hábitos. Ele não faz cocó fora da gaiola.

Abriu uma segunda garrafa de vinho branco com a habilidade de uma empregada de bar profissional e encheu um grande copo para Alex. Depois dos primeiros goles no seu estômago vazio, Alex começou a sentir-se mais calma.

Não estava preparada para conhecer formalmente o rato, mas Maggie Fielding estava determinada a que *Dylan* deixasse uma impressão melhor na segunda apresentação. Quando voltou, tinha uma caixa de *Cheerios* numa mão e *Dylan* estava empoleirado no seu ombro.

No momento em que ela pousou o rato na bancada, Alex levantou-se e recuou para um canto.

– Ele salta para cima das pessoas? – perguntou, nervosa.

– Não. Se lhe deres uma oportunidade, vais ver que é uma criaturinha muito amistosa.

O rato não se tinha mexido. Maggie abanou a caixa; a grande cabeça do animal ergueu-se e o nariz pontiagudo e os bigodes mexeram-se. Os olhos estavam pregados na dona. Maggie tirou um único *Cheerio* e segurou-o entre os dedos. Sem hesitar, o rato aproximou-se dela. Sentou-se sobre as patas traseiras, com as compridas patas dianteiras abertas e unhas que pareciam demasiado nuas e pequenas esticadas à espera da comida. Maggie colocou o *Cheerio* nas patas sem pelos e o rato – muito delicadamente, com os dois dentes compridos – começou a comê-lo.

– Queres experimentar?

Alex abanou a cabeça e Maggie riu-se.

– Talvez da próxima vez.

Alex pensou que não. Nunca na vida. Preferia lidar com o medo de edifícios a ruir à sua volta enquanto ajudava pessoas presas nos escombros a pôr um único dedo perto dos dentes e das unhas daquele rato.

Depois de o chão da copa estar limpo, e *Dylan* estar de novo na segurança da sua gaiola, as duas mulheres sentaram-se por fim para conversar. Alex demorara a sentir simpatia por aquela mulher, mas tinha de reconhecer que começava a gostar de Maggie Fielding, e no seu mundo confuso precisava de novos amigos.

– Onde é que arranjaste tantas peças de arte maravilhosas? – perguntou a Maggie.

– Principalmente, dos meus pais. Eles viveram durante muito tempo em França e em Itália. Muitos dos quadros foram trazidos para cá por eles. Eu não sou propriamente uma colecionadora de arte. Não tenho tempo para isso.

– E o quadro que está por cima da escrivaninha?

Alex tinha reparado nele quando chegara, logo que entrara na sala de estar, e durante a conversa os seus olhos eram atraídos muitas vezes para ele.

Uma mulher encontrava-se deitada numa cama, com os seios nus, e esticava o braço para um homem que se afastava. Na mão segurava uma peça de vestuário, como se estivesse a pedir-lhe para voltar. Mas ele estava a afastar-se, já vestido.

– Chama-se *José e a Mulher de Putifar*. O artista é Orazio Gentileschi. Muitos artistas, incluindo Rembrandt, pintaram esta linda senhora.

Alex nunca ouvira falar na mulher de Putifar, mas desejou conhecer a história para poder falar

sobre o quadro. O seu pai era um apaixonado por arte, mas ela nunca prestava muita atenção aos livros grandes e caros que ele trazia da biblioteca.

– Parece muito triste. O homem que ela ama está a deixá-la, não está?

Maggie, como Alex lhe chamava agora, piscou o olho e esboçou um sorriso matreiro.

– Lê sobre o assunto, Alex. Vais aprender umas coisas.

Serviu mais vinho para ambas e, pela primeira vez em muito tempo, Alex desfrutou do prazer de bebericar em vez de emborcar, sem necessitar do estímulo rápido do álcool para acalmar os nervos. Estava maravilhosamente descontraída e já não lhe apetecia falar sobre os seus problemas, mas Maggie esperava que ela o fizesse; era por isso que estava ali, para falar com esta mulher, ainda uma relativa estranha, sobre coisas que não podia partilhar com mais ninguém. Alex preferia que se conhecessem melhor e esquecessem durante algum tempo o homem que a atacara e que continuava a aterrorizá-la.

– Posso fazer-te uma pergunta pessoal?

As sobrancelhas escuras de Maggie ergueram-se e ela pareceu divertida. O cabelo cor de chocolate estava solto e chegava-lhe quase à cintura. Ela usava uma camisola bege de lã fina, de gola alta e sem mangas, e calças castanhas de corte justo. Era atraente e isso, combinado com a sua inteligência e confiança, torná-la-iam uma companhia muito desejável para alguém.

– És casada?

Maggie desatou a rir.

– Com franqueza, Alex, durante alguns instantes pensei que ias perguntar-me se era lésbica. E a resposta a ambas é não. Estive quase noiva... – Os seus olhos escureceram durante alguns instantes e a voz soou mais baixa. – Quase. Mas ele tinha alguns problemas com compromisso. Acho que no fim só gostava de estar aqui para poder usar o estúdio de gravação dos meus pais. Adorava ouvir o som da sua própria voz. No entanto – disse, num tom mais enérgico –, é melhor saber mais cedo do que mais tarde.

– O que fazem os teus pais?

Os olhos de Maggie deixaram transparecer tristeza.

– Faziam. A minha mãe era pianista e o meu pai tocava violoncelo. Morreram ambos num acidente de autocarro. Infelizmente, não éramos muito próximos. Acho que eles ficaram desapontados por eu não ter seguido o exemplo deles e, em vez disso, ter optado pela medicina. A minha mãe considerava que era uma profissão deselegante. – Olhou para as mãos magras e estudou-as. – Dito isto – continuou –, gosto do que faço e, no fundo, suponho que isso é o mais importante.

– E agora – Maggie ergueu o copo de vinho – tenho um namorado ocasional, mas não uma relação permanente. – Soltou um pequeno suspiro. – Este é o meu primeiro cargo de especialista. Será o meu primeiro Natal na cidade desde que saí de casa para ir para a faculdade. Tenho esta casa enorme e linda, pronta para ser enchida com uma família, mas não tenho tempo. Fiz trinta e dois anos na semana passada e, sendo o que sou, e fazendo o que faço, pensei durante breves instantes no meu relógio biológico e depois concluí: ei... não tenho tempo para um marido e muito menos para um filho. – Bebeu um pequeno gole de vinho. – E tu? Ou pensaste que eu te ia deixar escapar sem perguntar?

– Não tenho namorado nem pretendentes a fazer fila.

– E o que eu conheci? Parecia ser muito bom na cama.

Foi a vez de Alex se rir.

– E era! É! É uma pena ser um cretino tão grande. Ele ainda me ama; na verdade, quer casar-se comigo. O único problema é que temos uma ligeira diferença de opiniões... ele acha que eu enlouqueci.

Como Maggie não respondeu logo, Alex sentiu-se embaraçada. O calor que sentia no rosto disse-lhe que parecia um tomate.

– Escuta, tenho de me ir embora. Amanhã entro cedo no hospital e preciso de fazer algumas coisas esta noite. Mas foi muito bom falar contigo e agradeço.

– Não tens de ficar embaraçada, Alex. Eu não penso por um único instante que enlouqueceste. Se queres a minha opinião sincera, estou mais inclinada para pensar que sofreste algum tipo de choque pós-traumático. Alguma coisa que se manifestou como real, talvez alguma coisa do teu passado ou alguma coisa relacionada com o tipo de trabalho que fazes. – Fez uma pausa, e um sorriso muito sarcástico curvou-lhe os lábios. – Ainda não percebi muito bem porque é que *me* deixaste examinar-te naquela noite. Pensei que talvez fosse porque eu ainda era relativamente nova no hospital... porque me conhecias mal, por assim dizer. Mas tu não gostavas de mim, por isso continuei a pensar que era estranho. Podias ter recusado.

Alex sentiu que a cara ficava mais fresca.

– Porque é que recusaria? Tu eras a melhor. Tive sorte por estares lá para lidar com aquela mulher-polícia antipática. Mas é verdade... eu não gostava de ti. Sempre que te encontrava, tinhas uma atitude muito desdenhosa.

Maggie suspirou.

– É verdade, mas não consigo evitar, Alex. Quando estou concentrada num trabalho, tudo o resto se torna irrelevante, incluindo os meus modos.

Alex ergueu uma sobrancelha trocista.

– Suponho que não és assim tão má quando não estás em modo de trabalho.

– Ainda bem que dizes isso – replicou Maggie, num tom igualmente trocista. Mordeu o lábio durante um segundo enquanto os seus olhos avaliavam Alex. – Acho que deves a ti mesma explorar isto melhor. Se achares que ajuda, posso dar-te o contacto de uma pessoa que conheço. Ele é muito bom. É psicanalista e tem muita experiência com *stress* pós-traumático. Também faz hipnose, recupera memórias, esse tipo de coisas. – Olhou para Alex, expectante. – Ficaste calada. Falei de mais?

Alex abanou a cabeça. E, estranhamente, em vez de se sentir desapontada com o que Maggie dissera, sentiu algum alívio. Talvez, talvez, devesse explorar a possibilidade de aquilo estar na sua cabeça. Não a mensagem deixada no seu *Mini*; isso era muito real, mas, como Laura Best sugerira, talvez tivesse sido feito por um engraçadinho.

Talvez fosse boa ideia fazer hipnose, embora fosse extremamente cética. Tanto quanto sabia, aquele especialista poderia desenterrar coisas que ela bloqueara. Era um risco que valeria a pena correr para saber o que acontecera, quanto mais não fosse para deixar de pensar que todas as mulheres que morriam eram vítimas do seu atacante.

– Pões-me em contacto com ele? – pediu.

– Claro que sim – disse Maggie Fielding. – Ligo-lhe daqui a pouco. Agora, esquece isso de ires já para casa. Vais ficar para jantar e não aceito uma recusa.

CAPÍTULO 19

Greg agachou-se e olhou para o lugar de estacionamento onde Lillian Armstrong fora encontrada. O sangue que ela perdera continuava no chão. Salpicara para a parede ao pé da sua cabeça e agora parecia tinta castanha seca. As pegadas da Dr.ª Taylor mostravam para onde ela fora levada, desvanecendo-se gradualmente até acabarem por se tornar invisíveis a olho nu.

Quando a Dr.ª Taylor lhe falara a respeito da marca de pneu no peito da mulher, o seu primeiro pensamento fora que ela tinha sido mudada. E agora, é claro, era óbvio. Os carros que ocupavam os dois espaços entre o de Alex Taylor tinham passado o dia inteiro ali estacionados. A mulher estava deitada com a cabeça voltada para a parede, mas a marca do pneu indicava que um carro lhe passara por cima do peito. Logo, a não ser que ela se tivesse posicionado assim, outra pessoa o fizera.

Lillian Armstrong tivera de ser convidada para vir a este lugar. Laura tinha razão em relação a isso.

Ela era uma prostituta de segunda, a trabalhar sob o disfarce de massagista. Se levava a profissão a sério, escolhera sem dúvida a cidade errada para trabalhar. Apesar da sua ancestral história de deboche, Bath não tinha uma zona de lanterna vermelha, por isso, infelizmente para pessoas como Lillian Armstrong, quando eram apanhadas pela Polícia nunca mais eram esquecidas. Ela fora presa e recebera várias advertências por vadiar – uma vez nas casas de banho de Monmouth Street por suspeita de aliciação de clientes, mas a queixa fora retirada. E uma vez num restaurante, onde Greg e a sua mulher na altura estavam a jantar. A mulher acabara de lhe dizer que tinha entrado com os papéis para o divórcio e Greg ficara sentado, aturdido, até a voz rouca de Lillian Armstrong penetrar no seu crânio. Greg fora ajudar o gerente do restaurante porque Lillian estava a perturbar um dos clientes, um homem que estava sentado sozinho, tentando esconder a cara atrás da ementa. Greg acabara por acompanhar Lillian à esquadra porque, enquanto tentava resolver aquele problema, a mulher aproveitara a oportunidade para se ir embora.

Na esquadra, ela tivera a audácia de dizer que os seus cartões profissionais, impressos em cartão cor-de-rosa de má qualidade com o seu nome e número de telefone, ofereciam um serviço legítimo.

Descontraia com a Lillian. Passe a hora de almoço com uma relaxante massagem.

Daí a alcunha.

O médico-legista tinha ligado a Greg uns minutos antes e dissera-lhe que era muito pouco provável que ela sobrevivesse; tinha ferimentos na traqueia e nos brônquios. A maioria dos pacientes com este tipo de lesões morre no local do acidente, a tossir e a afogar-se em sangue. Mesmo os que chegam vivos ao hospital têm uma taxa de mortalidade elevada. Greg diria aquilo à Dr.ª Taylor quando

voltasse a falar com ela, para lhe dar alguma paz de espírito. Também lhe daria o número do seu telemóvel, para que ela não tivesse de ligar para a esquadra e estar do outro lado da ira de Laura.

Pobre Lilly, pensou. Por baixo da maquilhagem e das roupas provocantes, era apenas uma pessoa que trabalhava para ganhar dinheiro e sustentar os filhos.

*

A área comum do prédio onde Lillian Armstrong vivia era um vão de escada de pedra com as paredes cobertas de grafitis e outras coisas atiradas pelos residentes. O prédio de apartamentos de seis andares era uma monstruosidade numa área onde era um passatempo andar com motas roubadas. Jola Bakowski, a vizinha de Lillian, parecia deslocada naquele lugar.

Vivia há quatro anos no Reino Unido e fora vizinha de Lillian Armstrong durante três. Era solteira e dividia o apartamento de dois quartos com outra rapariga polaca. Ambas trabalhavam no mesmo hotel. A colega de casa estava a fazer um turno duplo e ainda estava a trabalhar. A pequena sala quadrada com um teto baixo e insípidas paredes beges era um caixote pouco inspirador, mas também imaculado.

Era a casa de alguém que se orgulhava da limpeza. Jola pousou um tabuleiro com um bule, chávenas de porcelana e um prato com um bolo muito húmido em cima da mesa, e serviu Greg como se ele fosse um convidado muito ilustre.

– Obrigado, Jola – agradeceu ele, pegando na chávena com muita vontade de beber o chá, algo que não acontecia na maioria das casas que visitava em serviço. Estava cheio de sede e faminto, mas falaria primeiro e só depois comeria uma fatia de bolo.

– A Lillian era boa vizinha?

Jola esboçou o fantasma de um sorriso. Era difícil dizer a sua idade; andaria entre os vinte e os trinta, calculou. Era baixa e tinha cabelo castanho, limpo, preso num curto rabo de cavalo. O rosto era bonito e natural, sem maquilhagem, e os olhos castanhos eram tímidos.

– Ela era amiga. Eu gostava muito da Lillian. Ela era muito boa. Mostrar-me tudo quando me mudei para cá... onde pôr lixo, apanhar autocarros, dizer palavras em inglês como deve ser. Ela diz sempre: «Eu fui, não eu vai, às lojas. Eu sou. Não eu é.» Estou muito triste por ela ter morrido. Os filhos dela agora vão ser orfanatos.

– Órfãos – corrigiu Greg suavemente.

– Obrigada. Sim, órfãos. Sabe para onde vão eles agora?

Ele acenou com a cabeça.

– Para uma casa de acolhimento temporário. Estão com uma família que toma conta de crianças nestas circunstâncias até se conseguir encontrar um lar permanente. Alguma vez viu o pai deles?

Jola abanou a cabeça.

– A Lillian nunca se casa com ele. Ela diz: ele é filho da mãe e estou melhor sem ele. Nunca o vejo.

– Saberia como ele era, se viesse cá?

– A Lillian mostra-me uma fotografia de quando são novos. Ele é homem negro, mas nunca o vejo e a Lillian diz que nunca o vê. Ela nunca tem dinheiro dele para filhos, ela diz que ele foge da responsabilidade.

Greg bebeu o chá e classificou-o com dez em dez. Uma chávena de chá perfeita, e muito melhor

por ser servido numa chávena de porcelana. Uma caneca de chá nunca tinha o mesmo sabor.

– Posso perguntar-lhe sobre o trabalho da Lillian?

Jola encolheu os ombros.

– Claro. Ela não esconde o que faz. Mas ela muito discreta e muda de trabalho o ano passado. Já não dá o sexo.

Greg ficou surpreendido com a franqueza e achou que era reconfortante.

– E porque é que pensa que ela parou? Não queria que os homens viessem ao seu apartamento?

– Claro – respondeu ela com novo encolher de ombros, que só podia ser descrito como gaulês... cabeça inclinada, e ombros e mãos a erguer-se. – Mas eles não vêm para o sexo. A Lillian parou o sexo. Tinha problemas com a sua... como é que se diz... ela diz-me. Eu... eu apanha «a gonorreia», Jola. Ela não usa camisinha uma vez porque recebe mais dinheiro e apanha a gonorreia. Por isso, não faz mais.

– Seguramente, isso dar-lhe-ia mais um motivo para usar preservativo no seu trabalho, se continuasse?

A cabeça de Jola abanou lentamente de um lado para o outro e ela levantou-se como se quisesse reforçar o argumento.

– Ela já não faz o sexo, porque apanha um susto quando aquilo lhe acontece.

– Está bem, está bem, acredito em si – replicou Greg calmamente. – Pode dizer-me porque é que ela estava vestida com roupas que pareciam que *estava* a trabalhar no que fazia antigamente quando a encontrámos?

– Não faz ideia – disse Jola, parecendo um pouco perturbada. – Ela veste-se bem quando faz o trabalho... calças pretas e *top* preto. Ela dá muito boa massagem e veste-se bem quando não faz trabalho... calças de ganga, *top*, casaco bonito. Mesmo no trabalho antigo vestia não muito *sexy*. Ela cuida dos filhos e é sempre mãe feliz, nunca grita com os filhos, nunca lhes bate. E eles felizes, percebe-se.

Greg fez mais algumas perguntas e levantou-se para se ir embora. Jola vira Lillian pela última vez na véspera da sua morte e ela estava feliz e normal, e tinha marcado um fim de semana em Haven nas férias de fevereiro. Weymouth, dissera a Jola, umas férias à beira-mar para ela e para os miúdos. Apesar de ser inverno, se fosse preciso fariam castelos de neve.

Enquanto descia as escadas e saía do edifício de betão, a imagem da última escolha de roupa de Lillian Armstrong não lhe saía da cabeça. Era tão óbvia como uma lanterna vermelha. Apesar de Jola garantir que ela parara de vender sexo, Lillian Armstrong estava vestida para trabalhar. Mas a questão era: com quem?

CAPÍTULO 20

Chuva forte batia nas vidraças do Departamento de Investigação Criminal e nuvens densas escureciam o céu. As luzes estavam acesas, apesar de serem apenas dez da manhã. O som da chuva e a escuridão lá fora tornavam o espaço opressivo, e o ruído de pessoas a digitar em teclados de computador, o toque de telemóveis e o barulho de uma dúzia de vozes diferentes estavam a provocar uma dor de cabeça a Greg. Laura Best estava de volta ao turno diurno e, embora ela ainda não tivesse dito ou feito alguma coisa aborrecida, a sua simples presença irritava-o.

Laura estava a tratar dos seus assuntos e encontrava-se sentada a trabalhar à secretária há mais de uma hora. Mas em quê?, perguntou a si mesmo.

Espreitou por cima do seu ombro, para o ecrã do computador.

– Para que estás a pesquisar isso? – perguntou.

Laura virou a cabeça e olhou para o chefe.

– Quero ler isto, e depois vou conversar contigo sobre uma coisa. É uma ideia que tenho andado a aprofundar nos últimos dias.

– E as coisas que devias estar a fazer? Ir falar com os amigos da Lillian Armstrong sobre clientes que são mais duvidosos do que a maioria. Saber se conhecem alguns dos seus clientes habituais. Precisamos dos contactos do telemóvel dela, de saber se tem página de Facebook ou Twitter. Não sabemos nada acerca do que andou a fazer nas horas antes da morte, nem o que estava a fazer naquele parque de estacionamento. É nessas coisas que devias estar a trabalhar, Laura, não a pesquisar doenças. Se fazes o favor, concentra-te no que está programado.

Ela sorriu, indiferente ao aborrecimento de Greg.

– E se fosses tomar um comprimido para descontrair? – retaliou. – O que estou a pesquisar pode ser a resposta para as tuas orações. Tenho andado a fazer algumas pesquisas sobre a Dr.ª Taylor e ela não é tão pura como parece.

«Conversei com alguns funcionários do Serviço de Urgência e há rumores de que ela fez uma asneira monumental há algumas semanas e que foi encoberta. A enfermeira com quem falei está convencida de que ela ia administrar um medicamento errado... ela fez o choradinho de que alguém os tinha trocado. Aparentemente, teria matado o homem se lho tivessem dado.»

«E outra informação que me foi dada por uma das suas melhores amigas... Fiona Woods. Ela disse uma coisa que me deixou a pensar. Comentou algo do tipo: 'não lhe devia ter acontecido outra vez'. Tentei fazê-la falar, deixá-la pensar que estava a ser solidária.»

Greg ergueu uma sobrancelha ao ouvir aquilo. Já vira a simpatia de Laura Best em ação. Estivera do lado do recetor.

– E depois ela disse: «Não quis dizer literalmente acontecer outra vez. Só pensei que ela já tinha

ultrapassado.» Que será que quis dizer com aquilo?

Greg quase conseguia ver a sua alegria maldosa enquanto sorria presunçosamente.

– Por isso, vou investigar melhor a nossa Dr.ª Taylor.

– E, entretanto, porque é que tens essas coisas no ecrã, e logo sobre síndrome de Munchausen? – replicou ele num tom igualmente brusco. Não devia sentir vontade de proteger a Dr.ª Taylor, mas sentia. Sentia-se obrigado a protegê-la. Laura Best pretendia atingir a médica e ele já a vira aniquilar pessoas antes, quer fossem inocentes ou culpadas. Não lhe importava, desde que obtivesse um resultado.

– Bem, deixa-me ler-te isto, Greg, e depois talvez não fiques tão mal-humorado.

Greg empurrou a cadeira de Laura para o lado e aproximou-se do ecrã do computador.

– Não, não deixo. Eu sei ler. – Leu rapidamente o documento, que declarava que a síndrome de Munchausen era um distúrbio psicológico em que a pessoa finge que está doente ou produz sintomas de doença de forma deliberada em si mesma.

Greg olhou-a, incrédulo. Era um golpe muito reles, até para ela.

– Estás mesmo a sugerir que a Dr.ª Taylor tem síndrome de Munchausen?

– Deixei o melhor para o fim, Greg – disse ela, com mais um sorriso presunçoso. Clicou no rato e um novo documento surgiu no ecrã. – Munchausen por procuração é uma leitura muito mais interessante. Eu...

– É aquele em que a mãe põe o filho doente – interrompeu-a Greg num tom frio e sarcástico. – Enganaste-te na doença.

Ela suspirou, como se estivesse a tentar manter a calma com uma criança marota.

– Tem paciência, Greg, e tudo será revelado. Não são apenas mães que põem os filhos doentes. São pessoas que desempenham o papel de cuidadoras: enfermeiros, médicos, profissionais de saúde que põem os seus pacientes doentes de forma deliberada com o único objetivo de os salvar para serem elogiados e reverenciados. É o chamado «fazer de Deus».

Greg sentiu uma onda de frio. Não gostava que Laura tivesse desencantado aquilo. Mas havia coisas ali que se podiam aplicar...

– Isto é uma treta – disse com brusquidão. – E, se não tiveres cuidado, vais ser processada por difamação de carácter.

– Ah, sim? Não me parece, Greg.

– Foi a Alex Taylor que nos falou sobre a marca de pneu no blusão da Lillian Armstrong. Achas que faria isso, se tivesse acabado de passar por cima da mulher? Usa o seu carro e conduz-nos na direção da arma?

– Quem disse que ela usou o *seu* carro? Tanto quanto sabemos, pode ter usado o de outra pessoa qualquer. Não achas nem um pouco interessante ela continuar a aparecer? É raptada e atacada. Depois diz-nos que a sua paciente, Amy Abbott, foi assassinada. A seguir, é deixada uma mensagem no seu carro. Mais tarde, comete um erro grave com um medicamento e uma pessoa quase morre. E, para cúmulo, agora é a primeira pessoa a chegar ao local onde ocorreu um atropelamento com fuga do condutor. Conjuga-se muito bem com a sua teoria de que há um médico louco à solta. Para alguém que é supostamente inocente, há muitas coisas a acontecer à sua volta. Mas, se ela tem uma doença mental como eu penso, tudo isto faz sentido. Até podemos esperar que corpos comecem a amontoar-se.

Girou na cadeira e levantou-se.

– Pretendo investigá-la e depois veremos se estou certa ou errada. Oh, e para que saibas –continuou, num tom que raiava a insolência –, a Lillian Armstrong tinha uma conta de Facebook, cheia de coisas parvas: o que os filhos jantaram, o que os filhos fizeram na escola, o que os filhos iam fazer amanhã. Nada sobre o que fazia para ganhar a vida. Os seus registos telefónicos estão a ser verificados neste momento e o seu ex, ou antes, o pai dos filhos, tem um álibi para a hora da morte dela. É motorista de táxi em Southampton e estava a trabalhar nesse dia.

Greg continuava a olhar para o ecrã, muito tempo depois de ela ter saído. Laura era como um cão selvagem à solta, a tentar morder e a rosnar, com sede de sangue, e não podia pará-lo. E também não podia avisar a Dr.ª Taylor de que ele ia na sua direção.

CAPÍTULO 21

Nathan partiu um pedaço de *Galaxy* e ofereceu-lho. Acostumara-se a partilhar com Alex as porcarias que comia e ela deixara de lhe agradecer depois da primeira meia dúzia de vezes, pois começava a tornar-se irritante para ambos.

– Se continuares a comprar estas coisas, vou ficar sem dentes. E o meu pai, que é dentista, mata-me porque os manteve perfeitos até eu sair de casa. Não podes trazer opções mais saudáveis? Uma sanduíche, talvez. Frutos secos também seria agradável.

Viu os lábios de Nathan torcerem-se enquanto ele continuava a escrever as suas notas.

– Se quiseres opções saudáveis, podes trazê-las, Alex. Eu não tenho tempo para fazer sanduíches nem para comprar frutos secos. A máquina de venda automática do corredor dá-me tudo o que preciso, e posso comprar peixe com batatas fritas a caminho de casa.

– Se não tiveres cuidado, vais acabar diabético. Ou vais ter um ataque cardíaco ou problemas renais. Quando tiveres noventa anos, vais ser viciado em comida e desdentado.

Após alguns minutos de silêncio, apercebeu-se de que Nathan parara de escrever e não estava a responder-lhe.

– O que foi? – perguntou Alex quando levantou a cabeça e viu que ele estava a olhá-la. – Para que é esse olhar? Porque é que estás a olhar-me dessa maneira?

Só estavam os dois na sala dos médicos, mas ainda assim ele baixou a voz.

– Reconheço os sinais. Tu andas a tomar alguma coisa, Alex. E não é álcool. Alguma coisa está a dar-te um nível de calma que acho que não consegues com *yoga* nem com qualquer outro tipo de tortura. De vez em quando, percebo na tua voz. Um pouco descontraída de mais, pode-se dizer.

Alex ficou chocada por Nathan conseguir reconhecer tão facilmente o seu cuidadoso disfarce. Ainda só tomava diazepam, mas aumentara a dose para cinco miligramas. Não era suficiente para ficar pedrada, mas atenuava o pânico. Estava nervosa com a visita ao psicanalista no dia seguinte, e tinha muito medo de que ele lhe dissesse que estava tudo na sua cabeça.

– Tem calma, mais ninguém reparou. Eu só percebo porque estou a trabalhar contigo. A Caroline não notou porque está demasiado ocupada a tentar cheirar o teu hálito. Mas tens de parar, Alex. Vai afetar o teu trabalho e odiaria ver-te cometer um erro. – Olhou de novo para as suas notas. – Talvez *yoga* ou uma coisa do género não seja má ideia.

Alex escondeu o rosto a arder e fingiu que não se importava com o que ele tinha dito. Mas é claro que importava. Nathan estava a tornar-se um bom amigo. Era bondoso e pouco exigente, e ela apreciava a sua mente confiante e capaz. Ele nunca mostrava que não gostava de andar a controlá-la, nunca insinuava aos pacientes que aquilo não era completamente normal.

Alex confiava nele. E desde a festa dos médicos também percebera que gostava dele. Já não

evitava olhar para a cara de Nathan quando ele a olhava de frente. O sinal de nascença tornava-se menos visível quando via o homem por baixo da pele manchada.

Agora corada por um motivo diferente, perguntou a si mesma o que se passaria consigo. Nathan Bell era um colega, por amor de Deus. Só porque reconhecia que ele era atraente não significava que tinha de ficar toda cheia de calores e incomodada.

Saltou quando a mão dele tocou na sua.

– Queres o último pedaço? – perguntou Nathan, estendendo-lhe um quadrado de chocolate. Ainda a sentir a pele quente, Alex pegou no chocolate e comeu-o.

Passado algum tempo, depois de arrefecer a cara ruborizada com água fria, contemplou-se ao espelho e gemeu. Precisava de cortar o cabelo, de arranjar as sobrancelhas, e a sua pele estava pálida e com uma aparência exausta.

Questionou-se acerca do que Nathan pensaria dela. O que diria se o convidasse para tomar um copo? Não, risca isso. Sem sombra de dúvida, era má ideia. Um passeio no parque, talvez, ou podiam ir ver um espetáculo ou uma exposição. Era uma ideia melhor. Ela podia ter um bilhete a mais porque uma amiga a deixara pendurada.

Sentindo-se uma adolescente tonta, olhou de novo para o seu reflexo. Não fazia mal querer sentir-se atraente de novo. Quando voltou para o departamento, os ombros estavam mais direitos e a cabeça mais esticada, e os lábios tinham um pouco de batom brilhante.

CAPÍTULO 22

Até agora fora uma boa noite e a mágoa que sentia desvanecera-se. Fiona abraçara-a como se a sua vida dependesse disso e pedira-lhe muitas vezes desculpa por ter sido estúpida e insensível, só para chamar a atenção. Nunca pensara imitar aquelas palavras, mas ainda estavam na sua cabeça e tinham saído sem ela dar por isso.

– Às vezes sou uma cabra invejosa – disse.

Tinham-se encontrado às nove e bebido vários *cocktails* antes de irem para o centro da cidade. Agora, estavam num clube noturno com um bando de gente com os copos.

Um jovem alto com o tronco e a cara pintados de um azul *Braveheart* saltava no mesmo lugar o mais alto que conseguia. Parecia estar fora de si. Ao seu lado, a parceira usava um tutu vermelho, um *top* vermelho com bolas pretas e asas de rede preta presas nas costas. Na cabeça, usava fofas antenas de arame preto e calçava um par de sapatilhas brancas.

A joaninha e o guerreiro não eram os únicos a destacar-se. Aquele lugar estava cheio de pessoas extravagantes. Para onde quer que olhasse, via roupas estranhas e perguntou-se se seria uma noite temática. Sentiu-se velha.

– O Nathan Bell! – berrou Fiona com um guincho estrangulado. Tinha uma garrafa de *Peroni* numa mão e um inalador *Nicorette* na outra. O cabelo castanho frisado fora alisado para sair, estreitando o rosto já magro. – O Nathan Bell? Estás a gozar?

– Cala-te, está bem? Não é preciso anunciar ao mundo inteiro – gritou Alex em resposta, igualmente alto. Era impossível falar baixo. A música, ou antes, o barulho, era mais alto do que um comboio a passar numa sala pequena, e na verdade ninguém, a não ser que tivesse o ouvido encostado à boca de Fiona ou de Alex, conseguia ouvir a conversa delas.

– Não posso acreditar que vais convidá-lo para sair – gritou Fiona ainda mais alto.

– Oh, cala-te, está bem? Quem me dera não te ter dito nada – retorquiu Alex, zangada.

– É que ele é tão...

– O quê? – desafiou Alex, com uma ferroada de ressentimento pelo que sentia que vinha aí. – Feio? Pouco atraente? Uma companhia embaraçosa?

– Chato! Estou-me nas tintas para a aparência dele. Tu viste os meus ex. Nenhum deles era uma beldade. Não, ele é um chato e é por isso que não posso acreditar que vais convidá-lo para sair. Jesus! Pensa bem antes de voltares a meter-te numa alhada. Ele vai ficar doido por ti e depois tens de lhe dar com os pés.

Alex arrependeu-se de ter falado, mas já não saíam juntas há séculos. Por isso naquela noite, depois de porem a conversa em dia a respeito de coisas normais de trabalho e evitarem as experiências recentes, começaram, naturalmente, a falar de homens. Naquele momento Fiona não

tinha namorado e Alex também não. Apenas um potencial namorado, e tinha contado tudo a Fiona.

A sua expressão devia ter deixado transparecer o que sentia, porque Fiona atirou-se a ela e, de repente, Alex estava enterrada no peito da amiga.

– Vem cá, minha parvalhona. Tu sabes que te amo, querida, e só estou preocupada contigo. Mas se gostas dele, atira-te de cabeça. – Afastou-se, deixando Alex respirar de novo. – Pelo menos, não é um cretino como o Patrick.

Ao ouvir o nome de Patrick, Alex sentiu um pequeno nó de mágoa no estômago. Era difícil acreditar que estava tudo acabado. Talvez fosse demasiado cedo para estar a pensar noutra pessoa.

– Tu gostas dele, ataca – berrou Fiona. – Pelo menos podes ter a certeza de que ele também vai gostar de ti!

Alex olhou para ela e aproximou-se o mais possível para não ter de gritar.

– O que queres dizer com isso?

Fiona agitou descontraidamente o cigarro de plástico.

– Nada.

Alex percebeu que ela estava a mentir.

– Fiona, pensaste que o que aconteceu no ano passado foi por minha culpa, que fui eu que me pus a jeito?

O queixo de Fiona caiu e os olhos abriram-se muito.

– Não sejas parva, querida. Tu não podias saber o que aconteceria, mesmo que gostasses dele.

Alex desviou os olhos. Era evidente que Fiona acreditava que uma parte da culpa era sua, dando a entender que ela estava tão enfeitiçada que se metera naquela situação sem refletir.

– E quanto ao que me aconteceu recentemente? Ao meu carro? E na noite em que fui encontrada no parque de estacionamento? Achas que tudo isto está na minha cabeça, Fiona?

Fiona suspirou.

– Escuta, querida, neste momento estão a acontecer muitas coisas na tua vida. Tu sabes que és uma alma sensível, não sabes? O teu cérebro tem a capacidade de pensar de mais nas coisas. Nenhum de nós sabe como reagirá em momentos de *stress*.

– Como cometer um erro com um medicamento?

Fiona abanou a cabeça.

– Tu disseste que não fizeste aquilo. Eu acredito em ti. E o raio da Dr.ª Fielding também. Vaca descarada. Assim se vê como os médicos se apoiam uns aos outros.

– Isso não é verdade – protestou Alex. – Lamento o que ela te disse. Ela... provavelmente sabe que eu estou a passar um mau bocado.

– Está bem – concedeu Fiona. – Acredito em ti, e é claro que ela tem razão. Como eu disse, ninguém sabe como reagirá em momentos de... e não quero com isto dizer que tu cometeste aquele erro com o medicamento.

– Mas talvez tenha pintado o meu próprio carro? – perguntou Alex com brusquidão.

Fiona abanou a cabeça.

– Tu nunca poderias ter feito aquilo, Alex. Estavas numa festa, por amor de Deus.

Alex sentiu vontade de chorar. Porque é que Fiona não tinha perguntado apenas: O que é que a Polícia está a fazer em relação a esse assunto? Ou: temos de descobrir quem fez aquilo. Ou: tens de ter cuidado porque alguém anda a perseguir-te, não gosta de ti, está a tentar assustar-te. Em vez disso, dera uma desculpa esfarrapada para explicar porque é que Alex não podia ter feito aquilo. Deixando

buracos suficientemente grandes para ela cair.

– Ei, Miss Moneypenny, queres que te tire do meio de todos estes homens maus?

Alex olhou-a, divertida. Fiona devia estar num palco. Era uma artista nata.

– Queres um *kebab*? – gritou Fiona na sua voz.

Alex não queria, mas aceitaria qualquer coisa para sair daquele lugar. Estava abalada com o que Fiona dissera. A amizade de ambas era importante para ela, mas naquele momento parecia um pouco falsa e deixou-a com um mau gosto na boca.

– Que tal irmos buscar comida e voltarmos para a minha casa?

Fiona sorriu.

– Agora, sim, estás a falar. Mas com uma condição... eu fico com a cama.

Alex bocejou quando se instalou no sofá por baixo de um edredão sobressalente. Pensar que Fiona estava a dormir no quarto ao lado consolou-a. A noite terminara mais cedo do que o esperado; passava pouco da uma da manhã e ficou contente ao pensar que no dia seguinte não acordaria de ressaca.

Relembrou conversas do presente e do passado e fechou os olhos com força para banir a voz de Fiona da cabeça. Adorava a amiga e não queria ter estes pensamentos negativos. Lamentavelmente, tinha boa memória e nunca esqueceria o que Fiona dissera um ano antes: *Tens a certeza de que foi tão mau como dizes, querida? Tens a certeza de que não o incitaste, que não lhe transmitiste os sinais errados?*

Virou-se bruscamente para o lado e bateu na almofada, com vontade de que aquelas memórias sombrias desaparecessem. Não se entregaria à autocomiseração. Fiona fora brilhante com ela depois de aquilo acontecer, insistira para que Alex ficasse em sua casa até ela estar bastante forte em termos mentais, ajudara-a a encontrar o seu atual apartamento. Sem Fiona, não teria conseguido lidar com a situação. Concentrou-se em pensamentos agradáveis, dias de sol, imagens de praias, céu azul, areia macia, os olhos de Nathan...

O toque estridente do telefone despertou-a completamente.

A sua mente encheu-se de pensamentos. Que dia era? Seria do hospital, Patrick ou a mãe? Pegou no auscultador para parar o barulho e balbuciou um «estou».

– Em breve... – disse a voz, e ela parou de respirar. Aquelas duas palavras queimaram-lhe o cérebro e apoderaram-se de todo o seu ser.

Alex soltou o maxilar e gaguejou uma súplica.

– P-por f-favor.

O silêncio dele prolongou-se, e depois falou de novo.

– Vou voltar para te apanhar em breve.

A tremer incontrolavelmente, deixou cair o auscultador, e quando Fiona lhe tocou, estremeceu como se tivesse sido eletrocutada.

– Céus, não me digas que estás novamente de prevenção? – perguntou a amiga.

Alex não conseguia falar. Pequenos gemidos lutavam para passar pela garganta. Estava paralisada de medo.

– Por amor de Deus... eu vou dizer que a culpa é minha. Ou, melhor ainda, vou dizer que estás doente. Deixa-me...

O grito silenciou Fiona. A vodca pura, que a amiga a obrigou a beber, queimou-lhe a garganta antes de se formarem palavras e ela lhe dizer que *ele* telefonara.

– Vou ligar para a Polícia!

Alex abanou a cabeça.

– Eles não vão acreditar em mim.

Ela levantou o queixo, determinada.

– Mas vão acreditar em mim! Vão localizar a chamada!

Alex riu-se, um som histérico.

– Eles *nunca* vão conseguir apanhá-lo! E o que é que podes dizer-lhes? Que ouviste um telefone tocar? Que me encontraste a tremer dos pés à cabeça? Eles não vão acreditar em mim, Fiona. Acham que isto está na minha cabeça.

CAPÍTULO 23

Laura Best espetou incisivamente o cotovelo nas costelas do homem jovem que dormia ao seu lado. Ele gritou, ressentido, e afastou-se mais. Sem desistir, ela abanou-lhe o ombro com força e falou alto ao seu ouvido.

– Ei, dorminhoco. São horas de ires para casa.

Com os olhos congestionados, Dennis Morgan levantou a cabeça da almofada.

– Não posso conduzir. Estive a beber.

– Então, apanha um táxi – replicou ela.

– E o meu carro?

– Eu levo-o para o trabalho de manhã.

– Mas, nesse caso, também vou ter de apanhar um táxi para ir trabalhar.

– A culpa não é minha, Dennis. Não devias ter presumido que podias passar cá a noite.

– Então, não devias ter aberto o vinho – retorquiu ele, agora completamente acordado e a olhá-la, incrédulo. – Estás a falar a sério? Queres mesmo que me vá embora?

Com a cabeça mais alta do que a sua, porque estava soerguida na cama, ele viu-a acenar.

– Não acredito nisto! – disse ele, parecendo muito confuso. – Que é que eu fiz?

– Já terminámos o que tínhamos para fazer – declarou ela com calma.

Ele corou, furioso. O significado daquelas palavras apagou qualquer impressão de que Laura poderia estar a brincar. Tinham feito sexo e agora queria que ele desaparecesse. Dennis saiu da cama e procurou as suas roupas.

– Qual é o teu problema? Eu não ia sair daqui e deixar que os vizinhos me vissem. Teria sido discreto!

– Os vizinhos não me preocupam, Dennis. Partilhar a minha cama, sim.

Dennis parou de apertar o cinto.

– Muito obrigado. Eu estava convencido de que fazer amor implica partilhar uma cama.

Ela esboçou um sorriso divertido.

– Não interpretes isto como uma coisa pessoal. Não é.

Agora, ele estava a vestir o casaco com profunda irritação.

– Claro. Nada pessoal no sexo, não é verdade? Vou levar o meu carro esta noite, muito obrigado. Não sei bem se quero que voltes a entrar nele.

Laura suspirou teatralmente, indiferente à perturbação dele.

– Nesse caso, vai por ruas secundárias. É menos provável que sejas apanhado.

Dennis estava de costas e ia a sair do quarto quando ela falou docemente:

– Queres repetir um dia destes, Dennis?

– Não, não quero – gritou ele em resposta. – Tu não és assim tão boa, Laura.

Ela riu-se baixinho, mas parou quando ele fechou a porta principal, desencadeando sentimentos de culpa e vergonha. Fizera aquilo outra vez. Afastara uma pessoa que se aproximara. Castigara-o pelo que ela vivera. Apesar da degradação que sentira às mãos de Greg, estava disposta a fazer outra pessoa passar pela mesma dor. Dennis era simpático e gostava verdadeiramente dela. Mas durante os últimos seis meses Laura tornara-se amarga, uma amargura que lhe endurecera o coração, e não estava preparada para perder essa dureza.

Pensara que Greg gostava dela. Que pensamento tão disparatado.

Ouviu um toque no telemóvel e pegou nele, resignada, mas a mensagem escrita não era de Dennis e sim da amiga Mandy, uma telefonista. A Dr.ª Taylor recebera um telefonema ameaçador do raptor. Laura esboçou um sorriso afetado. É claro que recebera. Era apenas uma questão de tempo. Respondeu com uma mensagem, pedindo à amiga para a manter informada.

Agora a pensar no trabalho, levantou-se da cama e foi para o andar de baixo. Na cozinha, acendeu as luzes e fechou bem as persianas. O vizinho, Gus Bird, gostava de espreitá-la quando a mulher não estava em casa.

Encheu um copo com leite, tirou o envelope bege da pasta e sentou-se à mesa da cozinha.

Fora fácil obter estas informações; afinal de contas, era da Polícia e só pedira uma fotocópia. O facto de conhecer a funcionária dos Recursos Humanos tornara tudo um pouco mais fácil. Não houvera necessidade de um mandado de busca, nem de envolver mais pessoas. Havia uma condição – que ela destruísse o documento depois de o ler e que não dissesse a ninguém onde obtivera as informações.

O currículo profissional da Dr.ª Alexandra Taylor estava agora nas suas mãos. Observou as duas primeiras páginas. Mesmo sem o ler pormenorizadamente era impressionante, e Laura sentiu uma profunda inveja. A médica era apenas dois anos mais velha do que ela, faria vinte e nove no mês seguinte, e havia demasiadas letras depois do seu nome: Universidade de Cambridge – MbChB. Pós-graduação BSc. FCEM (membro do colégio de medicina de emergência). Monitora de SAVA/SATA (Suporte Avançado de Vida de Adultos/Suporte Avançado de Trauma de Adultos).

Alguns dos lugares onde ela trabalhara destacavam-se na página: Royal London; St. Bartholomew's; St. Mary's; Paddington. Royal Victoria, em Belfast.

Com um grande nó na garganta, virou mais páginas e viu interesses e passatempos. Corrida era o que estava em primeiro lugar, escalada a seguir. Medicina em lugares remotos, fosse aquilo o que fosse. E depois leu o seu interesse especial: «Pilotar helicópteros (com *brevet* para pilotar helicópteros comerciais). Seis meses no Serviço de Emergência Médica em Helicóptero.»

A inveja de Laura subiu em flecha. Alex Taylor era não apenas uma médica extremamente qualificada como sabia pilotar a merda de um helicóptero! Antipatizara com a mulher alguns minutos depois de a conhecer, e a antipatia não parara de crescer depois disso. A forma deferente e reverente com que falavam sobre ela fora evidente no instante em que Laura entrara no hospital. Fizera-se silêncio quando os olhos dos colegas a seguiram até à sala de observações privada, e uma mensagem naqueles olhos dizia: «Cuide dela; ela é especial». O imenso respeito que Tom Collins sentia pela mulher era óbvio. O médico-legista neozelandês mal arranjava tempo para lhe dizer bom dia quando estava na esquadra, mas ficara sentado à porta da sala de observações durante mais de meia hora e parecia tão preocupado como se fosse da família da médica. E era um homem que nunca mostrava os seus sentimentos.

Sem dúvida que a Dr.ª Taylor parecia ter tudo – inteligência, carreira e respeito – e trabalhara em Londres, onde Laura tentara trabalhar. Candidatara-se à Polícia Metropolitana, mas fora terminantemente recusada. Não tivera melhor sorte com a Polícia do Vale do Tamisa e com as outras delegações a que se candidatara. As cartas de rejeição eram todas iguais – muito simpáticas, com a cenoura de que poderia ser considerada, se voltasse a candidatar-se quando houvesse novas admissões.

Por fim, fora aceite pela Polícia de Avon e Somerset e trabalhara em todas as cidades do interior da área, onde a possibilidade de estar envolvida em alguma coisa empolgante era quase inexistente, antes de receber o «prémio» da cidade de Bath.

Laura estava encravada numa cidade onde raramente acontecia um crime grave, e quando acontecia, acima de tudo um homicídio, era lembrado durante muitos anos. Bath era famosa pela arquitetura, pelos edifícios georgianos, por Jane Austen e pelos malditos romanos. Agora, queria que fosse famosa pelo próximo assassino em série – outro Dr. Harold Shipman serviria – para poder, por fim, aproveitar a oportunidade e tornar-se conhecida ao apanhá-lo... ou apanhá-la. Claro que era um pensamento que não confidenciava a ninguém. Não era assim tão estúpida. Não queria ser rotulada, como a boa Dr.ª Taylor.

Poderia passar os próximos cinco anos naquela esquadra e ainda assim não ser promovida – a menos que agarrasse alguma coisa importante. E a Dr.ª Alex Taylor podia ser isso mesmo. Pensou no que acontecera nas últimas semanas e concluiu que havia, sem dúvida, algumas coisas interessantes a acumular-se: o suposto rapto, a morte de Amy Abbott, que Taylor dissera tratar-se de homicídio; a morte de Lillian Armstrong, que Taylor encontrara; e a conversa do erro quase fatal com um medicamento, em que Taylor estava uma vez mais envolvida. Talvez fosse apenas por acaso que nunca tivera a oportunidade de deixar um paciente mais doente antes de o curar. Ou quereria apenas matá-lo? Laura estava consciente de que isto contradizia a sua teoria sobre Munchausen por procuração.

Alex Taylor podia muito bem ser uma assassina em série. Não estava para lá do mundo da possibilidade. Tinha, sem dúvida, a competência médica para não ser detetada. Agora, a única coisa que Laura tinha de aprofundar era o motivo, e o comentário que Fiona Woods deixara escapar podia ser a resposta. Que é que não devia ter voltado a acontecer? Era o que Laura teria de descobrir. Quando soubesse, talvez tivesse um caso.

CAPÍTULO 24

Alex olhou para o relógio de pulso e constatou que faltava uma hora e dez minutos para terminar o turno, e depois disso teria quarenta minutos de espera até à consulta. Se a urgência continuasse calma como estava naquele momento, haveria tempo suficiente para tomar um duche rápido, pôr um pouco de maquilhagem e beber uma chávena de chá.

Era inaudito o hospital estar tão sossegado em meados de dezembro. Nesta altura do ano, as urgências costumavam estar a rebentar pelas costuras, e muitas macas estavam ocupadas por pessoas idosas. Quedas, infeções respiratórias e hipotermia eram os motivos mais comuns para virem ao Serviço de Urgência e, lamentavelmente, por vezes adoeciam por pura solidão, por viverem sozinhos durante os longos e escuros dias de inverno. Ficavam enervados e por vezes esqueciam-se de que dia era, se tinham comido ou ingerido líquidos suficientes ou se tinham tomado os medicamentos.

Com o Dia de Natal a apenas duas semanas de distância, alguns estariam a pensar na solidão, a pensar que ficariam sentados sozinhos com a ceia de Natal entregue em casa, na esperança de que os voluntários que o traziam não se fossem embora a correr.

Estar numa cama de hospital no Dia de Natal, onde havia outras pessoas com quem conversar, era um bom motivo para ser internado em meados de dezembro.

Alex cruzou os braços e tentou afastar aqueles pensamentos deprimentes; já tinha muitas preocupações na vida. As suas entranhas ardiam de ansiedade. Estava cansada de ser desacreditada, ridicularizada e alvo de pena. Estava cansada dos seus próprios pensamentos intermináveis e perguntas prementes. Estaria a enlouquecer? Teria de alguma forma alucinado naquela noite? O que ouvira e vira não era real? Imaginara tudo? Já não controlava a sua mente? O telefonema de sábado à noite fora real? Ela e Fiona tinham prestado depoimento a um jovem detetive, mas até agora não tivera notícias. Esta consulta com um psicanalista podia ser a única solução.

Estava inquieta com a consulta, e recordou as palavras de despedida de Fiona enquanto se abraçavam no domingo de manhã.

– Aquela experiência que tiveste no ano passado foi uma merda. E tu recuperaste muito depressa, querida. Talvez não tenhas ultrapassado o que te aconteceu. Se tivéssemos apresentado uma queixa formal, talvez o cabrão tivesse ficado em apuros e tivesse sido melhor para ti. Ajudava-te a avançar como deve ser.

Alex escutara com cuidado e só estava interessada numa coisa: Fiona contara a mais alguém?

– Não, é claro que não. Apenas tu, eu e a Caroline sabemos, e o agente que nos mandou o filho da mãe, é claro. A Caroline teve de lhe contar para podermos ver-nos livres dele. Mas não contei a mais ninguém, querida. Foi o que decidimos.

Alex decidira. Não havia testemunhas nem provas. Teria sido a sua palavra contra a dele e ela não

quisera correr esse risco. Escolhera de forma consciente uma carreira quando decidira trabalhar em Bath. Era a sua cidade, onde crescera e para onde regressara e queria ficar, e onde um dia, *se* conhecesse o homem certo, gostaria de constituir família. No ano anterior decidira que não iria à Polícia porque não queria colocar o seu futuro em risco.

Fiona podia não ter discutido o que lhe acontecera com mais ninguém, mas as suas palavras revelaram o que pensava da situação atual. O que Alex sempre suspeitara. A sua melhor amiga não acreditava que aquilo acontecera.

O psicanalista chamava-se Richard Sickert. Alex tinha procurado o seu nome no Google e ficara alarmada ao ler que um homem chamado Walter Richard Sickert tinha a fama de ser o verdadeiro Jack, *o Estripador*. Walter Richard Sickert, um artista que pintara quatro quadros baseados no homicídio real de uma prostituta, que aconteceu em Camden Town, Londres, em 1907, morrera em Bath na década de 1940. Perguntou-se se teriam algum parentesco.

Ele estava vestido de forma casual, com uma camisa de quadrados azuis, calças pretas e sapatos de golfe pretos e castanhos. Tinha o cabelo escuro húmido, como se tivesse tomado duche há pouco tempo.

Usava óculos com um formato elegante, de aros pretos e oblongos, e a sua idade era difícil de avaliar, talvez quarenta e muitos ou cinquenta e poucos, mas, a julgar pela leveza com que se mexia, podia ser mais jovem.

O alpendre e a entrada da propriedade em socalcos tinham uma aparência banal e Alex ficou com a impressão de que era a casa dele. Não havia uma placa de latão na parede exterior a anunciar o seu negócio e questionou-se se seria deliberado, para que as pessoas que passavam por aquela porta sentissem menos pressão para entrarem a correr e evitar o escrutínio.

O consultório, para além de uma secretária com um telefone e ficheiros, parecia uma sala de estar muito acolhedora. Duas poltronas de camurça castanho-escura estavam colocadas a uma distância confortável uma da outra e separadas por uma robusta mesa de apoio. Um candeeiro num aparador encontrava-se ligado e num canto da sala havia luz extra de um candeeiro de pé com um grande quebra-luz bege com borlas.

Era uma sala tranquila, pensada para ser confortável, mas o que mais se destacava era o silêncio. Um maravilhoso silêncio e paz. Afundou-se numa das poltronas e teria ficado muito contente se ficasse ali sentada durante muito tempo sem proferir uma única palavra.

Ele esboçou um pequeno sorriso, como se estivesse a ler-lhe a mente, e sentou-se em silêncio na outra poltrona, deixando-a com os seus pensamentos.

Passaram-se alguns minutos e, pensando que devia dizer alguma coisa, Alex disse o que lhe pareceu mais natural:

– Obrigada por me receber.

– Não precisa de falar, se não quiser. Não me importo que fique aqui sentada a descontrair. Não há pressa, e, se quiser passar a próxima hora sentada sem falar, faça o favor. Presumo que com a sua autorização, a Dr.ª Fielding contou-me o que lhe está a acontecer, por isso, como disse, não há pressa.

Ela recostou a cabeça na poltrona macia.

– Pensei que teria imensas perguntas.

– Não. Eu não trabalho assim. Para nos dar informações ou para selecionar informações armazenadas, a mente precisa de tempo para se organizar. Muitas vezes estar sentada em silêncio, sem pressão para pensar, é aquilo de que o cérebro mais precisa. Um espaço apenas para ser.

– A minha mente não parece querer desligar, parece acelerar no momento em que paro ou tento dormir.

– Quer falar-me um pouco sobre si? E, por mera formalidade, importa-se se lhe pedir um historial clínico?

Ela encolheu os ombros, sem objeções.

– Está bem.

Ele pegou numa prancheta com uma folha de papel datilografada já presa. Em seguida, pegou na esferográfica e preparou-se para escrever.

– Comecemos com uma coisa simples. Quaisquer doenças de infância, além de constipações, tosse e outras que tais?

– Não. Excecionalmente saudável até aos catorze anos, quando contraí mononucleose infeciosa. Estive um bocado debilitada durante vários meses, mas depois recuperei.

– Algum historial de depressão?

Alex abanou a cabeça.

– Nada diagnosticado. Mas estive deprimida durante algum tempo no ano passado, e é claro que as últimas semanas não foram propriamente felizes.

– E não pediu uma opinião médica nem lhe foi prescrito um tratamento?

Alex sentiu que o pescoço ficava vermelho.

– Bem... não. Só... ultrapassei ou apaguei da memória tudo o que tinha acontecido, suponho.

Ele escrevinhou alguma coisa no papel e Alex perguntou-se se perceberia que ela não lhe dissera toda a verdade. O diazepam que estava a tomar era, sem dúvida, um medicamento sujeito a receita médica. Perguntou a si mesma se ele estava a escrever a palavra «mentirosa».

– Então, além de mononucleose e uma crise de possível depressão, não há mais nada? Nenhum ferimento na cabeça?

Ela abanou de novo a cabeça.

– Não. – Fez uma pausa. – Bem, até há algumas semanas. No hospital, disseram que sofri um pequeno traumatismo craniano, possivelmente devido a um ramo de árvore que me bateu na cabeça.

– Foi na noite em que acredita que foi raptada, presumo?

– Sim.

– E discorda do diagnóstico?

Ela abanou a cabeça, desesperada.

– Não sei. Já não sei. Não tenho dúvida de que pareceu real. Aconteceu. Isto não pode estar na minha cabeça. É... é... – Respirou mais depressa e sentiu o coração a bater no peito.

– Está tudo bem – declarou ele com calma. – Está a portar-se bem. Abrande a respiração e tente descontrair.

Alex respirou fundo algumas vezes e sentiu que a tensão no peito abrandava.

– Melhor? – perguntou ele passados alguns instantes.

Ela acenou com a cabeça.

– As últimas perguntas e depois podemos continuar. Algum historial de alucinações, sonambulismo ou pesadelos?

– Pesadelos? Sim. E sono sem qualidade, acima de tudo nesta altura.

– E álcool ou drogas?

– Não – respondeu Alex com firmeza. – Não às drogas. Álcool? Nas últimas semanas é possível que tenha bebido um pouco mais, mas nada excessivo.

Ele escreveu novamente na folha de papel e Alex tornou a pensar se estaria a sublinhar a palavra «mentirosa».

– Muito bem. Esta era a última pergunta. – Pôs a prancheta em cima da mesa e pousou a caneta. Sorriu. – Agora, fale-me um pouco sobre si.

Alex encolheu os ombros.

– Sou médica... é o que sou, o que faço.

– E?

– É o que quis fazer a vida inteira. É a minha vida.

Suspirou, cansada, e fechou os olhos. Ouviu água a ser deitada num copo e o copo a ser pousado à sua frente.

– Obrigada – disse, depois de beber um gole.

– Como é que se sente em geral?

Alex suspirou.

– Exausta. Aterrorizada. A minha cabeça não desliga. Cada homem que vejo é um potencial raptor. Tenho pesadelos em que ando pelo hospital e oiço-o a andar atrás de mim. Começo a correr, a pensar que se conseguir chegar ao fundo do corredor poderei esconder-me. Mas os corredores estão sempre a mudar. As portas e saídas desaparecem. As placas que indicam a entrada das enfermarias só têm paredes brancas atrás delas. Estou encurralada. Sempre que viro a esquina ao fundo do corredor, há outro corredor. E ele continua a vir...

– Consegue vê-lo?

As palavras soaram baixas e a voz dele acalmou-a.

– Não. Mas consigo ouvi-lo! Os passos dele estão a aproximar-se! – exclamou ela.

– Vire-se e olhe para ele. Pergunte-lhe o que quer.

– Ele é invisível. É invisível para todos. Ninguém acredita que ele existe. Mas ele é real... tocou-me!

– Quando é que lhe tocou?

– Quando eu estava inconsciente, ele despiu-me. Viu-me nua e tocou dentro de mim.

– Com?

– Não sei se ele... – Hesitou, e depois a sua voz, pouco acima de um sussurro, encheu-se de desespero. – Ele queria... ele disse que ia, mas não sei se, mas queria... e eu disse «sim».

– E está convencida de que isto foi real?

– Sim! – disse ela, fechando os olhos com muita força. – Foi real! Eu estava lá. Eu vi-o.

– Tem medo de que ele venha outra vez atrás de si?

– Sim – respondeu Alex com firmeza. – Ele disse-me que vem atrás de mim.

Richard Sickert manteve-se em silêncio, mas tinha os olhos pousados nela, e ela sentiu-se tranquila. Depois, ele falou:

– Quero que faça uma coisa. Quero que mantenha os olhos fechados e se imagine naquele corredor. É comprido e as paredes são altas. Está sozinha. Começa a percorrer o corredor e depois ouve-o. Agora, devagar, comece a contar todos os passos que dá. Ainda consegue ouvi-lo, mas os passos

dele não estão a aproximar-se. Ele está a caminhar ao seu ritmo. Quando chegar a dez, verá uma porta de vidro. Há um puxador que pode abrir. O sol está a brilhar através do vidro. A luz é forte...

– Está nos meus olhos. Não consigo ver a cara dele, mas oiço-o.

– Que é que ele diz?

– Está a dizer-me que não me aconteceu nada. Eu zango-me e digo-lhe que quero saber o que está a acontecer e ele levanta as mãos roxas. O agrafador. Ameaça agrafar os meus lábios e diz... diz...

De repente, Alex sentou-se direita. Os seus olhos abriram-se muito, a olhar para o vazio, e a memória do que ouvira ficou clara. «Alex!»

Os seus olhos pregaram-se em Richard Sickert.

– Ele chamou-me Alex antes de eu mencionar o meu nome. Este homem conhece-me! Eu não fui apenas uma vítima aleatória.

CAPÍTULO 25

—Ele sabia quem eu era, Maggie – disse Alex com firmeza pela segunda vez.

Maggie ergueu uma sobrancelha, apertou os lábios e não fez qualquer comentário. Continuou a torrar ligeiramente pinhões numa frigideira seca. Na bancada da ilha tinha preparado uma salada de alface com cebola-roxa e tomate-cereja cortado ao meio, antes de misturar tudo num grande prato raso e temperar com vinagre balsâmico e azeite. Os pinhões foram o último ingrediente a ser acrescentado.

No *Aga*, duas costeletas de borrego marinadas estavam prontas para servir e em cima do fogão aqueciam dois grandes pratos brancos.

Alex tinha ido para casa de Maggie a seguir à consulta com Richard Sickert, sem coragem de ir para o apartamento e ficar sozinha com os seus pensamentos. Maggie fora simpática e convidara-a para jantar. Arrependeu-se de não ter parado pelo caminho e comprado uma garrafa de vinho para, pelo menos, substituir a que partira, e agora sentia-se um pouco embaraçada por ter aparecido sem ser convidada.

Tanto quando Alex sabia, Maggie podia ter outro compromisso. Naquele momento podia estar parada diante do *Aga* a pensar que aquela visita não solicitada estava a tornar-se um aborrecimento.

Maggie tocou nos pratos com as costas da mão e usou uma pega para segurar no suculento borrego. Sempre em silêncio, acabou de preparar a refeição, pousou os talheres na bancada e depois subiu para um banco alto e sentou-se diante de Alex.

– Vinho? Ou vais conduzir?

– Vinho, por favor. Vim novamente a pé. Não consigo encontrar o comando da garagem. Vou ter de pedir outro para não ter de estar sempre a ligar ao segurança para me abrir os portões quando preciso de entrar e sair com o carro. Não sei onde é que perdi aquela coisa.

Maggie pegou numa garrafa de *Pelorus* que estava num balde com gelo, tirou a rolha e deitou pequenas quantidades em duas taças, deixando as bolhas assentar antes de as encher até ao cimo.

– Depois de comermos, vamos conversar – disse, por fim. – Tu estás esquelética, Alex, e se falarmos primeiro é muito provável que não comas. Por isso, come! – Esboçou um agradável sorriso.

Meia hora mais tarde, deliciosamente cheia e a começar a relaxar depois do segundo copo de vinho espumante, Alex sentia-se menos disposta a voltar à conversa que começara antes do jantar. Se fosse para casa naquele momento e não pensasse mais na sua descoberta, era provável que dormisse bem. Tinha o dia seguinte de folga e queria estar com uma aparência fresca para o que tinha em mente. Nathan Bell ia receber um telefonema seu. Olhara para a escala e vira que ele também estava de folga. Agora, só teria de o persuadir a passar o dia com ela.

– Para além de ele dizer o teu nome, que mais é que te faz ter a certeza de que isto foi real, Alex?

Maggie falou num tom suave, mas havia um desafio nos seus olhos que indicava que não estava preparada para aceitar uma simples resposta.

– Bem, além daquela noite, tudo o resto que está a acontecer à minha volta! A Amy Abbott morreu à nossa frente, Maggie, e sei que estava a tentar dizer-nos alguma coisa. A morte dela não foi normal. Tu és obstetra. Acreditas mesmo que uma mulher faria uma coisa daquelas a si mesma? Escreveram uma mensagem no meu carro para todos lerem. Ele telefonou-me, por amor de Deus. Anda a atormentar-me. Aquela pobre mulher atropelada no meu lugar de estacionamento. Ela também faz parte disto. Tenho a certeza de que ele está por detrás de tudo isto. Está a destruir o meu mundo e ninguém, *ninguém*, acredita em mim!

– Alex – exclamou Maggie, com surpresa nos olhos. – Que estás a dizer? Quem é que te telefonou? Que mulher no teu lugar de estacionamento? Não faço ideia do que estás a dizer!

Quase uma hora mais tarde, depois de Alex a pôr a par de tudo o que estava a acontecer, Maggie ficou sentada, imóvel e em silêncio.

– Então, que te parece agora? – perguntou Alex com cansaço na voz. – Ainda é tudo uma invenção da minha cabeça?

Maggie abanou a cabeça.

– Não sei. O que quero dizer é que não sei se está tudo relacionado. O telefonema e esta mensagem no teu carro são claramente reais. Estava alguém contigo quando recebeste o telefonema?

– Sim – respondeu Alex com um suspiro fundo. – A Fiona, mas ela não ouviu o que ele disse.

– E a Polícia?

– Não me disseram mais nada sobre o telefonema. Estão convencidos de que a mensagem no meu carro foi uma partida.

– Então, ficamos com uma mulher atropelada no teu parque de estacionamento, que encontraste a morrer?

Alex acenou com a cabeça.

– Sim. A pobre mulher teve uma morte horrível.

– E não viste a pessoa que fez aquilo?

– Não – respondeu Alex, infeliz. – Desci a rampa e ela estava caída no meu lugar de estacionamento. Não vi nenhum carro sair. Os portões estavam abertos, mas nenhum carro passou por mim. Eu... Céus, Maggie, sou tão estúpida! – O seu queixo caiu e ela ficou a olhar para o vazio. – O meu comando! Perdi o comando. Os portões já estavam abertos quando cheguei a casa. São elétricos e só podem ser abertos com um comando. Eu não o perdi! Deve ter sido roubado! Tenho de dizer isto à Polícia. Não que ache que eles vão acreditar em mim. Penso que estão convencidos de que a atropelei.

Maggie pareceu preocupada.

– Céus, Alex, precisas de falar com um advogado?

– Não! – respondeu Alex com brusquidão. – Eu tentei salvá-la!

Maggie ergueu as mãos num gesto apaziguador.

– Está bem. Então, com isso ainda resta a Amy Abbott. Embora me entristeça dizer que sim, imagino uma mulher a fazer isto. Há mulheres a tomar poções ou a inserir pessários para induzir o aborto todos os dias, mesmo em países onde a interrupção da gravidez é legal. E nem sempre resulta. A Amy Abbott era uma enfermeira diplomada e talvez tivesse confiado no seu conhecimento para fazer o que fez.

– Acreditas mesmo nisso? – perguntou Alex com firmeza. – Ela estava a dizer-me alguma coisa! Eu sei que sim, porque estive lá. Numa mesa de operações! À espera da morte!

– Estiveste? Como é que estiveste lá? Como é possível que tenhas estado lá?

– Ele derrubou-me, anestesiou-me. Amordaçou-me com um pano e pôs-me inconsciente.

Maggie soltou um suspiro fundo. Abanou a cabeça por breves instantes, como se estivesse a tentar afastar um pensamento irritante.

– O velho truque do trapo com anestésico é uma invenção hollywoodesca de má qualidade – disse, devagar e sucintamente. – No mínimo, precisarias de uma máscara *Schimmelbusch*, de muito tempo, de um pouco de éter, e de estar sempre presente para que resultasse...

– Ele tinha uma *Schimmelbusch*!

– No parque de estacionamento, Alex! Estou a referir-me ao parque de estacionamento! Tu estarias a tentar fugir, mesmo que ele te conseguisse derrubar. Teria de te imobilizar de costas, pôr a máscara sobre a tua cara e deitar pingos de éter durante muito tempo, e enquanto isso estaria no meio da rua, onde qualquer pessoa poderia vê-lo.

O coração de Alex batia depressa. Maggie estava a dizer coisas que não queria ouvir.

– Estás a dizer que é impossível?

– Estou a dizer que não aconteceu assim.

CAPÍTULO 26

Nathan ouviu o telefone tocar no momento em que enchia a cara de espuma de barbear. Pensou em não atender – era o terceiro telefonema que recebia na última hora e tinha a certeza de que seria outra vez do lar, com mais instruções da mãe.

Em cima da cama estava um saco onde já guardara o antigo roupão com botões, uma coleção de cassetes da Catherine Cookson e os sais para cheirar. A mãe raramente ia muito longe sem eles e devia estar em pânico por não ter o pequeno frasco castanho. Ela tinha sempre sais para cheirar no bolso do casaco de malha e um lenço de assoar de algodão enfiado numa manga.

Quando era criança, Nathan vivia com o odor de amoníaco dos lenços de assoar de algodão que ela usava para lhe limpar a cara – os seus olhos enchiam-se de lágrimas quando o tecido lhe tocava no rosto. E ficava sempre com um sentimento de culpa porque o medicamento fortificante só era usado quando Nathan causava problemas. A mãe a cheirar sais e os seus gritos de pesar eram as memórias que tinha da infância. Não podia portar-se melhor? Não podia ser mais atencioso, menos egoísta? O que ela queria dizer na verdade, mas nunca era cruel ao ponto de expressar, era se ele não podia aprender a esconder aquele lado da cara?

O telefone parou de tocar e, aliviado com o silêncio súbito, fez rapidamente a barba e vestiu-se para se preparar para a visita. Hoje sentar-se-ia do lado afetado pelo AVC, para que ela não tivesse de lhe ver a cara.

Passados dez minutos o telefone tocou de novo e, contendo a impaciência, foi atender. Alex Taylor disse olá e, por breves instantes, ele não conseguiu falar.

– Estás a ouvir-me, Nathan? – gritou ela.

– Sim. Apanhaste-me de surpresa. Estava à espera de que fosse outra pessoa.

– Eu... reparei que estás de folga.

Por breves instantes pensou que ela ia pedir-lhe para fazer o seu turno, e desejou que fosse isso. Dar-lhe-ia um motivo legítimo para não ir visitar a mãe.

– Bem, eu também estou de folga e pensei que, se não tiveres planos e não souberes o que vais fazer, talvez pudéssemos fazer alguma coisa juntos. Sabes... bem... – Soltou uma gargalhada rápida, infantil. – Pensei que podíamos fazer alguma coisa divertida.

Ele começou logo a pensar em formas de se livrar da visita à mãe. Podia ligar para o lar e dizer que fora chamado para uma emergência.

– Eu, bem, isto é...

– Esta tarde vou ter com o Seb Morrisey. Tu conheces o Seb, não conheces? Pensei que talvez gostasses de vir connosco?

O desapontamento foi como uma bofetada na cara, e no espelho por cima da lareira viu que o lado

pálido do seu rosto estava vermelho. Era óbvio que ela achava que lhe devia um favor porque ele a apoiara durante as últimas semanas e estava a convidá-lo para partilhar um pouco do seu dia com Seb.

– Desculpa, Alex, mas não...

– Vai ser divertido, desde que não tenhas medo de que eu ocupe o lugar do piloto. – Ele sentiu uma nota falsa e estremeceu. Alex sentia pena dele. Era por isso que estava a telefonar. Era como todas as outras pessoas, que só tinham pena dele. Esperava muito mais dela. Tinha a certeza de que Alex era diferente. Desde o momento em que a conhecera queria que ela olhasse para si e o visse como um homem normal, e agora estava amargamente desapontado.

– Alex, desculpa a minha franqueza, mas porque é que estás a telefonar-me? – Pressentiu o choque dela e continuou rapidamente. – Não é boa ideia. Agradeço-te na mesma, mas já tenho planos para o dia.

A despedida de Alex foi apressada e cheia de embaraço, e soube que devia estar arrependido da sua grosseria, mas não estava. Passados vários minutos continuava parado ao pé do telefone, a olhar com amargura para o seu reflexo no espelho e a perguntar-se, não pela primeira vez, porque é que a mãe não o sufocara à nascença. Era uma aberração e teria sido mais bondoso pôr um fim à sua infelicidade. Porém, se ele tivesse morrido, Cecilia Bell não poderia ter vivido a sua vida como uma mártir – uma expressão muito usada pelas amigas quando se reuniam à sua volta enquanto ela cheirava os sais.

Uma mártir por ter ficado com ele.

CAPÍTULO 27

Greg percebeu que o filho de oito anos estava a aborrecer as pessoas enquanto nadava na pista rápida ao lado delas. Joe estava sempre a passar por baixo da corda e a interromper as braçadas dos nadadores. Os tubos e escorregas da piscina infantil estavam fechados e Joe e ele só podiam nadar nas pistas. Estavam na água há quase meia hora e Joe estava claramente entediado. Nem sequer podiam brincar à apanhada ou jogar à bola, e Greg sentiu-se culpado por não ter visto o horário para planear melhor o dia que ia passar com ele. Percebeu que estava na altura de se irem embora e que teria de pensar noutra coisa para manter um menino pequeno entretido...

Talvez pudessem ir ao Theatre Royal ver se ainda havia bilhetes para a pantomima da tarde. A peça *Peter Pan* estava em exibição, embora não soubesse muito bem os horários dos espetáculos, mas ouvira duas colegas falar nisso há dias e pensou que Joe iria adorar. Contudo, não queria estragar os planos ou surpresas que Sue pudesse ter para ele durante as férias de Natal – ela costumava ter alguma coisa planeada para o primeiro dia de férias. Talvez pudessem ir ao cinema; devia haver alguma coisa de que ambos gostassem.

Seria melhor do que ficar ali e deixar Joe aborrecer as pessoas. Greg também já estava farto de água. Normalmente não era grande nadador, preferindo treinar no ginásio ou jogar futebol.

No entanto, decidiu com determinação que o dia ainda não estava terminado. Havia muitas coisas para fazer noutros sítios. Poderiam brincar aos turistas e visitar os Pump Rooms ou os Banhos Romanos... e provavelmente o filho não se importaria nada de ir para o parque dar uns pontapés na bola, desde que houvesse a promessa de uma visita ao McDonald's mais tarde.

Greg passava um sábado de quinze em quinze dias com o filho. Com o seu trabalho e pelo facto de Joe agora viver em Oxford, não podia comprometer-se com mais tempo. Sue, a ex-mulher, não se importava; ela nunca se queixava por ele não ver o filho com maior frequência nem o atormentava por outras coisas. Fazia o que era certo para Joe e apoiava a relação entre pai e filho de todas as formas que podia. Era uma boa mulher e uma boa mãe. O casamento terminara não por ela odiar o marido, mas porque ele nunca estava presente para amar, e o que sentia por ele apagara-se. Como uma planta que não é regada, o amor fora morrendo a pouco e pouco até ser impossível crescer de novo, e ela pedira-lhe o divórcio.

Greg amava a ex-mulher, mas não com a mesma paixão de antes. Era mais uma grande amiga, uma pessoa que nunca magoaria e que ajudaria sempre, fosse qual fosse a situação. Ia amá-la sempre por ser a mãe de Joe, e isso era um facto.

Estremeceu, percebendo que estava frio, e chamou o filho para lhe dizer que iam sair.

– Posso mergulhar só uma vez?

Greg olhou em volta e viu que, se fosse rápido, Joe poderia sair e saltar antes que alguém

reparasse.

– Vá lá, mas despacha-te.

Uma mulher aproximara-se da piscina para nadar; estava de costas para ele quando pendurou a toalha numa grade. Tinha cabelo ondulado aloirado, preso na nuca, com madeixas molhadas soltas. Viu que tinha pernas magras, tornozelos finos e barrigas das pernas bem definidas. Ela despiu o roupão de pano turco, revelando costas compridas e elegantes e um pequeno traseiro redondo.

Demasiado magra, pensou, talvez até um pouco escanzelada, mas tinha um corpo lindo e o traseiro, num fato de banho verde-azeitona, era arrebitado e sensual. Ela virou-se e Greg engoliu em seco, sentindo o rosto quente. Alex Taylor preparava-se para entrar na piscina.

E depois Joe soltou um grito arrepiante.

CAPÍTULO 28

Ao verem sangue, todos saíram rapidamente da piscina. Quando viu a cara ensanguentada do filho, Greg quase empurrou as pessoas na pressa frenética de ir ter com ele. A parte inferior do rosto estava cheia de sangue e ele temeu que fosse alguma coisa grave.

Alex Taylor assumiu o controlo da situação inclinando-se na beira da piscina e puxando o menino para fora. Enrolou-o logo na sua toalha e depois pegou na de outra pessoa para encostar à cara dele. Quando viu Greg aproximar-se e reparou na ansiedade estampada no seu rosto, percebeu que o rapaz e o homem eram da mesma família.

– Vamos levá-lo para a sala de primeiros-socorros – disse com calma. – Posso observá-lo melhor lá.

Joe chorou até à sala de primeiros-socorros e Greg sentia-se esmagado pela culpa por não ter visto o que tinha acontecido porque estava ocupado a olhar para outra coisa.

Na pequena sala, Alex Taylor assumiu de novo o controlo da situação. Informou o primeiro auxiliar que apareceu a correr de que era médica e que trataria do assunto. Pediu gaze, uma taça com água quente e um pouco de gelo.

Com paciência e calma, ignorando os gritos histéricos de Joe, limpou-lhe o sangue da cara com água quente. Em seguida, puxou-lhe o lábio inferior para baixo e inspecionou os dentes e as gengivas antes de dar igual atenção ao lábio superior. Tirou um cubo de gelo de uma embalagem de plástico e colocou-o nos dedos do menino.

– Segura isto entre os lábios como se fosse um sorvete. Mas não chupes.

Surpreendentemente, Joe obedeceu. Alex pegou em mais gelo, embrulhou-o em gaze e depois, com uma mão a segurar o embrulho de gelo no pescoço de Joe, usou a outra mão para lhe beliscar o nariz.

– Muito bem – afirmou, num tom encorajador. – Vamos tratar-te num instante e depois o papá pode ir comprar-te um gelado de gelo para curares o teu lábio magoado.

Ela era fantástica. O sangue tinha estancado num instante e os danos estavam bem visíveis. Ele mordera a carne no interior do lábio inferior e estava a sangrar do nariz.

– Bati com a cabeça, papá, e com o nariz, e magoei o queixo – disse Joe, com o cubo de gelo a derreter e a escorrer pelo queixo. – Tentei saltar para fora da piscina e caí. – Greg imaginou que ele tinha saltado para o parapeito, mas não medira bem a distância e batera com a cabeça.

Ficou grato por não haver danos mais graves e por poder devolver Joe à mãe com a garantia de que fora visto por um médico.

– Lamento ter estragado a sua natação – disse para Alex Taylor.

Estavam todos vestidos, parados no átrio, prontos para sair. Greg sentiu-se muito culpado quando viu as olheiras por baixo dos olhos dela e desconfiou que poderia bem ter passado sem o *stress*

daquela emergência. Devia estar a desfrutar de uma manhã relaxante.

– Só ia dar um mergulho rápido. Tenho de estar noutro sítio daqui a uma hora.

– O que vamos fazer agora, papá? – perguntou Joe, impaciente.

Tinha o nariz e o lábio inferior ligeiramente inchados e Greg sentiu-se ainda mais culpado.

– Dá-me um minuto, filho. Deixa-me agradecer à Dr.ª Taylor. É provável que ela nos tenha poupado uma visita ao hospital, querido, e acredita que não terias gostado.

– Mas o que vamos fazer?

– Que tal irmos ao cinema?

– Vou ao cinema amanhã nos anos do Matthew.

O tom lamuriento estava a fazê-lo parecer um miúdo mimado e Greg decidiu que quando estivessem sozinhos o repreenderia por causa daquele comportamento.

– Se não tiveres cuidado, vamos para casa, Joe. Tenho muitas coisas para me manter ocupado lá.

– Não quero ir para casa. Quero fazer uma coisa divertida e tu disseste que hoje nos íamos divertir porque é quase Natal.

– Está bem, está bem, cala-te. Não estava a falar a sério quando disse que íamos para casa. Vamos fazer alguma coisa, mas dá-me um minuto para pensar.

Alex Taylor observava aquela troca de palavras com uma expressão divertida e Greg aproveitou a oportunidade para a reavaliar. Aquela mulher seria louca? Naquele momento parecia muito lúcida.

– Querem fazer uma coisa diferente? – perguntou num tom casual.

Greg não queria. Preferia ir a um *pub*, tomar uma bebida ao almoço e depois encontrar um cinema onde Joe pudesse ver alguma coisa e ele pudesse dormir.

– Em que está a pensar?

– Algum de vocês tem medo de alturas?

Greg abanou a cabeça, a medo.

– Dê-me só um segundo – disse. Afastou-se um pouco e pegou no telemóvel.

Após dois minutos de conversa, guardou-o no bolso do casaco e veio ter com eles.

– Parece que podem fazer uma coisa diferente, se o tempo se mantiver bom.

Contrariado, Greg deu por si a concordar com uma coisa que ainda não sabia o que era.

– Quais são os planos?

Um ligeiro sorriso iluminou o rosto cansado de Alex.

– Um passeio de helicóptero.

CAPÍTULO 29

Sábado era um bom dia para uma visita guiada ao hospital. Havia menos chefes de departamento de serviço e menos pessoas em geral.

Harry, o guia de Laura Best, um homem baixo e entroncado, era um dos seguranças que trabalhava há mais tempo no hospital e revelou-se expedito a entrar em lugares de acesso interdito. Com algum encanto e modos práticos, apresentara Laura como «a polícia» que precisava de dar uma vista de olhos.

O hospital era muito mais complexo do que ela imaginara. Não apenas as enfermarias e os blocos operatórios, mas muito mais coisas que os pacientes nunca viam – vestiários, ginásios, gabinetes. Laura estava determinada a prestar atenção, mas à medida que foram avançando a sua paciência começou a esgotar-se. Felizmente, Harry era um pouco linguarudo.

Laura desligava nas partes aborrecidas: os cortes, a falta de pessoal, os departamentos encerrados e a história do hospital, e só prestava atenção quando o tópico lhe interessava.

Já conhecia o nome de vários funcionários do hospital, sabia que havia dois casos amorosos no bloco cirúrgico principal, sabia de uma enfermeira que acabara de ser suspensa por mandar um paciente à «merda» e de outra enfermeira a quem um paciente fraturara o maxilar quando estava a acordar de uma anestesia na sala de recobro.

Foi esta última pérola que a encorajou a falar com Harry, enquanto ele percorria uma pequena descida para lhe mostrar mais um bocado do antiquado sistema de canalização.

– Parece que vocês têm de aguentar tanta violência como nós.

– Às vezes temos – concordou Harry, procurando uma chave no chaveiro. – Especialmente no Serviço de Urgência. E à noite só há dois seguranças de serviço. Muitas vezes temos de vos ligar para virem prender os arruaceiros.

– É de admirar que mais funcionários não sejam atacados.

– Se não tiverem cuidado, são. Todos têm alarmes pessoais para trazerem sempre com eles. Carregam num botão, ele toca e os seguranças vêm a correr. Mas, como eu disse, só somos dois.

– Foi uma pena a Dr.ª Taylor não ter um desses alarmes há algumas semanas. – Harry levantou a cabeça ao ouvir aquelas palavras, olhando-a com estranheza, e Laura escolheu com todo o cuidado as palavras para o comentário seguinte. – Ela podia ter feito soar o alarme e ter sido encontrada mais cedo no parque de estacionamento, em vez de ficar ali caída ao frio.

– Oh, pois – concordou ele, revelando o seu sotaque do Somerset. – Pois podia. Estava a funcionar bem. Por momentos, pensei que estava convencida de que ela tinha sido atacada.

Laura encolheu os ombros.

– Bem, *ela* achou que foi.

Harry abanou a cabeça.

– Fui eu que a encontrei, juntamente com o namorado. A pobrezinha estava caída no chão.

Laura aproveitou a vantagem.

– Então, não acha que ela foi atacada?

Ele abanou a cabeça de novo.

– Não. Não havia motivo para pensar uma coisa dessas. Havia pedaços de ramos de árvores à volta dela, um vento dos diabos naquela noite e as roupas estavam bem arranjadas, se é que percebe aonde quero chegar? Por outras palavras, ela estava vestida. Tinha sido derrubada, não tinha? Por um ramo de árvore, isto é. Não sei porque é que foi toda aquela confusão depois. Ela devia estar um bocado em choque.

– Eu ouvi dizer – disse Laura em voz mais baixa, olhando para um lado e para o outro do corredor como se quisesse certificar-se de que estavam sozinhos – que ela também teve um momento difícil no ano passado.

De repente, Harry olhou-a nos olhos e Laura viu o que lhe escapara atrás do encanto, da conversa e da coscuvilhice: a inteligência pura.

– Não sei grande coisa sobre isso. Aconteceu alguma coisa, mas não sei o que foi. A jovem médica tirou algum tempo de licença. Esteve mais ou menos um mês sem vir ao hospital. A única razão porque sei que lhe aconteceu alguma coisa foi porque a vi com a diretora do serviço e com a Fiona Woods a andar pelo corredor e a Dr.ª Taylor estava a chorar.

– E não faz ideia do que foi?

– Podia ter sido qualquer coisa. Vejo muitos funcionários a chorar. É a pressão do lugar, especialmente no Serviço de Urgência. Nunca abranda. Vejo alguns chorar quando perdem pacientes... eles têm um trabalho difícil e eu não devia...

– Não se preocupe. Foi muito útil, obrigada. Acho que vimos tudo o que precisamos?

Laura Best saiu do hospital muito animada. Conseguira o que viera ali fazer. Conhecera o homem que encontrara Alex naquela noite e ouvira a sua versão dos acontecimentos. Comprovara que a médica estivera envolvida noutra coisa no ano anterior e ficara a saber que a Dr.ª Taylor era uma mentirosa.

Não tinha acontecido. Alex Taylor tinha inventado tudo e estava relacionado com o que acontecera um ano antes.

CAPÍTULO 30

Com protetores de ouvidos pretos e um blusão amarelo fluorescente com a palavra MÉDICO escrita nas costas, Alex estava, como os seus convidados, de costas para o helicóptero, voltada para os arbustos e para a vedação de rede. As pás continuavam a rodar e pequenos detritos naturais – ramos, folhas e até pequenas pedras do chão – podiam ser levantadas e voar para os olhos.

Estavam no campo de críquete, a alguns metros da entrada do Serviço de Urgência, separados do recinto do hospital por uma simples vedação. Era um local perfeito para o helitransporte de pacientes, e o clube de críquete aguentava a interrupção ocasional sem se queixar.

O helicóptero que estava atrás dela – pertencente a três dos pilotos de ambulâncias de Wiltshire – era um *Robinson R44*, um aparelho leve com quatro lugares que proporcionava boa visibilidade a todos os passageiros.

As duas luzes altas de aviso piscavam em tons de azul, indicando que o heliporto estava a ser usado. Alex esperou que o motor ficasse em silêncio antes de se virar e esperar pelo sinal manual de «aproximação».

Mal podia acreditar no que tinha feito. Aquela decisão impulsiva não era nada típica dela. Nem sequer gostava do inspetor Turner; estava plenamente consciente de que ele a considerava louca. Só podia atribuir o seu comportamento à disposição anterior e à profunda desilusão e embaraço por ter sido rejeitada por Nathan Bell.

Talvez fosse louca. Maggie, a sua nova amiga, era da mesma opinião. Na noite anterior saíra de casa de Maggie jurando em silêncio que nunca mais voltaria. Enroscara-se no centro da sua cama de casal sentindo-se profundamente sozinha e com medo, e apenas o pensamento de que veria Nathan Bell naquele dia a impedira de ir buscar a garrafa de vodca ou diazepam para a ajudar a passar a noite.

– Tem a certeza absoluta de que podemos fazer isto, Dr.ª Taylor? – perguntou o seu convidado naquele momento.

Desta vez, o rosto de Greg não era um livro fechado e Alex viu perguntas nos seus olhos. *Tem a certeza de que podemos entrar neste helicóptero e ninguém nos vai impedir? É uma partida?*

Antes de poder responder, o seu nome foi gritado do outro lado do campo. Seb Morrisey descera do banco do piloto e dirigia-se para ela com um andar estranho.

– Olá, minha médica preferida. Está mais do que na hora de voltares a sentar-te aos comandos. – O seu sotaque australiano era agradável e os seus modos contagiantes, e ela começou a rir-se quando ele a levantou do chão num forte abraço.

Depois, olhou para os dois convidados e aproximou-se deles com a mão estendida.

– O senhor deve ser o Sr. Turner – disse, apertando a mão do homem. – E tu deves ser o Joe –

disse para o menino. – Ainda bem que puderam vir. Vai ser um voo agradável. A visibilidade estará boa nas próximas duas horas.

– Pode tratar-me por Greg, e obrigado por nos convidar – respondeu Greg Turner. – Foi muito simpático da sua parte.

– Não tem de agradecer, Greg. Qualquer convidado da Alex é mais do que bem-vindo. Ela é VIP.

Alex quis calá-lo antes que ele dissesse mais alguma coisa, mas Greg Turner tinha erguido uma sobrancelha inquisidora e Seb Morrisey não se importou nada de dar pormenores.

– Ela salvou-me a vida, e estou a falar em sentido literal.

Alex interrompeu-o antes que ele fosse longe de mais na história.

– Cala a boca, Seb. O Sr. Turner não tem de ouvir isto. E tenho a certeza de que o Joe está mais interessado em saber coisas a respeito do helicóptero.

Seb concentrou-se no rapazinho. Os olhos de Joe estavam pregados nele, como se o homem fosse um super-herói que ganhara vida, o que era totalmente compreensível. Com um fato azul-marinho com botões prateados, crachás e dragonas, Seb Morrisey parecia um Action Man real. Tinha um metro e noventa, ombros largos, cabelo preto encaracolado e pele bronzeada por passar muito tempo ao sol. Alex sabia que a maior parte das mulheres do Serviço de Urgência, e alguns dos homens, ficavam em êxtase quando Seb transportava um doente para o hospital.

– Desculpa, Joe – disse ele para o rapazinho que o olhava com uma expressão de adoração. – Queres saber coisas sobre helicópteros?

Joe acenou com a cabeça sem falar.

– Está bem. Deixa-me começar por dizer que são muito fáceis de perceber. O piloto carrega em pedais para virar o helicóptero para a esquerda e para a direita, um pouco como os pedais de um carrinho de choque. Depois, move uma alavanca que se chama comando cíclico, e que inclina o helicóptero para a frente, para trás ou para os lados. Por fim, usa outra alavanca, o comando de passo coletivo, e isto faz o helicóptero subir e descer na vertical, o que significa que sai do chão a direito, sem voar para algum sítio antes, e pode aterrar da mesma forma.

Seb usou as mãos, os braços e o corpo inteiro para ilustrar a lição que estava a dar a Joe.

– Não te disse que era simples? – perguntou alguns minutos mais tarde, depois de explicar toda a anatomia do helicóptero.

Joe olhou de novo com os olhos muito abertos e assentiu com a cabeça em silêncio.

– Então, agora querem voar?

A audiência de três pessoas anuiu.

Seb olhou para Alex, antes de lhe fazer uma vénia teatral.

– É todo teu, doutora.

Greg Turner quase tropeçou ao ouvir aquilo.

– Quer dizer...? Eu pensei... Não vai pilotá-lo?

– Não, a doutora é que vai – foi a resposta de Seb.

Sobrevoaram a cidade e Greg contemplou uma vista aérea das Termas de Bath, a única piscina termal da Grã-Bretanha alimentada por águas termais naturais, construída no cimo de um edifício de vidro ultramoderno que estava rodeado pelos seus antepassados históricos. Os Romanos tinham construído as primeiras termas em Bath, e, dois mil anos mais tarde, as pessoas continuavam a

desfrutar delas. Enquanto observava os minúsculos nadadores cerca de trezentos metros mais abaixo, a descansar nas águas quentes, recordou o corpo gracioso e magro de Alex Taylor.

Aquela perspetiva da arquitetura era magnífica; o grandioso brilhantismo da estrutura de Bath – o Circus, o Royal Crescent, a Pulteney Bridge – quase fez os seus olhos encherem-se de lágrimas.

A voz de Seb interrompeu os seus devaneios.

– Então, Greg, está pronto para saber como é que a jovem doutora me salvou? – Greg olhou para o filho, com receio do que ele ia ouvir. Seb bateu nos auscultadores. – Ele só pode ouvir-nos se eu o ligar. – Greg acenou para que ele continuasse.

– Eu fui uma das vítimas dos bombardeamentos de 7 de julho em Londres. Estava a tratar da minha vida, num dia de folga, e tinha acabado de entrar no comboio em King's Cross sem pensar em nada a não ser na linda namorada nova que tinha deixado a dormir na minha cama. Ela tinha um lindo cabelo ruivo, e eu estava sentado a pensar que era um tipo com sorte.

– Seb! – interrompeu Alex Taylor. – Não tens de contar isso ao Sr. Turner agora.

Greg viu um tom rosado na sua face direita.

– Estou a escutar, Seb.

– O barulho foi terrível... como um animal de aço torturado a tentar libertar-se. O meu primeiro pensamento foi que tínhamos chocado contra outro comboio. Depois, na escuridão imediata, ouviram-se os gritos. No princípio não senti nada. No entanto, tinha um pedaço de aço espetado na perna e percebi que estava encurralado. Não parava de pensar em coisas parvas como gasolina e fogo, e sentia o cheiro de borracha a arder.

«Pensei que tinha chegado o meu fim, acima de tudo quando se fez silêncio... achei que não se ouvia nada porque as pessoas tinham sido resgatadas. Só mais tarde percebi porque é que os gritos tinham parado.»

«Passado algum tempo, fiquei bastante satisfeito por estar ali deitado às escuras. Deixei de pensar no medo e não conseguia sentir a perna. Perdi a noção do tempo; já não importava. Quando dou por mim, estou no paraíso e vejo a cara da linda doutora a olhar para mim. Como é muito magra, conseguiu enfiar-se em espaços por onde os outros não conseguiam passar e encontrou-me.»

«Ela arriscou a vida para me salvar, Greg. Na altura ainda nem sequer era médica, era apenas uma passageira que arriscou a vida por um desconhecido.»

O tom rosado nas faces de Alex ficou mais intenso e Greg sentiu que a história merecia um comentário honesto.

– É uma história surpreendente, Seb. E, Dr.ª Taylor, deixe-me dizer que se alguma vez me acontecer uma coisa como a que aconteceu ao Seb, espero ter a sorte de ter alguém como a senhora para me ajudar.

Olhou para as esplêndidas colinas que rodeavam a cidade, uma paisagem deslumbrante de vales profundos e pastagens luxuriantes onde Bath se aninhava. Este era o seu lar e, sentado com aquelas duas pessoas, Greg sentiu-se feliz. Recordaria este dia durante muito tempo.

*

No final dessa noite Greg foi dispensado do ritual quinzenal de dizer os nomes de todos os jogadores de futebol da Inglaterra que estavam colados na parede do quarto de Joe. Na pequena casa geminada de dois quartos que arrendara, pois desde o divórcio não pensara muito em ter um lugar

permanente para viver, Greg deixara Joe decorar o quarto de hóspedes como quisera. Pósteres de diversas equipas de futebol enchiam as paredes beges, pois ele ainda não escolhera uma equipa para apoiar. Mas naquela noite não estava interessado nos jogadores de futebol. Tinha heróis mais empolgantes na cabeça.

– Não foi o melhor dia de sempre, papá? – disse pela centésima vez. O acontecimento do dia inspirara-o profundamente e desde então não parara de falar sobre helicópteros. O boné e o crachá que Seb lhe oferecera encontravam-se em cima da mesa de cabeceira, o mais perto possível dele.

– Foi um dia brilhante, Joe. Talvez possamos repetir um dia.

– Com a Alex e o Seb?

– Talvez.

– Ela é a namorada dele?

– Não sei, Joe. Acho que não. – O piloto sentara-se ao lado de Alex durante o voo, e eram sem dúvida bons amigos, mas Greg não percebeu nada mais para além disso. Depois de contar a sua história, Seb passara a maior parte do tempo a conversar com Joe pelos auscultadores, a apontar para os edifícios lá em baixo e a dizer-lhe o que eram. – Acho que ela tem outro namorado.

– Que pena.

– Porquê?

– Porque podia ser a tua namorada e passávamos a vida a voar.

Greg sorriu.

– És um rapazinho implacável, Joe Turner. Vou ter de te manter debaixo de olho.

Depois de o filho adormecer, Greg pegou numa garrafa de *San Miguel* fresca, acendeu um cigarro e parou junto à porta aberta do pátio para fumar. Pensou no deslumbramento que sentira mais cedo nesse dia.

Alex Taylor era incrível e ele estava um pouco intimidado. Ela era tão competente que era assustador. Perguntou a si mesmo como é que uma pessoa tão jovem tinha conseguido alcançar tanto. Pilotara o helicóptero sem esforço, melhor do que ele conduzia um carro, e o passeio fora sempre muito calmo. Era um dia que recordaria para sempre e, como Joe dissera muito acertadamente, um dos melhores.

Alex Taylor não fazia sentido. Tinha todos aqueles dons maravilhosos e, no entanto, algumas semanas antes ouvira-a contar uma história inacreditável. Vira-a fazer parar um departamento médico inteiro, ouvira e sentira a preocupação de alguns colegas com o seu comportamento. Escutara a lista de doenças mentais de que Laura Best pensava que ela sofria. Quando fizera chá na cozinha da casa dela, para a ajudar a sair do choque provocado pela morte de Lillian Armstrong, vira garrafas de vodca vazias no lava-loiça, e enquanto procurava açúcar num armário vira uma caixa de diazepam. As duas substâncias disseram-lhe que ela não estava a lidar bem com a situação, e, no entanto, deixara-a pilotar um helicóptero onde o seu filho se encontrava. Uma possível alcoólica e toxicodependente? Sarcasticamente, pensou que talvez estivesse um pouco enfeitiçado. Ou talvez fosse porque vira provas de uma pessoa muito mais forte. Hoje ela assumira o controlo total e ele esperava sinceramente que não estivesse prestes a sofrer um grande esgotamento nem que sofresse de outro tipo de doença mental. Conhecera outras pessoas brilhantes com problemas de saúde mental, e era como observar uma viagem de montanha-russa, mas uma viagem em que a composição só acelerava até se espatifar.

Pouco faltou para Greg se sentir tentado a ir ver Alex de novo, quando não tivesse a companhia de

Joe, para tentar convencê-la a fazer uma boa pausa para descansar. Era muito possível que ela precisasse de estar algum tempo afastada do trabalho. Que precisasse de algum tempo para se reequilibrar.

Passar tempo com ela fizera-o pensar na sua própria vida. A si também não lhe faria mal algum reequilíbrio. Já se divorciara há seis meses, e passara-se mais tempo ainda desde que partilhara a sua cama com uma mulher. Não contou aquele episódio com Laura, porque nem sequer tinha sido fazer amor. Não era cedo de mais para começar a pensar de novo nessa faceta da sua vida, e Joe não parecia preocupado com a ideia de o pai arranjar uma namorada. Alex Taylor tinha um namorado, por isso Joe teria de repensar os seus planos de casamenteiro. E, de qualquer maneira, era um pouco fantasista pensar que a médica podia estar interessada nele. Greg devia ser demasiado prosaico para o seu gosto. Em vez de pensar na sua vida amorosa, talvez fosse preferível arranjar um passatempo. Talvez pudesse aprender a pilotar helicópteros...

CAPÍTULO 31

Devia ter ligado para o avisar de que ia passar lá por casa para ir buscar as suas coisas em vez de se esgueirar pelas traseiras como estava a fazer. Eles tinham terminado, não se tinham tornado arqui-inimigos, e eram adultos, não adolescentes, e provavelmente Patrick consideraria que aquele comportamento era muito infantil. No entanto, não queria ter de o enfrentar naquele momento. Não queria ouvi-lo dizer mais uma vez que podia contar com ele. Se não precisasse do computador portátil, nem sequer teria vindo, mas tinha uma apresentação em PowerPoint para fazer para um novo grupo de médicos e precisava daquela maldita coisa.

A chuva caía com intensidade, escorrendo-lhe do cabelo para os olhos, e começava a irritá-la. Devia ter voltado para trás e entrado pela porta principal para o consultório, a partir de onde ele a teria deixado passar para a parte principal da casa. Só teria de estar um minuto na sua companhia; Patrick estaria demasiado ocupado para conversar e ela poderia ter ido buscar as suas coisas e saído rapidamente.

Dando cautelosos passos na viela enlameada, conseguiu chegar ao portão sem cair. Atravessou o jardim e passou pelos canis onde Patrick recebia gatos e cães para ganhar um dinheiro extra. Wendy, a jovem enfermeira veterinária estagiária, vinha a sair do anexo com um balde metálico e um grande saco de comida para cão.

– Queres ajuda? – perguntou-lhe Alex.

Wendy abanou a cabeça.

– Não, não é preciso. Cá me arranjo.

Era uma jovem forte, com coxas e ombros musculosos. Com as faces coradas e galochas verdes, parecia uma trabalhadora rural. Sorriu delicadamente para Alex e desapareceu na arrecadação ao lado dos canis.

Alex abriu a porta das traseiras e viu a silhueta de Patrick através da janela de vidro fosco do consultório. Um cão gania e ele falava alto com o dono.

Alex entrou para uma pequena divisão sem janelas, originalmente o alpendre, antes de o anexo para o consultório ser construído. O chão era de cimento e as paredes estavam pintadas de branco. Havia uma pequena sala de duche, um sítio para pendurar casacos e malas, e um grande armário de medicamentos com uma fechadura que podia ser trancada. Ao fim do dia era aqui que Patrick despia a bata branca e as roupas de trabalho e tomava um duche para se livrar do cheiro dos animais.

Por vezes, Alex desejava que ele fosse menos miudinho e mais como o pai. O veterinário reformado era muito diferente do filho – qualquer que fosse o casaco que vestia, estava cheio de pelos de animais, e tinha sempre bocados de comida nos bolsos.

Entrou em casa, aliviada por não ser seguida. Observou o espaço que conhecia tão bem; como

sempre, estava tudo imaculado. O sofá de couro tinha um brilho encerado, não havia pó no ecrã da televisão nem em qualquer outra superfície, e na secretária de Patrick estavam cuidadosamente dispostos um computador, um telefone sem fios e um prato raso com maçãs vermelhas. Várias caixas de arquivo, muito bem rotuladas, alinhavam-se em prateleiras por cima da secretária, e ao lado dos ficheiros encontrava-se uma fotografia sua.

Fora tirada no verão e ela usava calções brancos e a parte de cima de um biquíni amarelo-limão. Tinham acabado de comer um gelado e estavam sentados no muro do porto de Weymouth. Tinham ido lá passar o dia e acabaram numa estalagem porque queriam fazer amor. Quando saíram, passadas duas horas, o proprietário olhou-os com uma expressão cúmplice e eles tinham-se rido até ao carro.

Fora um dia mágico e ela voltara para casa completamente apaixonada por Patrick. A relação tornara-se mais forte a partir daquele dia e passara a ser normal verem-se todos os dias. Alex pensara que ia passar a vida inteira com ele.

Engoliu em seco e obrigou-se a deixar de pensar na recordação feliz.

Subiu as escadas para o quarto e viu o computador portátil na mesa de cabeceira do seu lado da cama. A cama estava feita e as almofadas muito bem arranjadas. Das gavetas tirou roupa interior e meias, duas camisolas e um par de calças de ganga velhas, e enfiou tudo num saco. De uma taça de cristal em cima da cómoda tirou um par de brincos de prata e, aliviada, o comando suplente do parque de estacionamento do seu condomínio. Esquecera-se de que o dera a Patrick, mas ele nunca o usava. Estacionava sempre no exterior e tocava à campainha para entrar no prédio. Ainda não dissera à Polícia que lhe faltava um comando e teria de lhes dizer que, na sua opinião, fora roubado pela pessoa que atropelara Lillian Armstrong. Na casa de banho, pegou nos poucos artigos de higiene que lhe pertenciam. As suas coisas nem enchiam o saco, e pensou que era triste namorarem há um ano e haver tão pouco de si mesma para levar da casa dele.

Patrick deixara ainda menos coisas no seu apartamento: dois CD e um casaco. Logo que pudesse, enviaria tudo pelo correio; não queria voltar a fazer esta viagem. Olhou pela última vez para as divisões do andar de cima e, com um sentimento de perda, os seus olhos detiveram-se na cama feita. Por fim, estava terminado. Não voltaria.

Patrick estava sentado ao fundo das escadas quando ela desceu. Infringira as suas próprias regras ao usar a bata de trabalho branca na zona privada da casa. Estava de costas para ela.

Olhou para trás e para cima quando a ouviu aproximar-se. Os seus olhos azuis estavam confusos.

– Estraguei tudo, não foi? – perguntou em voz baixa.

– Não vamos falar mais sobre o assunto, Patrick – quase implorou Alex.

– Tu sabes que te amo, e não queria magoar-te.

– É o que tu dizes.

– É verdade – disse ele num tom convincente. – E não fazes ideia como sinto a tua falta.

Pegou-lhe na mão quando ela tentava passar e a sua súplica foi desesperada:

– Não vás. Não vamos falar de nada. Fica só comigo. Passa o dia comigo.

Ela abanou a cabeça.

– Não posso, Patrick. Não posso estar com uma pessoa que não acredita em mim. Já não posso confiar em ti.

– Nunca olhei para outra mulher desde que estou contigo!

– Eu não estava a referir-me a esse tipo de confiança.

– Estás a falar no tipo de confiança em que podemos dizer tudo um ao outro?

– Sim.

– E sabemos que é seguro dizer a essa pessoa?

– Sim.

Ele soltou-lhe a mão.

– Então, parece que tu também não confiaste muito em mim.

– Como assim? – perguntou Alex, confusa.

– Não me contaste o que aconteceu no ano passado. Não me contaste aquilo, pois não, Alex? Pensaste que eu não teria compreendido ou que não quereria namorar contigo?

Alex tentou falar através de lábios trémulos.

– Quem... quem é que te contou?

– A Fiona. Ela está preocupadíssima contigo. Estão todos. Até a Pamela. Ela diz que tu tiveste uma espécie de esgotamento no dia do casamento dela. Estão todos preocupados contigo e não sabem como ajudar.

Alex conseguiu entrar no consultório, um pé cegamente diante do outro, enquanto se dirigia para a porta principal, para sair da casa dele.

– Deixa-me ajudar-te, Alex. Vamos resolver isto juntos.

Ela parou à porta, consciente de que Patrick estava apenas um passo atrás.

– Obrigada por me deixares vir buscar as minhas coisas. Agora, tenho de ir trabalhar.

– Não vás, Alex. Não devias estar a trabalhar nesse estado. Podemos arranjar alguém para te ajudar. A Caroline preferia que metesses baixa e te tratasses como deve ser.

Santo Deus, pensou. Com quantas pessoas é que ele tinha falado? Quantas pessoas estavam a analisá-la naquele momento?

Sentiu uma irritação crescente e percebeu que teria de sair dali depressa, antes que se desgraçasse.

– Vou chegar atrasada – disse com frieza. – Não precisas de me acompanhar.

Ele fez uma última tentativa:

– Estarei aqui quando precisares de mim. Por favor, lembra-te disso, Alex.

Alex quase voou pelo caminho enlameado, tal era a pressa de voltar para o carro. As mãos tremiam quando tentou abrir a porta do lado do condutor. Tinha estacionado perto da sebe, para não tapar o acesso dos outros carros que vinham para o consultório, e as roupas estavam molhadas quando se encostou a elas.

Por fim, sentou-se no banco do condutor com o motor desligado, a roupa molhada e o cabelo novamente a pingar. A chuva batia no para-brisas, tirando toda a visibilidade, e não podia ter vindo num melhor momento. O seu choro de partir o coração não foi ouvido e as lágrimas que se misturaram com a chuva no seu rosto não foram vistas.

Toda a gente estava a falar sobre ela, toda a gente pensava que ela enlouquecera, e Alex não aguentava mais aquilo.

CAPÍTULO 32

A reunião foi um fiasco do princípio ao fim. Greg sentia vontade de torcer o pescoço a uns quantos agentes. Alguns haviam chegado atrasados, outros nem sequer se tinham dado ao trabalho de vir, e os que haviam aparecido a horas não tinham nada útil para acrescentar. Naquele momento, estavam todos inquietos, a mexer-se nos seus assentos, à espera de autorização para saírem da sala. Greg não lhes facilitaria a vida.

– Então, recapitulando: a Lillian Armstrong está morta há quase uma semana e ainda não conseguimos reconstituir o que fez durante as últimas horas de vida. Não conseguimos encontrar uma única testemunha. Não sabemos o nome de um único dos seus clientes. E ainda não localizámos o carro nem a pessoa que a matou?

Cabeças abanaram lentamente e ombros subiram numa atitude de indiferença e Greg, furioso e incapaz de continuar a suportar a letargia que se sentia na sala, levantou-se e desferiu um forte murro na mesa.

– Uma mulher está morta! Tinha trinta e quatro anos! Acordem para esse facto, está bem? Alguém a atropelou e deixou-a a morrer! Levantem o rabo da cadeira e descubram alguma coisa. Façam alguma coisa! Falem outra vez com a família. Falem outra vez com os amigos. Descubram os nomes dos seus clientes habituais! Falem com as pessoas que vivem naqueles apartamentos. Ela tinha umas botas de pele calçadas, uma minissaia vermelha que mostrava o traseiro e as mamas estavam virtualmente à mostra. Alguém deve tê-la visto. Ela não era invisível, foda-se!

As duas dúzias de agentes que se encontravam na sala levantaram a cabeça, surpreendidos, e as sanduíches e bolos, os cafés e bebidas enlatadas que tinham nas mãos, pararam no ar. O chefe estava zangado e era raro vê-lo assim.

Greg raramente se exaltava com os agentes – não costumava ser necessário –, mas, passados seis dias, aquela investigação não estava a ir a parte alguma e ele tinha a terrível sensação de que os seus homens não estavam muito empenhados porque Lillian Armstrong era uma prostituta e sentiam que não merecia todo o seu esforço.

Peter Spencer entrara na sala e dirigiu-se para uma cadeira vazia. Greg também se atirou a ele.

– Estás um pouco atrasado, não estás? A reunião acabou e, a menos que tenhas alguma coisa concreta para nos dizer, nem vale a pena juntares-te a nós.

Peter Spencer bateu com um dedo num envelope de cartão grosso. Não era o tipo de homem para estar com joguinhos e não estava interessado em ganhar pontos.

– Ela não foi atropelada no lugar de estacionamento onde foi encontrada. Foi levada para lá depois de ser atropelada.

– Já sabemos isso, Peter – disse Greg, interrompendo o técnico forense. – Mas ela andou, rastejou

ou foi atirada para lá?

– Não. Por causa das outras coisas que encontrámos, ou melhor, que não encontrámos, temos uma pequena anomalia – declarou Peter Spencer.

Agora, todos os presentes na sala estavam alerta e sentados direitos. Todos queriam ouvir o que o técnico forense ia dizer.

– Eis o que é estranho: sabemos que os carros dos dois lados do espaço onde ela foi encontrada estiveram ali estacionados o dia inteiro. A marca de pneu no blusão é muito nítida. No entanto, não há mais nenhum vestígio daquela marca de pneu a ir na direção dela ou a afastar-se dela. Está apenas no peito, como se tivesse sido pintada. A segunda coisa: não há sangue em mais lado nenhum. A mão dela estava a sangrar muito, por isso, se tivesse sido arrastada para lá, haveria um rasto de sangue, mas o único sangue que encontrámos estava à volta do corpo, e como não há nenhuma marca de pneu a aproximar-se temos de considerar a possibilidade de ela ter sido atropelada noutro lugar e largada naquele espaço de estacionamento.

Agora, tinha toda a atenção de Greg.

– E se foi largada ali por uma mota? Naquele espaço, quero dizer?

– Mas onde estão as marcas de pneus, Greg? Como já disse várias vezes, não há marcas a aproximarem-se nem a afastarem-se do corpo. Ela pode não ter sido atropelada naquele parque de estacionamento.

– Os pneus da Alex Taylor deviam ser verificados para ver se correspondem à marca que foi encontrada – declarou Laura Best de repente, do seu canto da mesa.

Greg sentiu um nó na garganta.

– Achas que ela atropelou a Lillian Armstrong? – obrigou-se a perguntar.

Laura encolheu os ombros com uma expressão inocente.

– Pode ser, chefe. Ela pode tê-la levado para aquele espaço depois de a atropelar, para nos confundir. Quando observámos o carro naquele dia, tinha sido lavado. Talvez tenha atropelado a mulher, percebeu que deixara sinais e foi lavar o carro.

– Teria de ter nervos de aço – comentou Peter Spencer secamente.

– Ela saberia ver se ficaram vestígios de sangue e provas – insistiu Laura. – É médica e deve saber mais sobre métodos científicos usados na resolução de crimes do que muitos de nós. Seria fácil verificar se os pneus do *Mini* dela correspondem à marca encontrada na Lillian Armstrong.

– A Lillian Armstrong pesava setenta e oito quilos – disse Greg numa voz que conseguia transmitir surpresa e ceticismo ao mesmo tempo. – A Dr.ª Taylor não é a Mulher Maravilha. Esperas que acreditemos que ela atropelou a mulher e depois a transportou ou arrastou para o seu próprio lugar de estacionamento. E depois o quê? Vai-se embora para lavar o carro?

– Sim – respondeu Laura, confiante. – E mover um corpo não é uma coisa difícil para um médico ou um enfermeiro. Eles passam a vida a fazer isso usando lençóis para arrastar e rebolar.

Greg levantou-se, concentrando-se.

– Mas como é que podia correr o risco de a mulher ser encontrada no entretanto? A menos que estejas a sugerir que ela a escondeu no porta-bagagens enquanto lavava o carro. Mas, nesse caso, a mulher teria morrido. Já estaria morta quando a ambulância lá chegou e não haveria sangue para salpicar a parede.

– Só estou a dizer que podia ter feito isso. Podia tê-la atropelado. Embrulhado. Mudado de sítio. Tirado os panos. Depois a mulher sangra mais e morre. Isso deixa a Taylor com decisões para tomar.

Deixar o corpo enquanto lava o carro ou levá-lo consigo. Mas aposto que ela deixou o corpo. Talvez até quisesse que fosse encontrado por outra pessoa qualquer, para não ser relacionada com o crime. Mas volta e ela *continua* ali, por isso tem de representar a sua pequena farsa.

– E quanto à hora da morte? – intrometeu-se Peter Spencer. – Quando a ambulância chegou, ela tinha acabado de morrer.

– Isso é porque a Dr.ª Taylor disse que ela tinha acabado de morrer! – declarou Laura, entusiasmada. – Ela é médica. Eles vão aceitar a hora do óbito que ela disser.

– Mas, como dizes, a Dr.ª Taylor estava cheia de sangue. Teria sido vista! – contrapôs Greg.

– Não necessariamente. Às quatro da tarde já está escuro. Muitas das estações de lavagem de carros são automáticas. Abrimos uma janela, pomos o dinheiro na ranhura e avançamos com o carro. Não é obrigatório que alguém a tenha visto. Depois volta e vê uma ambulância, e afasta-se outra vez, ou volta para casa e encontra a mulher morta como a deixou e ainda pode representar a sua pequena farsa de pedir ajuda.

Laura era impressionante, e Greg sentiu-se impotente enquanto ela apresentava um argumento atrás do outro.

– Então, para quê falar-nos sobre a marca de pneu no peito da mulher? Não faz sentido.

– Ela tinha de nos dizer. Sabia que íamos encontrá-la. Esta história é muito mais credível do que qualquer uma das histórias dela – retorquiu Laura. – Rapto...

– Agora estou confuso – interrompeu Peter Spencer. – Porque é que pensas que a doutora está envolvida?

Greg respondeu por ela.

– A detetive Best tem uma teoria de que a Dr.ª Taylor sofre de uma forma de síndrome de Munchausen. Que cria cenários para chamar a atenção.

– Já aconteceu antes – argumentou Laura. – Em outubro, conheci a Dr.ª Taylor. Ela disse que tinha sido raptada, levada para uma sala de operações no hospital e ameaçada com cirurgia ou violação e depois, milagrosamente, os colegas encontraram-na no parque de estacionamento do hospital e levaram-na para o Serviço de Urgência. Sem nenhum ferimento, a não ser um pequeno alto na cabeça. Nenhum sinal de violação ou cirurgia. Ficámos céticos, para não dizer pior. Passadas duas semanas, o Greg é chamado ao Serviço de Urgência porque ela diz que uma paciente que acabou de morrer foi assassinada.

– Quem era? – perguntou Peter.

– A enfermeira que estava desaparecida, a Amy Abbott – respondeu Greg. – Foi trazida de ambulância com uma hemorragia e morreu pouco depois. O médico-legista declarou que foi um aborto autoinduzido.

– É interessante – disse Laura – continuarmos sem conhecer o paradeiro da Amy Abbott enquanto esteve desaparecida. Ninguém parece saber onde ela estava. Passou cinco dias sozinha, sem fazer levantamentos da conta bancária e sem ser vista. Onde esteve a Amy Abbott, Greg? Onde é que foi feito o aborto? Talvez a Dr.ª Taylor saiba.

– A Dr.ª Taylor, e tu verificaste e confirmaste isto, estava em Barbados quando a Amy Abbott desapareceu. É possível que nunca saibamos onde é que a Amy esteve nos dias que antecederam a sua morte. O que sabemos é que a Dr.ª Taylor não a podia ter levado para algum lado porque estava a seis mil e quinhentos quilómetros de distância. E, Laura – disse Greg num tom cortante –, para o caso de não teres percebido, a morte da Amy Abbott não está a ser investigada.

– Pensei que a Dr.ª Taylor andava a fazer compras em Bristol e encontrou a Lillian Armstrong já ferida quando regressou – disse um agente que estava sentado ao lado de Laura.

– Isso foi o que ela disse – retorquiu Laura. – Nós não verificámos os movimentos dela nem o seu álibi. Ela diz que esteve em Bristol, mas como é que sabemos isso?

– Suponho que ela podia ter voltado a voar – disse o mesmo agente, parecendo divertido.

Laura Best voltou-se para ele e, pela segunda vez na última meia hora, os agentes ficaram chocados com uma mudança na personalidade de alguém. Só que desta vez não foi o chefe que os surpreendeu: foi a normalmente controlada Laura Best.

– Não descartes isso – disse com frieza. – Ela sabe pilotar uma merda de um helicóptero.

Os olhos de Greg dispararam para o rosto de Laura para ver se ela estava a olhar para si, enquanto tentava perceber como é que sabia aquilo. Mas a irada mulher estava concentrada no agente que estava ao seu lado, e Greg não conseguiu perceber.

Não fizera nada de errado ao sair com Alex naquele dia; afinal de contas, ela era apenas uma testemunha, mas isso não impediria Laura de tentar arranjar-lhe problemas. Sentiu nela uma inveja quase patológica sempre que mencionava Alex e percebeu que teria de prosseguir com cuidado. Não podia impedi-la de investigar Alex Taylor, mas não queria ajudar a sua causa deixando escapar que saíra com ela.

Dirigiu as últimas ordens a Peter Spencer.

– Vamos arranjar a marca do pneu o mais depressa possível. Logo que soubermos isso, poderemos avançar.

– E a Dr.ª Taylor? – perguntou Laura.

Os olhos de Greg pousaram em Laura e a sua voz foi firme.

– Não nos aproximamos da Dr.ª Taylor, a não ser que encontremos provas que nos deem motivos para isso.

CAPÍTULO 33

Richard Sickert ficou surpreendido quando Alex apareceu à sua porta, mas foi muito simpático e tranquilizador ao ver como ela estava perturbada. Alex ligou para o hospital na sala de estar do psicanalista e informou Caroline de que não se sentia bem e não poderia ir trabalhar. Caroline parecia estar à espera do telefonema e disse que não fazia mal, que a aula seria remarcada. Os médicos recém-formados poderiam fazer uma aula prática no departamento. O mais importante era ela ficar melhor.

– Tira algum tempo de férias, Alex. Tu tens de melhorar a sério. O Patrick está muito preocupado contigo – foi o seu conselho, confirmando que Patrick entrara em contacto com ela no instante em que Alex saíra lá de casa. Sem dúvida que ele diria que estava a interferir para o seu próprio bem, mas piorara a situação ao falar com pessoas como Fiona e Pamela. Mesmo que ela quisesse falar com elas sobre o assunto, Patrick impossibilitara isso. Elas pensariam o mesmo que ele. Que ela precisava de ajuda. De ajuda a sério.

O chá de hortelã-pimenta estava a relaxar a rigidez do seu peito e, a pouco e pouco, começou a acalmar.

– Obrigada por não me mandar embora. Lamento interromper a sua manhã – disse para Richard Sickert.

Desta vez ele usava calças de ganga e um pulôver de riscas brancas e vermelhas, e nos sapatos de golfe pretos e castanhos viu pedaços de relva. Havia papéis em cima da secretária e uma chávena cheia de chá ao lado, o que lhe disse que estava ocupado, ou prestes a estar ocupado, antes de ela chegar.

– Vou-me embora depois de tomar o chá.

– Não há pressa. Eu também estou a ter um dia indeciso. Está demasiado húmido para fazer alguma coisa lá fora e a papelada... bem, o mais certo é também chover amanhã.

– Não me lembrei de mais nenhum sítio aonde ir. A Maggie Fielding vai ficar aborrecida se eu continuar a aparecer à sua porta.

Ele sorriu ao ouvir aquilo.

– Tenho a certeza de que não. Ela não me parece ser uma Boa Samaritana, a não ser que queira. As amizades são importantes: se a Dr.ª Fielding está a oferecê-la, devia sentir-se confiante e aceitar.

– Ela não acredita no que me aconteceu.

– Ela disse isso?

Alex acenou com a cabeça.

– Oh, sim. Diz que é completamente impossível.

– Isso deve ser difícil?

Alex não respondeu.

– Já lhe perguntou que mais é que ela pensa?

– Eu estou aqui consigo porque ela pensa que pode ser alguma coisa pós-traumática. Algum acontecimento no meu passado, ou relacionado com o trabalho que faço.

Ele acenou levemente com a cabeça.

– Ela disse-me uma coisa muito parecida, mas o importante é o que a Alex pensa. Alguma coisa a perturbou nos dias que antecederam o acontecimento?

– Perdi um bebé naquela manhã. – Alex suspirou, cansada. – Uma menina com três meses. Foi horrível. A bebé chegou azul. A mãe e o pai estavam a gritar com toda a gente para porem a sua bebé a respirar de novo, mas ela já estava fria. A equipa da ambulância nem a devia ter trazido para o hospital. Suspeitámos de Síndrome de Morte Súbita e a autópsia confirmou. Mas quando ela chegou ao hospital, os pais pensavam que íamos conseguir reanimá-la, fazê-la voltar à vida. Os seus dedinhos minúsculos já estavam a ficar rígidos. – Suspirou de novo. – Por isso, sim, aconteceu uma coisa muito stressante antes daquele acontecimento.

– E outros momentos de *stress*? Mais alguma coisa que possa ter desencadeado uma crise?

Alex permaneceu calada, sem vontade de partilhar com ele a experiência do ano anterior. Se lhe contasse, ele pensaria logo que os dois acontecimentos estavam relacionados e que o raptor estava apenas na sua cabeça. Por outro lado, não podia continuar a evitar aquela questão. Se queria que estas consultas resultassem, teria de lhe apresentar todos os factos.

– Há um ano fui atacada.

Os olhos do psicanalista mantiveram-se calmos e os seus modos inalterados.

– Não quer contar-me mais nada?

As lágrimas inundaram-lhe os olhos e teve de morder o lábio inferior com força para se manter controlada. Depois de respirar algumas vezes para se acalmar, estava pronta para falar.

– Ele não me violou. Só para que saiba. Ele não me violou.

Richard Sickert acenou com a cabeça e Alex prosseguiu.

– Era um ator que andou a observar-me durante alguns dias enquanto estudava o papel de um médico. Tinha o papel principal num filme de suspense médico. A minha chefe pôs-me com ele, em parte porque estava demasiado ocupada e em parte porque ele expressou o desejo de ficar comigo. Era muito agradável. Um homem encantador e inteligente, muito educado com os pacientes e comigo. Estava comigo há cinco dias e não tinha tido nenhum problema com ele. E estou a ser totalmente honesta quando digo que a sua companhia era encantadora.

– Sentia-se atraída por ele? – perguntou Richard Sickert em voz baixa.

Alex fez um ligeiro aceno com a cabeça.

– Um bocadinho minúsculo, suponho. Ele era uma estrela de televisão. Foi familiar desde o primeiro momento, só de o ver na televisão, e era modesto e parecia genuinamente interessado em aprender. Pediu-me imensos livros de medicina emprestados. Fez-me explicar-lhe termos médicos até os compreender bem. Acho que o admirava por isso. Ele não ia apenas aprender algumas deixas e mais nada. Seria fiel à personagem que ia representar. De qualquer maneira, como digo, era o quinto dia. Estava calor. Aquele fantástico verão de São Martinho que tivemos. O hospital parecia uma fornalha, com as ventoinhas ligadas, pessoas a beber imensa água e desesperadas para chegarem a casa e poderem relaxar nos seus jardins.

«Eu estava na sala de grandes incidentes com ele. Ele queria que eu lhe mostrasse o equipamento

que usávamos e os fatos que temos de vestir quando somos chamados para um grande incidente. Ele estava de costas para mim enquanto eu tentava vestir um. Normalmente, para um treino, teria mantido a túnica e as calças por baixo do fato, mas estava tanto calor na sala que teria desmaiado se não as despisse.»

– Então, ele virou-se de costas?

– Sim – respondeu Alex em voz baixa. – Eu também estava de costas para ele, para ter um pouco mais de privacidade. Tinha o fato puxado até à anca e estava a tentar enfiar os pés nas botas quando, de repente, ele me agarrou por trás. Eu não conseguia endireitar-me. Estava completamente curvada e o fato escorregava-me à volta dos tornozelos.

Fechou os olhos com força ao recordar aquele momento e o seu coração começou a bater desagradavelmente.

– Ele enfiou uma mão dentro das minhas calças e outra por baixo do sutiã, e depois encostou-se a mim. Tentei afastá-lo, mas ele fez pressão com todo o seu peso nas minhas costas. – Engoliu em seco e sentiu que o corpo começava a tremer. – Merda, não quero pensar nisto, não quero recordar as mãos dele a mexer em todo o meu corpo. Senti-o a desapertar as calças. Estava aterrorizada. Depois, ele tocou-me... senti-o na pele. Estava a puxar-me as calças para baixo. Esforcei-me para me afastar, abanando-me para trás e para a frente, e caí de joelhos. A minha cabeça bateu nas prateleiras de baixo e pensei que era caricato estar a olhar para todo aquele equipamento médico enquanto ele estava em cima de mim. Sentia-o... sabia o que ia acontecer... eu...

Respirou com dificuldade e abriu muito os olhos, tentando sentir-se de novo segura. Richard Sickert esticou-se para a frente na poltrona, como se quisesse consolá-la. Ela ergueu uma mão para o parar.

– Estou bem. Só preciso de um momento.

– Quer um copo de água? – perguntou ele.

Alex abanou a cabeça.

– Estou bem.

– Quer continuar?

– Sim. Não há muito mais para contar. Consegui pegar numa bota e comecei a bater-lhe às cegas nas pernas. Devo ter-lhe acertado com força porque ele saiu de cima de mim e consegui virar-me. Ele estava inclinado para a frente, com as calças desapertadas e o pénis exposto. Gritei-lhe e disse que ia fazer queixa dele. Que ele não se ia safar. E ele... ele riu-se. Disse que ninguém acreditaria em mim. Toda a gente sabia porque é que eu o trouxera para aquela sala. Toda a gente sabia que eu gostava dele. Ele disse: «Vamos ser francos, Alex, tu tens andado a pedir isto a semana inteira. Em quem pensas que vão acreditar?»

Pela terceira vez naquele dia, tinha o rosto molhado.

Richard Sickert estendeu-lhe alguns lenços de papel e ela lembrou-se de quando Greg Turner fizera o mesmo. Nos últimos tempos, a sua vida parecia girar à volta de pessoas a oferecerem-lhe lenços de papel.

O psicanalista foi fazer mais chá enquanto Alex se recompunha, e quando voltou ficou sentado com ela durante muito tempo antes de perguntar, por fim:

– Apresentou queixa dele?

Alex abanou a cabeça.

– Não fui capaz. Tive receio de que não acreditassem em mim. Acha que está apenas na minha

cabeça, aquilo que me aconteceu no outro dia?

Ele encolheu levemente os ombros.

– É possível. Pode ser a sua forma de lidar com o que lhe aconteceu no ano passado. Não posso dizer-lhe se o ataque no parque de estacionamento foi real. O que lhe posso dizer é que precisa de resolver o que aconteceu há um ano. Um homem quase a violou e a Alex saiu daquela situação com a sensação de que ninguém acreditaria em si.

Ele hesitou, e Alex percebeu a indecisão nos seus olhos.

– Acho que devia contar isto à Polícia – disse, por fim.

As pálpebras ainda lhe ardiam, inchadas das lágrimas salgadas, e sentia o rosto dorido. Maggie deu-lhe um toalhete frio e Alex refrescou a pele sensível. Em seguida, bebeu um gole de vinho e sentiu que começava a acalmar. Estava exausta, mas também estranhamente em paz.

– Então, eu estava certa? Sofreste um trauma no passado? – perguntou Maggie suavemente.

Alex acenou com a cabeça.

– Agora sabes tudo.

– O Richard Sickert tem razão, Alex. Tens de apresentar queixa dele à Polícia.

Os joelhos de Alex ergueram-se quando ela tentou enrolar-se numa bola e ignorar o conselho da amiga.

– Eles não vão acreditar em mim, Maggie – exclamou, zangada. – Não vão acreditar, a não ser que eu consiga que ele confesse.

– Então, vamos fazer isso.

Alex olhou-a, confusa.

– Fazer o quê?

– Obrigá-lo a confessar. Eu ajudo-te – disse Maggie, determinada. – Confronta este homem, Alex, e põe um ponto final no que aconteceu.

Laura Best desligou o telemóvel e pousou-o com um sorriso satisfeito. Era um bom início de dia. Usara a tática certa ao ser simpática primeiro, e agora ia ter um resultado. Fora marcado um lugar e uma hora, e à tarde saberia o que tinha acontecido à Dr.ª Taylor no ano anterior.

Convencida de que daria uma imagem desfavorável da doutora, já estava a planear o que faria com as informações. Esta noite esperava que o carro da médica fosse confiscado e que a mulher fosse trazida para a esquadra para ser interrogada.

Depois, Greg Turner poderia pedir-lhe desculpa pelo seu comportamento nada solidário e, com sorte, esse pedido de desculpa seria feito diante de oficiais mais graduados do que ele.

Entretanto, queria verificar as câmaras de vigilância de bombas de gasolina e estações de lavagem automática e descobrir onde é que Alex Taylor lavara o carro. Faria a viagem de Bath para Cribbs Causeway, em Bristol, onde Taylor dissera que fizera compras, e, com sorte, encontraria não apenas a bomba de gasolina, mas a hora a que ela lá estivera.

O lado positivo daquela viagem era que só tinha três dias para fazer compras antes do Natal e ainda não comprara nada para a família e para os amigos. Poderia matar dois coelhos de uma cajadada passando o resto da tarde desta forma.

– Estás a planear quem vais levar para a cama a seguir? – sussurrou Dennis Morgan com amargura ao seu ouvido. Laura virou-se e ele olhou-a com uma expressão de censura.

– Olá, Dennis. Estava a pensar em ti – mentiu docemente.

Percebeu que o colega não se deixara levar pela mentira e viu o desdém nos seus olhos enquanto ele se afastava.

Talvez fosse boa ideia tentar ser honesta.

– Dennis – chamou, e ele voltou-se. – Não consigo evitar. Logo que sinto que estou a ficar próxima de alguém, ataco e magoo essa pessoa. É uma defesa para não ser magoada primeiro.

Os ombros ficaram menos tensos e Dennis deixou cair os braços.

– Eu nunca te magoaria. És a primeira mulher de quem gostei a sério em muito tempo. Eu não vou para a cama com qualquer uma, Laura. Nunca fui.

– Eu sei, Dennis – disse ela em voz baixa.

Os modos dele suavizaram-se.

– Achas que podíamos sair um dia destes? Talvez ir ao cinema num encontro a sério, ou uma coisa desse género? – perguntou.

Laura acenou com a cabeça.

– Eu ia gostar. – Depois, sorriu-lhe. – Podes dizer que não, e eu compreenderei se estiveres ocupado, mas queres vir ver umas estações de lavagem automática comigo? Depois, mais tarde, podíamos cozinhar alguma coisa juntos, ou fazer outra coisa?

– Não posso, Laura. O inspetor Turner mandou-me ao hospital.

Ao ouvir falar no hospital, Laura sentou-se direita com os sentidos alerta.

– Porquê? – perguntou sem rodeios.

Ele encolheu os ombros.

– Não havia mais ninguém disponível.

– O que eu quero saber – disse ela, tentando manter-se paciente – é o que vais fazer ao hospital.

– Oh – exclamou ele, a rir. – Nada de especial. Vou só recolher o depoimento de uma médica que esteve envolvida num acidente de viação. Se quiseres, podes vir comigo.

Laura não precisou de ouvir mais nada.

CAPÍTULO 34

Alex desviou os olhos do relógio quando atravessou o departamento e gritou um «desculpa» ao coordenador por estar atrasada. Aquilo não fazia parte do plano. Estava determinada a que deixassem de pensar nela como a que «se tinha passado» e acordara pela primeira vez em muito tempo com um plano para recuperar o controlo da sua vida. E, no entanto, aqui estava ela, vinte minutos atrasada, sem um motivo válido além de ter tomado outro comprimido azul a meio da noite. Devia ter resistido e vindo trabalhar cansada, devia ter sido mais determinada e pensado que já não estava sozinha. Tinha o apoio de Maggie e, juntas, iam descobrir o paradeiro do ator e confrontá-lo. Entretanto, teria de se manter concentrada todos os dias e fazer bem o seu trabalho.

– Estás cá – disse Nathan sem rodeios quando ela entrou na sala dos médicos.

– Desculpa, eu compenso-te. Que é que temos?

– Uma emergência – respondeu ele. – Três a entrar em incumprimento, se não os internarmos ou lhes dermos alta. – «A entrar em incumprimento» era uma frase muito usada nos serviços de urgência. Significava que os pacientes estavam a chegar ao limite máximo de quatro horas em que já deviam ter sido vistos e internados ou mandados embora. – E a Dr.ª Cowan também foi trazida.

– Com quê? – perguntou Alex, ansiosa.

– Traumatismo cervical. Vamos observá-la primeiro.

– Achas que devemos separar-nos? Não podes andar atrás de mim com tanto trabalho para fazer. Vou ver a Caroline e deixo-te começar com os outros. Vai ser mais rápido.

Ele hesitou e Alex ergueu o queixo.

– Faz sentido, Nathan, e eu sou perfeitamente capaz de examinar um paciente de prioridade três. Afinal de contas, a Dr.ª Cowan não me vai deixar diagnosticá-la mal, pois não?

Caroline parecia completamente vulnerável sentada na maca de observação com os joelhos levantados e um cobertor de hospital puxado até ao queixo. O seu pálido rosto redondo perdera toda a energia.

Foi um choque vê-la tão abalada. Tinha um alto na testa por bater no volante e doía-lhe o pescoço devido à pancada. No estado atual estava irreconhecível como a chefe de serviço que dirigia aquele departamento tão movimentado.

A Polícia estava à espera para falar com Caroline, mas Alex insistiu em certificar-se de que ela estava em condições. Pelo que percebeu, o acidente fora um choque por trás a baixa velocidade. O carro de Caroline estava parado, à espera para entrar numa artéria principal. Ela não perdera a consciência, mas estava atordoada; era o medo do que podia ter acontecido que lhe alterava a aparência.

Se o carro tivesse batido com mais força, o *Nissan* de Caroline teria sido projetado para a frente

de um camião Tir que circulava na estrada principal.

Alex examinou-a minuciosamente e confirmou a ausência de lesão na coluna. Depois de completar o último exame, guardou a caneta-lanterna no bolso. Em seguida esticou a mão para o interruptor na parede e acendeu a luz principal do teto. Estava satisfeita com os valores da escala de coma de Glasgow que Caroline apresentava e com a sua reação pupilar. Empoleirou-se na ponta do colchão e acariciou suavemente as costas de uma das mãos da chefe.

– Parece estar tudo bem. Vou receitar um analgésico e vou buscar-lhe uma chávena de chá. Sente-se com coragem para falar com a Polícia?

Caroline acenou com a cabeça e depois estremeceu. Pousou a cabeça na almofada com cuidado.

– Não vi nada, Alex. Foi muito rápido. Não havia nada atrás de mim. Eu estava a olhar para a esquerda e para a direita, pronta para arrancar, quando ouvi um estrondo e senti o carro mexer-se violentamente. Fui atirada para a frente, bati com a cabeça e quando olhei pelo espelho não estava nenhum carro atrás de mim. A estrada estava completamente vazia. O condutor quase me matou e fugiu.

– É inacreditável que alguém possa fugir assim.

Caroline pestanejou quando os seus olhos se encheram de lágrimas.

– Pois é! – Usou o lençol da cama para os limpar. – Céus, ultimamente estão a acontecer tantas coisas más. Primeiro, tu vens parar a uma cama deste hospital. Agora eu! Quem será a seguir?

Alex sentiu o corpo ficar rígido, enquanto a sua mente imaginava uma série de possibilidades. Poderia ser o mesmo homem a visá-las às duas? Teria ido atrás de Caroline por causa dela? Estaria a fazer mal a pessoas que ela conhecia?

– Acha que isto pode estar relacionado com o que me aconteceu, Caroline?

– O quê? – O tom de Caroline foi brusco e os seus olhos abriram-se com uma expressão de incredulidade. – Por favor... não!

Depois, num tom cansado, disse:

– Pede a alguém para me trazer analgésicos.

– Mas...

– Não sou capaz de falar com estas dores – disse Caroline com firmeza. E, com um olhar expressivo: – Não sou capaz de falar *contigo*, Alex.

Passada meia hora, Alex viu Laura Best e um agente saírem do cubículo que tinha a cortina corrida. Levantou-se da secretária e dirigiu-se para lá.

Laura Best pôs-se à frente dela.

– Deixe-a em paz, Dr.ª Taylor. Ela só quer descansar até o marido a vir buscar.

– Como?

A voz de Laura Best foi firme.

– Ela não quer ser incomodada.

Alex sentiu o rosto a ruborizar-se e olhou para a mulher-polícia com ressentimento.

– Dá-me licença? A Dr.ª Cowan é minha paciente! Preciso de a ver antes de lhe poder dar alta.

– O Dr. Bell já tratou disso – replicou Laura Best com paciência.

Alex espreitou pela janela de vidro para a sala dos médicos. Nathan estava no gabinete a analisar uma radiografia. Queria ir perguntar-lhe o que se passava, mas ele parecera distante e inacessível o dia inteiro. Arrependeu-se muito de o ter convidado para sair. Ele recomeçara a tratá-la como uma colega de trabalho – pior, uma colega incómoda – e sentia falta da sua amizade.

Voltou para a cadeira para continuar a leitura das notas de um paciente e sentiu que os olhos de Laura Best a seguiam. A mensagem não podia ser mais clara. *Mantém-te longe dela. Ela não te quer ver.*

Laura suspirou de alívio quando o telefonema chegou ao fim. A pessoa que ligara estava furiosa e nada satisfeita por ela não ter aparecido e Laura teve de prometer que não se atrasaria nem faltaria à nova marcação mais tarde. Depois de falar com a Dr.ª Cowan, esquecera-se completamente daquele compromisso. Ela e Dennis tinham passado o resto do dia a tentar descobrir o condutor que batera no carro da Dr.ª Cowan. Não faltaria à segunda marcação. Este encontro podia ser importante, acima de tudo agora que Alex Taylor começava a tornar-se incómoda.

O seu comportamento naquela manhã só confirmava a convicção de Laura de que Alex Taylor tinha uma doença mental. Estava preocupada por ela ainda ser autorizada a exercer medicina, mas imaginou que não seria por muito mais tempo. Ela estava metida em sarilhos e seria desmascarada muito em breve.

Laura teria o cuidado de sair com tempo suficiente para chegar a horas ao encontro que fora remarcado. Mandaria uma mensagem a Dennis a cancelar o encontro. Embora estivesse contente por serem outra vez amigos, um encontro amoroso não era uma razão suficiente para faltar de novo. Precisava de se concentrar no seu trabalho.

Tinha algumas horas livres antes da marcação e aproveitaria para analisar as notas do caso de Amy Abbott. Procuraria qualquer coisa que pudesse ter escapado; pistas que não tinham sido seguidas e que poderiam dizer-lhes onde estivera enquanto estava desaparecida. Haveria sangue no sítio onde aquele aborto fora induzido. Muito sangue. Amy Abbott quase se esvaíra em sangue antes de chegar ao Serviço de Urgência.

Já não era uma investigação de homicídio, nem sequer uma investigação de pessoa desaparecida. Amy Abbott estava morta e enterrada, e, para todos os efeitos, o caso estava encerrado. Greg dir-lhe-ia que estava a perder tempo e que devia concentrar-se no caso de Lillian Armstrong, mas Laura detestava pontas soltas e não conseguia esquecer que fora Alex Taylor quem dissera que a morte era suspeita. Os resultados da autópsia não tinham confirmado aquela suspeita – morte acidental, fora o veredicto do médico-legista. Se fora homicídio, seria difícil provar. Alex Taylor era, sem dúvida, bastante inteligente para assassinar alguém e safar-se.

Ela estava em Barbados quando Amy Abbott desaparecera, mas Laura não sabia se já a conhecia, se sabia que ela estava grávida e deprimida. Alex Taylor podia ter-lhe dado abrigo, podia tê-la deixado usar o seu apartamento enquanto estava de férias e depois voltara para casa e provocara-lhe a morte. Amy Abbott tinha sido encontrada cinco dias depois de desaparecer, mas morrera na noite em que Taylor regressara a casa depois das férias. Agora, só tinha de encontrar uma ligação entre as duas mulheres. Se conseguisse provar que Alex Taylor conhecia a enfermeira morta, teria um motivo para pedir a reabertura do caso.

Laura sentiu-se entusiasmada com aquela perspetiva. Podia ser o seu bilhete para a promoção – o caminho para uma vida nova.

CAPÍTULO 35

No momento em que saiu do elevador, Alex reparou na estreita caixa de cartão encostada à porta principal e pousou os sacos de compras. Um papel azul estava colado à caixa e viu que era uma mensagem do vizinho do lado: «Chegou esta tarde, por isso recebi. Espero não ter feito mal. Trevor.»

Pegou na caixa e levou-a para dentro. Abriu a caixa do correio e tirou envelopes de postais de Boas Festas. O Natal estava a chegar e ainda nem sequer mandara os seus. Fizera muito pouco para se preparar para a quadra, a não ser comprar presentes, que ainda teriam de ser embrulhados. Não fizera a árvore de Natal nem comprara bebidas ou comidas especiais. A casa estava igual a qualquer dia normal de semana – os sofás de couro, a mesa de apoio de vidro e o chão sem tralha. Nem sequer havia uma fotografia da família na sala para personalizar o espaço. Patrick dissera que as molduras das fotografias que ela tinha teriam de ser mudadas, pois eram muito antiquadas. Por fim, percebia como ele estava enganado. Não era possível criar uma casa apenas com móveis – a casa tinha de ser amada e vivida; caso contrário, os cantos enchiam-se de frio.

Agora estava sozinha. Só tinha o seu trabalho e um apartamento vazio para viver, mas até isso estava em risco. Desde a manhã, a atmosfera no trabalho estava pesada com palavras por dizer. Todos pareciam evitá-la. Fiona parecia estar muito ocupada sempre que Alex tentava conversar com ela. Nathan mal lhe falara, a não ser por causa de algum paciente. Todos estavam desconfiados dela. As coisas iam de mal a pior, e a chefe devia estar a pensar em marcar outra reunião, mas desta vez uma reunião formal. Nunca devia ter dito o que dissera a Caroline. Devia ter-se mantido de boca calada, mas nos últimos tempos os seus atos pareciam ser impulsivos e, aos olhos dos outros, irracionais. O acidente de Caroline não devia estar relacionado com a sua situação, e agora, aos olhos da chefe, parecia ainda mais lunática.

Dentro da caixa, plástico de bolhas protegia um quadro emoldurado. Sentiu vidro e viu cores por baixo do plástico. A galeria incluíra uma descrição do quadro, mas não havia nenhum bilhete da pessoa que o enviara. Desembrulhou-o e viu uma imagem de uma mulher nua deitada numa cama. A parede atrás dela era de um azul forte, quase marinho. Ela tinha o rosto escondido pelo braço enquanto o esticava para a figura que se afastava. Alex adorou e adivinhou de quem era. Abriu rapidamente o correio e encontrou um postal de Boas Festas de Maggie. A amiga não o assinara, mas Alex percebeu que a atenciosa mensagem era dela:

«Espero que gostes. Embora eu prefira outras versões deste quadro, acho que neste o Euan Eglow traz a encantadora senhora para os tempos modernos. Lembra-te, Alex, de que nem todos os homens são uns pulhas.»

Alex ficou espantada com a simpatia e generosidade de Maggie, e sentiu-se um pouco confusa. Alguém gostava dela. Não estava completamente sozinha.

A pancada na porta do apartamento sobressaltou-a. Ainda com o casaco vestido e convencida de que era o vizinho a certificar-se de que ela recebera a encomenda, abriu a porta.

Nathan Bell estava do outro lado, com uma garrafa de vinho embrulhada em papel. Estendeu-lha.

– Um pequeno presente de Natal – disse num tom reticente, parecendo pouco à-vontade, como se não soubesse se seria bem-vindo.

– Entra – convidou Alex, extremamente surpreendida por ele vir visitá-la, por saber onde morava.

– A Fiona deu-me a tua morada... disse-me que não te importarias.

– Não me importo. Como é que ela está? No hospital parecia demasiado ocupada para falar comigo.

– Acho que está um pouco preocupada contigo. Pensei que ela ia ter contigo a seguir ao trabalho. Ela disse que ia falar contigo.

Alex ficou intrigada.

– Ela não me disse nada. Mas, como te disse, não falámos. Deve ter-me enviado uma mensagem escrita e agora pensa que estou a ignorá-la. Raios, já vou ver. Mas ainda bem que ela te deu a minha morada. Gosto muito de te ver.

Levou-o para a sala de estar e reparou que ele observava todos os pormenores.

– Não é como eu esperava – disse.

– Que é que esperavas?

– Uma coisa mais acolhedora. Diferente. Isto é um pouco assético – respondeu Nathan com a habitual frontalidade.

Alex não ficou ofendida, porque ele tinha razão. Era a ideia que Patrick tinha de uma casa, não a sua.

– Vou mudá-la em breve, torná-la mais aconchegante.

– Ainda bem. Esta sala não tem nada que ver contigo.

Ficaram de pé, pouco à-vontade, e o silêncio estendeu-se. Alex percebeu que ele se iria embora em breve, se ela não quebrasse o gelo e dissesse alguma coisa mais eloquente.

– Queres beber alguma coisa?

Ele entregou-lhe a garrafa.

– Só se tu beberes e só se puderes.

Alex percebeu que ele estava a perguntar-lhe se conseguia beber um copo sem que isso levasse a uma dependência. Não soube responder, pois já não se punha à prova há algum tempo, mas sentia-se bastante segura na companhia dele para experimentar.

– Estamos quase no Natal. Gostava de beber um copo com um amigo.

Nathan despiu o casaco. Com uma camisa escura por dentro de calças pretas justas e uma gravata cinzento-prata parecia sofisticado e algo distante.

– Se fores buscar um saca-rolhas, posso abrir a garrafa.

Com um andar ligeiro, Alex apressou-se a ir buscar copos e um saca-rolhas à cozinha, parando para se olhar ao espelho. Tinha o rosto corado, emoldurado por finas madeixas que se tinham soltado do rabo de cavalo, mas pelo menos o cabelo estava limpo e cheirava bem. Despiu o casaco e tirou a blusa, ficando apenas com uma *T-shirt* bege e calças de ganga. Quando entrou na sala, Nathan estava a observar o quadro.

– Um presente? – perguntou.

– Sim. É a mulher de Putifar. É lindo, não é?

Nathan observou-o mais um pouco.

– Parece um pouco desesperada, a agarrar as roupas dele daquela maneira.

– Está a dizer-lhe que o quer – explicou Alex, sem ter um verdadeiro conhecimento do quadro. Ainda não procurara a história da mulher de Putifar.

– Foi um presente do teu namorado?

Ela abanou a cabeça.

– Eu não tenho namorado. Já não.

Nathan ergueu uma sobrancelha ao ouvir aquilo.

– Então, acabou mesmo... depois da festa daquela noite pensei...

Alex bebeu um pequeno gole do vinho tinto que ele lhe deu e percebeu que teria de dizer alguma coisa.

– Se não tivesse terminado, não te teria convidado para sair.

– Desculpa por isso – replicou ele rapidamente. – Eu devia ter explicado. É difícil... eu...

– ...tens uma namorada – terminou Alex por ele, sem querer ouvir porque é que ele a rejeitara e sentir-se mais uma vez embaraçada.

– Não – disse ele em voz baixa. – Essa é a parte que é difícil de explicar. – Olhou para tudo o que estava na sala menos para ela, e Alex percebeu que era ele quem estava embaraçado. Mesmo quando se aproximou, Nathan evitou olhar para ela. Só quando se esticou para lhe tocar é que os olhos dele a fitaram, e havia tanta carência nas suas profundezas que era lancinante.

– Eu nunca tive uma namorada. Nunca tinha sido convidado para sair por uma rapariga. Quando tinha dezasseis anos, apaixonei-me por uma miúda e percebi que ela só falaria comigo se eu estivesse num grupo de outros rapazes. Escolhi os rapazes de quem me tornaria amigo, rapazes menos inteligentes do que eu, a quem disse que poderia ajudar com os trabalhos de casa. Passei a fazer parte do grupo muito depressa e pouco depois comecei a falar com ela.

Calou-se, sem dúvida a pensar naquele tempo.

– Eu nem queria acreditar na minha sorte. Ela ia sair comigo. O nosso primeiro encontro foi num parque, à noite, quando não havia ninguém por perto, e passámos horas de mãos dadas sentados nos baloiços. O segundo encontro foi no muro de uma viela, perto da casa dela, e estivemos horas a conversar. – Sorriu, mas os seus olhos tinham pouco humor. – Estás à espera da conclusão, não estás? O nosso terceiro encontro foi na cama dela. Despimo-nos e estávamos deitados muito juntos. Ainda não nos tínhamos beijado e eu queria muito. De repente, ela virou-se e disse-me que eu podia fazê-lo por trás porque ela não conseguia olhar para a minha cara. Depois de acabar, enojado comigo mesmo, vesti-me e saí logo. Alguns dos rapazes estavam no fundo da rua, sentados no muro da viela. Perguntaram-me o que tinha estado a fazer, e é claro que eu disse: «Nada». Eles riram-se, troçaram e disseram que não acreditavam em mim. Disseram que sabiam exatamente o que eu tinha estado a fazer porque tinham pago.

«O mais irónico é que pensavam que estavam a ser verdadeiros amigos. Sabiam que eu gostava dela e tinham-lhe oferecido dinheiro para fazer sexo comigo.»

Alex ergueu uma mão, pousando-a suavemente na face manchada, e a cabeça dele desviou-se com brusquidão. A sua voz estava repleta de emoção.

– Não tenhas pena de mim, Alex. Eu não suportaria isso.

Alex pousou o copo de vinho, pôs a outra mão na outra face de Nathan e virou-lhe o rosto para si, para que ele não pudesse desviar os olhos.

– Eu não tenho pena de ti, tenho pena de mim. Quero-te... e tu não pareces querer-me.

Nathan olhou-a durante longos segundos, perscrutando com intensidade os seus olhos para ver se ela estava a dizer a verdade, e depois, com um gemido, puxou-a para si. O primeiro beijo não foi tímido e os seus braços envolveram-na com confiança. Ele podia nunca ter tido uma namorada, mas não se notou no seu desempenho enquanto lhe explorava avidamente os lábios e a boca. Mãos fortes apertaram-na contra si e Alex sentiu o seu corpo esguio. Ele não era tão magro como parecia, mas musculoso e tonificado.

Ela estava a tremer muito e percebeu que apenas o apoio dos braços dele a mantinha de pé.

– Deixas-me fazer amor contigo? – sussurrou ele com ansiedade, olhando-a intensamente nos olhos.

Alex não conseguiu falar. Estava para além das palavras. A resposta estava no beijo que lhe deu. Nos seus braços seguros, foi transportada para a cama e, com uma sensibilidade incrível, Nathan Bell fez amor pela primeira vez na sua vida.

Parada ao pé da janela do quarto, Alex contemplou o cabelo escuro e as costas maravilhosamente curvadas de Nathan. Ele tinha uma pele macia e imaculada. Dormia profundamente há várias horas, mas Alex não estava surpreendida. As emoções que sentira tinham-no deixado exausto. Acabara em poucos segundos. Alex encorajara-o a terminar, sabendo que ele aprenderia a controlar-se e seria melhor da segunda vez. E foi. Alex só esperava ter-lhe dado tanto prazer como ele lhe dera a ela.

Nathan mexeu-se e Alex viu-o perceber, a pouco e pouco, que ela não estava ao seu lado na cama. Levantou a cabeça e os ombros da almofada enquanto a procurava, e o calor nos seus olhos quando se fixaram nos dela deixou-a quase tonta.

– Volta para a cama – sussurrou ele.

Alex estava muito consciente do cheiro ligeiramente intenso, sentia-se suja de tanto sexo e achou que devia lavar-se.

– Deixa-me tomar um duche primeiro – disse em voz baixa.

Ele abanou a cabeça de um lado para o outro.

– Não, vais lavar esse teu cheiro maravilhoso e eu só estou a começar a conhecê-lo.

Sentindo um calor instantâneo nas entranhas e humidade a escorrer pelas coxas, Alex voltou devagar para a cama.

CAPÍTULO 36

— A marca de pneu deixada no blusão da Lillian Armstrong pertencia a um *Pirelli 205/45 R17*. Mas, como já disse, há milhares de carros equipados com esses pneus. É provável que muitos dos carros naquele parque de estacionamento tenham esses pneus... há, sem dúvida, bastantes carros desportivos lá estacionados.

Greg olhou para Peter Spencer, precisando de ouvir outra vez o que o homem dissera antes.

– Mas este tipo de pneu adapta-se a um *Mini*?

– Sim. Tenho aqui o relatório. – Ergueu uma folha de papel e começou a ler. – *Pirelli 205/45 R17*. É...

– ... e esta marca de pneu é a que deixou uma marca no blusão da Lillian Armstrong? – perguntou Greg, repetindo Peter, como se quisesse gravar aquele facto no cérebro.

– Sim.

A mente de Greg não ficou descansada. A probabilidade de ser o carro de Alex Taylor estava a aumentar.

– Está bem. Nesse caso, vamos começar por verificar todos os ocupantes do edifício.

Peter Spencer acenou com a cabeça, mas a sua expressão foi de dúvida.

– Não achas que devíamos começar pelo carro da Dr.ª Taylor? Pelo menos para a excluir?

– Estás a acreditar na teoria da detetive Best? Que a Dr.ª Taylor atropelou a mulher para chamar a atenção?

– Eu não acredito na teoria de ninguém. Não provámos que o pneu pertencia ao carro da Dr.ª Taylor, nem sequer vimos quais são os pneus do carro dela. Ela pode ter *Pirelli* ou não. Se tiver, vou procurar betume fresco. Foi o que deixou uma marca tão nítida. Embora possa ser demasiado tarde para isso, porque ela lavou o carro. Basta dar uma vista de olhos para a retirar da lista de suspeitos. Ou... estou a comunicar-te os factos, Greg. Não a juntar os pontos.

Greg olhou em volta, a observar a espaçosa sala do departamento de investigação criminal, e reparou que mesmo às sete da manhã o local estava movimentado. Havia agentes sentados às suas secretárias, a verificar informações nos computadores ou a preparar notas para a reunião matinal. A secretária de Laura Best continuava vazia, o que lhe dava alguns minutos de paz. Ela estava atrasada, o que era inaudito.

Greg acenou, agradecido.

– Obrigado, Peter. Continua a investigar. Precisamos de um local onde tenha sido aplicado alcatrão recentemente. Entretanto, vamos manter a discrição sobre as informações relativas ao pneu. A Laura Best está disposta a enforcar a doutora e não quero detenções injustificadas, acima de tudo de uma médica. Se nos enganarmos, a imprensa não nos vai deixar em paz.

– A decisão é tua – respondeu Peter Spencer. – Vou fazer o que queres.

Virou-se para se ir embora, mas parou.

– Continua a não fazer sentido para mim... porque é que a Dr.ª Taylor atropelaria a mulher e depois te falaria sobre a marca do pneu no blusão? Parece tudo um pouco estranho.

Greg acenou com a cabeça.

– É exatamente o que penso. E é por isso que temos de verificar os nossos factos primeiro.

– Achas que é possível alguém ter roubado o carro enquanto ela andava a fazer compras?

Greg encolheu os ombros. Não tinha resposta.

– Se a Lillian Armstrong esteve no carro da Dr.ª Taylor, *haverá* provas.

– Tenho consciência disso – respondeu Greg. – E do facto de que ainda não temos respostas. – Suspirou pesadamente. – Faz isso, Peter. Mas sê discreto. Verifica quais são os pneus do carro dela. E depois saberemos.

CAPÍTULO 37

Maria Asif abriu a porta com o cotovelo, tendo o cuidado de não deixar cair o tabuleiro com instrumentos sujos que transportava. Era o último que tinha de trazer para aquela sala. Empilhara os outros na bancada para poder fazer mais uma verificação rápida e certificar-se de que não havia agulhas no meio dos instrumentos antes de os mandar para baixo, para serem esterilizados.

Tinha sido uma noite complicada, acima de tudo nas últimas duas horas, e uma noite sem êxito. O corpo de um rapaz continuava numa das mesas de operações à espera de ser recolhido pelos maqueiros e levado para a morgue. Tinha dezanove anos, mas parecia ainda mais jovem. Fora trazido para o Serviço de Urgência com todos os ossos do corpo partidos depois de ser cuspido da sua mota a alta velocidade.

Havia muito pouco a fazer por ele, e a tentativa de estancar as hemorragias de várias artérias danificadas, órgãos lesionados e ossos partidos fora mais um gesto simbólico. Na sua opinião, teria sido preferível deixá-lo morrer rodeado pela família e não numa fria e esterilizada sala de operações, rodeado por uma dúzia de profissionais que queriam desesperadamente ajudar, mas eram claramente incapazes de fazer alguma coisa.

Maria Asif rezara uma oração por ele e acompanhara os chorosos pais enquanto eles se despediam com um abraço e um beijo. Faltavam dois dias para o Natal e o filho deles morrera, e não havia palavras que pudessem ajudá-los. Maria não tinha nada para dizer que pudesse diminuir o desgosto que aqueles pais sentiam. Só queria ir para casa, para os seus bebés. Queria beijar o filho mais velho enquanto ele ainda estava em idade de deixar, e passar o resto do dia a abraçar os dois mais novos.

Eram momentos como aquele que a faziam odiar o seu trabalho. Enquanto verificava todos os instrumentos que tinham sido usados no rapaz morto, sentiu lágrimas a escorrer pelas faces. Era injusto. Morte súbita numa pessoa tão jovem era uma coisa muito injusta. Não havia respostas, apenas «e ses». Com a manga da bata cirúrgica limpou rapidamente as lágrimas.

Aproximou-se do elevador dos instrumentos, cuja porta ficava à altura da sua cintura, e viu sangue na parede por baixo da abertura. Devia ter pingado do interior e escorrido pela parede.

Os funcionários eram constantemente lembrados da importância da higiene, da gravidade das infeções cruzadas e das bactérias multirresistentes fora de controlo que assolavam a maioria dos hospitais, e uma coisa tão simples como limpar a sujidade deixada pelos instrumentos ensanguentados era ignorada. Alguém pusera um tabuleiro com instrumentos a pingar no elevador, sem os embrulhar primeiro. Ela comunicaria isto quando chegasse a equipa diurna, porque a sujidade fora deixada no dia anterior, não durante a noite.

Irritada com o estado do elevador, que a manteria longe da família durante mais tempo, abriu a porta exterior. Mandaria os instrumentos para baixo, para a unidade de esterilização, e depois subiria

o elevador para o limpar. Segurou na porta interior, abriu-a e constatou que o sangue não tinha sido causado por instrumentos a pingar, mas por um corpo muito enrolado, com roupas encharcadas em sangue.

Os gritos de Maria Asif chegaram aos ouvidos dos colegas e ela cambaleou para longe, recuando até ao corredor, onde vomitou.

*

Greg olhou de novo para o relógio. A reunião matinal estava a chegar ao fim e Laura ainda não aparecera; começou a ficar preocupado. Ligara-lhe diversas vezes para o telemóvel e para casa, mas ela não estava a atender. Não era nada característico dela e, por muito que não gostasse da mulher, era responsável por ela.

Todos os agentes estavam conscientes da importância de se manterem em contacto. Todos os agentes da Polícia eram alvos e sabiam que, em qualquer momento das suas vidas, poderiam encontrar-se numa situação de perigo. Retaliação e vingança de pessoas que sentiam que a Polícia lhes fizera mal, ou perpetradores encurralados tentando escapar a uma captura, eram uma fonte de potencial perigo.

Greg mandara um agente à casa dela, mas Laura parecia não estar lá. Quando a reunião terminasse, mandaria alguém de novo e, se necessário, chamaria um porteiro para o deixar entrar.

Viu Dennis Morgan olhar novamente para o telemóvel e ficou irritado com a grosseria do jovem agente. Aproximando-se por trás da cadeira dele, assumiu os modos de um professor e arrancou-lhe o aparelho das mãos.

– Tens de prestar atenção quando estás nesta sala, Morgan. Não devias estar a tratar da tua vida amorosa. No fim da reunião, devolvo-to.

O agente alto, acabado de sair da academia, ficou muito vermelho.

– Peço desculpa, senhor. Só estava a tentar saber onde está a detetive Best.

Greg olhou-o com um interesse renovado. Laura teria encontrado um novo companheiro de brincadeiras? Esperava que sim. Do fundo do coração. Queria que o deixasse em paz antes do fim do ano.

– E porque é que farias uma coisa dessas?

– Estou preocupado, senhor. Ela não veio trabalhar.

– O que quero saber é o seguinte – declarou Greg mais concisamente. – Porquê tu? Porque é que tomarias a iniciativa de saber onde ela está?

– Porque eu... tenho andado a vê-la nos últimos tempos.

Greg sorriu.

– A vê-la, tipo... romanticamente?

Morgan acenou com a cabeça.

– E soubeste alguma coisa dela hoje?

– Não, senhor. A Laura ia encontrar-se com alguém ontem ao fim do dia. Mandou-me uma mensagem escrita a cancelar a nossa saída e não soube mais nada dela desde então.

– Esperavas que ela te dissesse alguma coisa?

Novo aceno.

– Depois do compromisso que tinha, pensei que talvez me telefonasse.

A porta da sala de reuniões foi aberta e Stella Cartwright, uma funcionária administrativa civil, entrou.

– Desculpe entrar assim, Greg. Acabámos de receber uma chamada de urgência do hospital. Têm um cadáver lá, e este não morreu numa cama.

Dennis Morgan arquejou e Greg olhou-o rapidamente.

– O que foi, Morgan?

O bonito rosto empalidecera e ele tinha os olhos muito abertos.

– O encontro da Laura era no hospital. Ela foi para lá.

Laura não estava com a melhor das disposições. Estava atrasada para o emprego, o que, para si, era um pecado mortal. Deixara cair o telemóvel no banho nessa manhã e a pessoa com quem ia encontrar-se na noite anterior não aparecera. Vingança, talvez. Mas estava farta. Até então perdera uma tarde inteira e parte da manhã.

Estava parada no Serviço de Urgência, a tentar falar com o coordenador e obter uma explicação sem que o telefone os interrompesse constantemente, e já deduzira que a pessoa que não aparecera para o encontro na noite anterior também não viera trabalhar naquele dia.

Agora, precisava do número do telemóvel dela e não podia aceder a ele do seu telemóvel, para falar com ela e marcar outro encontro o mais depressa possível.

Quando o enfermeiro-chefe terminou outro telefonema, Laura tentou mais uma vez falar com ele.

O seu sorriso foi pesaroso.

– Desculpe, é sempre assim de manhã. Dê-me um segundo e já lhe arranjo o número. – Puxou uma pasta vermelha para si, ergueu as sobrancelhas, resignado, e suspirou alto quando o *pager* tocou. Marcou um número no telefone e Laura viu o choque instantâneo que se estampou no seu rosto quando falou. Preparava-se para se ir embora quando o ouviu referir que ia chamar a Polícia. Ele estava lívido quando desligou o telefone e Laura teve de lhe perguntar duas vezes qual era o problema.

O enfermeiro tinha os olhos vidrados e pestanejou depressa.

– Bloco operatório. É lá em cima, no bloco operatório principal. Tem de ir lá acima – conseguiu dizer.

Laura percorreu os corredores em passo acelerado, passando por outras pessoas que corriam para os blocos operatórios, e quando chegou à porta foi impedida de entrar até mostrar a identificação e informar o enfermeiro que era da Polícia.

Médicos e enfermeiros estavam reunidos no comprido corredor, todos com roupa do bloco e claramente chocados com o que acontecera, e uma mulher, uma asiática de estatura minúscula, chorava histericamente.

No chão, junto a uma porta aberta, via-se uma poça de vomitado. E Laura começou a perceber que alguma coisa muito séria tinha acontecido.

Um homem com roupa azul do bloco consolava a mulher asiática e ao lado deles uma segunda mulher, a única pessoa que parecia remotamente controlada, estava parada em silêncio.

Laura aproximou-se dela.

– O meu nome é Laura Best. Sou do Departamento de Investigação Criminal. Pode dizer-me o que está a acontecer?

A mulher esticou a mão para a cumprimentar e depois, percebendo que usava uma luva cirúrgica, baixou o braço.

– Sandy Bailey. Sou a enfermeira-chefe do bloco. Temos uma situação muito grave aqui. Uma das enfermeiras encontrou um corpo.

– Naquela sala? – perguntou Laura, apontando para a porta aberta ao pé da poça de vomitado.

A enfermeira do bloco operatório anuiu.

– Sim. É onde mandamos os nossos instrumentos para esterilização e onde recolhemos os novos conjuntos. Ela teve um choque terrível quando entrou ali.

Consciente de que devia estar a entrar num local de crime, Laura pediu à mulher para não permitir que ninguém saísse do departamento e para não deixar ninguém entrar, a não ser que fosse da Polícia. Perguntou se podia arranjar-lhe um par de protetores de plástico para os sapatos.

A enfermeira abanou a cabeça.

– Já não usamos. Agora usamos todos socas.

– Por favor, não deixe ninguém entrar aqui – disse Laura para a enfermeira.

Despiu o casaco e pousou-o no chão, juntamente com a mala, bastante longe do vomitado, encostados à parede do corredor.

O seu primeiro pensamento foi que a sala era pequena e não parecia uma área de esterilização. O segundo pensamento foi que não havia um corpo no chão. Virou-se para a enfermeira, impaciente, e viu uma abertura na parede do lado esquerdo. Uma mulher estava enrolada lá dentro, com os joelhos e coxas à mostra, muito apertados contra o peito. O antebraço direito estava esmagado no colo e o cabelo preto comprido caía, escondendo o rosto.

Com uma caneta que tirou do bolso da blusa, Laura levantou o cabelo e percebeu porque é que tinha esperado em vão.

Fiona Woods não fora falar com ela porque estava morta.

CAPÍTULO 38

O rosto de Maggie expressou prazer e curiosidade quando abriu a porta à muito feliz e ruborizada visita. Alex estava resplandecente e cheia de energia, tornando quase impossível estar quieta e falar devagar. Agradeceu à amiga por a deixar entrar, agradeceu-lhe o belo quadro e elogiou o lindo dia

As sobrancelhas de Maggie ergueram-se ao ouvir aquilo, pois lá fora estava um temporal com chuva forte. Acabou por conseguir interrompê-la para lhe perguntar qual era a causa da feliz mudança que se operara na nova amiga.

Alex ficou ainda mais corada e os seus olhos encheram-se de lágrimas de felicidade.

– O Nathan. Ele foi lá a casa ontem à noite.

– O Nathan Bell, do Serviço de Urgência?

– Sim – respondeu Alex. – E ele é absolutamente maravilhoso.

– Presumo que tenha passado lá a noite – declarou Maggie com frieza.

O rosto de Alex franziu-se numa expressão de culpa, mas os seus lábios tremeram alegremente.

– Bem – declarou Maggie, seguindo à frente para a sua linda sala de estar. – Não há dúvida de que ele é rápido.

– Não é nada – replicou Alex em sua defesa. – É tímido, reservado e está espantado por uma mulher o querer. Ele é lindo, Maggie, e não sabe.

– Se não fosse tão cedo, diria que é um motivo para celebração, mas – disse, com um suspiro – tu e eu temos outra coisa para fazer. Isto é, se ainda quiseres.

A felicidade de Alex diminuiu um pouco. Pela primeira vez em muito tempo estava tudo a correr bem, e pensar no que tinha de fazer encheu-a de medo. Poderia optar por ignorar tudo e continuar com a sua vida como estava agora, esquecendo o passado e aceitando até que a terrível noite com o psicopata estava na sua cabeça. Richard Sickert dissera isso. Poderia enfrentar o homem que a atacara no ano anterior noutra altura.

Poderia ignorar a sua consciência e convencer-se de que ele não seria um perigo para nenhuma outra mulher. Poderia deixá-lo ficar impune.

Depois de aquilo acontecer, Alex não era capaz de ver televisão, com medo de o ver, e depois, a pouco e pouco, fora descontraindo o suficiente para ver um ou outro filme sem ler a sinopse para verificar o elenco. Felizmente, não tivera de sofrer ao ver o rosto dele a olhá-la do ecrã, e há pouco tempo pensara que devia ter ido para Hollywood ou que estava a fazer teatro. Esperava que não. Esperava que o motivo para não o ver na televisão se devesse a falta de trabalho e à decadência da fama. Pensar que iria procurá-lo ativamente ou pesquisá-lo na Internet deixou-a agoniada.

O seu dilema era esse. Ele continuava a aterrorizá-la e a controlar a sua vida.

– Ajudas-me?

Maggie acenou com firmeza.

– Tu sabes que sim.

Alex estava a tremer.

– Não posso telefonar-lhe, Maggie. Preciso que trates disso. Encontro-me com ele, mas não posso combinar os pormenores.

Maggie aproximou-se de Alex e abraçou-a.

– Eu trato de tudo. Mas lembra-te de que vamos fazer isto juntas.

– Foi fácil – disse Maggie quando voltou para a cozinha a abanar algumas folhas de papel no ar. – Pesquisei-o no Google e acabei de falar com o agente dele ao telefone.

Alex continuou a pôr manteiga nos *bagels* torrados, a mexer os ovos na frigideira e a deitar água no bule. Não fez perguntas.

– Ouviste-me? – perguntou Maggie.

Ela acenou com a cabeça.

– Ele fez papéis principais em *Holby City, Casualty* e *Lewis*, e agora está a preparar-se para representar um papel num drama de época. Adivinha onde é que o filme de época vai ser filmado, Alex? – perguntou Maggie.

– Ele está em Bath, não está? – perguntou Alex, pousando a colher de pau e voltando-se para a amiga.

Maggie acenou com a cabeça.

– Ele está cá agora. O agente deu-me o número do telemóvel dele e vou ligar-lhe para ver se consigo marcar um encontro para esta noite.

– Ele pode não querer encontrar-se comigo.

– Vai querer – declarou Maggie com firmeza. – Não lhe vou dar hipótese.

Ver a comida, e sentir o seu cheiro, estava a deixar Alex enjoada e ela afastou-se do *Aga*. Esfregou as mãos uma na outra e cruzou os braços, agitada.

– Não estou preparada. Não vou saber o que dizer.

– Ensaia, Alex. Representa o teu papel. Assume o controlo. Se o que te aconteceu está na tua cabeça... o rapto, a ameaça de violação, a ameaça de morte... por causa do que ele te fez há um ano, esta pode ser a forma de enfrentares as duas situações. Enfrenta-o, Alex. Não deixes o homem continuar a controlar-te. Volta àquele parque de estacionamento. Usa a roupa que vestias naquela noite. Olha-o nos olhos e aposto que depressa perceberás que ele é o teu verdadeiro pesadelo e que o que te aconteceu no parque de estacionamento há várias semanas só aconteceu na tua cabeça por causa do que ele te fez. Ele tornou-te vulnerável, Alex, e fez-te ter medo.

Alex sorriu por entre as lágrimas.

– O único problema é que já não tenho o vestido. A Polícia ficou com ele e ainda não mo devolveram. Tenho outro vestido semelhante, o vestido de madrinha que usei no casamento da minha irmã, mas continua na lavandaria. Nem sei bem onde guardei o talão. Está lá desde que a minha irmã se casou porque quase não suporto olhar para ele.

Maggie aproximou-se e abraçou-a.

– Eu vou buscá-lo. Não precisas de te preocupar com isso. Vai deitar-te na minha cama e dorme o

resto do dia. Vê televisão ou termina as minhas palavras-cruzadas. Não consigo fazer a treze, vertical.

Alex sorriu, e pareceu mais controlada. Pegou no jornal que estava em cima da ilha da cozinha e viu que a maioria do *puzzle* de palavras-cruzadas estava preenchido. Leu o número treze. «Aviar – ficar mais irritado (5).»

– É um anagrama – disse. – Aviar forma a palavra Raiva. É como eu devia estar. Com raiva. Se estivesse com raiva, não sentiria medo.

CAPÍTULO 39

Os blocos operatórios foram fechados imediatamente, as cirurgias canceladas e os funcionários levados para outro local para serem interrogados. Excetuando a Polícia, ninguém estava autorizado a entrar no departamento.

Greg tinha verificado minuciosamente a área, certificando-se de que não havia mais saídas e entradas para o bloco operatório. O assassino passara pela mesma porta que ele, assassinara Fiona Woods e saíra por onde entrara. Mandou confiscar sem demora as imagens do circuito de vigilância interna para que pudessem ser visionadas. Organizou uma investigação de homicídio em grande escala, falou com inúmeros agentes, reuniu e deu instruções a agentes mais graduados e delegou tarefas em agentes menos graduados – sempre com o coração apertado.

A Dr.ª Taylor estava desaparecida e Peter Spencer não conseguia localizar o seu veículo; agentes liderados por Laura Best tinham passado a manhã inteira à procura dela. Os colegas e a família estavam a ser interrogados naquele preciso momento. Greg recebera uma chamada de um dos agentes que estavam no Serviço de Urgência com informações acerca de um médico chamado Nathan Bell que passara a noite com ela. A história dele estava a ser verificada e o apartamento de Alex Taylor estava a ser revistado em busca de alguma pista que pudesse indicar-lhes onde se encontrava naquele momento.

Corria o rumor de que ela se escondera depois de assassinar brutalmente a amiga porque descobrira o encontro planeado entre Laura Best e a enfermeira morta.

Laura tinha explicado que ia encontrar-se com Fiona Woods no hospital no dia anterior, às sete da tarde, na cantina dos funcionários. A enfermeira não aparecera e quando Laura perguntara aos colegas, informaram-na de que ela saíra de serviço ao fim da tarde e estava escalada para o turno da manhã. Laura tinha a certeza de que Fiona Woods ia dizer-lhe alguma coisa importante a respeito da Dr.ª Taylor, relacionada com alguma coisa que lhe acontecera há um ano. Fiona Woods dissera-lhe que a médica começava a preocupá-la. Caroline Cowan, a diretora do serviço, fora trazida para o Serviço de Urgência no dia anterior, após um acidente rodoviário, e Alex Taylor tentara convencê-la de que a pessoa que chocara contra a traseira do seu carro era a mesma pessoa que a raptara no parque de estacionamento. Na verdade, o motorista em questão comunicara o acidente na noite anterior; a sua desculpa esfarrapada fora que abandonara o local porque tinha uma reunião.

Greg não sabia o que pensar. Certamente, ainda não conseguia vê-la como uma assassina. Acima de tudo, estava preocupado com ela, com a mulher simpática e carinhosa que conhecera um pouco melhor; estava preocupado com a sua segurança. Se ela estivesse envolvida, e rezava para que isso não fosse verdade, faria alguma coisa estúpida a si mesma?

Só havia dois agentes na sala quando ele voltou ao local do crime – Peter Spencer e o fotógrafo da

Polícia. Fiona Woods, continuava entalada dentro do elevador, pois o médico-legista ainda não autorizara a remoção do corpo. Ele estava ao telefone no corredor e tinha feito um exame preliminar enquanto o corpo se encontrava no local. Voltaria para a sala dali a pouco.

Antes de ela ser retirada do elevador, queria que a sala e o corpo fossem meticulosamente fotografados e gravados em vídeo.

A causa de morte ainda não fora determinada, mas Greg levantara-lhe o cabelo e vira o bisturi espetado do lado direito da garganta. Pela enorme perda de sangue era óbvio que uma artéria principal fora cortada. Fiona Woods tinha vinte e oito anos, era solteira e não tinha filhos. Era uma enfermeira incrivelmente talentosa e alguém pusera fim à sua vida.

O dia que passara com Alex continuava fresco na sua memória, o riso dela quando Seb a levantara do chão e rodopiara com ela nos braços ainda ecoava nos seus ouvidos. Recordou a sua bondade e paciência com Joe enquanto ele gritava e sangrava durante o tratamento, e o pequeno e inseguro sorriso que esboçara quando os convidara para o passeio de helicóptero. Gostava de Alex Taylor. Queria poder ter a certeza de que ela era inocente.

Alex abrandou o passo de corrida e olhou para as nuvens pretas que se amontoavam no céu. Estavam pesadas e baixas, com a promessa de mais chuva. As barcas ao longo do rio estavam fechadas, e os proprietários encontravam-se no interior para se manterem quentes. As cores garridas – vermelhos, azuis e verdes – estavam desbotadas e a madeira de algumas parecia ensopada e porosa. Viam-se bicicletas, cadeiras de plástico e pequenas mesas abandonadas nos conveses e grandes pedaços de lonas castanhas cobriam os telhados de algumas delas.

Costumava ver um ou dois cães deitados nos conveses ou de pé com o pelo eriçado, a ladrar-lhe quando passava a caminhar ou a correr, mas hoje os donos, com pena deles, tinham-nos deixado entrar para se manterem secos.

Abriu a garrafa de água, bebeu um longo gole e em seguida olhou para o relógio para ver as horas. Tinha mais quatro horas antes de se encontrar com ele. O local de encontro e a hora estavam marcados e não teria de fazer mais nada a não ser esperar. Decidira que a melhor forma de passar o tempo seria a correr ao ar livre, pois o exercício ia distraí-la do que a esperava à noite. Porém, não estava a resultar. Só conseguia pensar numa coisa. Em como estaria quando o encontrasse. Teria coragem de olhar para ele? O cós dos calções de corrida estava molhado com suor e Alex começou a tremer quando a pele arrefeceu ao ar frio.

Estacionara o carro em Weston Lock, nos arredores da zona ocidental de Bath, e correra até Saltford e de volta, um percurso de doze quilómetros por margens relvadas e árvores frondosas que no verão protegiam do sol e, no inverno, da chuva. Alex conhecia bem aquele percurso e fazia-o muitas vezes quando vivia nos alojamentos do hospital. Hoje não queria estar perto de casa e usar a pista de corrida ao pé da sua porta, pois se estivesse lá poderia arrepender-se. Dali a pouco voltaria à casa de Maggie e começaria a preparar-se para a noite. Não pretendia aproximar-se do seu apartamento enquanto aquela tarefa não estivesse concluída.

Quando regressasse para lá, ao final da noite, o problema que ele representava estaria resolvido e a sua casa seria um lugar onde já não pensava nele. Não sabia como, mas arranjaria coragem para o enfrentar, e se tivesse de chamar a Polícia para que ele fosse preso não hesitaria. Doravante, pretendia que a sua vida fosse positiva e livre dele. Mesmo que não acreditassem nela, ficaria

satisfeita por fazer tudo o que estava ao seu alcance para que aquele homem fosse julgado pelo que fizera.

Pela enésima vez desejou ter o telemóvel consigo. Não conseguira encontrá-lo de manhã e começava a pensar que devia tê-lo deixado no hospital. Queria ouvir a voz de Nathan. Queria dizer-lhe que não poderia estar com ele nessa noite e que esperava que ele compreendesse. Tinham feito amor mais uma vez antes de ele sair para ir trabalhar e nunca se sentira tão adorada como nos seus braços.

Alex vira a angústia nos seus olhos quando lhe contara a dolorosa experiência e naquele momento soube que amaria sempre o seu rosto. Acreditava que Nathan era um homem que queria ser amado por quem era, não pela aparência.

Alex detestaria que ele pensasse que estava a rejeitá-lo porque não lhe telefonara.

Talvez fosse bom não ter o telemóvel. Não podia ligar-lhe. Hoje ia fazer uma coisa que tinha de fazer sozinha: uma situação confusa e suja que não queria que fizesse parte da sua nova vida. Mais tarde, contar-lhe-ia o que acontecera, quando o que tinham começado já não pudesse ser conspurcado.

Encheu os pensamentos com ele – a voz, a imagem e o toque – e começou a caminhada de oitocentos metros até ao carro.

Greg olhou para o homem alto e magro e tentou evitar que os seus olhos se fixassem no sinal de nascença que lhe cobria o lado esquerdo do rosto. Uma parte da testa, uma pálpebra, o lado do nariz e da face e um canto da boca tinham um tom roxo-escuro. Era com este homem que Alex dormira na noite anterior. Não era o namorado. Laura registara o depoimento de um homem chamado Patrick Ford.

Nathan Bell era um homem raro; tinha modos humildes e dignos. Greg pressentiu os desafios que ele enfrentava todos os dias. Os seus olhos encheram-se de um discreto desespero ao pensar que Alex estava metida em sarilhos. Greg não podia oferecer-lhe palavras de consolo.

Os agentes tinham encontrado provas inequívocas de que um homem passara a noite no apartamento da Dr.ª Taylor e Greg acreditou que tinha sido ele. Também acreditou nas horas a que ele disse que chegara e saíra. No entanto, nada daquilo ajudava Alex Taylor. A morte de Fiona Woods ocorrera antes do tempo que ele passara com a médica; a enfermeira estava gravada no circuito de vigilância de um corredor a sair do Serviço de Urgência às 18h05 e o vidro do seu relógio partira-se às 18h35.

Peter Spencer e o médico-legista tinham elaborado uma teoria de que se partira quando a porta do elevador fora fechada contra o pulso. Lesões nos tecidos do braço mostravam duas linhas paralelas, que sugeriam que a placa interior da porta atingira a carne e o relógio. Depois, o assassino devia ter levantado novamente a porta do elevador e empurrado o braço para dentro.

Nathan Bell não oferecia um álibi a Alex Taylor.

O que deixava Greg perplexo era a hora da morte. Os blocos operatórios ainda deviam estar cheios de gente, e aquele elevador podia ser usado a qualquer momento. Uma pessoa muito confiante matara aquela mulher. O médico-legista estava convencido de que a enfermeira ainda estava viva quando fora levada para o elevador. O padrão de sangue no teto e nas paredes do elevador mostravam esguichos. Não devia ter estado viva durante muito tempo, mas era possível que estivesse

consciente e soubesse que estava a morrer presa na caixa de aço. Alguém muito confiante saíra do local do crime, alguém que talvez soubesse que não fazia mal ser visto, pensou, com roupa do bloco, touca e máscara.

– Ela não fez isto – afirmou Nathan Bell pela segunda vez desde que Greg entrara no gabinete. – Ela não é uma assassina.

– A doutora falou consigo hoje?

– Não, não desde que a deixei esta manhã.

– E tentou contactá-la desde que soube?

– Sim. Queria avisá-la, mas tem o telemóvel desligado, por isso só deixei uma mensagem a pedir-lhe para me ligar. Quero estar com ela quando souber o que aconteceu à Fiona.

– Que é que ela lhe disse esta manhã?

– Nada. Demos um beijo de despedida. Eu esperava vê-la hoje à noite.

– Fizeram planos.

– Não. Pensei que falaríamos mais tarde.

– Quando foi ao apartamento dela ontem, disse que ela ainda tinha o casaco vestido.

– Sim.

– E passava pouco das sete e meia.

– Sim.

– A Dr.ª Taylor acabou o turno às cinco e meia. Sabe o que esteve a fazer depois disso?

– Não. Não faço ideia.

A conversa acabou e o médico voltou para o seu departamento com uma expressão muito infeliz. Greg compreendeu. Nenhum deles queria que Alex Taylor estivesse metida em sarilhos. Todos os funcionários tinham sido interrogados, alguns deles demoradamente, e o mais preocupante foi que, embora estivessem chocados com a morte de Fiona Woods, nenhum deles mostrou surpresa por a Polícia estar a fazer perguntas sobre o paradeiro de Alex Taylor. Vários deram informações sobre a médica, dizendo aos agentes que estavam preocupados com ela há algum tempo, que ela não estava em si ultimamente.

Havia mais dois interrogatórios para fazer na casa de duas pessoas e Greg queria fazê-los. O primeiro era ao ex-namorado de Alex – se ela tinha outra relação, presumiu que ele era um ex – e o outro à chefe dela, Caroline Cowan. Aquelas duas pessoas conheciam-na bem e esperava que uma delas pudesse confirmar o paradeiro e o bem-estar da doutora.

Greg avistou Tom Collins, o médico da Polícia, no corredor principal e acenou-lhe, dirigindo-se para ele. O homem alto parecia cansado e Greg calculou que devia ter feito o turno da noite.

– Que coisa horrível, não acha, Tom? – comentou Greg, fazendo conversa.

– Chocante. A Fiona Woods era uma senhora simpática. A última vez que falámos, ela perguntou-me como era trabalhar na Nova Zelândia. Estava muito entusiasmada. É uma verdadeira tragédia.

– O que pensa sobre a Dr.ª Taylor ser a assassina? – perguntou Greg.

Tom Collins parou e os seus ombros descaíram um pouco.

– Seria uma pena, se fosse ela. É outra senhora muito talentosa.

– Estava cá na noite em que ela foi trazida para o Serviço de Urgência. Quais foram as suas impressões?

Tom abanou a cabeça.

– Não sei. É difícil dizer. Ela estava, sem dúvida, abalada e no começo pensámos que tínhamos um caso de violação, mas nada corroborou as nossas suspeitas. Estava completamente vestida, não tinha sinais de rasgões na roupa e não foi encontrado nada no exame, apenas um pequeno alto na cabeça.

Greg sentiu vontade de confiar no homem e partilhar com ele a convicção de Laura Best. Queria a opinião de uma pessoa neutra.

– Uma das minhas agentes está convencida de que ela inventou tudo, que pode sofrer de um tipo de Munchausen por procuração.

Os olhos do médico da Polícia abriram-se muito ao ouvir aquilo e Greg percebeu o seu ceticismo.

– É um bocado forçado. Não é a primeira coisa que eu teria concluído. Normalmente, haveria um padrão de comportamento para fundamentar este diagnóstico.

– E se houvesse? – sugeriu Greg, e falou-lhe sobre a relação de Alex Taylor com as mortes de Amy Abbott e Lillian Armstrong, sobre o erro com o medicamento, o telefonema anónimo e a mensagem deixada no seu carro.

Tom Collins franziu a testa.

– Com este distúrbio mental a ideia é deixar a pessoa doente, não matá-la. Isto parece mais «Anjo da Morte» do que Munchausen. E mesmo assim é forçado.

Continuaram a andar enquanto Greg falava e aproximaram-se da saída do hospital. Os últimos comentários de Tom Collins não lhe deram respostas nem o consolaram.

– Primeiro caso, ela teve razão em chamar a Polícia ao hospital e a situação foi suspeita, não acha? A mulher fez um aborto ilegal a si mesma. Segundo caso: pode acontecer a qualquer pessoa. Há enganos com medicamentos, não muitas vezes, mas acontece... sobretudo com a quantidade de fármacos que são administrados no Serviço de Urgência. Terceiro caso: o vosso atropelamento com fuga, parece que a Lilly da Hora do Almoço se meteu numa situação complicada com um cliente tarado. E o telefonema anónimo e a mensagem deixada no carro da Dr.ª Taylor devem ter sido brincadeiras de mau gosto.

Tom esticou os ombros para trás e rodou o pescoço.

– Céus, estou cansado. – Depois, voltou-se de novo para Greg. – O que eu acho, Greg, é que tudo o que me disse seria ridicularizado em tribunal. Vocês não têm provas.

– E a Fiona Woods?

Tom fez uma careta.

– Na minha opinião, ela foi assassinada por um psicopata cruel. Há muito tempo que não via um homicídio tão brutal. Nem vale a pena dizer que espero que esteja enganado em relação à Dr.ª Taylor. Não o invejo nada por seguir essa via de investigação. – Enquanto saía pelas portas de vidro, Tom acenou. – Vemo-nos em breve, sem dúvida.

Greg desejou também poder ir para casa, para uma cama quente. Poderia enroscar-se por baixo dos cobertores e não teria de ser ele a investigar Alex Taylor.

CAPÍTULO 40

O céu estava a ficar mais escuro e as pesadas nuvens escondiam a Lua. Um vento frio fê-la tremer e sentiu que os músculos das coxas e das barrigas das pernas começavam a ficar rígidos.

Estava sozinha no carreiro e viu as folhas das árvores abanar com as rajadas de vento enquanto acalmava a respiração e deixava o coração abrandar. Não havia ali nada que a perturbasse e encostou-se a uma árvore, tentando descontrair.

Durante os últimos três quilómetros, as suas pernas quase tinham cedido de medo ao pensar no que a esperava mais tarde. Não estava preparada para o enfrentar de novo e o seu maior medo era que Richard Sickert e Maggie estivessem enganados. Começara a acreditar que tinham razão, a acreditar que o rapto no parque de estacionamento estava apenas na sua imaginação. Porém, se eles estivessem enganados e ela tivesse mesmo sido raptada, não por um psicopata que ela inventara, mas pelo homem com quem ia encontrar-se essa noite? Podia ter sido ele a raptá-la no parque de estacionamento. Ele era um ator. Saberia tudo sobre disfarces. Aprendera a fazer o papel de um médico com a sua ajuda. Não conseguira reconhecer a voz do homem que a atacara, mas podia ser ele?

Talvez estivesse a vingar-se por ela o ter rejeitado. Na sua mente doente, podia pensar que ela merecia ser violada no ano anterior e agora andava novamente atrás dela. Se assim fosse, talvez estivesse envolvido na morte de Amy Abbott. Também podia ter matado Lillian Armstrong. Mas porquê? Porque é que elas também seriam seus alvos? Qual era a relação entre aquelas duas mulheres e ela? Amy Abbott era enfermeira. Era possível que a tivesse conhecido no hospital enquanto estava a estudar para o papel de médico? Mais de três mil e quinhentas pessoas trabalhavam no hospital e Alex só a conhecera porque ela precisara de ser tratada. E Lillian Armstrong era prostituta. Ele também a teria conhecido? Teria roubado o seu comando do portão e atraído a mulher para o condomínio onde ela vivia?

Alex ficou aterrorizada ao pensar que havia uma possibilidade de estar certa e o homem que a atacara no ano anterior poder, de facto, ser um assassino em série e um violador.

Tinha de voltar para casa de Maggie e conversar com a amiga sobre as suas desconfianças. Se houvesse a mais ténue probabilidade de ter razão, não queria pôr nenhuma delas em risco.

Ouviu barulho nos arbustos atrás de si e teve a certeza de que não eram as folhas a agitar-se com o vento. Ficou tensa, à espera de que alguém aparecesse a correr, e sentiu novo suor a escorrer na pele. Passou-se um minuto ou mais e os arbustos não se mexeram. Soltou uma expiração trémula, desencostou-se da árvore e subiu a margem escorregadia, dirigindo-se para o carro.

A chefe do Serviço de Urgência tinha o início de um olho negro e um grande alto na testa, mas isso não a impedia de transportar fardos de feno para uma fila de estábulos. O marido indicara a Greg o caminho para o pátio e dissera-lhe que os estábulos ficavam à esquerda. Prometera levar-lhes chá dali a pouco e deixara-o procurar a Dr.ª Cowan sozinho.

A médica era muito musculosa e vestia uma blusa aos quadrados e calças de ganga dentro de galochas. Não conseguiu imaginá-la a lidar com emergências complicadas, a ter de usar delicadas capacidades motoras para suturar ou cortar carne. Ela parecia a mulher de um agricultor, muito à-vontade com uma forquilha.

Caroline não ficou surpreendida com a visita e declarou que depois de acabar o que estava a fazer nos estábulos queria ir ao hospital falar com a sua equipa. Alguns deles poderiam necessitar de aconselhamento psicológico. Já ligara aos pais de Fiona Woods, para lhes dar os pêsames, e falara com o presidente do hospital diversas vezes desde essa manhã. Tinha as faces inchadas e Greg perguntou-se se seria por causa do acidente recente ou por ter estado a chorar. Os seus olhos tinham-se enchido de lágrimas ao mencionar Fiona Woods.

– Não consigo acreditar que ela está morta – disse, parando de trabalhar e apoiando-se na forquilha. – Não consigo acreditar que não vou voltar a vê-la. – Esfregou os olhos com as costas da mão.

– E quando foi a última vez que a viu? – perguntou Greg.

– Ontem – respondeu a médica com um suspiro profundo. – Parece que foi há muito tempo.

– Ela falou-lhe de alguma coisa que a preocupasse?

– Só a respeito da Alex. Nos últimos tempos, não falava noutra coisa. Como estava preocupada com ela. *Ela!* E agora a pobre Fiona está morta! – Fechou os olhos e abanou a cabeça, desesperada. – Eu culpo-me! Devia ter obrigado a Alex a ficar de baixa quando percebi que ela estava a ter um esgotamento. A culpa é minha... só minha. Ela anda a gritar pedidos de ajuda há muito tempo e eu devia ter feito alguma coisa. Tem andado a beber. E desconfio que toma outras substâncias. Devia ter feito alguma coisa ontem, depois disto. – Apontou para o alto na cabeça. – A Alex tratou-me e, depois de me observar, perguntou-me se achava que o meu acidente estava relacionado com *ela*. – Suspirou pesadamente. – Como deve saber, o condutor que embateu na traseira do meu carro já se apresentou à Polícia. Eu devia ter-lhe passado logo uma baixa por doença. Agora, tenho a morte de uma jovem mulher na consciência porque não tratei do assunto quando devia.

Greg ficou chocado ao perceber como ela estava pronta para condenar Alex Taylor. Tudo o que dissera era incriminatório.

– Parece ter muita certeza de que foi a Alex quem matou a Fiona Woods. Eu pensava que elas eram melhores amigas?

– Pois eram – respondeu ela. – Mas quem mais poderia ter feito isto? A Alex anda a desmoronar-se há semanas. Já recebi telefonemas de colegas preocupados e devia tê-los escutado com mais atenção. Tive de designar um médico para andar sempre com ela, para evitar mais erros. Vai acabar por saber, se não sabe já, que ela quase deu um fármaco a um homem que o teria matado.

– Foi um erro fácil de cometer?

Ela abanou a cabeça.

– Claro que não. A Alex tinha estado a beber; é o único motivo, e a Fiona Woods estava a tentar encobri-la.

O coração de Greg acelerou ao ouvir a história do erro com o medicamento. Não sabia que Fiona

Woods fora testemunha do que acontecera. Ela podia estar a encobrir Alex porque não fora um erro, mas um engano deliberado.

Abanou a cabeça com força, tentando afastar aquele pensamento desagradável. Sentiu-se um traidor por pensar nisso.

– A Fiona Woods ia falar com um dos meus agentes ontem ao fim da tarde, mas não apareceu. A detetive em causa acredita que ela ia dar-lhe informações acerca de uma coisa que aconteceu à Dr.ª Taylor no ano passado.

– Ela foi atacada – disse Caroline Cowan de repente.

Greg sentiu novo choque.

– Por quem?

– Por um ator que estava no Serviço de Urgência. Ele ia representar o papel de um médico numa série televisiva dramática e estava a acompanhar a Alex.

– E ela contou isso à Polícia?

– Não. Nós tentámos convencê-la, mas ela recusou. – Caroline Cowan ergueu uma mão e tocou no alto da testa com cuidado. Parecia cansada e triste ao mesmo tempo. – O que acontece – disse ela, num tom deprimido e cauteloso – é que eu nunca insisti muito para que ela apresentasse queixa.

– Porque não?

– Porque não sabia com toda a certeza o que tinha acontecido. Ela estava lavada em lágrimas e muito agitada quando me contou, mas não havia provas. – Olhou-o, ansiosa. – Eu não podia ter a certeza. Depois de ela me contar, o rapaz ligou-me a dizer que compreendia que eu tivesse telefonado para o agente a pedir-lhe que ele não voltasse, mas era uma pena que não tivesse falado com ele antes. Disse-me que já estava a pensar ir falar comigo. Estava preocupado porque a Alex começava a ficar demasiado ligada a ele. Inventava pretextos para estar com ele. Ele achava que a Alex era uma mulher muito simpática, e estava agradecido por toda a ajuda, mas sentia-se um pouco incomodado porque tivera de a rejeitar.

Greg sentiu que a conversa estava a chegar ao fim e ficou em silêncio durante alguns momentos. Há muito tempo que não se lembrava de estar numa situação em que queria estar enganado. Queria que Alex Taylor fosse inocente. E agora, depois do que aquela mulher dissera, começava a sentir-se irritado por ninguém a ter feito sentir-se apoiada. Sentiu-se subjugado pelo pensamento de que não poderia salvá-la e estremeceu quando as primeiras dúvidas reais se instalaram na sua mente. Ela podia ser culpada. Podia ser uma assassina cruel.

– Perdoe-me o comentário – disse com brusquidão –, mas penso que era seu dever participar aquele incidente. É irrelevante que acreditasse ou não. Tem o dever de proteção dos seus subordinados em todas as circunstâncias e devia ter telefonado para a Polícia. – Virou-se, furioso, e respirou pesadamente durante alguns instantes. Ela tinha lágrimas nos olhos quando a olhou de novo. – Como é que sabe que não foi aquilo que desencadeou tudo o que está a acontecer? Como é que sabe que ela não foi atacada e que é o preço que está a pagar agora... ter um enorme esgotamento nervoso e destruir não apenas a sua vida, mas também as vidas de outras pessoas. Como é que sabe que ele não fez aquilo antes? Que não atacou outras mulheres desde então? Quero o nome dele, porque vou fazer-lhe uma visita.

– Ele chama-se Oliver Ryan – respondeu ela em voz fraca.

O nome não lhe disse nada.

– É famoso? Uma estrela de cinema? Televisão, Hollywood ou o quê?

Ela abanou a cabeça.

– Não. É um daqueles atores que reconhece logo, mas não se consegue lembrar do que fez nem sabe o seu nome. Participou em muitas coisas... foi o mergulhador, a personagem principal em *Black Waters*, o filme sobre o Loch Ness. Ele desce num submarino, descobre o corpo de uma mulher e tenta provar que a teoria do monstro do Loch Ness foi uma invenção para encobrir um homicídio que ocorreu na década de 1930. – Calou-se, e depois disse: – Não era muito bom.

Greg nunca ouvira falar no filme. Quando voltasse para a esquadra, pesquisaria o filme e o nome do homem no Google.

Voltou-se para se ir embora, mas ela deteve-o. Os seus olhos estavam cheios de tristeza.

– Lamento profundamente. Não sei que mais dizer. Gosto muito da Alex Taylor, tem de acreditar nisso.

Greg suavizou a expressão o mais possível e replicou:

– Ela vai precisar de alguém forte e solidário quando a encontrarmos, Dr.ª Cowan. Vai precisar de pessoas que gostem dela.

CAPÍTULO 41

O saco de papel enchia e esvaziava como um fole e os olhos de Alex estavam muito abertos de medo enquanto ela se esforçava para acalmar a respiração. Maggie estava parada atrás dela, massajando-lhe com muito cuidado os ombros tensos e oferecendo-lhe palavras de encorajamento.

– Inspira e expira fundo. Respira bem e devagar. Não há pressa.

Há dias que não tinha um ataque de pânico, e este surgiu do nada enquanto estava a secar-se no quarto da amiga. Tinha fechado a porta e vira o vestido de madrinha pendurado atrás dela. A cor era idêntica à do que vestia naquela fatídica noite. A sua mente enchera-se com a terrível recordação de estar deitada na mesa de operações e de repente foi incapaz de respirar.

Ao sentir que o ar enchia os pulmões e saía com maior facilidade, retirou o saco da boca.

– Desculpa – disse, cansada.

Maggie segurou-lhe os ombros num gesto de consolo.

– Podemos cancelar...? Pensei no que disseste e, embora continue convencida de que não podias ter sido anestesiada como disseste que aconteceu, agora acredito em ti, Alex. Lamento tudo o que passaste e peço desculpa por ter duvidado de ti.

Alex estremeceu de alívio; o seu coração batia com força e acelerado. Virou a cabeça e enterrou-a no peito de Maggie.

– Obrigada, Maggie. Muito obrigada.

– Vou à Polícia contigo. Vou obrigá-los a escutar o que tens para dizer e é bom que façam alguma coisa.

– Eles não vão acreditar em mim – declarou Alex. Levantou a cabeça e os seus olhos refletiram uma profunda convicção. – Não vão acreditar, Maggie. A única maneira de provar isto é confrontar este homem e obrigá-lo a admitir o que fez. Eu quero fazer isso. Quero que isto acabe. Este homem não vai continuar a dominar a minha vida. Isto termina esta noite.

Os olhos de Maggie estavam preocupados, mas, por fim, assentiu.

– Eu vou estar contigo, não te esqueças disso – afirmou. – Estamos nisto juntas.

Durante a hora seguinte, Alex concentrou-se em preparar-se e manter-se calma. Dali a duas horas encontrar-se-ia de novo com Oliver Ryan e teria de ser corajosa.

Greg não gostou do ex-namorado. O seu tom moralista estava a irritá-lo. O homem parecia estar a dar palmadinhas nas suas próprias costas por estar certo ao dizer que Alex precisava de ajuda. Greg estava a escutar a opinião de Patrick Ford há dez minutos e continuava à espera de que ele dissesse alguma coisa positiva a respeito de Alex Taylor, mas o melhor que conseguiu foi a declaração de que

lamentava não ter percebido mais cedo a espiral descendente em que ela se encontrava.

– É muito difícil ver uma pessoa que amamos comportar-se desta maneira. Eu tentei acreditar nela. A sério que tentei, mas no fim temos de seguir a lógica.

Greg teria preferido que o homem defendesse Alex Taylor, ficasse do seu lado, insistisse para que acreditassem nela até ao amargo fim, quando a verdade triunfasse. Porém, desconfiou que ele não passava de um homem banal, talvez até um pouco fraco, e gostaria de apagar o olhar de satisfação daquele rosto bonito.

Patrick Ford podia ser um homem culto e profissional, e sem dúvida fazia um trabalho excelente a ajudar animais doentes, mas era um palerma.

Comportou-se como se estivesse a conceder uma grande honra a Greg ao convidá-lo para a sala de tratamentos enquanto examinava um cão, explicando que necessitava de terminar a consulta, e, se pudesse esperar um pouco, a seguir teria mais tempo para conversar com ele sobre Alex.

Greg encostou-se a uma parede, a olhar para pósteres anatómicos de gatos, coelhos e cães, e esperou enquanto o homem tomava um duche. O seu comportamento era estranho. Viera falar com ele sobre um problema policial urgente, saber se ele tinha alguma informação em relação ao paradeiro de Alex Taylor, e o tipo estava a tomar um duche antes de poderem continuar a conversa.

Greg olhou para os vários medicamentos que se encontravam num armário aberto e perguntou a si mesmo se poderia apanhá-lo com alguma lei relativa a manter os armários de medicamentos fechados à chave. A cetamina à vista era, sem dúvida, um perigo; qualquer pessoa podia entrar nesta sala e tirar uma ampola.

A porta abriu-se e uma mulher jovem e forte, com uma túnica e calças verdes, entrou. Observou Greg durante breves instantes e em seguida tirou um casaco cinzento de um cabide. Vestiu-o, apertou o fecho e bateu na porta da sala do chuveiro.

– Deixaste o armário dos medicamentos aberto, Patrick. Até amanhã.

Sem dizer uma única palavra a Greg, saiu pela mesma porta por onde tinha entrado.

Formavam um par estranho, e Greg já tinha perdido muito tempo naquele lugar. Queria voltar para a esquadra, para o caso de surgirem novas informações. Bateu com força na porta da sala do chuveiro.

– Dr. Ford, sabe onde está a Alex?

A porta abriu-se e o homem enfiou a cabeça a pingar pela abertura.

– Não, mas quando ela vier cá pode ter a certeza que lhe telefonarei.

Greg olhou-o com atenção.

– Que é que o faz ter tanta certeza de que ela virá para cá?

– Somos um casal, inspetor. A Alex sabe que está em segurança aqui. Virá ter comigo para pedir ajuda.

Greg sentiu uma vontade enorme de dar um murro no nariz ao homem. A sua arrogância era espantosa. Depois, descontraiu quando percebeu que havia uma maneira mais fácil e mais eficaz de o castigar.

– Então, acha que a Dr.ª Taylor ainda é sua namorada, doutor?

Os olhos de Patrick Ford abriram-se de repente e ele atirou a cabeça para trás, como se tivesse sido esmurrado, e Greg quase cantou. *Isto fez-te pensar, não fez*?, apeteceu-lhe dizer.

– Porque é que pensaria o contrário? – perguntou ele com voz tensa.

Greg encolheu os ombros.

– Por motivo nenhum. Estava apenas a confirmar. Vamos precisar do seu ADN para comparar com a roupa da cama e coisas do género.

O rosto do homem ficou vermelho, e não pelo calor da água do duche.

– Está a sugerir que outra pessoa para além da Dr.ª Taylor dormiu na cama dela?

Greg encolheu de novo os ombros com uma expressão falsamente apologética, como se estivesse a tentar retratar-se do que acabara de dizer. Virou-se para sair.

– Tenho a certeza de que será o seu ADN, doutor. Se fosse a si, não me preocupava.

Com um sorriso de satisfação, deixou Patrick Ford menos presunçoso e arrogante do que quando chegara.

*

– Estás linda – disse Maggie quando Alex entrou na sala de estar. – É uma pena não irmos a uma festa de Natal.

Alex emagrecera desde o casamento de Pamela e o vestido de madrinha estava largo, mas a cor ficava bem com o cabelo aloirado e com a pele ainda levemente bronzeada.

Maggie usava um fato de treino preto e sapatilhas pretas, para não ser vista no escuro.

– Se fôssemos a uma festa, terias de usar uma roupa mais formal – replicou Alex com um sorriso nos lábios. No dia seguinte era Véspera de Natal; talvez pudessem arranjar-se bem, ir a um sítio especial e passar o serão a esquecer o que acontecera naquela noite e apenas a divertirem-se.

Maggie ofereceu-lhe uma taça de champanhe; já lhe dera um pouco antes, para acalmar os nervos. Brindaram no centro da sala de estar.

– Juntas – disse Maggie com firmeza.

Alex despejou a taça e contemplou a divisão onde se encontravam. Maggie decorara a lareira com verduras e um lindo arranjo de flores vermelhas e douradas. Uma árvore de Natal com o dobro da sua altura estava decorada com luzes brancas, grandes bolas de um dourado suave e pendentes vermelho-escuros. Era uma linda árvore, alta, forte e agora decorada com grande elegância, e fez-lhe lembrar Maggie Fielding.

– Juntas – disse Alex, pedindo emprestada alguma da confiança da amiga.

CAPÍTULO 42

Os sapatos que Maggie lhe emprestara eram ligeiramente grandes e não conseguia equilibrar-se bem neles. Estava parada há cinco ou dez minutos, sozinha na escuridão, e sentia o corpo rígido de tensão. Se não se mexesse depressa cairia. A segurança de Maggie estar no carro ali perto era menos reconfortante do que imaginara. Maggie não conseguiria salvá-la, se ele decidisse atropelá-la.

Sentiu as têmporas a latejar e a ligeira dor de cabeça que começara antes piorou, deixando-a enjoada. Demasiado champanhe e muito pouca comida, pensou.

Ouviu o som de um motor ao longe e olhou para o parque de estacionamento do hospital, à espera de ver faróis a virem na sua direção. Um carro estava a passar por uma fila de carros estacionados e Alex ficou paralisada de medo enquanto esperava que ele se aproximasse.

A picada na nádega esquerda quase passou despercebida, até sentir a mesma sensação na coxa. O peso nos membros foi quase imediato, e uma sensação de desorientação inundou todo o seu corpo. Estava muito tonta e sentiu-se desligada do corpo.

– Maggie – gritou com voz fraca, tentando desesperadamente perceber o que lhe picara a pele. Tinha de alertar a amiga para o que estava a passar-se. Depois, o conhecimento do que lhe acontecera na outra noite naquele parque de estacionamento tornou-se dolorosamente claro. Todas as sensações de que se recordava: a onda de tontura que fizera as pernas ceder e os joelhos estatelarem-se no chão, uma dor na nuca, pressão na boca, falta de ar, sensação de mordaça e depois... nada, eram iguais às que se lembrava anteriormente até àquele momento. Até àquela pequena picada na perna. Tivera a mesma sensação naquela noite, quando saía do hospital. Um arranhão na coxa e a fugaz sensação de que alguma coisa lhe prendera o vestido e que a levara a esperar que não tivesse puxado um fio do delicado tecido. Por fim, sabia como é que ele a raptara.

– Tinhas razão, Maggie – balbuciou com dificuldade. – O braço caiu ao longo do corpo e ela tombou desamparadamente no chão.

Continuava com os olhos abertos e ainda tinha a capacidade de pensar, mas não conseguiu gritar. Sentiu a gravilha do chão contra o rosto e ouviu o leve ruído de passos a aproximarem-se. A ponta de um sapato escuro parou a poucos centímetros dos seus olhos, não permitindo que focasse bem. Perguntou a si mesma se ele levaria o pé atrás e lhe daria um pontapé na cara.

Só fingiste que me amordaçavas para confundir os meus sentidos, disse mentalmente com amargura para o homem que estava ao seu lado.

Sabias que ninguém acreditaria em mim.

A picada que sentira na nádega e na coxa disse-lhe que estava certa. *Ele injetou-me, Maggie. Ele injetou-me. Oh, merda, por favor ajuda-me.*

CAPÍTULO 43

A sala de provas estava cheia de pessoas, ainda ocupadas a fazer telefonemas e com uma energia motivada. No primeiro dia de um homicídio eram feitos todos os possíveis para obter um resultado. Greg olhou para os quadros de provas e pensou que mostravam muito poucos resultados para todo o trabalho que fora realizado naquele dia. Mas a verdade é que não havia muitas informações para reunir. Apenas uma suspeita para apanhar.

A fotografia de Alex estava no quadro; uma fotografia de rosto e ombros que o hospital lhes facultara. Ela parecia incrivelmente jovem e Greg sentia uma tristeza profunda sempre que olhava para ela.

Os agentes continuavam a procurá-la; havia alertas nos aeroportos, estações de comboios e de autocarros. A descrição e a matrícula do carro estavam a ser procuradas em autoestradas e a sua fotografia fora enviada para todas as esquadras da Polícia do país.

Laura Best tinha agentes a passar o hospital a pente fino, não fosse ela estar escondida no edifício, e qualquer reputação que restava à médica estava a deteriorar-se a grande velocidade.

Greg quase desejou que ela já estivesse do outro lado do Atlântico, conseguindo escapar a todas as pessoas que queriam apanhá-la. Gostaria de ver Alex levar a melhor sobre Laura. Um dia, gostaria de voltar a vê-la pilotar um helicóptero. Soltou um suspiro fundo e desejou estar em qualquer lugar menos ali.

Dirigiu-se a um dos computadores, para fazer o que pretendia quando chegara, entrou na Internet e pesquisou o nome Oliver Ryan. Havia várias entradas. Viu as palavras «Black Waters» e «ator» numa delas e abriu o link.

O seu telemóvel tocou, e ao tirá-lo do bolso do casaco viu o nome de Joe no ecrã. Resmungou no seu íntimo, percebendo que já passava das dez e não lhe ligara como prometera. Afastou-se do computador, para não ser ouvido pelos colegas, e disse olá ao filho.

– Ainda não estás na cama? – perguntou num tom surpreendido.

– Queria dizer boa noite e perguntar se vens amanhã.

– O que vai acontecer amanhã? – perguntou Greg, fingindo de forma deliberada ter-se esquecido de que dia era.

– É Véspera de Natal, pai!

Pai? Esta era nova. Joe estava a perder a linguagem infantil.

– É? Tens a certeza de que não é depois de amanhã? Acho que estás um dia adiantado, Joe.

– Deixa-te disso, pai... tu sabes que é Véspera de Natal.

Greg sorriu. Comprara-lhe um presente que sabia que ele ia adorar. Um helicóptero telecomandado que subia até seis metros. Mal conseguia esperar para ver a carinha dele quando desembrulhasse o

presente, e esperou poder ir a Oxford no dia seguinte para lho oferecer.

– Joe – disse, num tom mais sério. – Não te vou prometer, porque não posso, mas se for possível *vou*.

Fez-se silêncio do outro lado da linha.

– Acreditas em mim, Joe?

– Sim, pai. – A voz dele pareceu triste e Greg sentiu-se cheio de culpa.

– Está bem. Agora vai dormir, meu menino, que amanhã tens um grande dia. Quero que te levantes cedo e que ajudes a tua mãe, para ela poder descansar à noite.

– Ela vai sair.

– Vai? – perguntou Greg, muito surpreendido. Sue nunca saía na Véspera de Natal; ficava em casa, a preparar-se para o grande dia.

Não conseguiu deixar de perguntar aonde é que ela ia.

– Vai sair com o Tony.

Um nó na garganta impediu-o de engolir em seco. Algum dia teria de acontecer. Ela era uma mulher encantadora e haveria muitos homens a querer namorar com ela. Sentiu uma dor na região do peito. O seu primeiro verdadeiro amor, a sua mulher durante dez anos, estava a seguir com a sua vida.

– Agora, podias sair com a Alex – disse o filho, como se fosse a solução mais acertada. A mãe estava bem, por isso agora o pai também podia ficar bem.

Mas só os contos de fadas tinham finais felizes. Não havia finais felizes para os assassinos ou para os polícias que os caçavam.

Percebeu que pensara nela como uma assassina pela primeira vez e sentiu um frio a percorrê-lo. Era possível que Alex tivesse assassinado Fiona Woods? Fechou os olhos com força enquanto via a enfermeira morta na sua cabeça, e esperou que estivesse inconsciente quando fora enfiada naquela caixa de aço. Fora deixada ali a morrer às escuras, num sítio onde nem sequer tinha espaço suficiente para levantar a cabeça, e era possível que tivesse sentido ou até ouvido o som do seu próprio sangue a salpicar as paredes que a prendiam. Fora uma morte fria e impiedosa, e apenas um cruel assassino conseguiria matar alguém daquela forma.

Seria possível que Alex Taylor fosse uma pessoa assim?

Alex abriu os olhos e teve de voltar a fechá-los sem demora porque as luzes do teto eram fortíssimas. Sentia a cabeça a latejar e o mais pequeno movimento deixava-a enjoada. Uma correia presa à volta da testa impedia que virasse a cabeça para o lado e teve medo de vomitar, pois poderia sufocar.

Onde estás, Maggie? Por favor, aparece para me salvares.

Correndo o risco de ser encandeada de novo, entreabriu os olhos, vendo o contorno circular do candeeiro, e percebeu que estava na mesma sala de operações da outra vez. A confirmação de que nunca fora apenas a sua imaginação não lhe trouxe consolo algum. Estivera naquele lugar antes, e pensara que ia morrer, mas acordara mais tarde como se nada tivesse acontecido. No entanto, agora sabia quem a raptara. Oliver Ryan.

Encheu-se de coragem, olhou para o peito e viu o campo cirúrgico verde que a cobria. O ar ficou preso na garganta ao ver o formato das pernas elevadas em ângulo reto. Estava de novo na posição de litotomia – as barrigas das pernas apoiadas em suportes e os tornozelos presos em estribos – e o

ar frio que lhe tocava na pele por baixo dos panos disse-lhe que estava nua.

Ao longe, ouvia os sons de instrumentos – aço a ser colocado sobre aço – e a necessidade de vomitar tornou-se iminente enquanto tremia de medo. Ele estava perto, preparando-se para lhe fazer alguma coisa.

Contendo a respiração e rangendo os dentes até o maxilar ficar rígido, Alex tentou controlar o terror crescente. Tinha de ser forte e pensar numa forma de sair daquela situação. Tinha de acreditar que podia ser salva.

Tentou manter-se o mais imóvel possível, para que ele não percebesse que estava acordada, e tentou perceber até que ponto estava bem imobilizada. Se ele a tivesse prendido apenas com tiras de velcro, talvez conseguisse soltá-las e libertar-se.

Tinha os braços pousados em suportes, mas não conseguia ver o que os prendia porque o campo cirúrgico também os tapava. Mexeu os dois braços ao mesmo tempo e eles não saíram do sítio.

De repente, um monitor perto do ouvido começou a apitar e o terror aumentou quando ouviu o som do seu próprio coração a bater em pânico. Estava a bater alto e depressa, o que provocou um pânico ainda maior porque isto dir-lhe-ia que ela estava acordada. Era óbvio que ele ligara o monitor por esse motivo e agora estava a brincar com ela.

Por favor, Deus, faz com que bata mais devagar. Faz com que ele não perceba que estou acordada.

Foi uma oração patética, mas, ironicamente, o coração abrandou; os dentes morderam o lábio inferior quando ele se inclinou sobre ela de repente. A cabeça e os ombros estavam fora do seu ângulo de visão, mas a bata cirúrgica azul e as mãos com luvas roxas estavam mesmo à frente da cara. Ele esticou-se por cima dela e pendurou um saco de soro num suporte.

– Por favor, não me magoes, Oliver – implorou ela com os dentes a bater. – Imploro-te.

Ele não respondeu. Em vez disso, afastou-se da mesa de operações e, instantes depois, ouviu-o a mexer num armário metálico. Fármacos. Ele estava a retirar fármacos.

A sua bexiga esvaziou-se e um líquido quente escorreu por entre as nádegas.

Os seus gritos enraivecidos encheram a sala, e durante alguns preciosos segundos sentiu que controlava a situação. Alguém a ouviria. Alguém entraria a correr. Ouviriam os seus gritos nos corredores. Um médico ou um enfermeiro, um maqueiro ou até uma visita que fosse a passar iria ouvi-la. Desta vez recusava-se, *recusava-se* a render-se a ele. Sentiu sangue na boca e cuspiu para onde pensava que ele estava.

– Seu tarado. Seu cobarde. Seu merdas. Vou matar-te, seu tarado.

Foi consumida por uma raiva incontrolável, a cara e o peito encheram-se de suor e a necessidade desesperada de ripostar deu-lhe força. Ergueu o corpo o máximo que conseguiu e o peito e o abdómen elevaram-se vários centímetros acima da mesa. Sentiu a pressão da tira apertada na cabeça. Uma dor forte subiu-lhe pelas coxas até às virilhas quando as tiras dos estribos se apertaram e o metal se enterrou nos ossos dos tornozelos. Sentiu um ardor nos pulsos e nos antebraços quando torceu e se mexeu, tentando libertar-se do que a prendia. Estava a usar todos os músculos do corpo, todas as reservas de energia, a contorcer-se e a virar-se para ver se alguma coisa afrouxava ou partia e conseguia libertar-se, mas não estava a acontecer.

Por fim, exausta e a transpirar, foi obrigada a reconhecer a derrota. A tira à volta da testa estava tão apertada como sempre e os braços e as pernas continuavam presos nos suportes e nos estribos.

Não adiantava. Estava tão indefesa como um bebé e ele poderia fazer o que quisesse com ela.

Ninguém apareceria a correr.

Oh, Maggie, por favor não estejas morta, implorou em pensamento. *Por favor, vem depressa e não estejas morta.*

CAPÍTULO 44

Greg bebeu o café forte enquanto tentava catalogar todos os acontecimentos em que Alex Taylor estivera envolvida nas últimas semanas: a alegação de que alguém a raptara, a presença na morte de Amy Abbott, a presença na morte de Lillian Armstrong, a presença quando fora cometido um erro quase fatal com um medicamento.

Alex Taylor estivera presente em todas aquelas situações. Estaria Laura Best certa ao pensar que ela era a única pessoa responsável?

E agora Fiona Woods fora brutalmente assassinada e também ela estivera ligada a Alex. Era a sua melhor amiga e, segundo Caroline Cowan, estava presente quando ela cometera um erro grave com um medicamento. Estaria morta por causa do que sabia? Saberia coisas que incriminavam a melhor amiga? Teria Greg avaliado muito mal a situação por cegueira deliberada e teria agora alguma culpa na morte de Fiona Woods? Suspirou fundo. Onde estava Alex Taylor? Para onde ou para quem fugira? Patrick Ford parecia convencido de que ela iria ter com ele. Era presunçoso em relação ao lugar que ocupava na vida dela. Não questionara nem duvidara do seu próximo passo. De repente, Greg percebeu que ele não tinha questionado nada. Nem sequer perguntara porque é que a Polícia andava à procura dela. Seguramente, aquilo não era normal? Talvez tivesse avaliado mal Patrick Ford. Ele podia já ter oferecido a Alex Taylor um lugar para se esconder.

Os seus pensamentos foram interrompidos pelos agentes que se encontravam na sala, quando cadeiras se arrastaram no chão e vozes fizeram perguntas. Laura tinha entrado na sala de provas e Greg viu que alguns agentes a rodeavam como se estivessem a receber uma heroína recém-chegada de uma guerra. As suas vozes transbordavam de admiração e percebeu que ela estava encantada com a glória. Usava um fato azul-marinho de bom corte e uma blusa cor de cereja, e calculou que aquela produção se destinava a receber os oficiais mais graduados.

Era óbvio que ela esperava, ou presumia, que eles viessem à esquadra se fosse efetuada uma detenção, e era capaz de ter razão. Teriam de ser feitos comunicados à imprensa e um agente seria entrevistado por repórteres para as notícias locais. *Ele* não seria escolhido para aquela tarefa. Não usava a camisa nem o fato certos e ainda não tivera tempo para ir cortar o cabelo, por isso a possibilidade de ela ser o centro das atenções era elevada.

Questionou-se porque é que ela voltara? A última vez que tivera notícias dela, andava a revistar o hospital. Laura parecia extremamente entusiasmada com alguma coisa. Tinha os olhos brilhantes e os dentes de cima à mostra enquanto mordia o lábio inferior. Não teria de esperar muito tempo para descobrir.

– Já protegi o local. *Tens* de ir para lá depressa – disse ela, falando apenas para ele, mas certificando-se de que os outros estavam a ouvir.

O seu tom foi oficioso, como se fosse a chefe e não o contrário.

Greg bebeu um gole de café sem pressa, completamente impávido.

– Que local e onde? – perguntou com calma, sem lhe dar a satisfação de o ver ficar muito atento.

– Ela deixou o carro abandonado do lado norte do hospital, destrancado e com a porta do lado do condutor aberta. Teve de ser deixado na última hora, porque não estava lá antes. Ela não pode estar longe, e aposto que está algures no hospital.

– Quem – perguntou ele – é que não pode estar longe?

– A Alex Taylor, claro – replicou ela com impaciência, como se fosse óbvio.

Greg atravessou lentamente a sala, dirigindo-se para ela; queria estar muito perto quando a mandasse tirar o sarcasmo da voz, quando lhe dissesse que se voltasse a desrespeitá-lo enfrentaria um processo disciplinar.

Duas coisas o impediram de dizer o que pretendia: o sorriso presunçoso no rosto de Laura Best e a página de Internet que abrira há pouco. O telefonema de Joe interrompera-o antes de poder vê-la, e depois esquecera o assunto.

A pequena fotografia inserida na página mostrava um homem loiro atraente e bem vestido e que parecia alguém acostumado às melhores coisas. Greg reconheceu-o vagamente. Havia um nome e uma data ao lado da fotografia: Oliver Ryan, 1979-2016.

O homem com quem precisava de falar estava morto.

O brilho das luzes obrigava-a a manter os olhos fechados. Os olhos ardiam por causa das lágrimas que derramara, e a única forma de acalmá-los era mantendo-os fechados. O seu coração batia desenfreadamente, mas não tão depressa como antes. Agora, mantinha um ritmo mais suportável.

Se fosse bastante aterrorizada era muito provável que tivesse um ataque cardíaco, apesar de ser jovem e ter uma forma física excelente. Quase gostou da ideia. Seria uma morte rápida e ele não continuaria a controlá-la.

Quando voltasse a aproximar-se, não lutaria contra o medo; não tentaria bloquear o que estava a acontecer-lhe e o que ele se preparava para fazer. Deixá-lo-ia entrar na sua mente e, com sorte, o coração iria traí-la e morreria.

Conteve a respiração quando sentiu a sua presença, e depois obrigou-se a abrir os olhos.

Uma alegria de grande magnitude encheu-a instantaneamente e os olhos marejaram-se de mais lágrimas. A rigidez na garganta não a deixou falar. Por fim, as suas preces tinham sido atendidas. O rosto de Maggie olhava-a de cima.

Alex não conseguiu pensar com a rapidez necessária para perguntar quando e como é que ela chegara ali porque já estava a pensar que tinham de fugir depressa. Ele estava perto, e se apanhasse Maggie também ela ficaria em perigo.

– Levanta-me – sussurrou num tom urgente. – Depressa, antes que ele volte.

Maggie olhou por cima do ombro e depois fitou a amiga.

– Ele não está aqui.

– Então, não está longe – replicou Alex, ansiosa. – Despacha-te, Maggie! Ele vai voltar a qualquer momento. Desamarra-me os braços.

Maggie levantou o campo cirúrgico verde e pousou-o de novo.

– Estás nua.

– Esquece isso! – sibilou Alex. – Ajuda-me a sair desta maldita mesa.

Maggie mordeu o lábio durante alguns instantes e pareceu prestes a chorar.

– Ele deixou todas estas coisas fora – sussurrou. As suas mãos ergueram instrumentos cirúrgicos, perdendo segundos preciosos. – Eu disse-te que não podia ter acontecido como tu descreveste.

– Não temos tempo, Maggie! – sussurrou Alex com urgência. – Por favor, ele vai matar-nos.

Maggie levantou alguma coisa na mão e falou num tom excitado.

– Olha, Alex! Olha o que encontrei! – Um pequeno disco de borracha preta foi erguido entre os seus dedos, com um fino fio pendurado. – Sabes o que isto é, não sabes? – Mexeu ruidosamente nas coisas que estavam no tabuleiro metálico, empurrando instrumentos, à procura de alguma coisa com pressa.

– Deixa isso! – sibilou Alex, desesperada. – Por favor, Maggie!

– Não posso! Percebes o que isto significa? – Afastou-se da ponta da maca e Alex ouviu-a procurar freneticamente. – Está aqui algures. Sei que está! – Voltou para junto de Alex, tateou com ansiedade no espaço à volta da sua cabeça e soltou um suspiro de alívio. – Céus, foi tão... – levantou uma coisa quadrada, prateada, e não maior do que uma caixa de fósforos. Prendeu sem dificuldade as duas peças que tinha encontrado. Suspirou de novo. – Foi tão...

Colocou o disco de borracha preta perto da boca e falou:

– ...fácil enganar-te.

Alex estremeceu violentamente, como se tivesse sido eletrocutada, e os seus olhos abriram-se com profundo horror. A voz! A voz dele! A vir da boca de Maggie! Santo Deus, não podia ser verdade? *Maggie*, a pessoa em quem passara a confiar, a pessoa que acreditara nela, que a ajudara...

Maggie riu-se com crueldade e a sua voz masculina aterrorizou Alex. Nunca lhe passara pela cabeça que fosse uma mulher a falar.

Bastara um pequeno modificador de voz escondido atrás de uma máscara cirúrgica para que ela pensasse que era um homem que estava a falar consigo. Contudo, Maggie estivera sempre ao seu lado com uma máscara, uma bata e um par de luvas roxas, a criar uma fantasia. Com as luzes do bloco a encandeá-la e os braços amarrados, acreditara que lhe tinham sido inseridas cânulas nas veias quando, na verdade, nenhuma agulha lhe perfurara a pele. Apenas um pouco de fita-adesiva a prender a cânula à pele, como aconteceria numa série de médicos. Como Maggie dissera, fora fácil enganá-la.

Maggie afastou o dispositivo dos lábios. Suspirou e sorriu para Alex.

– Estás confortável?

Os dois lados da estrada estavam delimitados por um cordão de segurança e atrás da fita azul e branca viam-se dois carros da Polícia estacionados. Passavam muito poucos carros naquela direção e Greg percebeu porquê. A saída do lado norte do hospital estava fechada à noite, por isso todo o tráfego que entrava e saía do hospital usava a entrada principal. Reduzia o ruído para as casas das redondezas.

O segurança do hospital batia os pés com frio. Já lá estava quando Greg chegara, pois Laura Best mandara-o ficar ali desde o primeiro momento, e percebeu que o pobre homem devia estar a perecer.

– Você – chamou, e o homem olhou-o. – Vá aquecer-se, tome uma bebida quente.

O homem encolheu rigidamente os ombros.

– Obrigado. Quer que mande o meu colega para cá?

Greg abanou a cabeça.

– Não é necessário. Daqui a pouco haverá mais agentes por aqui. Pode contar ao responsável do hospital o que está a acontecer. Ainda não informámos ninguém.

– Com certeza. Vou tratar disso – respondeu o guarda.

Enquanto o homem se afastava com as pernas geladas e rígidas, Greg calçou um par de luvas de látex e preparou-se para examinar o veículo. Avançou com todo o cuidado, para não destruir possíveis provas, e espreitou pelas janelas. Vazio. Ela não estava escondida no interior. Ajoelhou-se ao lado do banco do condutor e localizou o mecanismo para abrir o porta-bagagens. Tirou uma pequena lanterna do bolso do casaco, acendeu-a e preparou-se para espreitar para o interior. Imagens de Fiona Woods encheram-lhe a mente e percebeu que estava com receio de encontrar mais um cadáver.

Descontraiu quando os seus olhos observaram o conteúdo do porta-bagagens que, felizmente, não continha um corpo. O logótipo *Fitness First* num saco de desporto, que abriu e onde viu roupa de ginásio, artigos e higiene e uma toalha. Um par de galochas verdes e uma embalagem aberta de seis garrafas de meio litro de água, onde faltava uma. Uma caixa de cartão com equipamento médico, pensos, ligaduras, diversas agulhas e tubos intravenosos nas respetivas embalagens. Greg desviou a caixa, percebeu que estava em cima de roupas e o seu coração quase parou de bater quando identificou uma grande camisola escura com capuz.

Levantou-a e viu um monte de plásticos azuis de hospital, do tipo usado em operações. Pela forma como estavam dobrados, já tinham sido usados. Desenrolou ligeiramente um canto para poder separar as camadas e, à luz da lanterna, viu manchas vermelho-escuras. A sua mão tremeu e deixou as camadas voltarem ao lugar. Afastou os plásticos para um lado e por baixo de tudo o resto estava um pneu sobressalente. Um *Pirelli*.

Apontou a lanterna para os sulcos de borracha e viu pedaços de gravilha preta entranhados. Passou o dedo por um sulco e a ponta da luva de borracha azul veio ligeiramente viscosa. Alcatrão. Percebeu porque é que Laura estava tão entusiasmada. Já vira o interior do porta-bagagens. Já sabia o que ele ia descobrir, mas em vez de ficar junto do carro apressara-se a ir para a esquadra para ser Greg a encontrar as provas. Ela estaria com todos os colegas quando ele tivesse de lhes contar o que encontrara. Depois, poderia vangloriar-se de que estivera sempre certa. Sem dúvida diria que, se tivessem revistado o carro antes, o homicídio de Fiona Woods teria sido evitado. Greg podia ter impedido a morte dela.

Ao ouvir o som de um motor a gasóleo, Greg olhou para a rua estreita e viu que a carrinha da equipa forense se aproximava. Acenou para o motorista invisível, fazendo-lhe sinal para continuar a avançar.

Sentiu-se profundamente maldisposto. Sempre que resistia a acreditar que Alex Taylor era culpada, surgia algo para provar que estava enganado. E agora era algo avassalador. Tudo o que estava no carro indicava que ela matara Lillian Armstrong.

– Senhor?

– O que é?

O guarda que o trouxera até ali apontava a luz de uma lanterna para o interior do *Mini*.

Greg dirigiu-se para ele.

– Há embalagens vazias de comprimidos no lugar do passageiro.

O homem apontou a luz da lanterna pela porta do lado do condutor e Greg viu três blisters vazios. Esticou-se, pegou num e leu o nome através dos pedaços rasgados: diazepam.

Merda. Raios partam, pensou. Ela tinha tomado uma *overdose*.

CAPÍTULO 45

Alex continuava profundamente chocada por ter sido enganada pela amiga. Os olhos de Maggie tinham-lhe dito que era verdade. Estavam cheios de ódio, enfurecidos com uma necessidade de fazer mal.

Deixara de sentir medo porque naquele momento, misturado com o choque, sentia um grande desgosto por ter perdido uma pessoa de quem passara a gostar tanto.

Através de lábios pálidos e secos conseguiu perguntar:

– Que é que eu fiz? Não percebo, Maggie. Que é que eu fiz?

O desprezo no rosto de Maggie foi tão chocante como uma agressão física. Era quase impossível acreditar num ato tão vil. No entanto, a lágrima que escorria pela sua face era testemunha do que pensava a respeito de Alex.

Maggie inclinou-se muito sobre ela e os rostos de ambas ficaram separados por alguns centímetros. Alex sentiu a respiração quente na face quando ela falou:

– Alguma vez viste alguém morrer?

Alex fechou os olhos durante alguns instantes ao ver tanto ódio.

– Claro que viste – continuou Maggie no mesmo sussurro gélido. – Vês todos os dias... mas não é a mesma coisa quando é alguém que amas. Eu vi o Oliver morrer. Não foi agradável. A corda... o rosto dele... a língua preta... vivo com aquela imagem na cabeça.

«Culpei-as, Alex. Culpo cada uma delas. E tinha toda a razão. Há mulheres... vacas, prostitutas, ordinárias, que exibem os seus atributos e depois dizem 'não'. E depois há as inteligentes, que seduzem e provocam. Mulheres como tu, que pensam que têm o direito de dar falsas esperanças a um homem. Um homem bom.»

O monitor cardíaco ao lado de Alex traiu-a, começando a apitar quando a frequência cardíaca ultrapassou o limite de segurança. Reviveu a manhã, viu Maggie parada na cozinha a acenar umas folhas que imprimira da Internet. Oliver Ryan ia filmar um drama de época em Bath. Não podia estar morto... a menos que ela tivesse mentido. Que era, obviamente, o que tinha acontecido. Fora uma cilada, encenada para que Alex acreditasse que ia encontrar-se com ele.

A perceção de que tudo aquilo fora planeado aterrorizou-a ainda mais. Maggie queria magoá-la muito, há muito tempo.

– Eu nunca o seduzi, Maggie. Ele atacou-me.

De repente, o pano que estava encostado à sua boca quase lhe empurrou os dentes para trás. A dor no maxilar começou a passar para o pescoço. Todo o peso de Maggie estava atrás da mão.

– Cala essa boca imunda. O Oliver nunca atacaria uma mulher. Ele nunca se conspurcaria com uma mulher como tu.

Maggie mudou o pano para que lhe tapasse também as narinas e Alex deixou de conseguir respirar. Tentou mover a cabeça alguns milímetros para cima, desviando o nariz, desesperada para inspirar.

Engasgou-se quando o pano foi afastado do rosto.

– Por pouco não conseguia controlar-me e matava-te depressa – disse Maggie, respirando com força. – Acho que é o que queres que aconteça. Mas temos uma longa noite à nossa frente, Alex. Muito tempo para fazer o que quero. Precisas de descansar. Quero-te pronta para o que pretendo. Mas é bom que te mantenhas calada.

Levantou o agrafador para que Alex visse.

Apesar do medo, Alex ainda não estava preparada para se entregar àquilo. Tinha decidido não lutar contra o que estava a acontecer e assimilar tudo com a esperança de morrer, literalmente, de medo, e tudo aquilo terminar por fim. Mas não conseguia. Precisava de acreditar que ainda tinha uma hipótese.

– Não te vais safar com isto, Maggie. Quando me encontrarem, vão começar a procurar-te. Vão descobrir uma ligação que os fará chegar a ti. O Oliver vai levá-los a ti. Vão descobrir que ele era teu namorado.

Maggie riu-se, mas o som foi falso.

– O Oliver era um ator. A sua vida privada não era do conhecimento público. Ninguém me relacionará com ele. Ele amava-me e queria proteger-me, por isso manteve-me em segredo.

Alex queria magoá-la e chocá-la; qualquer coisa para a arrancar do seu atual estado de espírito.

– Ele não te amava! O mais certo era estar a usar-te. Tu tens dinheiro, Maggie. Uma casa que vale uma fortuna. Tu própria me disseste que ele só ia à tua casa para usar o estúdio dos teus pais. Ele estava a usar-te! E a única razão porque te manteve em segredo foi para poder tentar a sua sorte com outras mulheres.

O forte clique do agrafador sugou-lhe o ar recém-inspirado dos pulmões. Maggie atirou-o contra o seu crânio e carregou vezes sem conta.

– Sua puta. Puta mentirosa. Se não calas a boca, fecho-ta com o agrafador.

Os olhos de Alex encheram-se de lágrimas e viu o rosto de Maggie desfocado. Lutou corajosamente para continuar a atormentá-la. Preferia exasperá-la e correr o risco de ser morta num instante a aguentar aquela lenta espera pelo fim.

– O Richard Sickert vai relacionar-te comigo. Vai dizer à Polícia que me mandaste falar com ele. Ele vai levá-los a ti, Maggie.

Desta vez, a gargalhada de Maggie pareceu genuína.

– Sua tonta. Porque é que não te mandaria pedir ajuda a um profissional? Toda a gente sabe que estás a desmoronar-te. O Dr. Sickert só vai confirmar aquilo em que todos já acreditam. Que tu és louca. – O seu sorriso pareceu maníaco e ela falou num tom estridente e horrivelmente infantil: – Oh, Maggie, tenho tanto medo. Ajuda-me, Maggie. Ajuda-me. – Espetou um dedo com força no braço de Alex. – Não sei porque é que o Oliver perdeu tempo contigo. Tu és muito estúpida. Mas isso já não importa nada. Ele está morto e amanhã tu também estarás. Agora, tenho muitas coisas para preparar. Quero que fiques aqui deitada a descansar. Vais precisar de toda a tua força.

Esboçou um sorriso satisfeito.

– Já te contei os meus planos?

Alex não pôde fazer nada a não ser olhar. Maggie tinha de ser louca para se comportar daquela forma. O ódio que sentia estava totalmente fora de controlo.

Percebeu que a desintegração do seu mundo fora planeada. Maggie Fielding entrara deliberadamente na sua vida para a destruir.

– Eles virão procurar-te, Maggie.

– Claro que não. Tu disseste-lhes que eu era um homem.

Na cantina do hospital, que fora aberta pelo administrador especialmente para esta reunião, havia um grande número de agentes da Polícia. Greg mandou-os calar.

– Sentem-se e escutem – disse em voz alta.

Laura Best estava à frente, ainda bem acordada e imaculada. A perspetiva da caçada deixara-a cheia de adrenalina.

O administrador convocara o presidente com urgência, e as plantas arquitetónicas do hospital tinham sido trazidas. O chefe dos Bombeiros da cidade também estava presente, pois conhecia o hospital melhor do que a maioria das pessoas.

Ele tinha usado uma mesa da cantina para pousar os desenhos. Quando estivesse pronto, falaria com os agentes sobre a estrutura e depois Greg poderia dividi-los em grupos para começarem as buscas. Por fim, aceitara que Laura Best estava certa, que Alex Taylor devia estar escondida algures no hospital. Ela tinha a vantagem de saber onde poderia esconder-se. O recinto exterior e os edifícios não seriam fáceis de revistar. Aquele lugar parecia uma pequena cidade.

Antes de entrar na cantina, o seu telemóvel tocou e Greg ficou surpreendido ao ouvir a voz de Seb Morrisey e o ruído inequívoco de pás de helicóptero a rodar.

– O que está a fazer, Seb? Não pode atrapalhar o nosso trabalho. O que está a fazer no ar?

– Temos um afogado – respondeu ele com frieza.

Greg não conseguiu respirar.

– É a Alex?

– Não – respondeu Seb, menos hostil. – Homem, de meia-idade... acabaram de tirar o corpo do rio. Disseram que usa identificações militares, por isso devem conseguir um nome.

Greg ficou aliviado por não ser ela.

– E agora vou ficar no ar para ajudar a procurá-la.

– Mas não pode atrapalhar, Seb. Isto é um assunto de Polícia.

– Está enganado, Turner. – A fúria na voz do piloto foi clara. – A Alex não faria mal a uma mosca. Se acredita por um único instante que ela é a sua assassina, está redondamente enganado. A Fiona Woods era como uma irmã para ela, e a pessoa que a assassinou tem a Alex.

– Temos de a encontrar, Seb. Precisamos de a interrogar – afirmou Greg com calma. – E se souber alguma coisa dela, tem de me dizer.

– Avaliei-o mal, Turner. Pensei que era um tipo às direitas, pensei que tinha alguma visão. Vou ficar cá em cima e não tente impedir-me. A Alex corre perigo e você é demasiado estúpido para perceber.

A opinião do homem – não a parte pessoal, mas o que pensava a respeito do que estava a acontecer – abalou Greg. E se ele tivesse razão e Alex Taylor não estivesse escondida, mas nas mãos do verdadeiro assassino? As embalagens de comprimidos encontradas no carro podiam ter sido colocadas ali. Era possível que ela estivesse morta, e todas as pessoas que acreditavam que ela era culpada podiam estar enganadas. Estava atormentado pela incerteza e indecisão. Mas não podia dar-

se ao luxo de ficar cego de emoção, nem de continuar a esconder-se da verdade.

Tinha visionado mais uma vez as imagens do circuito de vigilância interna da tarde anterior e quase lhe escapara o maqueiro a empurrar uma maca com rodas pelo corredor. Falara com o homem há pouco e fora informado de que a maca transportava instrumentos usados e sacos de roupa para a lavandaria. Era uma prática normal àquela hora do dia usarem uma grande maca com grades para levar o material sujo; o elevador de carga só era usado quando os instrumentos tinham de ser devolvidos sem demora, regra geral para um equipamento específico ou especializado. O maqueiro tinha sido filmado pouco depois das seis e Fiona Woods fora vista no primeiro andar, perto dos blocos cirúrgicos principais, às seis e vinte. Era possível que Alex Taylor conhecesse esta prática e tivesse aproveitado a oportunidade para esconder o corpo de Fiona Woods no elevador, calculando que talvez não fosse usado durante algum tempo. Segundo Nathan Bell, ela ainda tinha o casaco vestido quando ele chegara ao seu apartamento ao fim da tarde. Talvez o objetivo do casaco fosse esconder o sangue de Fiona Woods.

Porém, a prova mais incriminatória de todas era a que Peter Spencer lhe entregara há meia hora. O telemóvel de Alex Taylor fora encontrado no seu cacifo.

A última mensagem tinha sido enviada para Fiona: «Vai ter comigo ao bloco. Encontrei a sala de operações. Não digas a ninguém.» Tinha sido enviada dois minutos depois das seis.

Com esta última prova crucial não podia continuar a ignorar a verdade.

Os rostos dos agentes parados à sua frente estavam atentos. Esperavam que ele começasse.

– Lembrem-se de que há pessoas doentes nestes edifícios e que ainda precisam de ser tratadas. Não alarmem desnecessariamente os funcionários. Façam cada revista com minúcia, para que não tenha de ser repetida, e passem para o lugar seguinte. Todas as saídas estão bloqueadas, por isso, se ela estiver aqui, não conseguirá escapar. Em seguida, o chefe dos Bombeiros vai explicar a disposição do hospital e do recinto exterior. Escutem com atenção para não deixarem escapar nenhum lugar.

Inspirou e evitou os olhos de Laura Best.

– Por último, tenham cuidado se a encontrarem. Ela pode estar armada e ser perigosa. Não... repito... não se coloquem em perigo. Quando a avistarem, peçam reforços.

– Vai requisitar agentes armados? – perguntou Laura Best.

Ele abanou a cabeça.

– Não.

– Acabou de dizer que ela pode estar armada e ser perigosa – argumentou ela com um toque de aço na voz. – Acho que devia reconsiderar, senhor.

Greg estava farto da sua insolência e da sua «atitude de posso dizer e fazer o que quiser». Apeteceu-lhe livrar-se daquela cabra maldosa de uma vez por todas, mesmo que tivesse de sofrer as consequências.

– Quando quiser a sua opinião, peço-lha, detetive Best. Por favor não pense que, só porque tivemos um indiscreto caso de cinco minutos, isso lhe dá o direito de ser arrogante comigo e com o resto dos agentes. – Greg olhou mordazmente para Dennis Morgan, que ficara muito vermelho com o choque. – Vai acatar as ordens como o resto dos seus colegas e cumpri-las. Fui claro?

O silêncio na sala foi ensurdecedor e Greg teve consciência de que prejudicara a sua carreira, mas valera a pena. Muitos agentes olharam-no, chocados, e depois fitaram-na enquanto abanavam a cabeça com expressões desdenhosas. Quanto mais não fosse, valera sem dúvida a pena para pôr um

travão no poder que ela exercia sobre ele.

CAPÍTULO 46

Alex tremeu de frio; o lençol que molhara algum tempo antes estava húmido na região lombar e no traseiro. Tremia de frio e sentia sede. O saco de soro que estava pendurado por cima da sua cabeça continuava cheio e só pôde concluir que Maggie não o pusera a correr de forma deliberada ou que os tubos intravenosos ligados ao saco não estavam ligados às suas veias; que, por baixo do campo cirúrgico, os seus braços não tinham agulhas. E, nesse caso, talvez o resto também fosse uma farsa. Acordaria mais tarde e perceberia que fora outro estratagema para criar uma ilusão. Nenhuma marca de agulhas, nada que provasse o que lhe acontecera.

Maggie tinha sido muito esperta. O primeiro rapto fora o cenário perfeito para garantir que nunca acreditariam nela. Alex pareceria tresloucada quando tentasse fazer com que a Polícia, os colegas e Patrick acreditassem nela. E como poderiam acreditar se, para além de ter sido sedada, nada mais lhe acontecera?

Já estava sozinha há muito tempo, talvez há cerca de uma hora, e não fazia ideia de que horas seriam. Encontrava-se numa sala silenciosa; o monitor fora desligado e as luzes apagadas. Não houvera aviso. Maggie desligara tudo e deixara-a às escuras.

O pensamento que não parava de tentar entrar na sua mente e instalar-se ali era que Maggie a abandonara definitivamente. Ia deixá-la a morrer a pouco e pouco, de sede ou de frio. Os seus órgãos entrariam em falência, o coração enfraqueceria, a pele ficaria pálida e gelada. Ficaria letárgica, irritável e depois confusa, e os rins deixariam de funcionar até o corpo ceder por completo.

Alex pensou em todas as pessoas que amava e que deixaria ficar. Perguntou-se quanto tempo demorariam a dar o alarme.

A mãe – no dia seguinte, sem dúvida. Era Véspera de Natal e estranharia se Alex não telefonasse para combinar tudo para o Dia de Natal. Caroline também seria alertada. Alex estava escalada para o turno de manhã cedo. Fiona também começaria a trabalhar cedo; Alex verificara porque queria oferecer-lhe o presente que lhe comprara. Fiona gostava de coisas bonitas e quando vira o pijama de cetim cinzento-pérola comprara-o sem hesitar, sabendo que era perfeito para a amiga.

No entanto, Nathan poderia dar pela sua falta mais cedo. Talvez até telefonasse para lhe desejar boa noite. Talvez pensasse que ela estava com Patrick quando não atendesse. Esperava que não, porque se não sobrevivesse a isto, não queria que ele ficasse com um sentimento de culpa.

Nathan fizera amor de uma forma que ela nunca fizera antes, nem sequer com Patrick no início da relação. Patrick nunca lhe tocava apenas por necessidade de lhe tocar. Nathan beijara-a e tocara-lhe porque parecia desesperado para o fazer. Mesmo enquanto dormia, apertara-a contra si.

As palmas súbitas sobressaltaram todo o seu ser. Maggie voltara, e estava parada algures na escuridão. Alex tremeu de medo. Teria estado sempre ali parada, a fazer tempo para começar?

As palmas pararam e Alex piscou os olhos quando as luzes se acenderam de novo. O brilho foi tão castigador como sempre.

O rosto de Maggie bloqueou momentaneamente a luz quando se inclinou sobre a mesa de operações.

– Vamos lá a acordar – disse, num tom agradável.

Alex ouviu-a andar atrás da cabeceira da mesa de operações. Um alarme apitou quando a máquina foi ligada e começou a ouvir-se o som de um motor, que Alex reconheceu logo: um ventilador a começar a funcionar.

Por fim, estava a acontecer. A espera chegara ao fim. Desta vez, Maggie Fielding ia anestesiá-la e fazer-lhe coisas a que não sobreviveria. Alex sentiu uma dor física real, antecipando o que o seu corpo se preparava para suportar. Podia ser aberta ao meio, ou até cortada em fases, dependendo da criatividade de Maggie.

Choramingou de medo quando percebeu que o fim se aproximava.

E depois o rosto da mãe conseguiu penetrar através do medo. Ela estava a sorrir – um sorriso suave e tranquilo – e Alex sentiu consolo. Estaria tudo terminado dali a pouco e ela deixaria de sentir. Agarrou-se à imagem da mãe e o choro parou.

O ventilador continuou a funcionar, imitando o ritmo da respiração normal. Alex ouviu cilindros de gás a libertar pressão quando foram ligados. Ouviram-se assobios e apitos estridentes quando foram efetuadas as verificações de segurança.

O rosto de Maggie voltou ao seu campo de visão. Por cima da roupa azul do bloco ela usava uma bata cirúrgica, tinha uma touca descartável na cabeça e calçava luvas de borracha roxa. Estava pronta para operar.

Estranhamente, em vez de a aterrorizar, a roupa que conhecia tão bem trouxe-lhe algum consolo, e Alex percebeu que podia perder o medo. Maggie Fielding era médica e estava em boas mãos. Repetiu a frase como um mantra, concentrando-se nas palavras e fazendo-as penetrar na mente.

A Maggie Fielding é médica e estou em boas mãos.

– Não cheguei a contar-te os meus planos – interrompeu Maggie.

A Maggie Fielding é médica e estou em boas mãos.

– Recordas-te dos rudimentos da anestesia, Alex? Claro que sim. Estou a ser condescendente, mas para o caso de te teres esquecido: anestesia é sono sem sensação nem dor.

A Maggie Fielding é médica e estou em boas mãos.

Agora, estava a gritar as palavras na cabeça.

– Imagina o que aconteceria se só recebesses um relaxante muscular. Terias de ser ventilada, é claro, porque não conseguirias respirar. Estarias acordada, mas serias incapaz de te mexer. E dor... bem, sentirias dor. Conseguirias sentir tudo o que te estava a ser feito.

Maggie ergueu uma seringa cheia de líquido.

– É um bom plano, não é, Alex?

Estavam a chegar ao fim da segunda hora de buscas e a imaculada aparência de Laura Best estava um pouco alterada. Tinha o cabelo encharcado da chuva e algum do rímel escorrera. A manga direita do casaco do fato tinha um pequeno rasgão por ter ficado preso num dos depósitos do lixo. Estava a ficar transpirada e os saltos altos magoavam-lhe os pés.

Estava cansada, com sede e muito, muito zangada com Greg Turner. Como se atrevia a embaraçá-la daquela maneira à frente dos colegas? Ouvira uma mulher-polícia rir à socapa atrás dela e jurara a si mesma que arranjaria uma forma de a fazer pagar. Quanto a Greg, se pensava que ao trazer o caso deles para a luz do dia poderia safar-se sem consequências, estava redondamente enganado. Contaria a sua versão da história – como fora difícil recusá-lo, acima de tudo porque ele era seu superior. Não ia safar-se, depois de a tratar daquela maneira.

Chegou ao depósito seguinte, parou e deixou Dennis entrar à frente. O seu fato já tinha estragos suficientes. Dennis destrancou a porta e apontou a lanterna para o interior.

– Tens de entrar, puxar os caixotes do lixo e olhar bem para dentro deles – gritou Laura para dentro do depósito: – Pode estar escondida dentro de um deles, não pode, Dr.ª Taylor?

Dennis ficou parado à porta, sem entrar. Em seguida, apontou o feixe da lanterna para a cara de Laura.

– Se quiseres afastar os caixotes do lixo, vai lá tu. Eu não sou teu escravo.

Espantada durante alguns instantes, Laura só conseguiu arquejar.

– Que diabos! Como te atreves a falar assim comigo?

– Tu tens andado metida com o chefe! E agora estás numa situação complicada. Afinal, qual é o meu papel em tudo isto, Laura... o pobre imbecil que usaste para te vingares dele?

Laura bateu com os pés no chão.

– Vou fazer queixa de ti, Dennis Morgan. Como te atreves a recusar uma ordem?

Ele apontou a lanterna para si mesmo, para que ela pudesse ver a sua resposta. Com um sorriso no rosto, esticou o dedo do meio.

Greg ouvia o ruído das pás do helicóptero através das paredes da cantina. Seb andava a sobrevoar o recinto do hospital com um holofote há meia hora, e as luzes azuis de aviso estavam acesas como um farol à porta do Serviço de Urgência, para quando ele estivesse preparado para aterrar. De repente, o seu telemóvel vibrou contra o peito, sobressaltando-o, e arrepiou-se ao ver que a pessoa que estava a ligar era o homem que estava nos seus pensamentos.

– O que quer, Seb?

– Era só para saber se já caiu em si?

Greg aproximou-se da janela para poder ver o helicóptero; no entanto, duvidou que Seb conseguisse vê-lo.

– Estou apenas a fazer o meu trabalho, Seb.

– Está tão errado acerca dela. A Alex nunca tiraria uma vida. Contei-lhe como ela me salvou.

– Seb...

– Eu sei. Não precisa de ouvir. Está apenas a fazer o seu trabalho. O problema é que já a rotulou como assassina e nem sequer a conhece.

Greg suspirou.

– As pessoas podem mudar, Seb... alguma coisa se solta dentro delas e fazem coisas que nunca fariam em circunstâncias normais.

– Tipo... matar a melhor amiga? – retorquiu Seb, exaltado.

Greg ouviu-o inspirar com força e depois ele falou de novo.

– A Alex não fez isso e é bom que se apresse a acreditar, se não é ela quem vai encontrar morta.

CAPÍTULO 47

—Por favor, Maggie, diz-me porque é que as mataste. Pelo menos, deixa-me compreender porquê.

Os olhos de Maggie brilharam por cima da máscara.

– Não me vais impedir de fazer isto, Alex. Só vais adiar o inevitável.

– Seguramente, queres que eu compreenda. Porque é que me deixaste viver da primeira vez? Porque é que mataste a Amy Abbott?

Maggie baixou a máscara, que ficou pendurada por baixo do queixo.

– Tu achas que és inteligente, Alex. Achas que me vais pôr a falar e que eu vou acabar por te perdoar. A minha vida acabou no dia em que o Oliver te conheceu. Tu seduziste-o. E depois acusaste-o!

As palavras foram proferidas com calma, não com raiva, mas Alex não se deixou enganar pensando que a sua disposição se tornara mais branda.

– Ele estava a tentar violar-me!

– Violar? – exclamou ela num tom desdenhoso. – Ele não tinha de se impor a nenhuma mulher.

– Não, é claro que não tinha – escarneceu Alex. – Só tinha de pagar! Foi por isso que mataste a Lillian Armstrong? Porque o teu precioso Oliver lhe pagou para fazer sexo?

Os lábios de Maggie recuaram quando ela mostrou os dentes.

– Ela parecia uma Barbie gorda ali parada à espera do cliente que não apareceu. Ofereci-lhe boleia para casa, disse-lhe que só ia estacionar durante um minuto para ir buscar uma coisa ao meu apartamento. Usei o teu comando para abrir os portões, dirigi-me para o teu lugar de estacionamento e pedi-lhe se não se importava de orientar a manobra de marcha-atrás... sabes como o meu carro é grande.

«Ela ficou encantada por ajudar. Parada a acenar para mim. O primeiro toque só a atirou ao chão, e claro que corri para a ajudar.»

«Ela olhou para mim, como uma gorda tonta. As coxas à mostra, mamas descaídas e maquilhagem berrante, e apeteceu-me imenso dizer-lhe que ia morrer.»

«Em vez disso, curvei-me e posicionei-a confortavelmente. 'Fique quieta', disse-lhe. 'Eu sou médica. Tenho de a observar.' O que devia ter dito é: tenho de a atropelar.»

Alex estava horrorizada.

– Não quero ouvir.

– Mas querias que eu falasse – provocou Maggie. – Tens de ouvir a melhor parte. Enquanto tentavas salvá-la, eu estive a ver-te. Quase me apanhaste, Alex. Ouvi-te chegar e estacionei rapidamente o meu carro. Fiquei ali sentada a observar e tu és mesmo boa, Alex, e teria gostado de ficar para te ouvir explicar outra morte, mas seria arriscado. Por isso, saí do carro, deixei-o no teu

parque de estacionamento e fui-me embora a pé.

– Tu és um monstro, Maggie. E vais ser apanhada. Não és tão esperta como pensas. Deixaste a marca do teu pneu no peito dela!

Maggie sorriu.

– Ups! Estás outra vez enganada, Alex. O teu pneu. O teu pneu sobressalente. Rodei-o em alcatrão no hospital e depois passei-o pelo peito dela. No entanto, agora está no teu carro, por isso não tens de comprar outro novo.

Lágrimas de frustração escorreram pelo rosto de Alex.

– E a Amy?

Maggie abanou a cabeça.

– Acabaram-se as perguntas, Alex. Chegou o momento...

Na cantina, Nathan Bell foi ter com Greg ao pé de uma das mesas. Trazia duas canecas com café forte. Usava a túnica e calças do Serviço de Urgência e Greg ficou surpreendido.

– Estava a trabalhar esta manhã. Quero dizer, ontem de manhã – corrigiu, olhando para o relógio para ver as horas. Já passava das duas da madrugada.

– Estamos com falta de pessoal. Já descansei algumas horas. De qualquer maneira, é bom manter-me ocupado.

Greg pegou numa das canecas e bebeu um gole, agradecido.

– Temos de a encontrar depressa. Ela pode estar inconsciente. Quanto mais tempo vão passar a revistar o hospital? Seguramente, se estivesse aqui, já a teriam encontrado?

Greg encolheu os ombros. Começava a achar o mesmo. Tinham revistado praticamente todos os centímetros do local e ele já mandara a maioria dos agentes para a esquadra. Só alguns continuavam a busca, incluindo Laura Best, que se mantinha teimosamente convencida de que a médica estava algures no hospital. Greg deixara-a continuar à procura. Desde que se mantivesse longe de si, não queria saber. Há muito tempo que não se sentia tão em paz como desde que tivera o acesso de fúria. No dia seguinte era provável que tivesse de enfrentar o superintendente, e talvez fosse suspenso, mas não se importou. Se isso acontecesse, iria ver Joe. Passaria o dia com o filho.

Sabia que o cansaço estava a deixá-lo um pouco descontraído de mais em relação a toda a situação, mas sentira uma verdadeira satisfação ao fazer-lhe frente. Alguns dos colegas tinham-lhe batido nas costas e mais do que um deixara escapar um comentário. As frases «Bem feito» e «Ainda bem para ti, amigo» haviam sido proferidas algumas vezes. Foram ditas num tom que insinuava que ele fizera uma coisa boa. Mas Greg sabia que estavam enganados. Ele não estava isento de culpa. Fizera sexo com uma agente júnior e não pensara nas consequências. O seu comportamento fora indigno e teria de assumir a responsabilidade pelos seus atos.

– Continua convencido de que ela é a assassina – disse Nathan Bell, interrompendo-lhe os pensamentos. Foi mais uma afirmação do que uma pergunta.

Greg respondeu taticamente.

– Tudo aponta para a culpa dela.

A frustração e a ansiedade nos olhos do médico eram notórias, e Greg quis oferecer-lhe algum consolo.

– Quando isto estiver terminado, ela vai precisar do apoio de pessoas como o senhor. Ela tem a

sorte de o ter, Dr. Bell. Não é fácil ficar do lado de uma pessoa numa situação como esta.

Nathan Bell abanou a cabeça rapidamente e fez um som de objeção.

– Sorte? Quem teve sorte fui eu. Cresci um homem solitário porque tive uma mãe ignorante. Desde muito novo que ela me meteu na cabeça que a vaidade era um pecado e que devia aceitar-me como nasci. Aprendi a não olhar para a minha cara e a saber porque é que os outros desviavam os olhos.

Apontou para o sinal de nascença no rosto.

– E estive sozinho até conhecer a Alex. Ela não é uma assassina, inspetor. É impensável.

Greg não queria ter de lembrar ao homem que ele estava emocionalmente envolvido e, por esse motivo, não era a pessoa ideal para avaliar. Em vez disso, manteve-se em silêncio.

– Afinal, durante quanto mais tempo vão procurar? – perguntou o médico de novo.

– Provavelmente, mais meia hora. Só falta ver alguns sítios. O primeiro, segundo e terceiro andares já foram revistados. Estão a tentar encontrar as chaves para destrancar as portas do piso subterrâneo do hospital. O chefe dos Bombeiros diz que o piso está desativado há anos, mas temos de verificar.

– E depois o quê? Desistem? Vão-se embora para casa? Não sabem se a vida dela corre perigo.

Greg sentiu um aperto no peito ao pensar naquilo.

O seu telemóvel vibrou novamente, desta vez em cima da mesa. Era Seb de novo; a sua voz soou com eco, mas as palavras foram bastante claras.

– Encontrei-a. Está no parque de estacionamento da ala oeste. Ela está no chão, Greg, e não se mexe.

CAPÍTULO 48

A equipa de reanimação estava a postos. Caroline Cowan, com o olho negro ainda mais óbvio sob as luzes fortes, preparava-se para receber a paciente com outro médico e duas enfermeiras seniores. Uma equipa da ambulância aérea e Nathan Bell tinham ido para o parque de estacionamento e ela seria trazida muito em breve. Caroline não tinha informações clínicas sobre o estado de Alex, apenas um relato de possível *overdose*, e estava a preparar-se para todas as eventualidades.

Mandara chamar a equipa de traumatologia, incluindo obstetrícia e ginecologia, e não estava nada preocupada com a possibilidade de os fazer perder tempo. Queria que estivessem ali à espera de Alex, para o caso de serem precisos. Afinal de contas, ela fazia parte da equipa.

Esqueceria o que Alex fizera e tratá-la-ia o melhor que pudesse. O seu trabalho era ajudar os doentes, e Alex estava mais doente do que a maioria. Passara o dia inteiro com a impressão de que ela poderia fazer alguma coisa estúpida e falara com Nathan há pouco para que ele lhe enviasse uma mensagem, caso soubesse alguma coisa. Quando ele ligara para dizer que a Polícia pensava que ela tomara uma *overdose*, esquecera logo qualquer pensamento de dormir ou ficar em casa. Dirigira-se para o hospital acima do limite de velocidade e fora fotografada duas vezes por radares.

Tinham encontrado Alex há dez minutos, pouco depois de Caroline chegar ao hospital, e para o bem de Nathan estava contente por ter tomado a decisão de vir.

Calculou que Nathan estava envolvido com Alex, e, por muito bom médico que ele fosse, não podia ser autorizado a coordenar os cuidados desta paciente. E, se Alex estivesse em estado crítico, queria-o fora da reanimação o mais depressa possível. Já tivera problemas por um médico não conseguir lidar com a situação e não queria repetir o erro.

De repente, as portas duplas exteriores do corredor abriram-se com estrondo e as duas enfermeiras dirigiram-se logo para as portas da sala de reanimação, abrindo-as para a maca que se aproximava.

Alex usava um colar cervical e estava imobilizada numa prancha. Tinha os olhos abertos e estava acordada. Uma máscara de oxigénio fora-lhe colocada no rosto e ela encontrava-se claramente num estado de grande agitação.

Estava a puxar o colar cervical que lhe rodeava o pescoço, a torcer os ombros e a espernear, desesperada para sair da maca, e cuspia e gritava para os dois homens: Nathan Bell e Seb Morrisey.

– Afastem-se de mim, seus cabrões. Eu mato-vos! Se se aproximarem, arranco-vos a merda da cabeça.

Caroline silenciou os monitores para reduzir o barulho e contou até três para os dois homens a transferirem para a maca de reanimação. De repente, Alex mexeu a mão, enterrando as unhas no pulso de Caroline, e Seb Morrisey teve de lhe desenrolar os dedos para afrouxar o aperto no pulso da médica.

– Calma, doutora. Estás em boas mãos – disse suavemente.

Alex mostrou os dentes, e a intenção de os enterrar em algum sítio onde pudesse morder foi clara. A única coisa que salvou Seb de uma dentada foram os pesos e correias que lhe prendiam a cabeça à maca.

– Vai buscar lorazepam, temos de a manter calma – disse Caroline à enfermeira que estava mais perto.

Nathan Bell levantou a mão para impedir que a enfermeira se afastasse. Pegou numa carteira preta que estava por baixo da maca de onde tinham acabado de transferir Alex.

– Temos de verificar o que ela já tomou. – O seu rosto estava pálido e os olhos cheios de angústia. – Ela tem diazepam e cetamina na carteira. Também há seringas e agulhas. – Encostou a carteira ao peito e a respiração acelerou com a reação tardia. – A culpa é minha. Eu sabia que ela andava a tomar alguma coisa e devia tê-la impedido. Devia ter-lhe dito – disse para Caroline.

A diretora de serviço aproximou-se rapidamente dele.

– Nada disto é culpa tua, Nathan. Nada. Se alguém tem culpa, sou eu. Agora, quero que saias daqui... deixa-nos ajudar a Alex.

O médico, transtornado, abanou a cabeça.

– Eu tenho de ajudar.

Caroline apertou-lhe o ombro.

– Preciso que sejas forte, Nathan. Preciso de alguém de confiança no serviço, a tratar todos os outros pacientes. Tens de ficar lá enquanto eu cuido dela aqui.

Caroline sabia que havia mais médicos para fazer o que acabara de pedir a Nathan, mas a sua presença era uma distração e Alex tinha de estar em primeiro lugar. Seb aproximou-se, tirou a carteira dos braços de Nathan, pousou o braço à volta dos seus ombros e levou-o para fora da sala.

Caroline respirou fundo e voltou-se para as outras pessoas: os especialistas de traumatologia, o médico obstetra e ginecologista, o interno de medicina interna, as duas enfermeiras e Greg Turner. Pensou que o oficial da Polícia parecia quase tão abalado como Nathan Bell, e ficou surpreendida. A paciente continuava a cuspir e a gritar obscenidades; o vestido cor-de-rosa que usava estava subido acima das coxas, mostrando a roupa interior. Ela teria de ser minuciosamente tratada e examinada.

Olhou para a equipa de traumatologia e para outros especialistas que chamara, todos à espera com as suas mochilas cheias de equipamento de emergência, e sorriu-lhes com uma expressão apologética. Não eram necessários e podiam ir-se embora. À enfermeira com quem acabara de falar, disse:

– Liga para a segurança e manda-os vir para cá. Se ela começar a dar pontapés, não vamos conseguir segurá-la e precisamos de ajuda. – E ao outro interno e à enfermeira do Serviço de Urgência: – Precisamos de um exame objetivo, eletrocardiograma e análises ao sangue. Verifiquem o conteúdo da carteira dela e tentem perceber quanto é que tomou e de quê. Liguem para o laboratório de patologia e peçam-lhes para estarem preparados para analisar níveis de paracetamol e salicilato. Temos de saber ao certo o que ela ingeriu.

A Greg Turner, disse:

– Isto pode demorar um bocado; talvez queira sentar-se em algum lado. Eu mantenho-o informado. E, se ainda não o fez, agradecia que ligasse para a família dela e os avisasse de que ela está aqui.

Caroline entrou na sala das famílias várias horas mais tarde e falou com Greg Turner. O inspetor passara a maior parte da noite à espera de notícias e ficou agradecida por ele ter ficado porque estava lá quando os pais e a irmã de Alex chegaram. Caroline falou rapidamente com eles para lhes dizer que Alex se encontrava estável, mas o resto, os crimes horrendos de que ela era suspeita, tinham sido explicados por Greg Turner. Os três tinham voltado para casa com os seus mundos virados do avesso.

O inspetor tinha os olhos fechados e, quando os abriu, Caroline viu que estavam raiados de sangue. Ele rodou o pescoço e pestanejou algumas vezes quando ficou mais desperto, e depois ficou instantaneamente alerta.

– Como é que ela está?

Caroline sentou-se na cadeira à sua frente.

– Neste momento está a dormir, mas agora está lúcida. Está consciente de onde se encontra e está a dormir para diluir os efeitos do que tomou.

– Algum dano permanente?

Caroline abanou a cabeça.

– Não. Pensei que podia ter tomado outras substâncias, mas os níveis de paracetamol estão normais. Tomou uma grande dose de diazepam e também tomou cetamina, e é por isso que está a dormir agora, e também justifica o seu comportamento quando a trouxeram.

Caroline arqueou o pescoço, cansada.

– Quando estiver mais acordada, o psiquiatra vai fazer uma avaliação.

Greg lembrava-se de ver cetamina no consultório de Patrick Ford e perguntou-se se ela o roubara de lá, mas a chefe do serviço admitiu a fonte mais óbvia:

– O que disse há pouco foi sentido. Se há um culpado, sou eu. Tinha a certeza de que ela andava a tomar alguma coisa, para além do álcool, e devia ter verificado os *stocks* há muito tempo. Ela tem estado a desmoronar-se diante dos meus olhos e eu ignorei.

Fechou os olhos e suspirou, desencorajada, antes de olhar de novo para ele.

– O que vai acontecer agora?

– Dependerá da avaliação psiquiátrica. Se ela for considerada incapaz de ser interrogada, não vou prendê-la. Enquanto estiver aqui, manterei um guarda à porta. De que tratamento médico é que ela precisa?

– Tem de repetir as análises ao sangue e o exame objetivo. E esperar pela avaliação psiquiátrica. – Suspirou. – Só gostava de ter sido mais observadora e ter reparado no esgotamento dela.

Greg ergueu uma sobrancelha.

– Eu diria que é um pouco mais do que um esgotamento. Ela é suspeita do homicídio de duas pessoas... possivelmente uma terceira, se a Amy Abbott também tiver sido uma vítima.

A diretora do serviço fechou os olhos, desesperada.

– Santo Deus. Tudo isto aconteceu por causa daquele ator?

Greg desabotoou o botão de cima da camisa e soltou a gravata ligeiramente suja. Depois, disse:

– A propósito, posso usar um dos computadores? Pesquisei o vosso ator do ano passado no Google e parece que não vou poder interrogá-lo porque ele está morto.

Caroline ficou chocada.

– Como?

Greg encolheu os ombros.

– É o que quero descobrir.

Bateram ao de leve à porta e uma enfermeira enfiou a cabeça pela abertura. Sorriu com educação.

– Peço desculpa por incomodar, mas ela está a chamar por si, Caroline.

Caroline levantou-se e Greg Turner fez o mesmo.

– Não se importa que entre e oiça? Fico no fundo do quarto, para não a assustar.

Caroline acenou com a cabeça. Ficou contente por ter o polícia no quarto. Era diretora do serviço e devia conseguir lidar com qualquer situação que surgisse no departamento; lidara com muitos criminosos, mas nunca tratara uma pessoa que conhecia e que também era suspeita de homicídio. Não tinha experiência passada para se basear nem forma de saber o rumo que aquilo seguiria.

Alex esboçou um sorriso choroso e agradecido para as pessoas que a rodeavam. Todos pareciam traumatizados e exaustos devido aos esforços para a salvar. Era a segunda vez que Caroline Cowan cuidava dela, e só podia imaginar como isto fora difícil para ela. A sua pobre cara magoada estava transtornada. Seb e Nathan estavam parados de ambos os lados da cama, como guarda-costas, e pareciam igualmente abalados; Alex ficaria agradecida para todo o sempre a estes dois homens da sua vida. Tinham-na procurado e encontrado, e por fim poderia pôr todo aquele pesadelo nas mãos da Polícia e iniciar o processo de cura. Finalmente, acreditariam nela.

– Oh, Caroline, obrigada por estar aqui. Pensei que ia morrer.

Caroline olhou-a e sorriu com uma expressão bondosa.

– Agora estás em segurança, Alex, e não vais morrer.

– Obrigada, Seb, por me encontrares – disse Alex para o amigo através de olhos marejados de lágrimas. – E obrigada, Nathan – acrescentou, pegando-lhe na mão. – Obrigada a todos por me procurarem.

Seb Morrisey deu-lhe um beijo na testa.

– Só retribuí o favor, doutora. Tu és a minha VIP, não te esqueças.

Nathan não disse nada; limitou-se a apertar-lhe a mão.

Alex concentrou-se de novo em Caroline.

– Tenho medo de perguntar, mas em que estado é que estou?

A expressão de Caroline estava descontraída e a voz soou calma.

– Até agora, tudo bem. A pressão arterial está alta e o coração um pouco rápido. A temperatura está ligeiramente baixa. Tirando isso, estás bastante bem.

– E a nível físico?

– Nada.

Alex sorriu com amargura.

– Então, foi outra vez uma ilusão. – Levantou um braço por cima da cabeça, tocou no escalpe e passado um segundo disse: – Então, não foram mesmo postos?

Caroline franziu o sobrolho.

– O quê?

A voz de Alex subiu um decibel.

– Agrafos! – Mordeu o lábio antes de continuar. – Desculpem, não queria gritar. Pensei que tinha a cabeça coberta de agrafos. Ouvi o clique do agrafador. Senti-o contra a cabeça.

Caroline inclinou-se lentamente sobre a cabeça da paciente e observou o escalpe com atenção.

– Tens alguns arranhões – disse. – Mas não há agrafos na tua cabeça.

Alex suspirou.

– Então, foi tudo fingido? Tão inteligente. – Os seus olhos abriram-se ao lembrar-se de alguma coisa. – Mas o meu traseiro e coxa foram injetados! Deve ter sido feito com uma arma de dardos ou até com uma zarabatana. Quero que sejam fotografados. Quero que sejam bem analisados. É óbvio que não estive anestesiada durante muito tempo e não sei exatamente o que foi administrado, mas não foi apenas um relaxante muscular como a ameaça, pois nesse caso lembrar-me-ia. – Parou para uma inspiração trémula. – Presumo que a Polícia esteja a verificar os blocos operatórios?

– A Polícia esteja aqui – respondeu Caroline.

– E a Maggie Fielding? Já a apanharam?

Caroline olhou-a perplexa, com um olhar reservado.

– Porque é que quereriam apanhar a Dr.ª Fielding? Aconteceu-lhe alguma coisa?

Alex olhou para Caroline, fitando-a nos olhos, suplicando-lhe que compreendesse. Sentiu o gemido começar algures no peito e passar pela garganta apertada até se tornar um grito.

– Não me faça isto outra vez! A Maggie Fielding é a maluca que me fez isto! Ela raptou-me porque aquele ator que me atacou no ano passado era namorado dela e matou-se. Ela fez isto tudo para se vingar de mim. E aquelas outras mulheres... a Amy Abbott, a Lillian Armstrong, o erro que eu cometi com o fármaco... foi ela que fez tudo. Ela matou-as. Tem de dizer à Polícia para a prender antes que seja tarde de mais e ela fuja.

– Tens de escutar, Alex.

– Não há tempo, Caroline! A Maggie Fielding é uma mulher muito perigosa. Ela vai voltar a matar!

– Cala-te, Alex, cala-te! – A ordem dada em voz baixa continha um aviso.

Alex olhou para Seb e para Nathan.

– Seb! Nathan! Têm de a encontrar. Têm de...

– cala-te! – As palavras fizeram ricochete nas paredes e a sala ficou em silêncio. Os olhos de Caroline pregaram Alex à cama e ela percorreu a curta distância que as separava.

– Quero que me escutes com atenção. Alex. No teu carro, a Polícia encontrou embalagens vazias de diazepam. Na tua carteira havia diazepam e cetamina. Tu tomaste uma *overdose* e chegaste aqui muito confusa. Não tens mais nenhum ferimento. Não há agrafos no teu escalpe.

Alex levantou a cabeça, furiosa, e Seb posicionou-se rapidamente mais perto. Alex olhou-o, consternada. Seguramente, ele não pensava que ela era um perigo? Com os olhos quase a saltar de raiva, apressou-se a negar a alegação.

– Eu nunca tomei uma *overdose*! Como é que se atreve a sugerir uma coisa dessas? Foi o que ela me deu.

Caroline inclinou-se para a frente, quase tocando em Alex, e pela primeira vez a sua voz e olhos expressaram verdadeira raiva.

– Estás a tentar dizer-me que não tomaste medicamentos e que não tens andado a beber imenso?

Alex abanou a cabeça depressa e fechou os olhos com força enquanto gritava, desesperada:

– Diazepam! É a única coisa que tenho tomado. Não toco em álcool há semanas.

Alex viu Nathan baixar rapidamente os olhos. Percebeu que Caroline notara o movimento e soube que tinha de lhes explicar.

– Não estou dependente de álcool, é o que estou a tentar dizer.

Alex fechou os olhos, tentando bloquear as acusações. Precisava de se acalmar e respirar antes que

esta situação implodisse. Caso contrário, seria rotulada de alcoólatra com problemas mentais. Era óbvio que eles não acreditavam no que ela dissera que lhe acontecera, o que significava que Maggie cobrira as suas pistas outra vez. Teria de os fazer acreditar, antes que fosse demasiado tarde e ela escapasse. Caroline afastou-se da cama, dando algum espaço a Alex. Agora, a sua voz estava calma.

– Tens de me ouvir, Alex.

Alex abriu os olhos e recostou-se na almofada, exausta. O seu olhar fixou-se em Caroline.

Caroline esboçou um sorriso triste.

– Quando foste trazida ontem à noite, já tarde, tive de chamar a equipa de traumatologia, para o caso de ser necessário. Também chamei a obstetrícia e a ginecologia. A Maggie Fielding não pôde vir, por isso veio um colega. Ela não pôde vir porque ainda estava no bloco. Estava a meio de uma operação, a fazer uma cesariana de gémeos. A Maggie Fielding não te fez isto, Alex. E agora tens de admitir que precisas de ajuda.

Alex olhou freneticamente para as pessoas que a rodeavam.

– Nenhum de vocês acredita em mim. Vão deixar que ela se safe. A Maggie Fielding matou aquelas mulheres e vocês pensam que fui eu. Ela planeou isto tudo. Vingou-se de mim e de todas as pessoas que tiveram alguma coisa que ver com o seu namorado!

Caroline deixou de conseguir controlar-se e a sua voz tremeu de emoção.

– E a Fiona, Alex? Ela também a matou?

CAPÍTULO 49

Greg percorreu o corredor vazio que conduzia aos blocos cirúrgicos de obstetrícia. Ao passar por algumas enfermarias ouviu o som de loiça a bater e calculou que os pacientes estariam a beber as primeiras chávenas de chá do dia.

Sempre gostara de hospitais e nunca sentira o pavor que muitas pessoas sentiam. Era reconfortante pensar que os doentes estavam a ser tratados.

Ao fundo do corredor virou à direita e aproximou-se das portas trancadas. Premiu o intercomunicador e, depois de se identificar, ouviu um zumbido e a porta foi aberta. Teria de falar com a Dr.ª Fielding para avaliar a situação em primeira mão.

Por muito tresloucadas que parecessem, as acusações de Alex Taylor teriam de ser investigadas. Greg ouvira racionalizações semelhantes, acima de tudo de homens, que, quando detidos, afirmavam que estavam inocentes e que o crime fora cometido por outra pessoa, ou culpavam as vozes que ouviam ou as aparições que viam. Quando chegara a inspetor, fora a casa de uma rapariga de catorze anos que tinha sido assassinada. O corpo fora pintado com o próprio sangue e estava coberto de penas de papagaio. O pai estava sentado numa poltrona com o pássaro depenado no colo, a acariciar a pele pálida, e a desculpa para ter cortado a garganta à filha fora que o papagaio o mandara.

Alex Taylor tinha dito a toda a gente que fora violada por um homem vestido de médico, e a seguir dissera que era o mesmo homem que estava a matar aquelas mulheres. Depois, na noite anterior, de novo no Serviço de Urgência, após tentar convencê-los de que fora levada de novo para uma sala de operações e que lhe haviam sido administrados relaxantes musculares e anestésicos, e que lhe tinham agrafado a cabeça, atirara-lhes o nome da outra médica.

Era demasiado rebuscado para ser verdade.

Uma enfermeira indicou-lhe uma porta aberta e encontrou a médica sentada a uma secretária num gabinete, com uma caneta presa entre os dentes enquanto lia apontamentos. Tinha cabelo escuro, era atraente e estava notoriamente ocupada. Mal levantou a cabeça quando ele se apresentou.

Usava roupa do bloco e uma máscara facial de papel estava solta no pescoço. Greg observou o seu rosto com atenção enquanto revelava o motivo daquela conversa. A cabeça da médica ergueu-se imediatamente e ele viu o choque que se estampou nas suas feições, acima de tudo quando mencionou que a Dr.ª Taylor acreditava que ela era a verdadeira assassina.

Engoliu em seco e o seu rosto empalideceu.

– Porque é que ela diria uma coisa dessas? Eu nem sequer a conheço. Não pessoalmente, quero dizer. Porque é que ela disse essas coisas? É inacreditável... apetece-me chorar.

Claramente transtornada, pegou no copo de água que estava ao seu lado e bebeu um trémulo gole. A caneta desapareceu de novo nos seus lábios durante breves instantes; Greg percebeu que era um

hábito quando avistou uma segunda caneta roída em cima da secretária.

– Porque é que ela diria essas coisas? – perguntou de novo. – Porquê eu? Não compreendo. Tenho de fazer algum depoimento? Provar que não fiz isto?

Greg assentiu.

– Sim. Vamos perguntar-lhe onde esteve em determinados dias e horas.

– Meu Deus. Está a falar a sério. Tenho mesmo de fazer isso? Que é que ela disse que eu fiz?

O inspetor manteve os olhos pregados nela e falou num tom calmo.

– Ela declarou que a raptou e tentou assassiná-la, que assassinou outras duas mulheres e que ontem à noite tentou matá-la outra vez.

Os olhos da médica ficaram brilhantes e Greg percebeu que ela tentava engolir em seco. Quando falou, a voz estava tensa.

– Ontem à noite... ontem à noite estive aqui. Comecei o meu turno às nove da noite e, como pode ver, ainda cá estou. Tivemos uma noite muito movimentada. Três cesarianas, uma das quais de gémeos, e uma mulher com uma hemorragia pós-parto. Ela morreu... foi uma noite horrível... e agora isto.

– E esteve aqui a noite inteira?

– Sim – respondeu ela com firmeza. – Estive aqui. Neste gabinete. Na sala de operações. Fui à Unidade de Cuidados Intensivos ver a minha paciente. Quer que reúna todos os funcionários que me viram esta noite?

– Não, agora não. Se a Dr.ª Taylor continuar com esta alegação, teremos de recolher depoimentos.

Lágrimas molharam-lhe as pestanas e ela pegou num lenço de papel.

Greg deu-lhe um instante para se recompor e continuou:

– A Dr.ª Cowan disse-me que foi a doutora que examinou a Dr.ª Taylor quando ela foi trazida para o Serviço de Urgência há dois meses?

– É verdade – confirmou ela, tirando a caneta da boca e parecendo um pouco mais calma. – O Tom Collins também estava de serviço. Foi... uma situação estranha.

– Viu-a desde então?

Ela acenou firmemente com a cabeça, mas a voz continuava rouca.

– Aqui, é claro, mas também na minha casa. Ela apareceu lá do nada, há algumas semanas. Nem sequer sei como conseguiu a minha morada, mas suponho que deve ter pensado que podia ir ver-me. Eu tinha deixado uma mensagem no seu gravador de mensagens com os resultados... os resultados dos exames... e disse-lhe que se precisasse poderia ligar-me. Mas nunca esperei que aparecesse à minha porta. E, de qualquer maneira, ela não queria falar sobre os resultados... queria que eu a ajudasse a apanhar o homem que a tinha raptado. Senti imensa pena dela.

Maggie Fielding esfregou o rosto com força.

– Sugeri-lhe que falasse com uma pessoa que conheço, um psicólogo. Recorri a ele no passado para algumas das minhas pacientes e elas gostaram muito do seu trabalho. O Richard Sickert. Se quiser, posso dar-lhe o número dele. Depois de ela sair, telefonei logo para a Dr.ª Cowan porque fiquei preocupada. A Dr.ª Cowan disse que trataria do assunto. Devo dizer que achei tudo aquilo muito perturbador.

– Por ela querer a sua ajuda? – perguntou Greg sem rodeios. Estava a ficar cansado de ouvir as muitas pessoas que lhe tinham virado as costas.

– Não! – negou ela com veemência. – Não me importaria nada de ajudar. Mas as coisas que ela

estava a dizer estavam para lá das minhas capacidades de auxílio. Uma mulher morta no seu parque de estacionamento. Telefonemas que recebeu, o carro... eu não podia ajudá-la a encontrar uma pessoa que não existia.

Greg aceitou a explicação. Só podia imaginar como é que reagiria se um colega lhe contasse uma história tão pouco plausível como aquela. Também ele o aconselharia a procurar auxílio médico. Pareceu-lhe que ela estava a dizer a verdade e soube que não tinha culpa por tudo isto ter acontecido; ele só queria partilhar a culpa que sentia. O seu peito fora ficando mais apertado quando estava parado, sem ser visto, no cubículo ao lado de Alex, e a sua conversa desconexa quase lhe partira o coração.

– Só tenho mais duas perguntas – disse. – A primeira: alguma vez saiu com um homem chamado Oliver Ryan?

Ela abanou a cabeça.

– Era um ator, e há um ano esteve neste hospital durante um curto período. Não tenho a certeza da data.

A médica abanou a cabeça de novo.

– Comecei a trabalhar aqui em agosto. Não estava cá no ano passado. Mas, para responder à sua pergunta, não conheço esse homem.

A expressão de Greg foi inocente.

– A Dr.ª Taylor disse que ele era seu namorado.

– O quê!? Isto é verdadeiramente inacreditável. Porque é que ela inventaria uma história dessas?

Greg encolheu os ombros.

– Ainda não sabemos. A outra pergunta que quero fazer-lhe é se conheceu a Amy Abbott? Ela era enfermeira aqui e os vossos caminhos devem ter-se cruzado.

A cabeça da Dr.ª Fielding inclinou-se levemente e ela soltou um pequeno suspiro de desespero.

– A única vez que a vi foi no dia em que ela morreu. Os nossos caminhos nunca se tinham cruzado antes. De novo, só estou cá desde agosto. É possível que acabássemos por nos conhecer. E o facto de estar a fazer-me perguntas quer dizer que *estão* com dúvidas em relação à causa da morte dela?

Greg levantou-se. Ia deixá-la continuar a trabalhar.

– Lamento se a incomodei.

– Incomodou-me... não apenas com o que a Dr.ª Taylor disse, mas também por saber que ela está metida em sarilhos. Ela é uma boa médica. Agora gostaria de não ter tido tanta pressa para ligar à Dr.ª Cowan e de ter arranjado tempo para falar mais com a Dr.ª Taylor.

Já no corredor, a dirigir-se para a saída, Greg pensou que gostaria que todos tivessem tido tempo para falar mais com a Dr.ª Taylor. Ela gritava por socorro, e, cada um à sua maneira, não a tinham escutado. Pensou que ele e Laura Best estavam entre as pessoas que lhe tinham voltado as costas. Patrick Ford, Caroline Cowan e até Maggie Fielding; cada um tinha alguma responsabilidade por deixar que aquilo acontecesse.

O céu lá fora continuava negro, mas a manhã tinha chegado. Os funcionários do turno diurno começariam a trabalhar dali a pouco e os cuidados continuariam sem ser interrompidos. Teria de voltar mais tarde para prender formalmente Alex Taylor, e não lhe apetecia nada. Tinha uma montanha de papelada para preencher antes disso, mas tudo podia esperar.

Quando chegou ao carro, não tinha a intenção de regressar à esquadra. Faria uma paragem em casa e em seguida iria ver o filho a Oxford.

Maggie observou o chão com todo o cuidado, para garantir que não deixara ficar nada. O sítio estava como o encontrara: escuro, húmido e desolado. Fora Oliver quem lhe falara a respeito do subterrâneo. Tinham-lho mostrado como um lugar fantástico para fazer uma história de terror; outro *Silêncio dos Inocentes*, como lhe chamou, com ele no papel principal.

Esta era a sua terceira viagem à sala na última meia hora, e seria a última. A Polícia continuava a andar pelo hospital e não queria correr o risco de ser vista. Já não precisava daquele espaço e guardara as chaves e o equipamento que usara nos devidos lugares. Os plásticos com que cobrira o chão para a visita de Amy tinham sido enrolados com todo o cuidado depois de o sangue secar e, se não estivessem ainda no porta-bagagens do carro de Alex, estariam agora a ser examinados pela Polícia forense. Teria de se livrar da máscara *Schimmelbusch*; por muito que gostasse de ficar com uma recordação, seria mais seguro destruí-la.

O teatro de atirar Alex ao chão e encostar-lhe um pano vaporoso na boca fora arriscado, mas Maggie queria que ela acreditasse que tinha sido deixada inconsciente daquela maneira para que, quando contasse a história, fosse inverosímil.

Vestida para uma noite ventosa, com o cabelo por baixo de um gorro de lã e um cachecol a tapar metade da cara, Maggie esperara que Alex saísse do departamento. Com uma seringa cheia de cetamina, só tivera de lhe dar uma pequena injeção quando ela passara e depois segui-la até ao parque de estacionamento e fingir que a derrubava, confiante de que haveria pouca luta porque o fármaco já devia estar a fazer efeito no seu organismo. Maggie gostava muito das ações teatrais. A verdade é que, em geral, as últimas semanas tinham sido divertidas. Observar e esperar pelas oportunidades certas para manipular a história que estava a desenrolar-se. Correr riscos e observar o que fizera. A maior parte das coisas tinham sido feitas com grande facilidade.

A simples troca do fármaco errado, que seria detetada. A pintura da mensagem no carro de Alex enquanto ela saía da festa sem uma testemunha para comprovar que não fora ela a pintá-la. Como o telefonema, aquelas coisas tinham sido simples provocações. Mas cada momento proporcionara uma oportunidade para reforçar a convicção de que Alex Taylor estava a desmoronar-se. Porém, Maggie não contara com a dádiva que Alex traria para a brincadeira. E a beleza fora que tivera de fazer muito pouco. Se Alex não andasse a abusar da bebida, teria sido mais credível. Ela destruíra a sua credibilidade com muita facilidade.

E as dádivas continuaram a surgir.

Deixar a carteira na festa dos médicos fora uma. Uma simples espreitadela e Maggie tivera o local para o crime seguinte. No entanto, deixar o carro estacionado junto ao local do crime não fazia parte do plano, e pensara no que diria se a Polícia viesse perguntar-lhe porque é que o seu carro ali estava. Uma visita à perturbada colega teria sido o pretexto, mas como não a encontrara em casa voltara para o carro e constatara que não pegava. Se lhe perguntassem como chegara ao parque de estacionamento, diria que os portões estavam abertos. Mas eles não tinham perguntado nada porque não estavam interessados em veículos com pneus grossos.

No entanto, agora era irrelevante. Ela representara bem com aquele polícia e ele continuava a acreditar que Alex era culpada. Era a única coisa que interessava. Por fim, Alex mostrara que era uma assassina ao matar a melhor amiga.

Livrar-se-ia da arma de dardos tranquilizantes – uma ferramenta muito útil que não se imaginava a

usar outra vez – que fora usada nas duas ocasiões para incapacitar Alex. Também destruiria as gravações áudio: gravações reais dos sons de uma sala de operações, especialmente criados para Alex. Para que ela acreditasse que o que ouvira era real.

A noite anterior fora o fim da falsa amizade. Alex devia ter presumido que, depois de se encontrar com Oliver e de o confrontar, as duas voltariam para casa de Maggie para uma ceia. Mas é evidente que isso nunca aconteceria. Como poderiam comer juntas, se Maggie estaria no hospital, a fazer um turno noturno e Alex estaria presa por homicídio? E, por muito que ela protestasse, o seu carro estaria cheio de provas incriminatórias. O seu carro, que Maggie sugerira que trouxessem.

Tirou gravilha das solas dos sapatos que emprestara a Alex. Não se dera ao trabalho de voltar a calçar-lhos. Porque é que daria a alguém a hipótese de perguntar porque é que eram demasiado grandes para ela? Era preferível que pensassem que os perdera. Maggie olhou mais uma vez para a sala, escutou o frio silêncio e estremeceu. Estava na hora de se ir embora. Tinha uma vida para viver.

CAPÍTULO 50

Alex estava profundamente triste pela amiga. Passara a maior parte do dia a acordar e adormecer, em parte por causa de todos os fármacos que lhe tinham administrado e em parte de exaustão. O psiquiatra viera vê-la há pouco e, por muito que Alex insistisse que não precisava de uma avaliação, ele fora igualmente persistente em ficar e avaliá-la.

Passou a maior parte do dia na cama, apática, recusando-se a comer ou beber, e com medo de falar, porque não queria piorar ainda mais a sua situação. Queria desesperadamente ver os pais e a irmã; eles talvez pudessem ajudar, mas o psiquiatra dissera que já lá tinham estado enquanto ela estava a dormir e que talvez fosse melhor que todos tentassem manter-se calmos o resto do dia.

Alex perguntou a si mesma se a mãe ou Pamela tinham ficado histéricas durante a visita e tinham sido aconselhadas a manter-se longe. Imaginou a mãe a chorar e Pamela a gritar, querendo saber o que se passava. O pai teria sido mais contido. Teria esfregado as mãos uma na outra e andado de um lado para o outro, calmamente à espera que lhe dissessem o que se passava. Percebeu que os seus pobres pais deviam estar transtornados de preocupação e queria muito tranquilizá-los, mas não sabia como. Maggie Fielding cobrira todas as bases. Até ao ponto de estar num bloco operatório durante o tempo em que estivera com Alex. Ela tinha um álibi perfeito e Alex percebeu porque é que fora deixada sozinha às escuras durante tanto tempo. Maggie não estivera à espera com ela; estivera a fazer o seu trabalho normal – um parto de gémeos.

Sentiu o ardor fresco de lágrimas. Isto acontecera com frequência nas últimas horas. De repente, reparava que tinha as faces molhadas e o lado da almofada para onde estava virada estava húmido. No entanto, naquele momento as lágrimas eram por Fiona. A sua querida e doce amiga. Ninguém lhe dizia como ela morrera, convencidos de que já sabia, e só podia imaginar a situação que Fiona enfrentara e o medo que sentira. Maggie Fielding era uma mulher com uma imaginação muito fértil para planear mortes, e Alex rezou para que a da amiga tivesse sido rápida e que ela não tivesse sofrido durante demasiado tempo.

A razão que levara Maggie a deixá-la viver tornou-se óbvia. Nunca fora sua intenção que ela morresse, apenas que fosse destruída. Seria acusada de todas as mortes, incluindo a de Fiona, e Maggie ter-se-ia certificado de que ela não conseguiria provar a sua inocência. Acabaria por ser declarada imputável, ou não, dependendo de como lidasse com esta situação; fosse como fosse, ficaria presa para sempre.

Agora, a sua única esperança era a pessoa que esperava que viesse visitá-la: Greg Turner. Ele era um homem bom e sabia reconhecer quando as pessoas mentiam. Saberia que Alex estava a dizer a verdade.

Sentiu o coração leve ao pensar nisso, mas, como a maioria da esperança que sentira nesse dia,

também esta foi esmagada, deixando-a transtornada. Greg Turner era um homem comum a lidar com uma assassina extraordinária. Ele nunca poderia libertá-la.

CAPÍTULO 51

O rosto de Joe olhou-o com uma expressão radiante pelo vidro do carro quando Greg lhe acenou para se despedir. Com um pijama do Homem-Aranha, as faces coradas e o cabelo ainda despenteado de dormir, agarrava com força o helicóptero amarelo que o pai lhe oferecera. Tinha sido uma manhã maravilhosa e agora, sem culpa, Greg ligou o carro e iniciou o regresso a Bath.

Ao meio-dia, quando chegava aos arredores da cidade, o telemóvel tocou e ele encostou na berma para atender a chamada. A secretária do homem tivera sorte. Greg falara com ela enquanto estava na casa da ex-mulher e ela dissera-lhe que faria todos os possíveis para entrar em contacto com Robert Fitzgerald.

Robert Fitzgerald tinha sotaque americano e a sua voz soou alta ao ouvido de Greg.

– Então, o que posso fazer por si, inspetor? A minha secretária disse que era urgente.

Greg afastou o telemóvel do ouvido.

– É um assunto relacionado com o Oliver Ryan. O senhor representou-o.

– É verdade.

– Pode dizer-me exatamente porque é que ele morreu, e como? – A única coisa que Greg conseguira encontrar na pesquisa que fizera na Internet fora o ano de nascimento e falecimento do ator.

– Aconteceu em julho. E foi um choque enorme – respondeu Robert Fitzgerald. – O Oliver Ryan era um narcisista e nunca acreditei que fosse capaz de fazer uma coisa destas. Não encontraram drogas na autópsia, apenas álcool. A única coisa que me ocorre é que foi uma brincadeira que deu para o torto. Mas o médico-legista não acreditou.

– Que é que ele fez?

– Enforcou-se.

– E porque é que acha que isso aconteceu?

– Eu deixei de o agenciar. Disse-lhe que não queria continuar a representá-lo.

– Quando foi isso?

– Na véspera de ele se enforcar.

– Porque é que deixou de o representar?

– Em poucas palavras? O homem era uma bomba-relógio. Dei-lhe uma segunda oportunidade no ano passado, depois de ele se ter metido em sarilhos. Arranjei-lhe alguns papéis em várias séries televisivas em horário nobre, mantive-o ocupado e na ribalta. Depois, em julho, estava a negociar um papel principal para ele com um produtor de cinema, um papel fantástico, e que é que ele faz... mete-se noutra alhada. Mas desta vez não havia como escapar. A mulher telefona-me, a chorar, a querer saber onde o Oliver está. Está grávida, e o pinga-amor pirou-se.

«Bem, foi isso. Eu fiquei furioso. Percebi o caminho que ele estava a seguir e soube que, para onde fosse, o escândalo segui-lo-ia. Se o pusesse num filme importante, só estaria a dar-lhe autorização para semear o caos. Por isso, tivemos uma pequena conversa e ele saiu do meu escritório tão arrogante como entrara, a ameaçar processar-me.»

Greg ficou um pouco surpreendido. Nunca lhe teria passado pela cabeça que um agente deixaria de representar alguém por causa de um pequeno escândalo, sobretudo se o ator em causa ia conseguir um grande papel. Talvez Robert Fitzgerald fosse um homem de princípios.

Logo que ouvira a palavra grávida começara a fazer contas de cabeça, e agora queria saber quem era a mulher.

– Então, tudo isto aconteceu em julho? A negociação para um novo papel e uma mulher a telefonar-lhe para lhe dizer que estava grávida?

– Aconteceu tudo no mesmo dia, 30 de julho. Eu tinha passado a maior parte da manhã ao telefone com o produtor e a sua secretária, a discutir os pormenores do contrato. À hora do almoço preparo-me para ligar ao Oliver para lhe dar a boa notícia. Só que recebo a chamada da mulher grávida.

– Ela disse-lhe quem era?

– Não, e eu não perguntei, mas acho que era de Bath. Perguntou-me se sabia quando é que ele ia voltar. Suponho que era uma enfermeira ou uma mulher-polícia, porque pediu-me para dizer ao Oliver que estava de serviço e que podia ligar para o seu emprego. O tonto meteu-se em problemas com outra mulher no ano passado, e depois volta para arranjar mais sarilhos. De qualquer maneira, como já disse, fiquei furioso. Convidei-o para uma conversa e disse-lhe tudo o que pensava. Falei-lhe sobre o grande papel que não ia ter e disse-lhe que já não fazia parte da minha lista de agenciados. O problema do Oliver é que não conseguia manter as calças vestidas por mais de cinco minutos.

Greg pensou que a mulher que ele engravidara só podia ser Amy Abbott. Ela tinha entrado no Serviço de Urgência em meados de novembro e, segundo a autópsia, estava grávida de dezasseis semanas.

Usara o computador da ex-mulher para fazer uma pesquisa sobre o ator e recolhera uma pequena história da sua carreira. Teria de obter mais informações do homem a partir de outras fontes e também teria de voltar a examinar os processos de Amy Abbott e Lillian Armstrong. Alex Taylor afirmava que as duas mulheres tinham sido mortas por Maggie Fielding, mas a realidade era que devia ter sido ela a assassiná-las. Logo, Laura Best estava certa – Alex tinha algum tipo de Munchausen, ou então matara-as a sangue-frio por terem estado envolvidas com Oliver Ryan. Como Caroline Cowan sugerira, talvez Alex estivesse demasiado envolvida e tivesse ficado obcecada por ele.

– O que aconteceu com a mulher do ano passado?

O agente americano suspirou.

– Era uma médica. O Oliver estava no hospital a aprender o papel de um médico. A chefe dela telefona-me quando ele estava lá há meia dúzia de dias e diz que não o quer mais lá. Disse que tinha havido uma situação, que uma das suas médicas tinha sido sexualmente molestada. O Oliver negou, é claro, e a médica não apresentou queixa na Polícia, por isso não deu em nada. – O homem fez uma pausa. – Eu não acreditei nele nem por um segundo. Ele era um perigo para as mulheres.

– Havia alguém especial na vida dele? – perguntou Greg, e depois decidiu atirar o nome de outra mulher para a conversa. – Alguma vez ouviu falar numa Maggie Fielding?

– Não, nunca ouvi falar nela. Mas, sim, havia alguém especial.

O peito de Greg apertou-se por instantes.

– Oliver Ryan. Era o único alguém especial na vida dele. Não havia espaço para mais ninguém.

Com uma disposição sombria, Greg continuou a conduzir, a pensar na conversa que tivera com o americano. Fitzgerald não acreditava que o ator se tivesse matado intencionalmente, mas que fora um acidente. Greg colocou a hipótese de não ter sido suicídio nem acidente. Teria de falar com o polícia que investigara a morte. Uma vaga recordação do rosto do homem continuava a surgir na sua mente. Sabia que podia ser da televisão, mas não lhe pareceu. Tinha a impressão de que já vira Oliver Ryan, mas não conseguia lembrar-se onde.

O apartamento de Alex Taylor ainda estava a ser revistado e iria lá em seguida para dar uma ajuda sobre o que deviam procurar – ligações a Oliver Ryan, Amy Abbott e Lillian Armstrong. Até ao homem idoso que ela quase matara no Serviço de Urgência. Pesquisariam o seu nome no computador da Polícia para confirmar se tinha alguma relação com ela.

Se provassem que ela matara todas aquelas pessoas, incluindo Fiona Woods, o seu nome ficaria na história ao lado de outros notórios assassinos em série. E ele ficaria conhecido como o detetive principal do maior caso de homicídio de sempre em Bath.

Não sentiu alegria ao pensar naquilo. No pouco tempo que conhecera Alex Taylor, ela entranhara-se na sua pele. Talvez a solução fosse afastar-se. Quando isto terminasse, pediria transferência para Oxford, para poder esquecer tudo aquilo e estar mais perto do filho. Poderia vê-lo com mais frequência, em vez de tentar encaixar tudo naquelas visitas rápidas. As últimas semanas tinham-lhe ensinado uma coisa: não havia nada mais difícil do que perseguir uma pessoa de quem se gostava.

Um guarda estava a fechar a porta principal, com um rolo de fita policial na mão, pronta para ser usada. Greg pediu-lhe o livro de registo. Folheou-o e constatou que a sua equipa deixara o apartamento às 12h15, uma hora antes. Perguntou ao guarda se sabia porquê.

– Acho que não encontraram grande coisa aqui, senhor. Estiveram lá dentro duas horas, levaram um computador e um monte de papéis, mas mais nada. Como amanhã é Dia de Natal, acho que esperavam analisar tudo na esquadra. Eu vou selar a porta.

Greg suspeitou que a equipa escolhera a opção fácil. Sabia que devia ficar zangado com eles, sabia que eles teriam procurado sinais óbvios do crime no apartamento – roupas manchadas com sangue, o sangue de Fiona Woods –, mas no curto espaço de tempo que tinham estado lá dentro não podiam tê-lo revistado com minúcia. Desconfiou que se tinham despachado cedo para poderem começar as celebrações natalícias no *pub*.

Pediu ao guarda para esperar que ele desse uma vista de olhos antes de colocar a fita. Calçou protetores de sapatos e luvas. O elevador atrás de si retiniu quando as portas se abriram e um homem saiu para o corredor alcatifado. John Taylor era magro, tinha cabelo grisalho e vestia calças de ganga e uma camisola de malha azul.

Greg percebeu a semelhança entre ele e a filha nas maçãs do rosto e no formato da boca. O homem parecia atormentado e Greg foi falar com ele.

– Boa tarde, Sr. Taylor. Posso perguntar-lhe o que faz aqui?

Ele acenou com a cabeça para a porta principal.

– Provavelmente, o mesmo que o senhor... estou à procura de respostas. Mas eu procuro respostas que provem a inocência dela.

Greg assentiu com uma expressão compreensiva.

– Não posso deixá-lo entrar ali dentro, Sr. Taylor. Com certeza perceberá porquê.

O homem olhou para a caixa encostada à parede, onde se lia «incidente grave». Continha fatos brancos *Tyvek* com fecho, protetores brancos para os sapatos, máscaras de papel e luvas, para que quem entrasse e saísse não deixasse vestígios nem levasse provas.

– E se eu vestir aquelas coisas todas? – perguntou Taylor.

Greg abanou a cabeça e John Taylor suspirou.

– A minha filha foi acusada de duplo homicídio. Isso pode não ser muito importante para si, pois é da Polícia, mas é a minha filha e sei que ela está inocente, por isso, enquanto o senhor continua a tentar provar o contrário, a única coisa de que preciso é de me sentar no apartamento dela durante alguns minutos. Ela estava sedada no hospital e não consegui falar com ela... só preciso de me sentir perto dela.

A angústia nos olhos do homem cresceu e Greg tomou uma decisão. Preso por ter cão e preso por não ter. Já estava à espera de um telefonema do superintendente por causa do comportamento impróprio com Laura. Tirou um segundo par de protetores para os sapatos e entregou-lhe um par de luvas.

– Não toque em nada e mantenha-se onde eu possa vê-lo.

Os dois homens entraram no apartamento e observaram o espaço silencioso e arrumado. Estava quase tão imaculado como da última vez que Greg ali estivera. Não se via um único sapato no chão, um jornal em cima da mesa ou uma almofada fora do sítio. Se as outras divisões fossem assim, não admirava que os agentes tivessem entrado e saído tão depressa. Teria sido uma busca fácil.

A única coisa que estragava a arrumação era o grande quadro parcialmente desembrulhado e dentro de plástico-bolha num dos sofás de couro. Uma fina caixa de cartão estava encostada ao lado. O quadro retratava uma mulher nua deitada numa cama, com os seios visíveis e as mãos a segurar um cachecol vermelho, que estava na mão do homem que saía do quarto, como se quisesse puxá-lo para si. As cores eram fortes, arrojadas e claras. O pai de Alex inclinou-se e inspecionou-o com atenção. Depois, falou:

– Não é uma coisa nova para os melhores dos homens serem falsamente acusados do pior crime por aqueles que são os piores dos criminosos.

Greg não fazia ideia do que ele estava a dizer.

– E isso significa?

– Génesis, capítulo 39.

Greg ficou surpreendido.

– É um homem religioso, Sr. Taylor?

– Não. Apenas interessado em arte. É uma versão moderna de *A Mulher de Putifar*. Existem diversas versões, mas todas contam a mesma história.

– Que é?

– Uma mulher poderosa acusa o escravo de violação. José era um escravo leal e a mulher do patrão tentou seduzi-lo e levá-lo para a sua cama. Quando ele recusou, ela disse ao marido que o escravo a violara e José foi preso.

Greg olhou um pouco mais para o quadro e depois, por instinto, ligou para Nathan Bell. Teve sorte quando o telefonista lhe disse que ele acabara de começar um turno. No momento em que o homem disse «estou», Greg interrompeu-o.

– Nathan. É o Greg Turner. Na noite em que veio a casa da Alex havia um quadro num dos sofás?

O médico pareceu distante, mas a sua resposta foi imediata.

– Sim, aparentemente tinha acabado de o receber. Estava meio desembrulhado. Porquê?

– Ela disse se o tinha comprado ou onde é que o tinha comprado?

– Não, não disse. Porquê? É importante?

Greg não sabia. A única coisa que sabia era que a história do quadro o estava a deixar inquieto. Porque é que ela compraria um quadro como aquele para si, especialmente tendo em conta aquilo de que acusara Oliver Ryan?

Ouviu uma inspiração do outro lado da linha e Nathan Bell falou de novo.

– Foi um presente! Perguntei-lhe se tinha sido do antigo namorado e ela disse que não. Mas foi um presente... ela disse-me que sim.

O pai de Alex Taylor olhava-o com esperança nos olhos, mas Greg ainda não estava preparado para lhe dar alguma. Consciente de que o homem estava a escutar, falou com cuidado para Nathan Bell.

– Lembra-se do subterrâneo do hospital que não chegámos a explorar?

– Claro que sim.

– Encontra-se lá comigo?

– Sim. Dê-me uma hora para eu arranjar alguém para ficar no meu lugar e venha ter comigo aqui.

Greg voltou-se para o pai de Alex Taylor.

– Tenho de lhe pedir para sair agora, porque preciso de voltar para a esquadra.

O homem anuiu.

– Não me importa aonde vai, desde que vá na direção certa.

Greg não sabia se ia na direção certa. Podia ser apenas um beco sem saída e podia estar a aumentar a esperança para a ver desmoronar-se de repente. Talvez não houvesse a mais pequena hipótese de encontrar alguma coisa, mas tinha de tentar.

Ao sair do apartamento deu instruções ao guarda para ligar para a galeria de arte que enviara o quadro e descobrir quem o adquirira, e para lhe telefonar logo que tivesse a informação.

CAPÍTULO 52

Enquanto estava a cozinhar, Maggie apercebeu-se do seu erro. Pensar no Dia de Natal e nos presentes que comprara desencadeou a memória. Tinha deixado uma prova que poderia ligá-la a Alex Taylor. Se revistassem o apartamento de Alex e encontrassem o cartão de Boas Festas que lhe mandara, apesar de não o ter assinado, poderiam deduzir que a mensagem era sobre o quadro.

Erros simples como esse podiam arranjar-lhe problemas.

Especialmente tendo em conta o muito que conseguira. O homicídio de Amy Abbott não fora fácil. Quando ela acordara amarrada numa mesa de operações, a ideia de matá-la logo fora suspensa quando uma nova ideia começara a formar-se. Mantê-la viva poria em ação outra forma de destruir Alex Taylor. Mantê-la viva durante vários dias tinha sido o verdadeiro desafio. Quando os seus gritos se tornaram demasiado altos, Maggie prendera-lhe a boca com adesivo. Não por medo de que ela fosse ouvida, mas porque o barulho estava a enlouquecê-la.

No fim ela ficara delirante, e com a morte iminente fora fácil deixá-la no recinto do hospital. Nunca lhe passara pela cabeça que a enfermeira conseguiria andar. Quando ela sussurrara: «Disse que me ia ajudar», é evidente que aquelas últimas palavras tinham sido para si.

Agora, essa memória estava estragada e o resultado já não era satisfatório. Ela arruinara-a ao tentar ser demasiado esperta. Queria que Alex vivesse, que fosse destruída. Agora, teria de mudar o fim.

O molho de tomate na grande panela começou a borbulhar e ela baixou rapidamente o lume. A massa estava pronta, mas agora não conseguiria comê-la. O apetite desaparecera com o pensamento do que tinha de fazer. O fragrante líquido vermelho a fervilhar era demasiado vermelho e demasiado líquido para parecer sangue, mas enquanto imaginava Alex Taylor morta pensou nele como sangue.

Maggie torceu as mãos de raiva e frustração. Tinha sido um erro oferecer-lhe o quadro. Queria que Alex soubesse o significado do presente, mas agora percebia que dera à Polícia provas para *a* interrogarem.

Poderia dizer que a Dr.ª Taylor se apaixonara pela sua versão e que quase lhe implorara que lhe comprasse um. Ela tivera pena da mulher e concordara. Não falara no assunto quando fora interrogada porque pensara que não valia a pena. Todavia, era um risco que não estava preparada para correr. Quando começassem a investigá-la, interrogariam os funcionários acerca dos seus movimentos naquela noite e o seu álibi começaria a desmanchar-se. Como o facto de só ter ocupado o seu lugar a meio de uma cesariana de gémeos porque a interna não conseguia realizar a cirurgia sozinha. Quando fora chamada pelo intercomunicador para ir ao Serviço de Urgência dissera que não podia, porque estava a meio de uma operação. O que não queria que se soubesse era que não podia justificar onde estivera durante a primeira parte da cirurgia. Teria de agir depressa, antes que Alex

Taylor fosse libertada.

Dylan aproximou-se do prato de massa tapado, para tentar roubar um fio exposto que aparecia por baixo da tampa. Maggie observou o rato quando as suas mãos sem pelos e dentes compridos agarraram no fio e o arrastaram para longe. Os seus olhos pretos redondos olharam-na com uma expressão inocente e, enquanto os sentimentos de ódio por Alex Taylor cresciam como um punho gigante dentro de si, esqueceu-se de que gostava muito do rato castanho. Sem hesitar, pegou na grande panela de líquido vermelho a ferver e despejou-o por cima dele.

O rato guinchou e abanou-se com violência para se livrar do líquido a escaldar. Os seus olhos bolbosos ficaram brancos e, às cegas e em agonia, não conseguia sentir alívio enquanto escorregava vezes sem conta na superfície molhada. O coração de Maggie bateu mais depressa, o rato guinchou mais alto e, incapaz de pensar com o barulho ou de se afastar da criatura desesperada, pegou nele e atirou-o com força contra a parede da cozinha. O rato caiu no chão, contorceu-se durante alguns dolorosos segundos e em seguida ficou imóvel.

Pela primeira vez desde que Oliver morrera, Maggie Fielding chorou.

– A culpa é delas, Maggs – dissera ele, dizendo o nome de cada uma delas. – Foi por culpa delas que perdi o papel.

Convidara-a para jantar e contara-lhe que o agente não queria continuar a representá-lo e que perdera o melhor papel que talvez tivesse na vida. Explicou que a culpa não era sua. Aquelas mulheres tinham decidido destruí-lo.

Sob a influência do álcool, e depois de ela lhe garantir que ele não tinha culpa, Oliver contara-lhe o que acontecera com Alex Taylor. Contara-lhe como a mulher passara o dia inteiro a seduzi-lo e depois o rejeitara.

– Eu sou um homem, Maggs, não um santo. Que é que devia fazer? A culpa de eu ir com uma puta estúpida foi dela. Se não me tivesse deixado todo excitado, eu não teria precisado. Foi só um escape, Maggs. Eu só precisava de um escape.

Maggie não lhe perguntou porque é que ele voltara a Bath há seis meses para procurar um escape com outra mulher, desta vez deixando a sua semente. Descobrira o caso com a enfermeira pelas mensagens que ele recebera. Fora muito fácil encontrá-la quando se mudara para Bath.

Também não lhe disse que já se apercebera há algum tempo da necessidade que ele tinha de ter outras mulheres: o cartão profissional cor-de-rosa que encontrara – *Descontraia com a Lillian* – a fazer publicidade à mulher que vendia o corpo.

– A culpa foi delas, Maggs – repetira várias vezes durante o serão, e Maggie quisera acreditar, até voltar para casa dele. Até ele lhe contar os seus planos.

Nathan Bell usava um casaco de corte justo por cima da túnica e das calças do Serviço de Urgência. Ele e Greg acenderam lanternas porque as luzes fluorescentes do teto do corredor de trinta metros eram fracas, as estruturas estavam cheias de pó e quase não iluminavam o caminho.

Estavam parados mais ou menos por baixo do bloco cirúrgico principal, e Nathan apontou para o poço do elevador que costumava transportar pessoas e equipamento para a zona subterrânea. No primeiro e no segundo andar por cima deles, o elevador fora emparedado e a maioria das pessoas não sabia que ele estava atrás do estuque.

Olharam para o elevador e constataram que estava cheio com velhas mesas de cabeceira, duas

poltronas geriátricas e uma antiquada cama de hospital com um colchão de borracha castanho. O elevador desativado tinha sido usado como lixeira.

Quilómetros de cabos e tubos estavam presos ao teto baixo. Afastaram teias de aranha e passaram por mais equipamento abandonado, continuando a busca. A frágil esperança que Greg sentira momentos antes, quando entrara na zona subterrânea, estava a diminuir depressa. Até agora não tinham encontrado nada que se assemelhasse remotamente a uma sala de operações, e desejou ter-se lembrado de pedir a Nathan para trazer as plantas do piso.

Ao fundo do segundo corredor encontraram um cruzamento. Greg acenou para Nathan, indicando que iria pela esquerda. Passados dez minutos estavam de volta ao cruzamento e, devagar e desanimados, começaram a dirigir-se para a saída. A busca tinha terminado, e não fora bem-sucedida.

– Se a Alex estiver a dizer a verdade, a verdadeira assassina teria de conhecer estes corredores subterrâneos. E se a Maggie Fielding for a assassina deve ter tido um cúmplice. Sozinha, não conseguiria trazer a Alex cá para baixo – comentou Nathan.

– Eu estava a pensar praticamente a mesma coisa – replicou Greg, tentando imaginar uma mulher a transportar outra pessoa sozinha para tão longe. Desconfiou que era extremamente improvável que ele e Nathan encontrassem aquela misteriosa sala de operações, e que talvez esse lugar não existisse.

Greg pensou no quadro. Teria sido oferecido por Oliver Ryan? Ele estava morto. Claro que era possível que tivesse mandado entregá-lo como presente de Natal antes de morrer. Uma provocação, talvez? Ou talvez tivesse sido mandado por uma das mulheres mortas. Era possível que aquelas mulheres estivessem mortas porque Alex Taylor se apaixonara por Oliver Ryan. Oliver Ryan...

Parou de repente. Lembrara-se onde vira Oliver Ryan antes. Recordou o gerente do restaurante a pedir-lhe desculpa por deixar que a mulher o incomodasse. Lembrou-se dele a tentar esconder-se atrás de uma ementa, e na altura pensara que era por estar embaraçado. Mas Oliver Ryan estava a tentar esconder o rosto porque pensava que seria reconhecido, porque a visitante incómoda era Lillian Armstrong – uma mulher a quem, claramente, não queria ser associado em público. Especialmente porque Lillian Armstrong – enquanto mandava toda a gente passear – dissera que tinha sido convidada.

Na altura, Greg não acreditara nela, mas agora pensou que talvez *tivesse* sido convidada. Talvez Oliver Ryan não a tivesse convidado para o restaurante do hotel, mas apenas para o quarto.

– Temos de encontrar provas de que a Dr.ª Fielding esteve envolvida – disse Nathan.

Greg abanou a cabeça.

– Temos de encontrar provas de que a Alex está inocente. Caso contrário, não há nada a fazer.

Foi por pura sorte que viu o contorno de uma porta atrás de uma base de cama levantada. A lanterna tinha iluminado aquela zona e ele viu uma placa de metal na parede. Olhou com mais atenção e reparou que a placa metálica estava ligada a uma porta, um sítio onde em tempos houvera uma maçaneta. Guardou a lanterna, afastou a base da cama para um lado e empurrou a porta com as pontas dos dedos.

Os dois homens apontaram as lanternas para o interior. Passaram os feixes de luz pelo chão, pelo teto e pelas paredes e perceberam que a sala tinha cerca de seis metros quadrados. Viram quatro bilhas de oxigénio enferrujadas, empilhadas e presas com correntes, encostadas a uma parede. Um

banco metálico baixo e uma cadeira de rodas fechada estavam caídos em cima um do outro. No centro da sala estava aquilo que procuravam: uma mesa de operações.

– É uma mesa *Eschmann* – disse Nathan. – Já não as usamos. Deve estar cá em baixo há anos. – Aproximou-se da mesa de fibra de politeno e puxou-a, revelando um candeeiro cirúrgico com um aspeto antiquado, quase tão alto como ele. O seu braço ajustável curvava-se como o pescoço de uma girafa, suportando uma grande placa de vidro que se iluminaria quando fosse ligada. Se o braço estivesse esticado, ficaria bastante mais alto. – Nem isto, o brilho era forte de mais para os olhos dos cirurgiões. E ali – continuou, apontando a lanterna para a cadeira de rodas – está a cúmplice da Maggie Fielding. Ela podia ter feito isto. A Alex estava a dizer a verdade, Greg. Foi aqui que deve ter estado presa.

Os olhos de Greg revelaram ceticismo. O homem estava a agarrar-se a qualquer coisa. Tinham encontrado uma velha mesa de operações e uma cadeira de rodas, e Nathan Bell estava a tirar conclusões precipitadas, tal era o desespero para provar que Alex estava inocente. Greg não estava convencido de nada daquilo. Olhou com atenção para a sala, à procura de sinais de atividade recente, mas não havia nada que indicasse alguma. O ar estava frio e bafiento. O chão estava limpo. A mesa de operações estava limpa. A cadeira de rodas – um arrepio percorreu-lhe a coluna quando olhou de novo para a sala. Os casacos de ambos estavam cheios de pó e de teias de aranha, mas este lugar, onde tinham entrado à força, estava imaculadamente limpo. Não havia pó. Não havia teias de aranha. E, para sua surpresa, percebeu que não fora revistado. Laura dissera que o sargento McIntyre fizera uma busca minuciosa, e talvez tivesse feito. O seu objetivo era encontrar uma sala de operações ou um homem em fuga, vestido de cirurgião. Se procurassem uma pessoa desaparecida, este lugar não teria sido esquecido. Segundo Alex Taylor, ela era uma pessoa desaparecida, não uma fugitiva.

Greg tentou esquecer aquele desagradável pensamento. Sabia que ainda não tinham o suficiente para provar a inocência dela. Teriam de encontrar mais do que isto para corroborar a história de Alex. O Ministério Público alegaria que ela conhecia aquele lugar e elaborara a sua história para encaixar as provas. Teriam de encontrar indícios para provar que ela era inocente e que outra pessoa era culpada.

– Alguma vez viu o filme *O Colecionador de Ossos*?

Nathan abanou a cabeça.

– Esqueça – disse Greg. – Faça o que eu disser. Vamos revistar cada centímetro desta sala com a luz das lanternas. É provável que não encontremos nada, mas pelo menos temos de tentar. A Alex merece.

CAPÍTULO 53

Jakie Jackson, como era conhecido por toda a gente, incluindo a mulher, estava de pé para esticar as pernas quando o alarme de incêndio tocou. A campainha estava na parede ao pé do cubículo e a algazarra era ensurdecedora. A sua prisioneira sentou-se muito direita, claramente aterrorizada, e estava a tentar empurrar os cobertores para sair da cama.

Jakie viu como ela era pequena e indefesa e sentiu pena dela. Não gostara de passar a maior parte do dia sentado naquela sala. Era estranho estar a guardar uma médica, e a verdade é que aos seus olhos experientes ela não parecia uma assassina. Sabia que estava a ser parvo. Não havia um modelo do rosto de um assassino em nenhum livro. O estereótipo de olhos muito juntos e sobrancelhas que se uniam no meio era um disparate. Um assassino parecia um assassino quando se sabia que o era, e era em relação a isso que ele tinha um problema. Aquela rapariga franzina não parecia uma assassina, embora ele soubesse que era.

Gritou para ser ouvido por cima do alarme estridente.

– Vou só ver se é a sério. – Pegou num par de algemas.

– Não! Por favor! Eu fico aqui – gritou Alex em resposta.

Jakie Jackson hesitou. A médica ainda não fora oficialmente detida. A sua missão era vigiá-la até o inspetor Turner voltar para formalizar a prisão.

– Não demoro nada.

– Por favor, pode ser a sério e pode não conseguir voltar para me vir buscar. Por favor. Eu fico aqui. Espero por si. Mas não me deixe algemada.

– Deixe-me só ver. Não vai ser a sério e volto já.

A porta abriu-se de repente e uma enfermeira acenou freneticamente para o polícia.

– Posso levá-lo? Preciso de ajuda depressa. O incêndio é real e tenho um paciente preso na casa de banho. A porcaria da porta encravou.

Jakie Jackson fez uma coisa que nunca fizera em vinte e quatro anos na Polícia. Deixou a pessoa que estava a seu cargo sem vigilância.

– Não demoro nada.

No corredor, Maggie viu as pessoas passarem por si a correr, enfermeiros e maqueiros a empurrarem pacientes para um local seguro em macas e cadeiras de rodas. Os médicos continuavam a tentar tratá-los durante o caminho. Na Véspera de Natal, o hospital estava cheio de pessoas trazidas devido a acidentes, lutas e doenças, e também havia as pessoas que não tinham conseguido uma consulta no seu médico de família e queriam estar melhor para o grande dia seguinte.

O polícia alto e entroncado destacava-se acima da maioria das pessoas.

Foi Nathan quem a avistou, mas não precisou de explicar a Greg o que era. Greg já vira muitas proteções de agulhas no chão, em vielas e no chão de casas de banho públicas. O revestimento de plástico branco era uma capa protetora para a agulha de uma seringa.

Como um experiente detetive, Nathan tirou uma luva de borracha do bolso.

– Nova. Não a usei – disse, referindo-se à luva. Embrulhou o revestimento de plástico na luva e entregou-o a Greg.

– Aposto o que quiser que não vamos encontrar uma impressão digital. É demasiado pequeno, e o assassino também deve ter usado luvas.

Nathan Bell esboçou um raro sorriso.

– Nunca viu a Maggie Fielding com uma seringa na mão. Ela tira sempre a tampa com os dentes e fica com ela na boca, como se fosse um fósforo. Vai ter ADN, Greg... melhor ainda do que uma impressão digital.

Com o alarme de incêndio ainda aos berros, Alex não conseguia ouvir o que se passava fora do quarto. Não queria correr o risco de encontrar o polícia, mas sabia que seria a sua única oportunidade de escapar. Entreabriu a porta com cuidado e espreitou para o corredor. O polícia não se via em parte alguma e o corredor estava deserto. Fora deixada para trás enquanto todos fugiam para o exterior. Ouvia as pessoas ao fundo do corredor, e a tensão fazia-as falar mais alto. Sentiu o cheiro de fumo e desconfiou que era um caixote do lixo que alguém incendiara – um paciente, uma visita ou até um funcionário – por estar a fumar num dos cubículos.

Correu o risco de abrir mais um pouco a porta e percebeu que o corredor continuava vazio. Se queria escapar, teria de o fazer nesse momento, porque não haveria outra oportunidade. Era a primeira vez que estava completamente sozinha desde que fora trazida para o hospital na noite anterior. Tinha de aproveitar aquela altura para tentar desfazer todos os danos que Maggie fizera e, de alguma forma, provar a sua inocência. Se conseguisse entrar em contacto com Seb, pedir-lhe-ia ajuda. Precisava de tempo e de um lugar onde pudesse pensar. De todas as pessoas que conhecia, ele era o único com meios para a ajudar a fugir.

Antes de ter tempo para mudar de ideias, começou a avançar rapidamente pelo corredor; pelas janelas, viu a multidão que já se reunia no exterior. Ao passar pela sala dos funcionários entrou sorrateiramente e, passados alguns minutos, saiu vestida com uma bata branca de médico e calças verdes. Estava descalça, mas não havia ninguém por perto para reparar.

Passaria pelo meio da multidão. Com tanta confusão, pensou que seria fácil. Parou ao avistar o polícia lá fora e decidiu não fugir por ali. Iria para o lado norte do hospital e fugiria por essa saída. Ele estava de costas e, sem deixar escapar a oportunidade, Alex passou pelas janelas, mantendo a cabeça baixa, e caminhou com passos apressados ao longo do corredor sul, sempre a olhar por cima do ombro para ver se estava a ser perseguida. Aqui havia menos barulho; o silêncio era suficiente para ouvir a própria respiração insegura. A sua respiração estava entrecortada enquanto planeava o próximo passo. Tinha de chegar a um telefone, ligar a Seb e decidir o que fazer. Precisava de roupa, de dinheiro e de provar que Maggie era culpada. Encontraria o agente de Oliver Ryan, descobriria como ele morrera e encontraria alguém que soubesse que ele estava envolvido com Maggie, alguém que os tivesse visto juntos.

Agora quase a correr, chegou ao fundo do corredor, virou à esquerda e quase desmaiou de medo quando Maggie Fielding a agarrou pelo pescoço e lhe encostou um objeto afiado à pele.

– Uma palavra e corto-te a garganta – disse Maggie num tom cruel. Tinha o rosto branco de ódio, e Alex sentiu a mão dela a tremer muito enquanto segurava a lâmina contra o seu pescoço.

Mantendo-se completamente imóvel, Alex tentou analisar as suas opções. Lutar contra Maggie e correr o risco de ser morta? Colaborar e enfrentar a ameaça de uma coisa pior? Pensou em tudo o que já lhe acontecera e em tudo o que a esperava. Viu o fim com toda a clareza, como um filme na cabeça, e depois tomou uma decisão. Estava cansada de fugir e de ter medo. Estava cansada de tudo. Abriu as pernas, certificando-se de que estava bem equilibrada, e depois, sem hesitar, virou rapidamente a cabeça para o lado para que a lâmina lhe cortasse o pescoço. O sangue começou logo a escorrer e Maggie olhou-a como se ela tivesse enlouquecido.

– Que mulher estúpida, mal arranhaste a pele. Eu não te vou matar aqui, Alex, por muito que tentes obrigar-me.

Maggie pegou numa mão cheia de cabelo de Alex, puxou-lhe a cabeça com força e enterrou a lâmina na parte lateral do corpo, perfurando roupas e pele. Alex inspirou com dificuldade ao sentir a dor da lâmina a penetrar no corpo.

– Apenas a dor suficiente para te manter na ordem – rosnou Maggie no seu ouvido. – Agora começa a andar e não me obrigues a espetar-te com mais força.

CAPÍTULO 54

Jakie Jackson observou o quarto vazio com esperança de que Alex Taylor se materializasse. Estava a ficar frenético. Já vira por baixo da cama, revistara a casa de banho com cabina de duche e até voltara para o exterior do departamento, onde todos estavam reunidos, mas não havia sinais dela.

Pegou no telemóvel, ligou para a esquadra e pediu mais agentes para que fosse feita uma busca pela médica desaparecida. Em seguida correu pelo corredor para começar a procurar sozinho. Sentiu-se aliviado quando viu o chefe aproximar-se. Não se importou por estar metido em sarilhos. Só estava preocupado com a segurança da jovem mulher que estava à sua guarda.

– Onde é que ela está? – perguntou Greg Turner, já a adivinhar a situação.

Jakie não perdeu muito tempo a explicar nem a pensar como é que o chefe tinha chegado ali tão depressa.

– O alarme de incêndio disparou. Deixei-a enquanto fui ver o que se passava, e quando voltei ela tinha desaparecido.

– Deixaste-a escapar? – gritou Greg Turner por cima do ainda estridente ruído do alarme.

– Sim, e tenho um mau pressentimento em relação a isto, senhor.

O telemóvel de Greg vibrou contra o seu peito. Ele tirou-o do bolso da camisa e tapou um ouvido com um dedo enquanto encostava o aparelho ao outro. Estava a gritar para o telefone quando o alarme foi desligado de repente.

– Quem fala e o que quer? – continuou a gritar, frustrado.

– Sou eu, senhor – respondeu uma voz. – O guarda Norman. Tenho a informação que queria. Sobre o quadro.

O coração de Greg bateu um pouco mais depressa enquanto esperava que o outro lhe desse um nome. O nome do assassino, talvez? Por um horrível momento perguntou a si mesmo se lhe diria o nome de Alex Taylor. Que fora ela quem enviara o quadro para si mesma. O nome saiu dos lábios do jovem agente e Greg ficou ao mesmo tempo chocado e aliviado. Alex estivera a dizer a verdade, e ele pensara que a sua história era demasiado rebuscada para ser possível.

– Uma Margaret Fielding. Pagou com Visa e mandou entregar na morada que estou a guardar.

Greg agradeceu-lhe e desligou. Em seguida, olhou para Nathan Bell e Jakie Jackson.

– Vamos encontrá-la.

Alex sentia a parte lateral do corpo a arder e desconfiou que a ferida necessitaria de pontos – se vivesse tempo suficiente para isso. Pela terceira vez em igual número de meses, Maggie amarrara-a numa mesa de operações. Mas desta vez sabia exatamente onde estava: na mesa da sala de operações

do bloco de traumatologia. Ela prendera-lhe os braços com velcro e amarrara-os com ligaduras para os imobilizar ainda mais. Usara um lençol para lhe prender as pernas à mesa e agora estava sobre ela com um bisturi na mão.

– O teu desejo vai ser realizado, Alex. Chega de tortura. Acabamos isto aqui. Eles vão encontrar-te morta e a tua morte será considerada suicídio.

– Suicídio? – Alex olhou-a, incrédula. – Tu apunhalaste-me de lado e tenho o pescoço cortado. Ninguém vai acreditar nisso.

Maggie não respondeu, mas Alex não se importou. Já não sentia medo; a sua mente estava imune a ele. Agora só conseguia pensar na mãe, no pai, em Pamela e na sua querida amiga.

– Porque é que a mataste, Maggie? Porquê a Fiona?

Maggie abanou a cabeça.

– Por favor...

Por fim, Maggie olhou-a, e pela primeira vez Alex pensou que estava a olhar para a verdadeira Maggie Fielding. Uma mulher perturbada pela sua consciência. O seu peito subiu e ela desviou os olhos de Alex.

– Ela encontrou-me com o teu telemóvel e eu tentei disfarçar. Ela disse que te tinha mandado uma mensagem, mas que não tinhas respondido. Eu disse-lhe que tinhas acabado de ligar para o teu telemóvel, que te aperceberas de que o tinhas deixado no hospital. A Fiona não acreditou em mim. Eu disse-lhe que ia ter contigo e que ela poderia perguntar-te pessoalmente. Disse-lhe para onde ia e ela foi à minha frente. – Maggie fez uma pausa. O silêncio estendeu-se. Ela parecia estar a tomar uma decisão. Depois, olhou Alex nos olhos. – Se ela não tivesse olhado para trás, eu teria seguido, mas ela olhou e disse: não acredito em si. Que é que eu podia fazer, Alex? A não ser deixar que as pessoas pensassem que tu tinhas feito uma coisa grave... como assassinar a tua melhor amiga.

– Tu vais para o inferno por isto, Maggie.

Num instante, a lâmina brilhou à frente dos seus olhos e ela sentiu uma dor agonizante enquanto o bisturi se enterrava no pulso direito. O sangue jorrou alto e rápido. Alex observou-o a salpicar as luzes do teto da sala de cirurgia.

– Eu gostava de ti, Maggie. Gostava mesmo.

A lâmina moveu-se mais uma vez, veloz, e desta vez cortou-lhe o pulso esquerdo. A dor foi pior porque Alex já estava à espera. Sentiu que a mão ficava molhada e os dedos estavam quentes e escorregadios.

Estava a morrer. Dali a poucos minutos, o seu coração pararia. Fazia anos no próximo mês, mas nunca chegaria aos vinte e nove. Inspirou fundo e sentiu o coração a bater por baixo do esterno.

– Segura a minha mão, Maggie – sussurrou. – Não me deixes morrer sozinha.

Não houve resposta porque Maggie tinha-se afastado da mesa, mas Alex sabia que ela continuava ali. Estava à espera de que ela morresse. Depois, desamarraria as ligaduras e deixaria a lâmina ao seu lado para que quem a encontrasse pensasse que ela se suicidara. As outras feridas podiam ser consideradas tentativas anteriores. Maggie acabaria por vencer e todas as pessoas que tinham conhecido Alex pensariam que morrera uma assassina.

Tinha a boca seca e o corpo frio. Já não conseguia ver o arco do sangue e não sentia o bater do coração. Estava a flutuar e ouviu um suave zumbido nos ouvidos.

Depois, os olhos fecharam-se.

Estavam a seguir o padrão regular de sangue pelo corredor, cada homem em silêncio, cada um preocupado com o que encontraria. Mas o sangue que os levara até à sala de operações não os preparou para aquilo com que se depararam. Estava no chão, dos dois lados da mesa de operações. Os três homens pararam à porta. A quantidade de sangue era assustadora. Litros e litros derramados; era grosso e vermelho, e espalhara-se até onde podia ir. Alex estava deitada numa mesa de operações com os braços amarrados e a cabeça de lado.

Nathan foi o primeiro a correr para dentro da sala, a gritar ordens para os outros dois enquanto corria para junto dela.

– Marque 333. Diga-lhes que é no bloco de traumatologia. Carregue naquele botão de emergência vermelho na parede atrás de mim e traga todos os panos que encontrar para cobrir este chão. Greg, venha para aqui e ajude-me.

Jakie Johnson dirigiu-se para o telefone e Greg aproximou-se do médico, com cuidado para não escorregar no sangue.

– Tire a gravata, amarre-a com força à volta do pulso dela e depois levante-lhe o braço por cima da cabeça.

Enquanto Greg fazia o que lhe fora pedido, Nathan prendeu uma braçadeira de medir a pressão arterial e carregou num botão para que esta insuflasse rapidamente e funcionasse como um torniquete. Em seguida, pegou num torniquete normal e amarrou-o com força à volta da gravata de Greg. Carregou num pedal de pé e a cabeceira da mesa de operações desceu. Depois, correu para uma gaveta e retirou cânulas cor de laranja.

– Levante-lhe o queixo e encoste o ouvido à boca dela para ver se está a respirar.

Greg obedeceu enquanto Nathan lhe inseria duas grandes agulhas intravenosas nos braços. Pegou em dois sacos de soro e, segundos depois, já os tinha ligado a tubos e o soro começou a entrar nas veias de Alex.

– Sente-a a respirar?

Greg ergueu olhos desesperados e abanou a cabeça. Nathan ocupou o seu lugar à cabeceira da mesa e ao mesmo tempo pousou dois dedos na garganta dela.

– Tem batimentos cardíacos, mas não está a respirar. Respire para dentro da boca dela, Greg, até eu trazer oxigénio e ventilar. Aperte-lhe as narinas, incline-lhe o queixo e tape-lhe a boca com a sua.

Os lábios de Alex estavam frios contra os seus e Greg sentiu as entranhas a tremer de pânico. *Não podes morrer*, rezou. *És demasiado jovem. Luta, Alex. Por favor, por favor, luta.*

Ficou grato quando Nathan ocupou o seu lugar com um balão insuflável e uma máscara. Inspirou fundo e tentou acalmar-se, e depois viu que o peito dela se erguia.

– Está a respirar?

– Ainda não respira sozinha. Está demasiado fraca. Quero que a ventile, Greg. Quero que faça exatamente o que estou a fazer. Tenho de lhe pôr mais líquidos sem demora. E preciso de sangue depressa.

Nos minutos seguintes chegaram várias pessoas, e passados vinte minutos a atividade era frenética. Dois sacos de sangue já tinham substituído algum do que Alex perdera, e um terceiro e um quarto estavam pendurados, prontos para correr por um aquecedor de sangue.

Greg estava encostado a uma parede, longe do caminho de toda a gente. Jakie Jackson mantinha-se encostado a outra, e parecia traumatizado. Ligara para a esquadra e alertara-os para prenderem

Maggie Fielding logo que a avistassem. Greg não estava preocupado com a captura da outra mulher; só conseguia pensar em Alex. Percebia que ela ainda não estava fora de perigo. Ouvia-os falar em fatores de coagulação e no facto de ela ter perdido tanto sangue que o sangue novo não coagulava. Imaginou o sangue de Alex a ser demasiado fino, menos pegajoso, como molho de tomate diluído com água. Tinha os olhos pregados no seu rosto branco como cal e deu por si a rezar como nunca rezara antes.

Um trio de tubos minúsculos foi inserido no seu pescoço. Havia cânulas nos dois braços. Outra cânula foi colocada na artéria da virilha para que a pressão arterial pudesse ser medida com precisão, e um cateter urinário foi introduzido na bexiga para poderem observar o débito. Alex estava rodeada por vários equipamentos complicados. Estava ligada a um ventilador e o seu corpo fora coberto com um plástico finíssimo, que parecia frágil ao ponto de rasgar com facilidade. Estavam à espera de que ela estabilizasse para a levarem para a Unidade de Cuidados Intensivos. Greg ouviu alguém mencionar que ela perdera sessenta a setenta por cento do sangue, e pela tensão no rosto de Nathan Bell encontrava-se, sem dúvida, em estado crítico.

De vez em quando os enfermeiros olhavam-no com uma expressão de censura, sem dúvida a dizer-lhe que pensavam que não devia estar no bloco operatório, mas ele não tinha qualquer intenção de deixar Alex ou Nathan Bell. Se o desfecho fosse o pior, queria estar presente para ambos.

Um cirurgião estava a suturar as artérias dos pulsos e um anestesista monitorizava as vias aéreas. Havia tensão no ar e era evidente que a crise ainda não chegara ao fim.

CAPÍTULO 55

O motorista da ambulância ia muito concentrado na estrada à sua frente. Silenciara a sirene quando viraram para a rua que desembocava na entrada do hospital, mas manteve a luz azul a piscar. Deu um toque com a sirene quando viu um carro a tentar sair e descontraiu quando o veículo parou.

O seu colega encontrava-se nas traseiras da ambulância com uma mulher que já tinha a dilatação completa e estava prestes a dar à luz o seu bebé. Teria parado e ajudado no parto, mas o colega avisou-o de que a criança estava a nascer. Encontravam-se a menos de dois minutos da maternidade e pensou que o melhor para a mãe e para o bebé seria levá-los para lá sem parar.

Maggie viu as luzes azuis a acelerar na sua direção e carregou a fundo no travão. Estava coberta com o sangue de Alex Taylor e sabia que a mulher já estaria morta, mas em vez de se sentir aliviada estava cheia de medo do futuro.

Estava tudo acabado e não tinha mais nenhum objetivo. Alex desaparecera e as outras mulheres estavam mortas. E o seu amado Oliver também tinha morrido.

Os olhos queimados de *Dylan*, o seu pelo coberto de vermelho e os guinchos desesperados atormentavam-na, e a memória do rosto de Oliver na morte não lhe saía da cabeça. Não conseguia afastar-se da feiura de tudo aquilo. A pessoa que mais amara fora-lhe tirada, e agora estava sozinha e só tinha recordações.

As luzes azuis aproximaram-se, a ambulância ainda a grande velocidade, e Maggie recordou a última noite com Oliver. Depois do jantar tinham voltado para a casa dele e ele falara-lhe sobre os seus planos de se mudar para Los Angeles. Começaria de novo. Estava embriagado e otimista, e não parava de falar no grande papel que acabara de lhe ser negado. Perguntou a si mesmo se algum produtor em Hollywood estaria interessado em fazer uma versão americana do filme. Não pareceu incomodado com o facto de que seria um plágio; disse que havia sempre uma forma de contornar a situação.

– Pode ser modificado. É uma grande história, Maggs. Qualquer produtor adoraria a oportunidade.

Maggie sorrira e ele deixara-se cair aos seus pés, para lhe dizer como isso o tornaria uma grande estrela.

– Começa com um assassino em série e a Polícia a encurralá-lo. Ele é médico e a Polícia dirige-se para a casa dele. Depois vemo-lo a enforcar-se e a Polícia encontra-o morto. Mas, na verdade, ele não está morto. Fingiu o suicídio. Como é médico, sabe como fazer o coração parar e fingir que está morto. Depois, os homicídios recomeçam e a Polícia pensa que têm um imitador em mãos até ele começar a mandar-lhes mensagens.

Maggie só tinha uma coisa na cabeça quando sugeriu que lhe mostrasse como podia ser feito, troçou dele e o desafiou a provar que resultaria, porque parecia ridículo. Seria perfeitamente seguro; afinal de contas, ela era médica. Havia apenas uma coisa na sua cabeça: Oliver queria que ela fosse com ele para LA?

Enquanto estava em cima de um banco, muito embriagado, com uma corda à volta do pescoço, ele explicou-lhe como queria que ela usasse a sua câmara e como devia fazer *zoom* para filmar grandes planos.

– Cinco segundos no ar, Maggs, e depois pões novamente o banco. Não quero que aconteça um acidente.

– Queres que vá contigo? – perguntou Maggie.

Ele sorriu, desinteressado, e disse que sim. Talvez não num primeiro momento; precisava de algum tempo para fazer contactos e lançar-se. Mas mais tarde dir-lhe-ia para ir – logo que estivesse instalado.

Maggie esperou que ele amarrasse a corda à viga por cima da cabeça e depois retirou o banco. Ele deixou as pernas baloiçar e os pés cair.

– Despacha-te, Maggs – disse, aflito. – Eu sou pesado de mais! Põe o banco no sítio! põe-no no sítio! – Não houve uma queda súbita quando ele largou a corda. As mãos foram escorregando até ele ficar com o nó apertado no pescoço. Maggie pegou rapidamente na câmara de filmar. Os olhos dele tinham-se esbugalhado com uma expressão de desespero depois dos primeiros trinta segundos, as veias tornaram-se salientes e as córneas ficaram raiadas de vermelho; a língua inchou e espetou-se volumosa e roxa, entre os lábios. Ele agarrou-se ao pescoço durante mais de três minutos, até que as mãos caíram por fim, com as pontas dos dedos torcidas, e os dedos dos pés dançaram alguns últimos passos no ar.

Antes de sair, Maggie tombou o banco e guardou tudo o que lhe pertencia; limpou a sua presença da vida dele e apagou as imagens da morte da câmara de filmar. O seu último papel – aquele de que ele mais se orgulharia, se tivesse vivido para o ver – era digno de um Óscar.

O seu amado Oliver estava morto. Ele era perfeito até os seus olhos lhe dizerem que fora tudo mentira.

Maggie avistou o autocarro de um piso, viu claramente o rosto do motorista, a vir da esquerda. À sua direita, a luz azul intermitente estava quase em cima dela. Olhou para os dois motoristas que se aproximavam e, no momento certo, carregou a fundo no acelerador.

*

O motorista da ambulância conseguiu travar pouco antes do choque. O motorista do autocarro não teve a mesma sorte. O *Explorer* de Maggie foi atingido de lado por cerca de quinze toneladas de aço. Mais tarde, os dois motoristas lembrar-se-iam de ver uma mulher de cabelo escuro ao volante, e ambos acharam que ela se lançara deliberadamente para cima deles.

CAPÍTULO 56

Foi Laura Best quem deu a notícia a Greg. Maggie Fielding tinha sido declarada morta junto ao hospital, depois de ser atingida por uma ambulância e um autocarro. Os dois motoristas estavam a ser tratados no Serviço de Urgência. O segundo ocupante da ambulância também fora internado com suspeita de ataque cardíaco. E um bebé nascera no local enquanto a mãe morria.

Greg ouviu a notícia com uma tristeza profunda. Ela ceifara mais uma vida, e duas continuavam em risco. O estado de Alex continuava crítico, e era por isso que ele ainda estava no hospital.

Laura Best segurava uma prancheta, como se estivesse a fazer uma visita de inspeção. O fato cor de chocolate e a blusa bege eram de boa qualidade. Tinha o cabelo brilhante e a maquilhagem estava imaculada. Um dia chegaria a um cargo de chefia, quanto mais não fosse porque tinha boa aparência.

– A Alex Taylor já pode falar? – perguntou.

Greg ergueu as sobrancelhas.

– Que é que achas?

Ela bateu com a caneta na prancheta com impaciência.

– Estou a perguntar-te, Greg.

Ele tirou-lhe a caneta da mão e partiu-a ao meio.

– Quando falar comigo, vai tratar-me por inspetor, detetive Best. Porque é que quer falar com a Dr.ª Taylor?

O rosto de Laura ruborizou-se e os seus olhos brilharam de fúria.

– Porque quero esclarecer esta trapalhada e todas as tretas que ando a ouvir de que ela está inocente.

Antes que Laura percebesse o que estava a acontecer-lhe ou pudesse proferir uma palavra de protesto, Greg arrastou-a até ao meio do corredor dos blocos operatórios. Enfiou-a pelas portas duplas e deixou-a ver o lugar onde Alex quase morrera. Os panos e toalhas ensopados em sangue continuavam no chão, o equipamento para lhe salvar a vida ficara abandonado. Tinham acabado de a levar para a UCI e ainda ninguém tivera tempo de limpar.

– Aquele sangue que vês é o sangue da Alex Taylor. Ela está a lutar pela vida, sua imbecil!

O rosto de Laura estava branco.

– Bem, ela tentou matar-se, não foi? O Jakie Jackson deixou-a escapar. Era lógico que ela tentasse o suicídio.

Greg prendeu-lhe os ombros com as duas mãos e arrastou-a para a mesa de operações. Apontou para os apoios de braços manchados de sangue.

– A Alex Taylor estava amarrada a esta mesa, com os braços presos e as pernas imobilizadas, incapaz de se defender, e a Maggie Fielding cortou-lhe os pulsos e deixou-a a morrer. Tudo o que a

Alex Taylor nos contou era verdade. Tudo. A Maggie Fielding raptou-a e sujeitou-a a uma tortura inimaginável. Ela matou a Amy Abbott, a Lillian Armstrong, a Fiona Woods, e esta noite tentou assassinar a Alex Taylor.

«Estava enganada, detetive Best, e eu também. Mas sabe que mais? É muito provável que eu seja promovido por apanhar a Maggie Fielding, ao passo que a senhora, Laura Best, enquanto trabalhar sob o meu comando, não passará de detetive. Por isso, talvez queira considerar uma transferência para longe de mim, onde possa espetar as garras nas costas de outro parvalhão.»

Fez-se um breve silêncio na sala de operações antes de Nathan ocupar o lugar dela.

– Presumo que aquilo foi pessoal?

Greg abanou a cabeça. A sua voz estava firme.

– Não, já não. Aquilo foi profissional.

Nathan esboçou um leve sorriso.

– A Alex está estável. Vai sobreviver.

Logo que acabou de falar, dobrou-se e vomitou. Greg pegou no único tecido limpo que encontrou, compressas deixadas no tabuleiro de suturas, e entregou-lhas.

Sentiu a tristeza diminuir quando a esperança ocupou o seu lugar.

– Que notícia excelente, Nathan. Você é um médico fantástico.

Nathan encolheu os ombros e cuspiu com força antes de limpar a boca.

– Tive um bom assistente.

Greg lembrou-se dos lábios frios, exangues, por baixo dos seus e soube que fora por pouco. Olhou para os dois relógios na parede do fundo – um a contar os minutos e o outro apenas a dizer as horas – e ficou chocado ao perceber que já passava da meia-noite.

– A que horas é que termina o turno?

– Há quatro horas – respondeu Nathan.

– Quer uma bebida de Natal?

Nathan acenou com a cabeça.

– Sim. Uma grande. Uma muito grande.

Voltaram para trás pelo corredor e viram que o sangue de Alex continuava no chão. Já estava seco e daí a pouco seria lavado. Greg não tirou os olhos do rasto até ao fundo do corredor e de repente percebeu: Alex mostrara-lhes para onde estava a ser levada. Não sabia como conseguira, mas teve a certeza de que ela se deixara cortar para poder deixar-lhes aquele rasto.

A sua admiração aumentou ainda mais. Alex era a pessoa mais corajosa que conhecia – embora ninguém acreditasse nela, continuara a lutar.

*

Alex abriu os olhos e percebeu que estava em segurança. Ouvia os ventiladores e monitores a apitar e o ruído de colegas a trabalhar. Nathan fora o primeiro rosto que vira quando abrira os olhos há pouco, e ele garantira-lhe sem demora que todos sabiam que ela era inocente e que a Polícia andava à procura de Maggie Fielding. Também falara com Patrick e dissera-lhe que ela estava em segurança. Contou-lhe que Patrick chorara. Nathan disse aquilo de uma forma que lhe permitiria perdoar o ex-namorado. Que lhe permitiria afastar-se dele.

Alex vira a palidez no rosto dele e a tensão nos seus olhos e, separada de todas as outras emoções,

sozinha, viu incerteza. Questionava o direito que tinha de estar na sua vida? Tinham acabado de dar o primeiro passo neste novo caminho. Era um início. Quando ele pousou a mão na sua face, Alex encostou-se ao calor que ela emanava.

Talvez um dia lhe contasse que tentara suicidar-se. A clara decisão que tomara quando Maggie Fielding a raptara no corredor. Quisera muito morrer naquele momento e pôr um ponto final no medo. Naquele segundo em que passara o pescoço pela lâmina não lhe importara pensar que ia morrer – apenas que acabaria tudo.

Talvez um dia lhe contasse, quando voltasse a ser corajosa. Quando aceitasse que era Alex Taylor, uma médica que salvava as vidas dos outros, que enfrentara coisas que a maioria das pessoas nem consegue imaginar...

AGRADECIMENTOS

Este livro não teria sido possível sem o apoio e encorajamento do meu marido, Mike, e dos nossos três filhos, Lorcan, Katherine e Alexandra, e enteada, Harriet. Vocês inspiram-me todos os dias com o vosso enorme altruísmo e determinação para serem boas pessoas. Obrigada por me darem tempo para conseguir terminar, por fim!

Também agradeço aos meus seis irmãos e cinco irmãs, especialmente à Sue, Bernie e ao cunhado Kevin, por lerem as primeiras provas – que sorte que tivemos por partilhar tantas coisas, acima de tudo os nossos incríveis pais.

Um agradecimento muito especial à Dr.ª Monica Baird, anestesista, e ao professor Dr. Peter Forster pelo generoso tempo e conhecimentos. Muito obrigada a ambos. É evidente que quaisquer erros foram cometidos por mim!

Agradeço ao Martyn Folkes por ter sempre opiniões honestas!

E por último, mas não menos importante, agradeço ao Joel Richardon, revisor e editor extraordinário. Agradeço-lhe a si e à maravilhosa equipa da Twenty7 por tornarem este livro o melhor que podia ser.

Se não fosse profissional de saúde, não teria conseguido inspirar-me em experiências passadas (prometo que nunca aconteceram coisas más, exceto comer os restos das torradas frias dos pacientes), e não poderia dar verdadeiro valor aos profissionais médicos e da Polícia que lutam diariamente para tornar as nossas vidas melhores. Não há melhores pessoas.

Para si, mãe – com quem sinto saudades de partilhar livros.

E para a Darcie – para quem adoro ler.